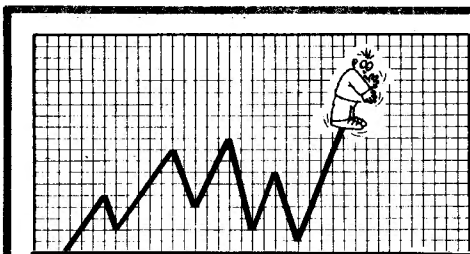


**ALARMANTE
POLUIÇÃO
EM LISBOA**

*Só quatro
cidades
da OCDE
superam
níveis
da capital*

Pág. 5



**PREÇOS EM PORTUGAL E ESPANHA
SÃO OS QUE MAIS SOBEM NA CEE**

Os dados chegam do gabinete de estatística da CEE: a inflação em Portugal e na Espanha continua a ser a mais alta da Comunidade Europeia, tendo havido, durante este Verão, uma forte pressão sobre os preços

Pág. 12

Diário de Lisboa

ANO 67

N.º 22 473

Sexta-feira, 25 de Setembro de 1987

Preço 45\$00

Algo importante se passa em Bruxelas mas ninguém quer dizer o que é



CROCKER E VAN DUNEN

*(com um "misterioso" funcionário
do governo de Pretória pelo meio)*

DISCUTEM ANGOLA

A Embaixada dos Estados Unidos em Bruxelas confirmou o encontro realizado na capital belga entre o ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van Dunem, e o secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker. Temas abordados: retirada das tropas cubanas de Angola e a independência da Namíbia. Fontes diplomáticas adiantaram, entretanto, que algo de importante para a África Austral se está a passar em Bruxelas onde, segundo adiantaram, se estará a processar uma intensa dança diplomática a três: Angola, África do Sul e Estados Unidos. Não foi contudo ainda divulgado quem é o elemento de Pretória alegadamente envolvido nas conversações.

pág. 10



NESTA EDIÇÃO

Um olhar sobre Angola

*suplemento de 28 páginas
com entrevistas e reportagens
efectuadas pelo enviado especial
do «DL», Ribeiro Cardoso*

Porque morreu o José Dinis?

Explosão em Campo de Ourique ainda sem explicação

Continuam por esclarecer as causas da explosão, seguida de incêndio, ocorrida ontem à noite em Campo de Ourique vitimando José Manuel Urbano Dinis. As mais disparatadas conjecturas circulavam esta manhã, apontando a maioria para suicídio. Neste momento a P.J. investiga o caso.

Pág. 8



Vitório

**CABELEIREIROS
COIFFEURS**

A NOSSA QUALIDADE DE SEMPRE

A
PREÇOS ESPECIAIS

★
NO STUDIO TÉCNICO
DESCONTO DE 40%
A JOVENS ESTUDANTES

ABERTOS DE 2.ª A SÁBADO, DAS 8 ÀS 21 HORAS

Cavaco reafirma direito à autodeterminação

GOVERNO E AR PREPARAM DESLOCAÇÃO A TIMOR DE UMA DELEGAÇÃO PARLAMENTAR

A Comissão Permanente da Assembleia da República deliberou, na sua reunião de ontem, diligenciar junto do Governo os esclarecimentos necessários para a hipótese de deslocação de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste.

Caberá ao próprio presidente da AR, Vítor Crespo, o contacto directo com o Executivo no sentido da concretização da referida deslocação. A proposta partiu do PCP que propôs igualmente a constituição de uma comissão parlamentar para acompanhamento da situação na ex-colónia portuguesa. Todavia, e a apesar do apoio da maioria dos grupos parlamentares, esta proposta, será, devido à posição do PSD, concretizada apenas no início da sessão legislativa (Outubro).

Timor-Leste foi o tema principal da sessão de ontem da Comissão Permanente, com intervenções de representantes de todos os partidos.

Cavaco contra negociações directas com Jacarta

Entretanto, no final de uma reunião de duas horas

em Belém com Mário Soares, o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, informou os jornalistas «não estar prevista qualquer negociação directa com a Indonésia» sobre Timor-Leste, frisando que os contactos mantidos com Jacarta ocorreram no quadro da ONU.

Cavaco confirmou a provável deslocação de uma delegação parlamentar a Timor-Leste «desde que sejam satisfeitas certas condições, como a liberdade de visitar e contactar as pessoas e os lugares que entendessem».

Comentando a intervenção do seu ministro, Pinheiro de Deus, ontem na Assembleia Geral da ONU, onde defendeu a autodeterminação do território maubere, Cavaco Silva sublinhou que essa é a posição «há muito tempo defendida pelos sucessivos Governos», não havendo, pois, qualquer alteração na política externa portuguesa.

Cavaco acentuou, por outro lado, que ele próprio não

autorizou contactos a nível ministerial com Jacarta e denunciou «alguma hipocrisia na cena internacional» a respeito de Timor. «Quando se fala na violação dos direitos do homem no Afeganistão ou no Kampuchea, alguns esquecem-se da situação de Timor, onde se continua a violar os direitos do homem», acrescentou o Primeiro-Ministro.

Cavaco revelou, finalmente, que vai ser recebido pelo Papa no dia 19 de Outubro, em Roma.

UNESCO, Angola, prisões e Sines

A questão da eleição do novo director-geral da UNESCO foi tema ainda da reunião, tendo Naranha Coissoró(CDS) proposto o apoio formal da AR à candidatura de Sá Machado. Todas as bancadas parlamentares se manifestaram a favor, mas a votação terá lugar apenas na próxima reunião da comissão, marcada para 8 de Outubro.

Antes da ordem do dia, Carlos Brito(PCP) fez uma intervenção a propósito da visita do Presidente angolano,

Eduardo dos Santos, a Portugal para sublinhar que os que «atentam contra o Estado soberano de Angola não podem continuar a servir-se do território nacional e a beneficiar de facilidades no nosso país».

Outro deputado comunista, José Magalhães, pronunciou-se sobre dois suicídios de reclusos e dois motins prisionais(Funchal e Santarém), frisando que tais ocorrências «vieram iluminar, mais uma vez, de forma particularmente chocante, a situação do sistema prisional, consabidamente degradada e degradante».

Dois requerimentos, ainda do PCP, foram apresentados na sessão. Um, sobre a prevista venda, «a preço baixíssimo», de três navios graneleiros da Setenave a uma empresa norte-americana, e, outro, solicitando esclarecimentos sobre o concurso para a concessão do serviço público de exploração do terminal de Sines.

Maria Santos(Verdes), evocou a data de 1 de Outubro, «Dia Mundial da Água», para afirmar ser «motivo de preocupação a situação vivida em Portugal no que respeita aos recursos hídricos».

O ministro português salientou que um dos aspectos que deverá ser tratado, ao nível do grupo de ligação, é a revisão do Estatuto Orgânico de Macau «dentro do espírito que presidiu à negociação do próprio acordo, isto é, do melhor entendimento entre as duas partes e da preservação das «matrizes culturais de Macau e dos interesses portugueses legitimamente estabelecidos».

de Outubro, data em que o Parlamento inicia as suas funções, a ratificação do acordo luso-chinês. Depois teremos 90 dias para pôr em funcionamento o grupo de ligação entre Portugal e a República Popular da China, a partir do qual entrará o processo de concertação de eventuais questões e problemas que surjam», disse João de Deus Pinheiro, acrescentando que «esse funcionamento deve ser prudente e tranquilo».

«O Governo vai propor, até 15

Deus Pinheiro vai visitar a China

O ministro dos Negócios Estrangeiros português, João de Deus Pinheiro, deve deslocar-se à China dentro de quatro a seis meses, segundo revelou o próprio. Os chefes das diplomacias de Portugal e da República Popular da China encontraram-se ontem em Nova Iorque, durante a 42.ª Assembleia Geral das Nações Unidas, tendo, na altura, Wu Xueqian convidado Deus Pinheiro.

Segundo o ministro portu-

guês, o encontro com Wu Xueqian «decorreu da forma mais cordial possível», tendo sido explicado ao ministro chinês «quais as etapas que o Governo tem programadas, de forma a que o processo relativo à ratificação do acordo de Macau, e à entrada em funcionamento do grupo de ligação conjunto, possa ser feito no mais curto espaço de tempo possível».

Grupo ACP/CEE prepara assembleia paritária

Representantes dos 66 países do Grupo ACP (África, Caraíbas e Pacífico) e dos 12 membros da Comunidade Europeia, estão hoje reunidos em Lisboa, preparando a Assembleia Paritária ACP/CEE, que terá lugar na próxima semana.

O desenvolvimento rural, as matérias de base e os refugiados serão os temas a debater pelos grupos de trabalho, que reúnem nas instalações da Assembleia da República, onde decorrerão, entre os dias 28 de Setembro e 2 de Outubro, as sessões do órgão parla-

mentar da Convenção ACP/CEE.

No domingo, terão lugar as reuniões dos membros dos Estados da África, Caraíbas, e Pacífico, signatários da Convenção e do «bureau» da Assembleia Paritária.

O Presidente Mário Soares inaugurará, solenemente, na segunda-feira, os trabalhos da Assembleia Paritária, na sala do plenário do Parlamento português, numa sessão na qual serão ainda oradores o presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, e os co-presidentes da ACP/CEE,

Giovanni Bersani e Emile Mworoja.

Após esta sessão, decorrerão os trabalhos em sessão plenária e, eventualmente, em grupos de trabalho.

Mário Soares oferecerá terça-feira, no Mosteiro dos Jerónimos, uma recepção aos participantes, durante a qual haverá um concerto de guitarra portuguesa, por Carlos Paredes, enquanto no dia seguinte será a vez dos vice-presidentes da ACP/CEE, convidarem para uma recepção na Estufa Fria.

A Assembleia Paritária

tem, entre os seus objectivos, reflectir sobre os problemas fundamentais do desenvolvimento e a criação de estímulos e impulsos ao reforço da cooperação entre os Estados ACP e os «Doze», bem como uma maior compreensão mútua entre os povos respectivos.

A cooperação «estreita, permanente, equilibrada e confiável sobre problemas concretos que se colocam ao relacionamento entre países do Norte e do Sul», constitui, também, objectivo primordial da Assembleia Paritária.

Candidaturas à UNESCO

Torres Couto critica candidatura espanhola e apoio francês a Yaqub

Torres Couto, secretário-geral da UGT considerou a candidatura do espanhol Frederico Mayor à direcção-geral da UNESCO, como «marcadamente anti-Portugal», ao mesmo tempo que considerava a de Vítor Sá Machado como «a única capaz de voltar a alcandorar a UNESCO ao inequívoco prestígio internacional a que tem jus, despoletando, por outro lado, o regresso dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha ao seio daquele organismo». Aquele dirigente sindical criticou também o apoio da França à candidatura paquistanesa de Yakub Khan, considerando que ela surge à «revelia dos valores que deveriam decorrer do facto de os dois países latinos serem membros da CEE, o que seria só por si motivo para apontar no sentido de uma candidatura europeia».

O secretário-geral da UGT parte hoje para Salzburgo (Áustria), onde vai participar na reunião do secretariado executivo da Federação Internacional das Associações para a Educação de Trabalhadores (FIAET), organismo consultivo da UNESCO e afirmou que vai apelar para o apoio dos países representados na FIAET à candidatura de Sá Machado.

Entretanto a Câmara Municipal de Lisboa aprovou, com abstenção dos vereadores do PCP, uma moção manifestando o apoio público da edilidade à candidatura de Sá Machado, na qual afirma que ela «tem perfil nacional e é protagonizada por uma personalidade geradora de larguíssimos apoios nos meios culturais e políticos da sociedade portuguesa», e que o candidato português é dotado de «larga experiência no plano das relações internacionais, evidenciando as qualidades indispensáveis à criação dos consensos essenciais à reorganização e reunificação da UNESCO».

Alguns especialistas da UNESCO afirmam que Amadou M'Bow era o candidato com mais hipóteses e que poderia reunir até 20 votos na primeira votação, que se realiza em 6 e 7 de Outubro,

mas outros admitem que a sua candidatura seja posta em causa por Yaqub Khan, apresentado como favorito do Ocidente.

Alguns diplomatas ocidentais afirmam que Yaqub Khan é o melhor homem para assegurar o regresso dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Singapura e dar à UNESCO uma orientação sem contravérsias.

No entanto, alguns países europeus e do terceiro mundo que vêm com simpatia a candidatura de Vítor Sá Machado, notam que Khan tem uma formação de soldado, pois é general reformado e serve um governo militar.

A lista dos candidatos é a seguinte: Amadou M'Bow, do Senegal, Vítor Sá Machado de Portugal, Yaqub Khan, do Paquistão, Frederico Mayor, de Espanha, Ahmed Baba Miske, da Mauritânia, Soedjatmoko, da Indonésia, Abdul Wichiencharoen, da Tailândia, Eduardo Valverde, do Equador, Sheilah Solomon, da Trinidad e Tobago, Ivo Margan, da Jugoslávia, e Nikolai Todorov, da Bulgária.

A personalidade escolhida terá uma remuneração anual de 159 mil dólares (cerca de 23 mil contos).

Correia de Jesus com emigrantes no Brasil

O secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, Correia de Jesus, está em Brasília, depois de uma deslocação ao Rio de Janeiro e a São Paulo, a primeira que efectua ao Brasil desde que tomou posse há cerca de um mês.

Correia de Jesus disse serem positivos os contactos que tem mantido em terras brasileiras com as autoridades locais e com a comunidade portuguesa.

No Rio de Janeiro, o membro do Governo português assistiu à sessão de encerramento da Convenção Internacional dos Elos Clubes e participou num encontro com os dirigentes das principais associações luso-brasileiras.

Idêntico programa foi cumprido em São Paulo.

Correia de Jesus tem destacado, nas suas reuniões com os responsáveis pelas associações portuguesas do Brasil, a importância do emigrante como agente activo da cultura portuguesa e salientado que o relacionamento dos lusodescendentes com Portugal é outro dos seus objectivos à frente da Secretaria de Estado das Comunidades.

Prometeu também uma política de informação que esclareça os emigrantes acerca da actualidade portuguesa.

Correia de Jesus regressa domingo à noite a Portugal.

Sector público debatido entre PS e a AIP

SOCIALISTAS DEFENDEM PRIVATIZAÇÕES APENAS ATÉ 49 POR CENTO DO CAPITAL

A abertura ao público do capital das empresas públicas «só faz sentido constitucional» até 49 por cento das respectivas acções, considerou Vítor Constâncio, após um encontro na sede do PS com a direcção da AIP (Associação Industrial Portuguesa).

O líder socialista frisou, entretanto, no encontro, dedicado em boa parte ao problema das privatizações, que se coloca «uma questão constitucional» e que o Tribunal Constitucional é que tem competência para decidir sobre essa questão.

O secretário-geral do PS adiantou, por outro lado, que uma tal operação de abertura ao público do capital das empresas públicas também

«só faz sentido constitucional no âmbito de aumentos de capital» e renovou o «desafio» ao Governo para apresentar um programa de privatizações, comentando que nesta matéria o Governo «tem estado aparentemente parado».

Por parte da AIP, o seu presidente, Rocha de Matos, afirmou que desde o Governo do Bloco Central que é defendida a reprivatização de

partes do capital das empresas públicas até 49 por cento. Segundo a AIP uma parte desse capital deveria ser para grupos económicos privados «que têm de ser cada vez mais fortes» e outra para o «chamado capitalismo popular».

Revisão constitucional

A questão da revisão constitucional foi também abordada na reunião, defendendo a AIP a supressão do texto da lei fundamental de «expressões de cariz ideológico e os princípios da apropriação colectiva dos meios de produção e solos, da planificação democrática e da irre-

versibilidade das nacionalizações».

Sobre o mesmo tema, Constâncio salientou que o PS foi o partido que «mais disse em público sobre os princípios que quer ver consagrados» e que o PSD «até hoje não disse nada». O líder socialista aproveitou para reafirmar que o PS não será o primeiro a desencadear o processo de revisão.

Rocha Matos disse ainda que a AIP aguarda uma reunião, já pedida, com o PSD e sobre o encontro com Constâncio frisou que saíu com «muita confiança» e que o secretário-geral do PS manifestou um «grande sentido de responsabilidade».

Oposição no PS

Gonelha entrega no dia 29 a carta-aberta a Constâncio

O texto final da carta-aberta de contestação à liderança de Constâncio por parte de vários sectores socialistas deverá ser hoje concluído e aprovado, procedendo-se de imediato à recolha de assinaturas, apurou o «DL» junto de fonte da minoria do PS.

Maldonado Gonelha, um dos principais responsáveis do movimento anti-Constâncio, informou, entretanto, ter solicitado já uma audiência ao secretário-geral do PS para lhe dar conhecimento do documento antes da sua divulgação entre os militantes socialistas. A audiência está prevista para a próxima terça-feira, na sede central da Rua da Emenda.

Sabe-se, entretanto, que nomes destacados do PS manifestaram já a disposição de subscrever o documento, nomeadamente Raúl Rego, Campinos, João Soares, João Tito de Morais, Armando Lopes, Medina Carreira, Rui Mateus, Albano Pina, Carlos Brandão e Tinoco de Faria.

Segundo Gonelha (que desmentiu a adesão de Manuel Tito de Morais ao documento dada a sua posição de presidente do partido), a carta «critica o corte deliberado da

actual liderança com o passado do PS e apela a um grande debate interno no sentido da concretização de uma política moderada em detrimento da radicalização esquerdizante».

O antigo ministro do Trabalho desmentiu igualmente ter estado com Mário Soares para falar do documento. «Não vejo Mário Soares há três semanas e além disso o Presidente da República tem de estar alheio às questões partidárias», disse Gonelha, negando ainda estar a preparar a sua candidatura à liderança do PS no congresso do próximo ano.

Constâncio desmente «colaboração»

Interrogado pelos jornalistas no final do seu encontro com a direcção da AIP, o secretário-geral do PS disse ser «disparatada» a acusação de que tem uma posição de



conciliação com o Governo de Cavaco Silva.

«Não tem qualquer fundamento, é uma afirmação sem qualquer sentido», frisou Constâncio para acrescentar que a sua única intervenção pública ocorreu no debate do programa do Governo e que dela é impossível extrair a conclusão de que tem uma posição de conciliação com o Governo.



Entretanto, João Soares, um dos mentores da carta-aberta, ouvido pelo «DL» sobre esta questão, considerou que a acusação de conciliação, tal como é referida por Constâncio não consta do documento e frisou que apenas Marcelo Curto fez declarações públicas nesse sentido, mas que nada têm a ver com o teor final do documento.



Presidente angolano chega no domingo

O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, inicia no domingo a sua visita oficial de cinco dias a Portugal. O avião que transporta o líder angolano e a sua comitiva de cerca de 70 pessoas é esperado às 11.30 no Aeroporto da Portela. O presidente José Eduardo dos Santos seguirá de imediato para o Mosteiro dos Jerónimos, onde lhe serão prestadas honras militares. Às 12.20 terá o primeiro encontro com Mário Soares, no Palácio de Belem, seguido de almoço íntimo.

À tarde, o presidente José Eduardo dos Santos recebe no Palácio de Queluz os chefes das missões diplomáticas dos países africanos acreditados em Lisboa, e à noite será obsequiado com um banquete no Palácio da Ajuda, seguido de recepção.

Na segunda-feira terá uma audiência com o Primeiro Ministro, Cavaco Silva, no Palácio de Queluz, com quem almoça. Ainda da parte de manhã, José Eduardo dos Santos receberá cumprimentos do corpo diplomático, acreditado em Lisboa e visita a DIALAP, empresa onde, curiosamente, não é permitida a entrada de jornalistas. Às 15.30 haverá uma sessão solene na Assembleia da República, seguindo-se uma sessão solene na Câmara Municipal de Lisboa, encontro com os representantes dos

partidos políticos com assento parlamentar, no Palácio de Queluz. À noite o Presidente José Eduardo dos Santos oferece um banquete ao seu homólogo português, no Palácio de Queluz.

Do programa da visita, destacam-se também um encontro com empresários portugueses, na terça-feira, na Associação Industrial Portuguesa, seguido de jantar oferecido pela Câmara de Comércio Luso-Angolana, AIP e Confederação do Comércio Português, visita ao complexo de Sines e recepção à comunidade angolana residente em Portugal, além de um espectáculo de gala no Teatro D. Maria II.

Na quarta-feira, o Presidente angolano visita as instalações da chancelaria da embaixada de Angola e a Fundação Calouste Gulbenkian, antes de seguir para o Porto, onde terá um encontro com empresários no Palácio da Bolsa e assistirá a uma cerimónia na Câmara Municipal.

José Eduardo dos Santos desloca-se depois a Guimarães, onde o Presidente da República, Mário Soares, lhe oferece um jantar no Paço Ducal.

O presidente angolano deixa Portugal na quinta-feira, dia 1 de Outubro, com partida de Pedras rubras, depois de conceder uma conferência de imprensa.

Recomendada a integração dos ISE's no Superior Politécnico

O grupo de trabalho criado no Ministério da Educação pronunciou-se pela integração dos Institutos Superiores de Engenharia no Ensino Superior Politécnico.

Esta foi uma das informações transmitidas à Federação Nacional dos Professores em recente reunião no ME para tratar de questões do ensino superior a que a anterior equipa não deu solução.

Quanto às escolas superiores de Belas-Artes, a Secretaria de Estado do Ensino Superior defendeu a sua integração no ensino superior universitário, espe-

rando que essa integração se concretize no presente ano lectivo.

A não aplicação do regime de dedicação exclusiva aos quadros transitórios dos Institutos Superiores de Contabilidade e Administração, Escola Náutica Infante D. Henrique, bem como aos docentes das ESBA's e dos Institutos Superiores de Engenharia, constou também da agenda de trabalhos, tendo a Secretaria de Estado do Ensino Superior afirmado que elaborou um projecto de diploma legal que deverá ser promulgado a curto prazo, de-

pois de negociado com a Fenprof.

Uma questão levantou desacordo entre as duas entidades interlocutoras, no âmbito da carreira docente do Ensino Superior. A Secretaria de Estado anunciou a intenção de revogar do antigo Estatuto da Carreira Docente Universitária a passagem automática dos assistentes a professores auxiliares e defendeu em nome da «dignificação do ensino politécnico» que no futuro só 20 por cento dos seus docentes sejam de carreira, sendo os restantes 80 por cento re-

crutados entre técnicos que precisem apenas de ser titulares de uma licenciatura.

A Fenprof discorda frontalmente desses projectos quer no que respeita ao ensino superior politécnico como o universitário, por considerar que «a dignificação do ensino passa pela existência de uma carreira que dê garantias de emprego e reforce a actualização constante dos docentes».

Regime de instalação no ensino superior e instalações, bem como regime de dedicação exclusiva foram outras duas questões debatidas.

ISEF promove conferência mundial

O Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa promove de 2 a 5 de Dezembro, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, a Conferência Mundial Comemorativa do 25.º aniversário da Associação Internacional das Escolas Superiores de Educação Física (AISEP).

Contando com a presença de representantes das Universida-

des de cerca de 50 países e a colaboração de reputados especialistas mundiais, os trabalhos incidirão nas áreas do desporto, ergonomia, dança e movimento e reabilitação.

Com esta realização pretende-se perspectivar o conjunto das novas vias profissionais abertas pela constante evolução das ciências do movimento.

Soares preside à sessão de abertura

"QUE TEJO, QUE FUTURO?": O CONGRESSO QUE FALTAVA

Mário Soares presidirá à sessão de abertura do congresso «Que Tejo, que Futuro?» que entre 1 e 3 de Outubro decorrerá na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. É o primeiro congresso sobre o mais importante dos rios portugueses nos seus mais diversos campos e aspectos: económico, ambiental e patrimonial. Sessenta comunicações e duas centenas e meia de congressistas inscritos dão bem a ideia da adesão a esta singular iniciativa da Associação dos Amigos do Tejo, cujos dirigentes apresentaram ontem o congresso em todas as suas incidências, na Casa do Ribatejo em Lisboa.

Nove grandes áreas ocuparão os dois primeiros dias dos trabalhos, já que o último, obviamente, levará os congressistas pelo Tejo arriba até Vila Franca de Xira, num cachelheiro. É a parte social do Congresso, de par com a constatação de algumas das potencialidades e virtualidades do próprio rio. Em Vila Franca de Xira os excursionistas almoçarão no restaurante do Centro Equestre da Lezíria Grande, onde lhes será também proporcionada uma exibição de cavalos de alta escola, liderada por Luis Valença. E se de barco irão pelo Tejo arriba, de barco voltarão ao fim da tarde a Lisboa, num passeio fluvial a bordo de um cachelheiro que constitui, normalmente, ponto alto de iniciativas deste tipo.

Gonçalves Viana, ex-secretário de Estado da Pesca, é o actual presidente da Associação dos Amigos do Tejo, tendo tomado parte na mesa que ontem apre-

sentou o que será o primeiro congresso especificamente do Tejo, com o presidente da Casa do Ribatejo (Marecos Duarte) e o secretário-geral da Associação dos Amigos do Tejo (AAT), Carlos Salgado.

Coube a este último adiantar os nove grandes temas do congresso, a saber: educação ambiental, protecção da natureza, poluição, património histórico, pesca e agricultura, energia, indústria e transportes e, por último turismo e lazer. Todas estas grandes áreas, dos muitos aspectos que o Tejo envolve e guarda para si e para a comunidade, serão debatidos em 1 e 2 de Outubro.

O «DL» soube, entretanto, junto da organização do congresso, que a área da poluição é a que mais comunicações apresentará (quinze), logo seguida do tema património histórico-cultural (catorze) e agricultura e pesca, cada qual com doze. Entre outras

comunicações — das sessenta que o congresso debaterá —, avultam sobre poluição a «Evolução da qualidade biológica da água do Tejo» e «Poluição marinha e caracterização global do estuário». Quanto à área relativa à protecção da natureza — seis comunicações —, destaque para «Gestão dos recursos» e «Cheias», havendo sobre a última extraordinária curiosidade. «Interação da indústria e do Tejo», «Produção de energia eléctrica e o impacto fluvial» e «Potencialidades do Tejo para os desportos Náuticos» são outras três comunicações (ligadas às áreas da indústria e transportes, energia e turismo e lazer, respectivamente) que estão a aguçar o apetite de quem se interessa e vive o Tejo.

O alargamento do Campo de Tiro de Alcochete, questão em foco nos últimos tempos, também será debatida no congresso. Aliás, mal seria se assim não fosse: é que o Campo de Tiro de

Alcochete fica praticamente «em cima» da Reserva Natural do Tejo — de que se fala também nesta edição —, não podendo os «Amigos do Tejo» alhear-se de tal problemática. Reservar, como disseram ontem na conferência de Imprensa da Casa do Ribatejo, uma tomada de posição sobre aquele discutível projecto militar, mas desde já vão avisando que tal alargamento, a ser feito, terá graves consequências para a dita Reserva Natural do Tejo. Condenaram, pois, o projecto, mas guardaram para ocasião mais oportuna uma declaração fundamentada sobre tal intenção.

Os textos das comunicações, assim como as conclusões dos dois dias de debates (1 e 2 de Outubro), serão apresentadas publicamente, no sábado, dia 3, cujo programa prevê um passeio no Tejo e um almoço de encerramento. Os textos, dizíamos, serão posteriormente divulgados em livro.



Diversos organismos oficiais colaboram nesta iniciativa da AAT, que não foi incluída nas comemorações do Ano Europeu do Ambiente para efeitos de subsídios e participações. «Dos oito projectos que apresentamos, este foi o único 'chumbado' até agora» — disse Carlos Salgado ao «DL».

Entre esses organismos figuram o Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural, que entre 1 e 18 de Outubro promoverá uma

exposição sobre Arqueologia no Vale do Tejo, também na Fundação Gulbenkian. «Os mais antigos vestígios da presença do homem nas margens do Tejo encontram-se associados à evolução profológica do rio, onde é vulgar encontrarmos terraços os instrumentos de pedra, rudemente afeccionados, com que o caçador paleolítico abatia as suas presas», diz o Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural na exposição em apreço.

De mouchão em mouchão, com os «Amigos» do Tejo

Reserva natural acolhe 60 mil árvores já em Outubro

Julio Rodrigues

Pelas mãos de um seu «amigo», João Graça, muitos dos outros «Amigos do Tejo», inscritos ou não na Associação com aquela designação, subirão há dias pelo Tejo arriba. Não propriamente para um cruzeiro — que esse tem lugar em Junho, de há muitos anos a esta parte —, mas numa das programadas jornadas de «A Passear Também se Aprende», iniciativa do pelouro de Acção Social da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, de que é titular o vereador José António Carmo. A Reserva Natural do Tejo fica para outra ocasião, quando aí abancarem as 60 mil aves que a animam, de Outubro a Março.

A proposta era «Monte Gordo e Lezírias», isto é, a margem direita e a margem esquerda do Tejo. E este, naturalmente, se espria pelas lezírias e que a sua Reserva Natural é, do ponto de vista ambiental, a sua máxima expressão. Um dirigente dos «Amigos do Tejo» acompanhou os habituais clientes destes «passeios», cujas inscrições se esgotaram depressa — disse Costa Antunes ao «DL» — na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Todos ouviram, no trajecto entre a cidade e Azambuja, subindo e descendo o Tejo, que o Tejo «está a sofrer agressões que estão a diminuir seriamente potencialidades que ainda possui para serem aproveitadas em benefício dos portugueses».

É, de resto, uma das ideias

nucleares a discutir no I Congresso do Tejo, por sinal ontem apresentado, em linhas gerais, na Casa do Ribatejo, em Lisboa, de que damos notícia nesta edição. «Os Amigos do Tejo», de uma e outra forma em foco, «têm a consciência — segundo João Graça — de que é urgente travar a degradação do rio e desenvolver essas potencialidades», afirmou aquele dirigente da AAT.

O rio Tejo nasce em Espanha, aprende-se nos livros, ouve-se na escola. Na memória ficam os nossos montes da serra de Albaracim. Mas João Graça veio dizer-nos mais: a sua nascente, denominada Pé Esquerdo, está situada na Moela de S. João. Um dos montes daquela serra, a qual faz parte da grande cordilheira

que abraça a Espanha de norte a sul.

Em Espanha, o Tejo atravessa — ainda em linguajar escolar — as províncias de Guadalajara, Toledo e Cáceres. Transpõe a fronteira de Espanha ao sul de Rosmaninhal, na direcção leste. Já em Portugal, mais concretamente em Tancos, forma a pequena ilha em que assenta o castelo de Almourol. Frente a Santarém dá corpo a outra pequena ilha: Mouchão de Alfange.

De mouchão em mouchão — o último dos quais é o da Póvoa, antes do Poço do Bispo — aparece no seu curso, depois, o Mouchão do Esfolo Vacas, uma ilha que origina a partir dos dois braços em que o rio se divide, a cinco quilómetros do Cartaxo. Mais mouchões: dos Silveiras e do Escaropim, este ligado a uma aldeia de pescadores, incomparável nas margens dos rios portugueses. Corre para Azambuja e banha Vila Franca, Alhandra, Alverca e Póvoa de Santa Iria, formando nessa viagem os mouchões do Lombo do Tejo, Alhandra e Póvoa, este último já referido.

O curso do Tejo é de 810 quilómetros, 256 dos quais em Portugal. É navegável a partir de Alcântara, em Espanha. E do Poço do Bispo para cima poderá vir a ser, no futuro, regularizado,

de modo a que barcos de maior calado o subam, aproveitando devidamente a maré, embarcações até 50 mil toneladas. O seu desassoreamento completo entre Poço do Bispo e Alhandra permitirá que barcos de vinte mil toneladas o sulquem permanentemente, esteja alta ou baixa a maré, transportando carvão para a Cimpor e levando de Alhandra produtos alimentares da Iberol/Copaz, por exemplo.

Os participantes do último «A Passear Também se Aprende» não foram, porque a maré não ajudava, à Reserva Natural do Tejo. Diga-se sobre esta que, como o próprio nome indica, é uma zona protegida de avifauna, no estuário e margem sul do Tejo, dependente do Serviço Nacional de Parques. Local de passagem de aves migradoras e área representativa do ecossistema do estuário, a Reserva comporta duas áreas de reserva integral: Lombo do Tejo e Pancas. A sua sede situa-se junto a Pancas. Constitui local de interesse nos meses de Outubro a Março, em que é frequentada por milhares de aves que aí passam o Inverno, podendo atingir o número de sessenta mil aves.

Próxima viagem de «A Passear Também se Aprende»: 18 de Outubro, um domingo (claro), à Quinta Municipal da Suberra, onde será proferida uma palestra sobre o liberalismo.

MUNICÍPIO DA AMADORA



11 de Setembro • 1987

CELEBRAÇÕES DO 8.º ANIVERSÁRIO

ESPECTÁCULOS AO VIVO:

DIA 25

21.00 h

SÉRGIO GODINHO

na

FEIRA DO LIVRO, Parque Delfim
Guimarães

DIA 26

21.30 h

AMADORA MÚSICA MODERNA
com os TÁXI e os TRAINS
IN A STATION

1987/1988 — Comemoração do Centenário da Linha de Sintra

POLUIÇÃO ESTÁ A TORNAR-SE ALARMANTE EM PORTUGAL: BARREIRO E SEIXAL JÁ ULTRAPASSAM NÍVEIS MÁXIMOS

O Barreiro e o Seixal, apresentam níveis de poluição por dióxido de enxofre superiores aos máximos aconselhados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) — afirma um documento da CGTP. O documento serve de apoio ao seminário «O ambiente e o mundo do trabalho», que a CGTP promove a 2 e 3 de Outubro em Lisboa, refere — citando dados da OCDE — que a capital portuguesa apresenta uma concentração de partículas só superada em quatro cidades dos países da OCDE.

A Intersindical, citando ainda a OCDE, assinala que a poluição por dióxido de enxofre, que está na base das chamadas «chuvas ácidas», melhorou entre 1980 e 1983 no Barreiro/Seixal e no Porto e manteve-se em Lisboa, referindo que no Barreiro/Seixal em 1980 havia uma concentração de 122 microgramas (um milésimo de grama) deste composto por metro cúbico.

A OMS aponta como valores-limite de exposição ao dióxido de enxofre os 40 a 60 microgramas, admitindo 100 a 150 para um período máximo de 24 horas.

Lisboa, apesar de alguma melhoria nos últimos anos, apresentava em 1981 uma concentração de partículas de 107 microgramas por metro cúbico, muito superior aos limites de exposição de 40 a 60 em média anual definidos pela OMS, só sendo ultrapassada por Bruxelas, Roma, Milão e Wollongong (Austrália).

O estudo adianta que o Porto apresenta os maiores níveis de ruído da OCDE depois de Montreal (Canadá), com 36,5 por

cento da população exposta a ruídos superiores a 70 decibéis entre as 6 e as 22 horas, enquanto essa percentagem é de 24,6 por cento para a capital.

Situação em Portugal agrava-se

Relativamente à poluição por dióxido de azoto, a CGTP assinala que as cidades portuguesas consideradas têm «valores medianos em relação à Europa capitalista», que estão ainda bastante longe dos máximos da OMS, apesar de a situação em Lisboa vir a agravar-se.

O documento-base do seminário assinala que em Portugal tem vindo a agravar-se a situação nos rios e lagoas, sendo as situações mais críticas as dos estuários do Tejo e Sado, das rias de Aveiro e Formosa (Algarve) e dos rios Luz, Ave, Vouga, Nabão, Alviela, Almonda e Trancão, assim como



das ribeiras que desaguam na costa do Estoril.

Acrescenta que as águas do

mar em Portugal não apresentam problemas graves, exceptuando as praias da linha de

Cascais.

Citando a OCDE, a CGTP assinala que Portugal é o País que mais foi afectado por processos de desertificação, com 51,94 por cento da área total, seguindo-se a Espanha com 44,68 por cento, enquanto nos restantes países da OCDE a área afectada por processos de desertificação é inferior a 20 por cento.

No documento, a CGTP sublinha que sem menosprezar os problemas de preservação da Natureza, «o objectivo central da política de ambiente deve ser o de contribuir para a melhoria da qualidade de vida do Homem», considerando-a «inseparável» da melhoria das condições de trabalho e lazer.

A Intersindical recorda que a revolução industrial e a expansão urbana estiveram associadas à alteração dos modos de vida e de trabalho e ao aumento da acção destrutiva do Homem sobre a Natureza, incluindo das espécies animais.

Condições de higiene são desrespeitadas

Afirma que o desenvolvimento tecnológico tem criado novos problemas no domínio do Ambiente devido a uma lógica económica onde o privado é sobrevalorizado face ao social, visando a redução de custos unitá-

rios através do acréscimo de produtividade e recurso a equipamentos e processos produtivos poluidores.

A central sindical salienta que em Portugal «a proliferação do trabalho precário tem estado associada à degradação e desrespeito pelas condições de higiene e segurança», assistindo-se à introdução de novas tecnologias sem acautelar os seus efeitos sobre o pessoal.

Defende que a avaliação de projectos industriais deve ter presente as suas implicações no ambiente de trabalho e o seu impacto sobre a Natureza, preconizando que o movimento sindical deve dar atenção à gestão dos recursos naturais.

A CGTP assinala a compatibilidade dos seus conceitos com a Lei de Bases do Ambiente, que preconiza um ambiente propício à saúde das pessoas, ao desenvolvimento social e cultural das comunidades e à melhoria da qualidade de vida.

Realça o alcance do artigo terceiro daquela lei que estabelece como princípio a «participação dos cidadãos democraticamente organizados no domínio da formulação e execução da política de ambiente e ordenamento do território».

«Se todos têm direito a um ambiente de vida humana, sadio e ecologicamente equilibrado, por maioria de razão têm o direito à prestação do trabalho em condições de higiene e segurança» — acrescenta a CGTP.

A atmosfera em perigo

Juan Ramón de la Cruz

Exclusivo EFE/«DL»

A medida que os estudos científicos descobrem novos problemas, causados por actividades humanas, na atmosfera terrestre, vai aumentando a pressão internacional para pôr fim a esta perigosa situação. Em cima da Antártida, existe um buraco na capa de ozono do tamanho dos Estados Unidos. Dióxido de carbono e outros gases nocivos, igualmente resultado de processos industriais, estão a amontoar-se na atmosfera. Além do buraco de ozono, detectou-se outro similar na camada de óxido nítrico que se estende, simetricamente, entre os dois pólos.

A destruição provocada pelo homem, estendeu-se à atmosfera que respiramos.

A verdade é que a atmosfera está contaminada; já há muito tempo Patrick Süskind, no seu romance «O Perfume», faz uma descrição olfactiva da cidade de Paris no século XVIII que enjoo só de ler. Em comparação, Paris actual cheira a rosas, mas são umas rosas que, se bem que já não cheiram a tripas de peixe podre e a esgotos ao ar livre, estão im-

pregnadas de monóxido de carbono que sai constantemente de um milhão de tubos de escape, misturado com as mil e uma emanações procedentes da indústria, sobretudo da química. Embora o hábito nos insensibilize, os seus efeitos nocivos no organismo são bem conhecidos.

Muitos desses gases, por serem mais pesados que o ar, não sobem muito na atmosfera. Contudo, a indústria produz outros gases de grande

consumo e mais leves que o ar. Uma vez soltos, não há nada que impeça a sua ascensão até às últimas camadas da atmosfera. É precisamente ali que se encontra o ozono. Trata-se, sobretudo, dos chamados gases clorofluorcarbonetos, de uso variado, desde vaporizadores a extintores de incêndios, passando pela espuma plástica, materiais isolantes e refrigeradores. Outro gás menos utilizado, o halo, tem efeitos ainda mais devastadores.

Cancro na pele

Estes efeitos são principalmente dois: a destruição directa do ozono e a formação de uma camada que impede a saída dos raios infravermelhos para o espaço. No primeiro caso, um excesso de raios ultravioletas procedentes do Sol, normalmente repelidos pelo ozono, escoam-se pelos buracos aparecidos ultimamente na camada deste gás. Os seus efeitos na vida orgânica podem ser extremamente perigosos. O excesso de raios ultravioleta está directamente relacionado com a prolifera-

ção de certos tipos de cancro de pele.

No segundo caso, a acumulação na atmosfera de infravermelhos que não podem passar a barreira de gases industriais aumentará a temperatura do planeta, com consequências incalculáveis. Num estudo recente sobre o tema, elaborado pelo Instituto de Recursos Mundiais, um organismo independente com sede em Washington, D.C., afirma-se que, se se continuar como até agora, a acumulação dos citados gases nas camadas superiores da atmosfera, a temperatura da Terra aumentará entre 1,6 e 4,7 graus centígrados em menos de 30 anos. Isso provocaria um degelo parcial nos dois pólos, com aumentos do nível do mar na ordem dos 30 cm e 1,22 m; tendo em conta que algumas das cidades mais povoadas do planeta se encontram ao nível do mar, é fácil imaginar as consequências e resultados.

Uma conferência internacional sobre a protecção da camada de ozono, realizou-se recentemente em Genebra,

patrocinada pelas Nações Unidas.

O resultado foi um acordo unânime destinado a congelar, primeiro, e reduzir depois, a produção e o consumo dos perigosos clorofluorcarbonetos. Os 31 países representados comprometeram-se a adoptar regulamentos que congelem a produção destes gases, ao nível da de 1986, a partir de 1990. Um ou dois anos mais tarde, reduzir-se-ia cerca de 20%. O acordo inclui duas opções e outras duas reduções posteriores, da ordem de 30% cada uma, em data a combinar.

Tempo para a indústria

A utilização dos clorofluorcarbonetos está proibida nos Estados Unidos, desde 1978, mas só no fabrico de «sprays» e aerossóis, embora continuem a ser utilizados em outras aplicações. Como de costume, os funcionários estatais tiveram muita «consideração» com os interesses industriais. «Devido a factores económicos, a indústria necessita de tempo

para adaptar-se às mudanças», explicou o presidente do encontro da ONU, Mostafa Tolba.

Em princípio, houve certas reticências em relação a este calendário, sobretudo, como é natural, por parte dos países mais industrializados, como a Grã-Bretanha ou a República Federal da Alemanha. Chegou-se finalmente a um consenso, devido à pressão conjunta da ONU e dos Estados Unidos.

Ficaram alguns pontos por discutir, como é o caso do grau de redução no fabrico destes gases, a que é conveniente chegar.

Em relação ao último «buraco» detectado, o da camada de óxido nítrico, os cientistas estão perplexos. Primeiro, ninguém sabe exactamente para que serve. Trata-se de um gás de origem biológica e que desaparece ao contacto com determinados compostos químicos. Também ficou por redigir uma lista de quais são estes compostos. Supõe-se que as reacções entre estes elementos possam criar e destruir o ozono.

Beleza diz bem de si própria:

"Melhorou alguma coisa nos serviços de saúde"

Já que ninguém diz bem dela (nem médicos, nem doentes, nem indiferentes), fá-lo ela. Leonor Beleza: aproveitou o tempo que a RTP ontem lhe proporcionou no "Face-a-Face" para dizer bem de si própria. As pessoas aperceberam-se que se tratava de um auto-elogio. E fixaram, sobretudo, o facto de ter dito que "melhorou alguma coisa" nos serviços de saúde, em Portugal desde que assumiu aquele cargo, há cerca de dois anos.

Leonor Beleza, entrevistada no programa da RTP "Face-a-Face", sublinhou que essa melhoria se ficou a dever a um acréscimo da "consciência dos utentes do que são os seus direitos", considerando que o despertar de tal consciência "foi em grande medida" a contribuição dos governos Cavaco Silva.

Beleza frisou que "não é fácil estar" no cargo que ocupa, acentuando que não aceitou a liderança do Ministério da Saúde por ambições políticas, mas para realisar algo de "útil" a favor dos mais desprotegidos.

"Acredito que estou a fazer alguma coisa", sustentou, acentuando que não se sente apegada ao poder, nem cumpre a sua missão com objectivos de promoção na hierarquia do poder.

A sua indignação para o Ministério da Saúde "aconteceu" — disse — frisando que "o poder em si tem um profundo sentido ético".

Leonor Beleza referiu que as suas divergências com os médicos não têm "a visão de antagonismo", mas o objectivo de prosseguir uma política de saúde "ao serviço dos utentes".

A ministra acentuou que "os serviços de saúde não existem para dar emprego", acrescentando que "não é legítimo" criar vagas para médicos no sector

estatal da saúde quando elas não são necessárias. Informou que "em todas as especialidades", a partir de 1992, haverá mais médicos "do que o País necessita".

Leonor Beleza indicou que o objectivo da existência de inspectores de saúde nos hospitais é "garantir a legalidade no interior dos serviços de saúde", acrescentando que "eles só actuarão a partir de uma queixa" de doentes ou de familiares de doentes.

A ministra reconheceu que os profissionais de saúde, e em particular os médicos, "são mal pagos", mas sublinhou que estes "são, entre os profissionais de saúde, os que ganham mais".

Leonor Beleza adiantou, no entanto, que o Governo irá produzir legislação que contemple monetariamente aqueles profissionais, "em termos de trazer algum equilíbrio e seriedade ao sector".

A saúde em Leiria

Prevenção, tratamento e reabilitação prestados apenas em dois locais

A globalidade dos cuidados de saúde no concelho de Leiria vai passar a ser prestada em dois únicos locais a partir de dia 1 de Outubro — segundo uma organização ontem anunciada.

Os cuidados de saúde — prevenção, tratamento e reabilitação — até aqui dispersos por vários pontos da cidade vão passar a ser prestados no "Centro de Saúde Dr. Arnaldo Sampaio" e "Centro Dr. Gorgão Henriques", segundo o plano de reorganização da Administração Regional de Saúde.

O plano foi anunciado pelo presidente da Comissão Instaladora da Administração Regional de Saúde, Antunes Gomes, que disse pretender-se com esta reorganização "melhorar o atendimento".

"A diminuição dos tempos de espera e uma maior facilidade de movimentação dos utentes nas unidades de saúde de Leiria" decorrerão deste modelo de organização, acrescentou Antunes Gomes, sublinhando que "assim será também possível o alargamento dos cuidados de saúde mater-

no-infantil e vacinação à generalidade da população".

No distrito de Leiria, entre 1983 e 1987 foram criadas dezoito extensões de saúde, cinco das quais no concelho de Leiria. Com a criação de mais 3 ou 4 novas extensões, nos próximos três anos, o distrito ficará dentro dos parâmetros exigidos pela Organização Mundial de Saúde — disse aquele responsável.

O orçamento para prestação de cuidados de saúde para o distrito em 1987 foi de cinco milhões de contos — concluiu.

Considerou-se em mesa-redonda na Gulbenkian

STUART FOI UM PIONEIRO DA BANDA DESENHADA

Stuart de Carvalhais foi um pioneiro das histórias aos quadrinhos europeus, no que respeita à inovação técnica (é o precursor dos balões), e deu uma achega à contemporaneidade do nosso país, comentou-se ao cair da noite de ontem durante uma mesa-redonda sob o tema «A intervenção de Stuart nas primeiras experiências de banda desenhada e na realização de capas de livros, discos e cartazes», com a presença no Auditório III da Gulbenkian de Adolfo Simões Muller, José Brandão, Vasco Granja, José Ribeiro e Carlos Pessoa — alguns dos nossos especialistas maiores sobre a matéria, entre os poucos que a estas coisas se vão dedicando.

E poucos, na verdade, porque se insiste, e isso foi mais uma vez comentado no encontro de ontem, na separação entre presumíveis artes maiores e menores, continuando-se ainda a considerar a banda desenhada como fomentadora de analfabetismo infantil ou de preguiça mental por parte dos jovens, transmitindo-lhes reprováveis códigos de violência. Até em relação a Stuart de Carvalhais, apesar de reconhecimento "oficial" que consistiu a exposição na Gulbenkian a si dedicada, tais preconceitos não deixam de se revelar: que pena ele não se ter empenhado na pintura, há quem diga.

No entanto, salientou José Brandão, um conhecido "designer" de Comunicação, a cultura é "um projecto integral", não admite escalonamentos mas multiplicidades. Ainda hoje não se concede um estatuto artístico à banda desenhada, ao "design" e ao grafismo, campos que Stuart dominou. E daí a oportunidade da mesa-redonda.

Um chinês tem dois bigodes

Adolfo Simões Muller, um poeta que dirigiu alguns saudosos jornais da especialidade, como "O Papagaio", "Diabrete", "Cavaleiro Andante", "João Ratão", "Foguetão" e outros, não deixou de comparar na sua intervenção a série aos quadrinhos mais famosa de Stuart, "Quim e Manecas", com outras criações suas contemporâneas: na América o "Yellow Kid" e em França o primeiro Tintin, o "Tintin no país dos soviéticos". Como a personagem americana, o Manecas usava um camisolão até aos pés, já não amarelo, mas vermelho; e como o Tintin, o seu rosto era redondo, em economia de movimento do desenhador. Stuart encontrava-se bem inserido em meio a uma autêntica vaga de fundo que no princípio do nosso século dava forma à banda desenhada tal como a conhecemos hoje.

José Ribeiro, que trabalhou com o mestre na sua juventude, contou por sua vez um episódio que revela como era Stuart a trabalhar: foi preciso desenhar uns bonecos chineses, e o comunicante estudou em casa algumas estampas e experimentou possibilidades. Quando foi ter com Stuart este disse-lhe que não queria nada daquilo: "Para mim um chinês tem dois bigodes para baixo e chapéu de bico e pronto".



Era um humorista nato, em suma.

Pôde assim testemunhar-lhe a sua simplicidade, a subtileza das linhas dos seus desenhos, os meios tons, a imediatez do primeiro traço, as soluções de cor "extremamente inteligentes", nomeadamente em relação ao preto e branco, e o trabalho de síntese, ao que José Brandão acrescentou que o artista nascido em 1887 e falecido em 1961 conhecia perfeitamente a tecnologia do jornal espaço onde surgiu toda a sua obra, praticamente, tirando partido dos seus segredos e manhas. Stuart respondia prontamente às solicitações e aos problemas que lhe eram postos. Este é um espólio que ainda está por investigar, e muito dele decerto já se perdeu irremediavelmente. Como afirmou Carlos Pessoa, pouco depois, existe entre nós aquilo que só se pode classificar como preguiça em pesquisar e reflectir sobre a história da banda desenhada portuguesa.

Quem gosta de Astérix gosta de Júlio Verne

Vasco Granja, director de colecção na Bertrand e divulgador do desenho animado na televisão, antigo responsável da infelizmente extinta revista "Tintin", defendeu de seguida a "importância cultural" da banda desenhada, considerando que ela pode mesmo fomentar o gosto da leitura na criança: quem gosta de ler as histórias do Astérix, disse, também gosta dos livros de Júlio Verne. As imagens revertem para a escrita, e vice-versa.

Sim, é claro que as histórias aos quadrinhos não são inocentes, como aquela do vagabundo Alonso que se esconde do polícia numa barrica e esta vai rolando pela encosta até que o personagem acaba por ser comido como bacalhau desfeito. Autor: Stuart de Carvalhais. E acontece que essa página (porque é uma só) é "um exemplo extraordinário de originalidade básica" e de qualidade narrativa e gráfica, segundo a opinião de Vasco

Granja. A história lê-se da direita para a esquerda, em diagonal e crescendo e... resulta.

E tanto não eram inocentes as histórias de Stuart quanto sabemos que no seu tempo vinham dos Estados Unidos exemplos vários de um "aparecimento da expressão crítica orientada para a sátira" e que com certeza o artista não deixou de consultar, nunca os copiando, embora. Em Agosto de 1916, saía no "Século Cómico" um "Pé Fatal" onde se criticava o "monstro negro" que tinha surgido em Lisboa na altura — um gasómetro que "envenenava a cidade". Os protagonistas da história preferiram mudar para Verdun, um lugar onde de certeza se "estava melhor", e no entanto situava-se na frente da Primeira Grande Guerra. Stuart também fez denúncia política, e como se vê foi um pioneiro da ecologia em Portugal.

Carlos Pessoa, um divulgador da B.D. quando trabalhava na redacção de "Diário de Lisboa", e por sinal um jornalista que se preocupa com a questão ecológica, falou de seguida, colocando a obra de Stuart no contexto de um ano em que se viu o histórico "Birth of the nation" de Griffith e saiu o primeiro Tarzan de Rice Burroughs, foi o ano também para o "salto" da banda desenhada enquanto futura "nona arte", no mundo em Portugal, e isto apesar de Stuart, de nossa guarda avançada, se encontrar "absorvido pelas preocupações imediatas de sobrevivência, o que lhe impediu uma reflexão sobre os modelos teóricos da sua obra, mas não a sua dinâmica de modernidade".

R.E.P.

COMPRE MÓVEIS

COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

SEM ENTRADA E SEM JUROS

ATÉ 36 PRESTAÇÕES MENSAIS

NAS LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA

E NOS NOSSOS AGENTES

LOJAS DARTY MÓVEIS CONFIANÇA
MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS — Fábrica: R. Alfredo Ruas, 50 A
Pedernais — 922 60 54 / 158 (a Ponte da Bica)
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 — 530 076
LISBOA — Est. Benfica, 174 — 176 — 780 599
QUELUZ — Av. António Enx, 20 B — 952 306
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — 276 9001
COVA DA PIEDADE — R. Conceição Samieiro
Antunes, 13 — B — 275 4952
PAIVAS — R. Navegante, 10 — Lt. 30 — 221 0067
V.F. XIRA — R. Alves Redol, 80 B — 240 11
(frente ao Centro Com. Dufay)
BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92 A
— 207 7237
ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34 A
— 258 2403

COIMBRA — Av. Capitão Meleças, 34 A — 26 185
FARO — R. Eça de Queirós, 2 — 27 580
LOULÉ — R. Ataíde de Oliveira, 18

LOJAS PICA - PAU

AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5 B
— 494 5691
MEM MARTINS — Rua Chabi Pinheiro, 8
— 921 7294
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18 A — 52 1384

LOJAS UTILAR

CHARNECA — Estrada de Camarate, Lt. 4
— 257 0401 (junto à Esquadra da P.S.P.)
CAMARATE — R. Avelino Salgado, Lt. 1
(frente aos Bombeiros)
Stands na Feira Popular



ASSOCIADOS:



07

AGORA A UTILAR EM CAMARATE

NOTA: As lojas de Lisboa, Camarate, Amadora, Queluz e Mem Martins estão abertas ao Sábado de tarde.



Obras da Praça do Bocage demoraram, mas já se vê o fim...

"SALA DE VISITAS" DE SETÚBAL ESTARÁ CONCLUÍDA EM DEZEMBRO

Luciano Rocha

As obras da Praça do Bocage, em Setúbal, iniciadas em Outubro do ano passado, têm seguido o ritmo normal e estarão prontas em Dezembro, reafirmou ao «DL» o vereador Sousa Pinto, responsável pelo pelouro das Obras Públicas, desfazendo, desta forma, dúvidas postas por alguns comerciantes da zona, que são de opinião que a remodelação do largo tem sido morosa.

De qualquer forma, os proprietários dos estabelecimentos comerciais daquela área, que os responsáveis camarários pretendem transformar na sala de visitas da capital sadina, estão de acordo, a avaliar por um inquérito realizado pelo «Diário de Lisboa», com os melhoramentos que estão a ser introduzidos no local e apenas manifestam receio que não estejam prontos quando chegarem as próximas chuvas, o que lhes prejudicará ainda mais o negócio.

Sousa Pinto insiste, como acima se disse, que a nova praça estará concluída no último mês deste ano e que surgirá como «prenda de Natal dos setubalenses», ao mesmo tempo que anuncia a intenção do largo passar a ter laranjeiras, um dos símbolos da região.

A Praça do Bocage, como o «DL» noticiou oportunamente, depois de concluído, de acordo com o projecto, passará a ter, para além da estátua do poeta, uma outra de uma mulher, que constituirá o elemento feminino do local, um espelho de água, um quiosque de venda de artesanato, três esplanadas, duas das

quais já existentes, e zonas verdes.

A nova esplanada surgirá no espaço, onde durante bastantes anos funcionou o café Central, de grandes tradições na cidade, onde, até certa altura, se reuniam os intelectuais setubalenses, e que, segundo o «DL» apurou, manterá o mesmo nome.

A volta da estátua do Bocage haverá uma roseta de mármore. As obras de remodelação da praça, exceptuando a construção do «Central», que, embora passe a ser pertença da Câmara Municipal, será explorado por uma empresa de hotelaria, estão orçadas em 30 mil contos.

Poeira e chuva: os principais inimigos

Joaquim Maria Ferreira Pimpão tem uma ourivesaria na Praça do Bocage e é dos comerciantes da zona que mais prejudicado se sente com as obras.

«Vi a planta da praça e fiquei com a ideia que, depois de concluídas as obras, o local vai ficar muito mais bonito e que todos vamos ganhar com elas» —

afirma, adiantando:

«Tenho, no entanto, a impressão que está a ser tudo muito demorado, o que tem prejudicado o negócio, pois as pessoas evitam passar por aqui, agora por causa da poeira daqui a uns tempos devido à chuva».

«No Natal passado tivemos um prejuízo enorme e o meu receio é que no próximo aconteça o mesmo» — diz, como quem não acredita que as obras estejam concluídas até Dezembro.

«As vendas baixaram, pois, como disse, há muitas pessoas que deixaram de passar por aqui» — lamenta-se, frisando:

«O meu negócio então, como se pode calcular, é dos mais prejudicados, na medida em que, devido à poeira, não posso ter certos artigos em exposição».

Como quem pretende colaborar:

«Julgo que em vez de terem começado a calcetar a partir do centro da praça, o deviam ter feito exactamente ao contrário, de forma a permitir que os peões pudessem circular sem se sujarem».

Os operários são poucos

Alfredo da Silva Esteves tem um quiosque no largo, onde vende jornais há 17 anos e também ele garante que as obras agora são maiores.

«Desde que começaram as obras que praticamente só vendo jornais aos clientes antigos» — diz, perguntando:

«Quem é que vem aqui de propósito, encher-se de poeira e sujar os sapatos, para comprar jornais?»

Alfredo Esteves não acredita que as obras estejam concluídas em Dezembro, porque, em sua opinião «os operários são poucos».

«Se as obras estiverem acabadas lá para Abril, já não é mau» — declara, lamentando que até os pombos se sentem prejudicados, «dado que as pessoas não vêm agora cá dar-lhes milho e nem têm água para beber».

«Mas a Praça vai ficar bonita, lá isso vai» — remata em jeito de consolação.

Fardo demasiado pesado

Ilídio Sobral Jacinto é um dos donos de uma das esplanadas da Praça do Bocage. É mais um dos comerciantes daquela zona que não acredita que as obras ali em curso estejam concluídas em Dezembro. Embora concorde com os melhoramentos, que estão a ser introduzidos na zona e não se sintam dos mais afectados, é de opinião que elas «são um fardo demasiado pesado» para o comércio.

«Concordo plenamente com as obras que estão a ser feitas aqui, pois o largo como estava não era nada, mas o que não há dúvida é que estão a ser demasiado morosas» — diz, adiantando:

«Ao que sei, isso fica a dever-se ao facto de alguns operá-

rios terem sido precisos noutros locais».

Com convicção:

«Não acredito que as obras estejam acabadas em Dezembro».

«Talvez lá para Março ou Abril» — afirma.

Ilídio Jacinto, contudo, a exemplo de todos os outros comerciantes com quem falámos, é, como se disse, a favor das obras e julga que depois delas concluídas «todos serão compensados» e que «a Câmara Municipal devia ter pensado no prejuízo dos comerciantes».

«Há pessoas que deixaram de passar pelo largo, porque não estão para sujar os sapatos» — conclui.

Vamos ficar beneficiados

António Manuel Gamboa é o proprietário do único café da praça e um dos mais antigos da cidade, acredita que os «comerciantes e não só vão beneficiar com as obras».

«Pela parte que me toca, tenho-me sentido um bocado prejudicado com as obras, já que não posso ter esplanada» — afirma, adiantando, no entanto, com esperança:

«Acredito que depois, quando a praça estiver pronta, os comerciantes, e não só, vão sentir-se beneficiados».

«Aqui há uns 30 anos — recorda — esta praça era o coração da cidade, mas desde 1979 que

as pessoas começaram a não passar aqui com tanta frequência.

«Acredito que depois das obras concluídas, mesmo que o movimento não seja o mesmo de há 30 anos, que isto vai melhorar» — declara esperançado.

Setubalense simplesmente

É o único estabelecimento do género na praça e dos poucos que ainda há em Setúbal: vende peças de fazenda a retalho. O seu proprietário, que não quis divulgar a identificação («sou simplesmente um setubalense»), é totalmente a favor das obras em curso e foi o único que ouvimos dizer que não se sente prejudicado.

Opinião diferente tem a empregada de uma boutique de artigos de vestuário feminino que, também ela, concordando com as obras, sente que «as vendas têm diminuído».

Em resumo, com uma única excepção, os comerciantes que ouvimos estão de acordo que as obras da Praça do Bocage tinham que ser feitas e os vão beneficiar, muito embora ponham em dúvida que estejam concluídas na data indicada pela Câmara Municipal. O desafio está lançado. Resta esperar por Dezembro para verificar se os setubalenses terão ou não a «prenda de Natal» prometida pelo vereador Sousa Pinto. Até lá, talvez ainda apareçam, colocados nas saídas do largo, engraxadores (dos que engraxam sapatos) a fazer pela vida...

Explosão num prédio de Campo de Ourique

Incêndio mata administrador de firma de "import-export"

Estão ainda por esclarecer as causas do incêndio que ontem à noite reduziu a cinzas um indivíduo de 34 anos, casado, pai de três crianças, num estabelecimento da Rua Azedo Gneco, n.º 66-A, a Campo de Ourique. Uma violenta explosão, seguida de incêndio, carbonizou literalmente José Manuel Urbano Dinis, cujos restos mortais foram retirados, meia hora depois, pelos BSB e BV de Campo de Ourique, na presença de elementos da Polícia Judiciária. O sinistro ocorreu cerca das 21 horas e 30.

As causas que envolveram o próprio incêndio, provocado por violenta explosão que abalou o prédio n.º 66, de três andares, não são ainda conhecidas. razão por que ontem à noite se especulava sobre as circunstâncias que rodearam o sinistro e esta manhã se teciam as mais desencontradas considerações sobre os verdadeiros motivos. Explosão provocada ou acidental era a grande dúvida, esta manhã, na Rua Azedo Gneco, que fica num dos mais populares bairros da capital.

A adensar a dúvida e os palpites que em casos destes se lançam, integra-se o facto de duas pessoas terem ficado feridas, uma delas, já idosa (que vivia nas traseiras do estabelecimento), e o inquilino do 2.º andar, ao lado, que — disseram esta manhã ao

"DL" — tomava banho no momento em que a explosão ocorreu. A senhora do rés-do-chão (traseiras) foi transportada pelos BV de Campo de Ourique ao Hospital de S. José, enquanto que Mário Ramalho, o vizinho do andar de cima — em relação ao escritório de "import-export" onde se verificou o sinistro —, foi tratado no posto de socorros pelos próprios bombeiros.

Os BSB ainda não chegaram a qualquer conclusão sobre as causas do sinistro, se bem que o incêndio tenha resultado de violenta explosão que abalou a estrutura do edifício ao lado, de três andares. Demorou meia-hora a dominar as chamas provocadas pelo incêndio.

Hipótese de suicídio admitida por vizinhos

Se a vítima era casada e pai de três filhos, é questão que os vizinhos desconheciam, porque só a moradora do rés-do-chão do edifício n.º 68 da artéria estaria mais ligada a José Urbano Dinis, de 34 anos, administrador de uma firma de "import-export" no n.º 66-A da Rua Azedo Gneco.

"Nós não o conhecíamos, e mesmo os movimentos da casa não nos chamavam a atenção, embora entrassem para lá pessoas e fossem várias as que lá trabalhavam, inclusive de noite", disse ao "DL" um familiar da locatária do 1.º andar, Mário Basto. Neste andar e no imediatamente superior, habitado por Mário Ramalho, as pessoas recolhiam esta manhã vidros e apetrechos destruídos pela violenta explosão de ontem, cujos os efeitos subiram pelo saguão traseiro ao prédio e ampliaram o próprio abalo, causando enormes prejuízos a todos os moradores do 66 da Rua Azedo Gneco.

As chamas consumiram por completo o recheio do escritório, mataram o administrador e só não se propagaram aos pisos superiores nem aos prédios vizinhos por que os bombeiros intervieram prontamente. Os BV de Campo de Ourique e os BSB conseguiram impedir a progressão do fogo, mas o 1.º andar sofreu, mesmo assim, avultados prejuízos — conforme no-lo disse Mário Basto.

Os automóveis estacionados em frente do escritório também se ressentiram da explosão: um deles ficou completamente destruído e dois outros ficaram "chamuscados". A pronta intervenção dos populares impediu que tivessem a mesma sorte de uma "Dyanne" estacionada diante do escritório, onde outrora foi uma casa de bicicletas.

A versão esta manhã mais corrente na área era a de que José Urbano Dinis teria provocado a explosão, supostamente para pôr termo à vida. Os vizinhos admitem que se tenha suicidado "por causa de mulheres".



"Emaldio" e "Pei-Radiogeste" unem forças na Rádio e TV

O grupo «Emaldio», empresa de televisão canal 3, e o grupo «Pei/Radiogeste» vão participar conjuntamente em projectos de comunicação social de rádio, televisão e Imprensa escrita.

Nos termos do acordo a que chegaram os dois grupos, a Emaldio vai participar no capital da Radiogeste, a qual, por sua vez, participará no projecto de televisão comercial «Canal 3».

Fonte de um dos grupos disse à Lusa que este acordo implica a participação da Pei/Radiogeste no projecto de investimento que visa a constituição de um canal privado de televisão a que recentemente se associou Robert Maxwell, proprietário de uma das maiores cadeias internacionais de Imprensa e Televisão.

Por outro lado, a Amaldio e Robert Maxwell subscreverão parte do capital social da Radiogeste aquando do próximo aumento do capital social desta empresa de radiodifusão.

A Radiogeste, que já é audível em «FM 89.4», aguarda a futura regulamentação da Lei da Rádio para se candidatar a um alvará de emissão.

Os promotores da televisão privada «Canal 3», entre os quais uma organização sindical e outra patronal, além de diversos empréstimos, esperam também as alterações a introduzir no texto constitucional para a concretização do seu projecto.

A mesma fonte acrescentou que a PEI e a Emaldio vão colaborar ainda em outras iniciativas no âmbito da comunicação social, nomeadamente no campo da Imprensa escrita.

Na Comissão das Comunidades Europeias

Amigos da Terra queixam-se do Estado português

Os «Amigos da Terra» entregaram à Comissão das Comunidades Europeias uma «queixa contra o Estado português», devido ao anunciado alargamento do campo de tiro de Alcochete.

O anúncio foi feito em conferência de Imprensa, em que participaram também o presidente da Câmara de Alcochete e o director da reserva do estuário do Tejo.

«Desafio o Primeiro-Ministro e o ministro da Defesa a revogarem o despacho sobre aquele projecto, que é desprestigiante para o Estado português» — disse António Eloy, dirigente da associação.

Eloy afirmou que «o Estado deve ser, no mínimo, notificado» de que aquele projecto viola as disposições comunitárias sobre ambiente.

Os «Amigos da Terra» invocam fundamentalmente a convenção de Ramsar. Segundo eles a reserva do Tejo figura na lista — com o número 217 — das zonas húmidas que aquela

convenção visa proteger.

O presidente da Câmara de Alcochete, Miguel Boieiro, contestou sobretudo que não tenha sido feito um estudo de impacto ambiental, para avaliar as consequências da obra.

O autarca recordou que o município de Alcochete aprovou, em 19 de Agosto, uma moção em que protesta contra o alargamento do campo de tiro.

Para além dos prejuízos à reserva do Tejo, não podemos avaliar as consequências mais profundas do projecto, porque não temos um conhecimento muito exacto das experiências que são feitas quer no campo de tiro de Alcochete, quer na base aérea do Montijo — acrescentou.

Quanto ao director da reserva do Tejo, Antunes Dias, disse que apesar desta reserva se estender por 14 500 hectares, «cerca de 90 por cento da vida aquática do estuário situa-se na zona próximo do campo de tiro».

Antunes Dias disse que a reserva do estuário do Tejo é «uma das 10 zonas húmidas mais importantes da Europa».

Segundo ele, este projecto viola a lei de base do Ambiente, por não ter sido feito o referido estudo ambiental sobre as consequências da obra.

Os «Amigos da Terra» condenaram também a anunciada construção da auto-estrada Lisboa-Cascais.

«A zona protegida Sintra-Cascais está em risco de ser completamente saqueada» — disse António Eloy. Adiantou o dirigente ecologista que, a Norte, vai ser alargado o aeródromo de Tires e, a Sul, chegará a referida auto-estrada. Segundo ele, aquela área vai ser afectada «por razões de ordem urbanística, imobiliária e interesses de jogo».

«É óbvio que, se a auto-estrada vai terminar junto à zona protegida, os seus anexos irão entrar nessa zona» — acrescentou o dirigente dos «Amigos da Terra».

Mário Castrim



Passou o tempo em que era difícil resolver as coisas mais simples. Temos hoje a possibilidade de resolver com simplicidade as coisas mais difíceis.

Para tanto não foi necessário recorrer à panóplia dos livros, compêndios, receituários, catecismos, enciclopédias e tudo o mais de que se fazem as pessoas inteligentes, sem esquecer o Borda d'Água e o Almanaque de Santo António, ainda muito eficaz na luta contra as insónias.

Não foi necessário nada disso. Bastou apenas que a realidade se nos metesse pelos olhos dentro. Como se sabe, nunca se inventou nada mais irreal do que a realidade, mas a realidade é que na força da sua irrealdade é que reside o maior impacto da realidade que vivemos.

Vem todo este discurso a propósito da presença do Ministro da Educação no Telejornal. Onde ele disse conhecer bem quanto custa o ensino em Portugal, ensino que, como se sabe, é grátis.

Qual a razão de tal ciência? O ministro explica: tem oito filhos e por isso está bem dentro da realidade.

Razão de peso. Pra se conhecer o mas, tem de se andar nele, saber entendê-lo, pois às vezes há mar e mar, há ir e não voltar.

Daqui que uma lição seja visível: é preciso escolher para ministros as pessoas mais capacitadas ou seja, que estejam em melhores condições para entender a realidade dos pais.

Não cuidemos de burocratas nem de eurotretas nem de tecnocretinos, mas de gente viva, sim.

Baixe-se pois um decreto impondo aos ministros a obrigatoriedade de serem casados e terem oito filhos. Podem ter mais, constituindo esse factor elemento de preferência. Abaixo da bitola dos oito, nada feito.

Por que digo eu isto? Porque para saber o que a vida custa aos outros, não como saber o que ela nos custa a nós próprios.

E a propósito, ó senhor Ministro: como é que o senhor, apenas com o salário de ministro, pode acudir a oito filhos?

Consumidores: mais de 50% sentem-se enganados

Mais de 50 por cento dos consumidores sentem-se «enganados» na prestação de serviços, concluiu o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC) num inquérito cujos resultados tornou ontem públicos.

A assistência médica, a electricidade e os transportes foram os sectores mais contestados, com 40, 30,5 e 25,8 por cento dos inquiridos, respectivamente, a considerar-se vítimas de engano.

Seguem-se-lhes os restaurantes e similares, com 17 por cento, os telefones, com 15,8 por cento, e a água, com 13,7 por cento.

Numa área específica do inquérito, a da assistência, ensino e outros serviços públicos, um quarto (25 por cento) dos inquiridos considerou-se vítima de engano nos serviços de hospitais e centros de saúde, estabelecimentos de ensino oficiais e particulares, creches, infantários e administração pública.

«A maioria dos portugueses tem uma imagem negativa dos serviços, sublinha o INDC, pois um em cada dois entrevistados afirmou ter razões de queixa na sua utilização no espaço dos últimos 12 meses».

Mas a maioria dessa maioria «fica-se» com as razões de queixa, segundo o inquérito: «Dos consumidores que sentiram vítimas de engano, apenas 46 por cento reagiram, predominantemente de forma verbal, tendo a reclamação por escrito assumido expressão reduzida», quando na Comunidade Europeia, aponta a mesma fonte, 66 por cento dos consumidores formalizam as suas queixas.

Os utentes dos serviços médicos queixam-se especialmente das demoras de atendimento e marcação, indica o estudo.

No ensino oficial, são apontadas sobretudo as deficientes condições, a má qualidade, a incompetência dos professores e as faltas destes às aulas.

Os motivos de queixa são, na electricidade, o custo elevado, a leitura excessiva e a acumulação de contagens e, nos transportes, a escassez e consequentes «bichas», a par do custo e sucessivos aumentos das tarifas.

Nos serviços de água voltam a ser mencionados o custo, a demora nas ligações, as leituras excessivas e as acumulações de contagens.

Também os telefones, além de considerados caros, são acusados de leituras em excesso.

Nos restaurantes são denunciados sobretudo a má qualidade da comida e serviços, e os preços, considerados exagerados.

Tão-pouco são poupados os seguros, acusados de não cobrirem riscos supostamente contemplados, além de pecarem por serviço ineficaz e demoras de atendimento.

Projecto já existe e aguarda-se financiamento

GASODUTO PORTUGAL-ESPANHA LIGARÁ VALLADOLID E COIMBRA

A Empresa Nacional do Gás (ENAGAS), de Espanha, está a projectar a construção de um gasoduto de ligação a Portugal, anunciou hoje o secretário espanhol para a Energia, Fernando Maravall.

Numa intervenção nas jornadas europeias do gás, que decorrem na capital espanhola, Maravall acrescentou que este gasoduto, que unirá a cidade de Valladolid com a de Coimbra e, posteriormente, com o Porto de Lisboa, pretende completar a ideia de um «mercado comum» do gás natural.

Nas jornadas foram apresentados outros projectos,

nomeadamente no sentido de tentar acabar com a dependência do fornecimento de gás por parte da Argélia.

Entre os projectos para diversificar o abastecimento de gás natural encontram-se a ligação à rede europeia de gasodutos, através da «Gaz de France», e a negociação para eventuais fornecimentos provenientes de países do norte da Europa.

Miguel Arnedo, vice-presidente do Banco Europeu de Investimentos (BEI) disse que esta instituição concede crédito a este tipo de projectos, que podem tornar-se vantajosos se forem subvencionados pela comunidade.

O director de hidrocarbonetos da direcção-geral de energia da CEE, Robert Bauw, defendeu que devem ser as empresas interessadas no estabelecimento da ligação a desenvolverem os estudos sobre a sua viabilidade.

Por seu lado, Quinto

Ciardelli, representante da direcção-geral de política regional da CEE, afirmou que as ajudas do FEDER financiarão o projecto, a fundo perdido, em 50 por cento, sendo indispensável, no entanto, o financiamento dos restantes 50 por cento por parte do Estado membro.

O financiamento do gasoduto luso-espanhol é o principal obstáculo para o início da sua construção, já que determinados troços não são rentáveis, de acordo com um estudo levado a cabo pela ENAGAS.

Carris anda há 115 anos pelas ruas da capital

«Carris» é uma sigla que nenhum lisboeta ignora no seu quotidiano, mas poucos são aqueles que sabem tratar-se de uma empresa de transportes públicos com 115 anos de idade e cujo nascimento ocorreu no Rio de Janeiro.

Tudo começou há mais de um século, com modestas carruagens de tracção animal, ao estilo americano, e deslocando-se sobre carris, facto que viria a estar na base do nome que ostenta.

Quem hoje se senta num dos modernos e confortáveis autocarros (os laranjas) ou num dos tradicionais eléctricos designados «os amarelos», jamais poderá imaginar o que era uma viagem na chamada linha de «americanos», que ia da estação de Santa Apolónia a Santos.

Esta linha de «americanos» foi inaugurada a 17 de Novembro de 1873, depois de a Câmara Municipal de Lisboa ter aprovado o trespasse da concessão da empresa Companhia Carris de Ferro de Lisboa, constituída no Rio de Janeiro, a 18 de Setembro de 1872.

Neste intervalo de 115 anos tudo mudou: os 54 carros em circulação e 422 cabeças de gado que asseguravam 29 500 metros de linha em 1873, a «Carris» dispõe hoje de uma frota de 800 autocarros, 200 eléctricos, seis ascensores e dois elevadores.

Do número reduzido de passageiros do século passado, a «Carris», transportou o ano pas-

sado nas suas 105 carreiras de autocarros cerca de 500 milhões de passageiros.

Durante o seu longo trajecto histórico, a «Carris» chegou a ser explorada pela Lisbon Electric Tramways, Lda, uma firma inglesa, que ficou entre 1899 e 1973 com todos os direitos de exploração da empresa transportadora.

Trabalho para 7000 pessoas

A Carris — Companhia Carris de Ferro de Lisboa — dá trabalho a 7 000 pessoas, algumas das quais serão homenageadas sexta-feira na sessão de aniversário, durante a qual serão distinguidos os motoristas que perfizeram 9 000 horas de condução sem qualquer acidente.

Serão também homenageados, através da entrega de emblemas e relógios, os trabalhadores da empresa que completaram quarenta anos de serviço.

O número de acidentes e as questões de segurança da Carris serão aliás o tema da intervenção que o presidente da empresa fará no dia de anos, no refeitório das oficinas gerais de Miraflores.

Cerca de 84 por cento dos lisboetas usa passe social para se deslocar nos veículos da Carris, revelam estatísticas da empresa, enquanto 12,8 por cento recorre aos bilhetes pré-comprados e apenas 3,1 por cento usa bilhetes simples (mais caros).

A Carris foi constituída em 18 de Setembro de 1872 no Rio de Janeiro e inaugurada dois meses

depois a sua primeira carreira de «americanos».

Em 1876 tornou-se exclusivamente portuguesa e estabelece pouco depois com a Câmara de Lisboa um contrato de exploração por 99 anos.

A tracção eléctrica foi introduzida em 1897 e em 1901 é inaugurado o serviço de eléctricos.

Os primeiros autocarros chegaram a Lisboa em 1940 com o objectivo inicial de reforçar o transporte dos visitantes da exposição do mundo português.

A Carris compra então seis autocarros «AEC, Regent MKII», que quatro anos depois entram oficialmente ao serviço.

Em 1973, o contrato de concessão com a Câmara é prolongado por mais 50 anos e em 74 a empresa encomenda 200 autocarros carroçados em Portugal.

Um ano depois o capital da companhia foi nacionalizado. Em 1980, a Lisbon Electric Tramways Limited, que desde 1899 possuía acções da companhia, vende-as à Carris, terminando uma intervenção de 80 anos na transportadora.

A Carris, que tem em circulação os mais antigos eléctricos do Mundo, é a segunda mais veterana empresa transportadora portuguesa, depois da CP.

Os autocarros e eléctricos da Carris percorrem num dia útil a distância que corresponde a quatro voltas à Terra pelo equador e, em dois dias, a distância da Terra à Lua.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Direcção-Geral do Ensino Superior

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DE COIMBRA

Rua Luís de Camões — Telef. 7 10 42-71 10 42 — 3000 COIMBRA

RECRUTAMENTO DE ASSISTENTES PARA AS ÁREAS DE CONTABILIDADE, ECONOMIA, INFORMÁTICA, GESTÃO E MATEMÁTICA

Está aberto concurso público para assistentes nas áreas acima indicadas, pelo período de 30 dias a contar da publicação do Edital no «Diário da República», II Série, n.º 214, de 17/09/87, onde estão expressas as condições de admissão.

Coimbra e Instituto Superior de Contabilidade e Administração, em 18 de Setembro de 1987.

O Presidente do Conselho Directivo,

Eng.º Fausto Luís Gomes do Carmo Rocha

URSS: militares resistem às reformas de Gorbachev

Os militares soviéticos parecem estar a resistir às reformas do líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, abafando a iniciativa individual e negligenciando tecnologia vital - revela uma revista anual de defesa, publicada em Londres. A «Jane's Avionics 1987-88», reconhecida como uma revista autorizada em questões de defesa mundial, disse que Moscovo não podia continuar a ser considerado um «peso-ligeiro» tecnológico e se apressava a acompanhar o Ocidente em questões de armamento. Contudo, a eficácia no campo de batalha era prejudicada por uma falta de técnicos e pela utilização de militares, mesmo para as questões mais rotineiras de manutenção.

Encontro Peres/Chevardnadze

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de Israel e da URSS, países que não têm relações diplomáticas há 20 anos, reuniram-se em Nova York e ambas as partes afirmaram haver uma melhoria nas relações bilaterais. Repetindo um encontro realizado o ano passado durante a Assembleia Geral da ONU, o ministro israelita Shimon Peres encontrou-se com Eduard Shevardnadze, para analisar a possibilidade de uma conferência de paz no Médio Oriente, a emigração de judeus e outras questões bilaterais.

Conselho conjunto de defesa

A França e a Alemanha Federal iniciaram conversações sobre a criação de um conselho conjunto militar e de segurança, disse o Presidente francês François Mitterrand, que com o chanceler Helmut Kohl inspecciona manobras franco-alemãs federais. Interrogado sobre se discutira com Kohl a colocação da cooperação militar entre os dois países numa base permanente, Mitterrand disse que «as conversações sobre um conselho de defesa estão a decorrer. Fizemos uma declaração de intenções. As conversações devem realizar-se a um nível responsável».

O cessar-fogo no Chade

A reunião extraordinária do comité «ad hoc» da Organização de Unidade Africana (OUA), que terminou em Lusaca, apelou ao Chade e à Líbia para «manterem e consolidarem o cessar-fogo acordado a 11 de Setembro. A resolução final pormenoriza os actos que seriam considerados contrários aos princípios da OUA: violação dos espaços aéreos, incursões terrestres, concentração de tropas, recrutamento de tropas estrangeiras, importação de armas e «qualquer decisão susceptível de internacionalizar o conflito».

O Chile e a tortura

O Governo militar chileno está disposto a prevenir e castigar a tortura, cuja aplicação «repudia» e prometeu investigar as denúncias e «castigar» os culpados, para «fortalecer e aperfeiçoar» o respeito pelos direitos humanos, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros daquele país, Ricardo García, quando assinou na sede da Organização dos Estados Americanos (OEA) a Convenção Interamericana contra a Tortura, aprovada em 1985.

Reis de Espanha nos EUA

Os reis de Espanha, Juan Carlos e Sofia, partiram hoje para uma visita de 10 dias aos EUA, que poderá servir para reforçar as relações um pouco frias entre os dois países. Os reis vão estar em Washington na primeira etapa de uma visita algo perturbada pela questão da redução das tropas norte-americanas em Espanha. As conversações sobre esta questão começaram em Julho do ano passado e uma sétima ronda está agendada para meados de Outubro próximo.

Hirohito está a recuperar

O imperador do Japão, Hirohito, que está a recuperar de uma importante operação, viu na televisão um combate de sumo, enquanto 2 mil pessoas se concentravam no exterior do palácio para lhe desejar as melhoras. Os médicos que operaram ao pâncreas o imperador, de 86 anos, vão submeter a análise parte dos tecidos extraídos por suspeitarem de cancro.

"DANÇA DIPLOMÁTICA" EM BRUXELAS ENTRE ANGOLA, ESTADOS UNIDOS E ÁFRICA DO SUL

Angola, Estados Unidos e África do Sul mantêm actualmente, em Bruxelas, onde se encontra o presidente angolano José Eduardo dos Santos, contactos de alto nível ligados à situação na África Austral, disse à Lusa uma fonte diplomática.

De acordo com esta fonte, está a decorrer em Bruxelas «uma intensa dança diplomática ao mais alto nível» entre responsáveis angolanos, um responsável sul-africano e Chester Crocker, o secretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos.

Um comunicado entretanto emitido pela Embaixada dos EUA na capital belga refere que Crocker se encontrou com o ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van Dunem.

No encontro os dois responsáveis analisaram questões como a retirada das tro-

pas cubanas de Angola e a aplicação da resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas relativa à independência da Namíbia.

Uma fonte norte-americana contactada pela Lusa referiu que a presença de Chester Crocker em Bruxelas está directamente ligada à presença da delegação angolana na capital belga, por ocasião da visita que o presidente José Eduardo dos Santos ali está a efectuar.

Uma outra fonte diplomática disse à Lusa que «algo de importante para a África Austral se está actualmente a passar em Bruxelas. O dis-

curso que o presidente Eduardo dos Santos vai proferir hoje no edifício da representação na capital belga do grupo de países ACP (África, Caraíbas e Pacífico), contém surpresas importantes».

Caminho de ferro de Benguela

A situação na África Austral, o relançamento da economia de Angola e a reabilitação do caminho de ferro de Benguela foram temas abordados por José Eduardo dos Santos no encontro que manteve com o primeiro-ministro belga Wilfried Martens.

O presidente angolano encontrou-se anteriormente com os principais responsáveis da Société Générale, a empresa belga detentora de

cerca de 90 por cento das acções do caminho de ferro de Benguela. Uma fonte diplomática contactada pela Lusa confirmou que estão em curso conversações relativas à reestruturação daquela linha.

Por seu lado, Wilfried Martens manifestou o desejo de alargar a cooperação belga ao domínio petrolífero e diamantífero e afirmou a Eduardo dos Santos a disponibilidade da Bélgica para apoiar o governo de Luanda na sua intenção de aderir ao Fundo Monetário Internacional.

O presidente angolano deverá partir ainda hoje para Itália onde permanecerá até domingo. Fontes oficiais angolanas disseram que durante a sua estadia em Roma, Eduardo dos Santos se deslocará ao Vaticano, onde será recebido pelo Papa João Paulo II.

Para marcar cimeira dos dois líderes

Shultz e Shevardnadze reúnem-se de novo em Outubro

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, anunciou ontem que se voltará a reunir com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, nos dias 22 e 23 de Outubro, e que nesse encontro será definida a data da cimeira entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev, esperada ainda este ano.

O anúncio foi feito no final da reunião que os dois dirigentes mantiveram ontem na sede da missão norte-americana na ONU.

A Casa Branca afirmou, entretanto, que espera que a próxima cimeira entre os líderes das duas superpotências decorra nos Estados Unidos. «Nunca colocámos a hipótese de a cimeira se realizar noutro local que não os EUA», disse o porta-voz presidencial Marlin Fitzwater.

Fitzwater comentava declarações do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, de acordo com as quais ainda não tinha sido escolhido o local do próximo encontro entre Reagan e Gorbachev.

Borys Pyadyshev, porta-voz do MNE soviético, disse ontem, em conferência de imprensa, que George Shultz e Eduard Shevardnadze não tinham fixado em definitivo a cimeira para Washington e que este era um assunto que ainda devia ser resolvido.

Pyadyshev disse, contudo, que, em princípio, a União Soviética não tem objecções à realização da cimeira em território norte-americano.

Aliados descontentes com IDE

Delegados da NATO e do Pacto de Varsóvia retomaram ontem, em Viena de Áustria, as conversações para a redução das forças convencionais na Europa Central sem qualquer indício de progresso ou acordo. As conversações sobre esta matéria têm-se mantido num impasse, desde o seu início em 1973.

Parlamentares de países da NATO aprovaram, entretanto, um relatório em que se acusa os Estados Unidos de quebrar a promessa de oferecer aos aliados ocidentais mais do que um papel simbólico no seu programa espacial Iniciativa de Defesa Estratégica, mais conhecido por «guerra das estrelas». No relatório sobre este tema, a Assembleia do Atlântico Norte, reunida em Oslo, salienta que as companhias não americanas receberam, até ao fim de 1986, menos de 100 milhões de dólares de contratos em comparação com os 7,3 bilhões de dólares concedidos a firmas dos Estados Unidos.

Coligação brasileira dissolvida

Sarney tenta refazer governo através de acordo suprapartidário

O Presidente brasileiro, José Sarney, iniciou consultas com dirigentes políticos para superar a crise provocada pela dissolução da coligação governamental, informou o Governo.

O senador Marco Maciel, presidente do minoritário Partido da Frente Liberal (PFL), anunciou a ruptura da Aliança Democrática formada com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB),

após um encontro de duas horas com Sarney.

O porta-voz presidencial, António Frota Neto, informou que o ministro da Educação, Jorge Bornhausen, um dos dirigentes do PFL, formalizou a sua renúncia ao cargo e que aguarda a indicação do seu sucessor.

O porta-voz explicou que a Frente Liberal «não rompeu com o Governo», dando a en-

tender que poderá continuar a participar no executivo.

Um assessor presidencial indicou que Sarney está a tentar refazer a base do seu Governo «através de um acordo suprapartidário».

«O PMDB tem 305 parlamentares (num Congresso de 559) mas somente cerca de 150 manifestam um apoio efectivo do Governo», disse a fonte.

Rebeldes

capturados

responsabilizam

Renamo

por massacres

Rebeldes moçambicanos recentemente aprisionados pelas forças governamentais referiram a jornalistas em Maputo, com bastante pormenor, as circunstâncias em que são enquadados e treinados, responsabilizando a Renamo por massacres ocorridos nos últimos meses.

Na entrevista colectiva realizada em Maputo e autorizada pelas autoridades moçambicanas, Semeão Laquene, de 23 anos, capturado por civis quando roubava mandioca no distrito de Homoine, declarou pertencer à base da Renamo de Inhanga.

Laquene disse que foi de Inhanga que saíram os autores do massacre de mais de 420 pessoas em Homoine, no dia 18 de Julho passado.

O jovem, que disse não ter participado no assalto, esteve entre os rebeldes da Renamo durante quatro anos. Disse ter sido submetido a treino militar logo após a sua captura em Khomo, sua terra natal, de declarou: «Nós somos da Renamo e a nossa missão é libertar Moçambique».

Os outros entrevistados também referiram vários assaltos praticados pela Renamo no interior de Moçambique.

Do grupo de detidos contactados pela Lusa faziam parte dois rapazes de 11 e 17 anos, presos pelo exército moçambicano por participação em ataques da Renamo.

Os dois testemunhos confirmaram recentes relatos sobre a participação de crianças nos ataques a povoações, depois de receberem treino militar.



Aspecto da manifestação de protesto contra a reunião da Assembleia do Atlântico Norte, que está a decorrer em Oslo, na Noruega

O Centro de Estudos de Fenómenos Aeroespaciais não Identificados, de Toulouse, França, anunciou dispor pela primeira vez de um registo sonoro de um possível ovni. Jean-Jacques Velasco, director daquele organismo, disse que a gravação magnética do objecto voador não identificado obtida por uma criança está a ser objecto de estudo. Laurent Pasmigraud, de 10 anos, foi despertado na madrugada do dia 7 por um ruído estranho que, segundo ele, provinha de uma «mancha oval cor de laranja com luz intermitente» colocada a 10 metros da sua janela. Para Velasco, um dos melhores especialistas franceses em ovnis, é «prematureo pronunciarmo-nos sobre o assunto», enquanto não se concluir a análise da fita magnética. Fontes do centro salientaram que desde a sua criação, em 1977, o centro já recebeu mais de 1.660 informações sobre o aparecimento de ovnis.



Estudantes da Universidade de Seul lançam bombas incendiárias em direcção a um contingente de polícia. O governo sul coreano anunciou, entretanto, que libertou 70 trabalhadores

Mathias Rust pediu clemência

O jovem piloto alemão federal, Mathias Rust, condenado a quatro anos de trabalhos forçados por ter aterrado ilegalmente na Praça Vermelha de Moscovo, pediu clemência ao mais elevado organismo estatal da União Soviética, anunciou ontem a agência noticiosa soviética TASS. O apelo de Rust será transmitido pelo Supremo Tribunal, que o condenou no princípio deste mês, ao Presidium do Soviète Supremo. Rust, de 19 anos, encontra-se ainda retido numa prisão de Moscovo. Um porta-voz da Embaixada da Alemanha Federal, Ulrich Brandenburg, disse que não fora informado de que Rust tivesse sido transferido da prisão de Lefortovo, na capital soviética, presumindo que ele ali continuava. Um porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Boris Pyadyshev, disse que Rust será transferido para um campo de trabalho de regime normal - a categoria mais leve de campos de trabalho soviéticos.

Lojas privadas na URSS

O Politburo, soviético deu ontem «luz verde» para a criação de pequenas lojas e quiosques de capital privado. Segundo a agência TASS, o Politburo «discutiu e definiu medidas destinadas a melhorar a organização de vendas de bens manufacturados por cooperativas e cidadãos ligados ao trabalho individual». A TASS frisou que cooperativas e indivíduos poderão agora gerir as suas lojas e quiosques. As lojas foram o primeiro sector comercial a ser contemplado com a política de privatização desde a época de Lenin, nos anos 20, quando os pequenos comércio privados estavam em ascensão. Foram mandados encerrar posteriormente por José Staline.

A paz na América Central

O Comité para a Paz na América Central reúne-se no dia 8 de Outubro na Guatemala, anunciou quinta-feira o Ministério venezuelano dos Negócios Estrangeiros. Segundo German Nava, ministro interino dos Negócios Estrangeiros da Venezuela, a comissão internacional de verificação e seguimento do plano da paz para a América Central reúne-se na Guatemala para terminar a fase de aperfeiçoamento dos documentos a serem trabalhados pela comissão. Estas conclusões terão como base as observações feitas pelos ministros nos textos e acordos adoptados até agora nas diferentes reuniões realizadas desde a formação da comissão, em 23 de Agosto, na sequência do plano aprovado no princípio desse mês pelos presidentes centro-americanos.

Mineiros sul-africanos assassinados

A causa do assassinio de pelo menos 20 dos 33 mineiros mortos em Agosto, durante a onda de paralisações nas minas auríferas da África do Sul, deveu-se à sua não adesão às greves, afirmou hoje um empresário de Joanesburgo. Ken Maxwell, director da empresa «Johannesburg Consolidated Investment» (JCI) frisou que se supõe que os 13 casos restantes estão relacionados com o mesmo motivo. Mineiros que sobreviveram a tentativas semelhantes disseram que se encontravam «atemorizados». A polícia e o Sindicato dos Mineiros escusaram-se a fazer comentários às declarações do director da empresa JCI.

Suspensa a tentativa americana de embargo de armas ao Irão

CONSELHO DE SEGURANÇA DEBATE FORMAS DE IMPOR CESSAR-FOGO NO GOLFO

O Estados Unidos decidiram travar temporariamente a sua iniciativa de um embargo total de armamentos ao Irão para dar oportunidade a Teerão de aceitar um cessar-fogo na guerra com o Iraque. Esta posição foi revelada depois do encontro de 90 minutos ontem havido entre os ministros dos Negócios Estrangeiros dos EUA e da URSS, George Shultz e Eduard Shevardnadze, que discutiram unicamente a situação no Golfo Pérsico.

Os dois responsáveis encontraram-se em Nova York, tal como mais de uma centena de outros ministros dos Negócios Estrangeiros, para participar na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas.

Depois da reunião, funcionários norte-americanos disseram que Shultz concordara em explorar meios diplomáticos que permitam modificar a resolução do Conselho de Segurança da ONU sobre o cessar-fogo, de modo a que se torne aceitável para Teerão o seu cumprimento.

Washington tem vindo a pressionar há várias semanas pela aprovação de um embargo de armas ao Irão de forma a provocar um termo do conflito, mas Teerão afirma que só

aceitaria a resolução da ONU se ela reconhecesse no Iraque o agressor.

A União Soviética tinha proposto que se formasse uma força da ONU que defendesse a liberdade de navegação no Golfo e os oleodutos da região, mas Washington levantou dificuldades porque as Nações Unidas nunca tiveram uma organização desse tipo.

Entretanto o secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, iniciou uma visita a vários países da região do Golfo. Diplomatas em países árabes disseram que Weinberger encontrará uma boa opinião sobre os EUA, sobretudo devido à acção militar empreendida sobre um navio iraniano que estava a co-

locar minas em águas internacionais.

Reagan apela à URSS

Esta tarde (próxima madrugada em Lisboa), o Conselho de Segurança das Nações Unidas vai reunir-se para debater formas de impor o cessar-fogo na guerra entre o Irão e o Iraque.

Vinte e quatro horas antes, o Presidente Reagan apelou à URSS para que coopere com uma resolução do Conselho de Segurança que imponha sanções, num esforço para pôr fim à guerra do Golfo.

Reagan disse esperar que Moscovo coopere, «ao invés de adiar e procurar oportunidades para expandir a sua própria influência à custa da paz na região».

No seu comunicado, o Presidente norte-americano afirma ainda esperar que o Conselho de Segurança consiga uma solução negociada para a guerra Irão-Iraque, através da rápida implementação da resolução 598.

Entretanto a Assembleia do Atlântico Norte, que não tem verdadeiros políticos legislativos, aprovou também uma re-

solução exortando os 16 países membros da organização a «prepararem-se» para aplicar um embargo de armas contra o Irão, sob os auspícios das Nações Unidas.

Ataque iraquiano

Hoje o Iraque reivindicou um ataque aéreo a um navio iraniano, tendo o porta-voz militar afirmado que todos os aviões iraquianos regressaram às suas bases em segurança.

A declaração refere que o «grande alvo marítimo» foi atingido ao largo da costa iraniana.

O bombardeamento ao navio inscreve-se na política de Bagdade de tentar impedir que a venda de petróleo iraniano sirva para alimentar a guerra contra o Iraque, disse o porta-voz.

Ontem, segundo fontes da navegação regional, um pequeno navio panamiano embateu numa mina e afundou-se perto da ilha iraniana de Farsi, no norte do Golfo Pérsico.

Quatro tripulantes do navio, o «Marissa 1», de 181 toneladas, desapareceram, tendo provavelmente morrido, e outros três sobreviveram, disseram as mesmas fontes.

Exército retoma controlo das ilhas Fiji

O coronel Sitiveri Rabuka, que em Maio último derrubou o governo eleito nas ilhas Fiji, anunciou hoje que o Exército retomou o controlo do país, segundo anunciaram a agência noticiosa australiana AAP e a «Australian Broadcasting Corporation». Rabuka dirigiu-se ao país através da rádio para anunciar que assumia o controlo do governo, alegando que os acontecimentos recentes mostravam que os objectivos do golpe de estado por ele liderado a 14 de Maio não tinham sido alcançados.

Rabuka afirmou não aceitar o acordo conseguido esta semana nos termos do qual os partidos rivais das ilhas Fiji teriam uma representação igual num governo interino chefiado pelo governador-geral, Ratu Sir Ganilau. Este acordo destinava-se a fazer sair aquele país do Pacífico Sul de uma crise racial e constitucional que se mantém desde que o Exército depôs o governo de Timoci Bavadra.

Mas os fijianos que inspiraram o golpe de estado de

Maio, preocupados com o predomínio de elementos de etnia indiana, disseram que a proposta do governo interino era impraticável.

Desmentido golpe no Transkei

O presidente Tutor Ndama e o comandante do Exército do Transkei, Bantu Holomisa, desmentiram a notícia de um golpe militar naquele bantustão, divulgada pela rádio e televisão sul-africanas.

O general Holomisa disse em Untata, a capital do ban-

tustão, cuja independência só é reconhecida por Pretória, que a informação de que o Exército tomou o poder do Transkei é «absolutamente incorrecta».

«Não houve tomada militar. Não estamos em vias de formar um governo militar, nem verão soldados no gabinete», acrescentou. O secretário particular do presidente, Sabe Tiyo, disse, por seu lado, que Ndama vai anunciar em breve a demissão de oito ministros implicados num escândalo de corrupção.

PREÇOS CONTINUAM A SUBIR ACIMA DA MÉDIA DA CEE

A inflação em Portugal e Espanha continua a ser a mais alta da Comunidade Económica Europeia tendo-se, inclusivamente, verificado durante o Verão, período tradicional de alta de preços, que no conjunto dos Doze, só nos dois países ibéricos se registaram pressões inflacionárias importantes.

Dados divulgados ontem pelo Eurostat, o Gabinete estatístico da Comunidade, especificam que a subida de preços no mês de Julho foi de 0,1 por cento em toda a CEE, e de 0,2 em Agosto, enquanto Portugal registava subidas de 0,3 e 1,1, respectivamente em Julho e Agosto e a Espanha 1 e 0 por cento.

A taxa anual da CEE (3,4 por cento de Agosto/86 a Agosto/87) é inferior à dos Estados Unidos (3,9) e bastante superior à do Japão

(0,4 por cento, no mesmo período).

Tiveram inflação zero, em Julho, entre os parceiros comunitários, Alemanha Federal e Dinamarca e inflações negativas Holanda, Luxemburgo, Grã-Bretanha e Grécia; em Agosto, só na Alemanha e na Grécia os preços baixaram, registando-se subidas ligeiras em França e na Holanda (ambas 0,2) e na Itália, Bélgica, Luxemburgo, Grã-Bretanha e Dinamarca (todos com 0,3).

Divergências Governo/CGTP sobre taxas da OCDE

Entretanto, o Governo desmentiu ontem, através do Ministério das Finanças, que a OCDE tenha elaborado e publicado previsões sobre a inflação portuguesa contraditórias das que têm sido adelantadas pelo Executivo de Cavaco Silva.

Em comunicado, o Ministério das Finanças diz que a última previsão da OCDE saiu no número 41 da publicação «Perspectives Economiques de l'OCDE», de Julho passado, e apontava para 7,5 por cento em 88.

«Tal não constitui rectificação de anterior previsão — comenta o Ministério das Finanças — porque o nº

40 da referida publicação, de Dezembro de 86, não apresenta valores para 1988, não havendo qualquer publicação da OCDE posterior a Junho de 87».

Segundo informa o Governo português, o grupo de perspectivas económicas a curto prazo, da OCDE, só reunirá a 9 e 10 de Novembro e o Comité de Política Económica a 16 e 17 do mesmo mês.

Este comunicado visa directamente uma nota distribuída pela CGTP-Intersindical, publicada na véspera, e segundo a qual a OCDE tinha rectificado a sua previsão da inflação para 1988, em Portugal, agravando números anteriores e prevendo taxas bastante menos optimistas do que as apontadas pelo Governo português.

Conselho de Ministros aprovou a auditoria-geral da Bolsa

O Conselho de Ministros reconhece existir lacunas no funcionamento do mercado de títulos em matéria de inspecção, supervisão e acompanhamento do mercado de títulos e das autoridades correlativas, conforme se pode ler no comunicado da sua última reunião.

A reunião do Conselho de Ministros ontem realizada aprovou a figura do auditor-geral do mercado de títulos na dependência directa do Ministério das Finanças, com poderes bastantes para preencher, como se afirma no comunicado, «a importantíssima função de supervisão, inspecção e acompanhamento do mercado e das autoridades correlativas», nomeadamente dos corretores e das Bolsas de Valores.

Procurando preencher «certas necessidades que se vêm fazendo sentir em matéria de inspecção», o Conselho de Ministros, ontem reunido, decidiu ainda reactivar o Conselho Nacional das Bolsas de Valores, de molde a

garantir a presença das instituições directamente interessadas, com funções consultivas junto do ministro das Finanças para problemas específicos da actividade das Bolsas.

Das decisões aprovadas, salienta-se ainda a retoma da proposta de Reforma Fiscal, apresentada em Março passado à Assembleia da República e caducada com a sua dissolução. A proposta prevê a constituição de dois impostos «únicos» sobre o rendimento — um sobre pessoas singulares e outro sobre pessoas colectivas — em substituição das tributações até hoje incidentes sobre os rendimentos.

O Conselho de Ministros apresentará ainda à Comissão da Comunidade Económica Europeia, até ao final do mês, um projecto para melhoria e aperfeiçoamento do sistema de controlo e vigilância da actividade de pesca na Zona Económica Exclusiva.

Função pública quer aumentos de 13 por cento em 1988

A Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública exigiu um aumento de 13 por cento a inscrever no Orçamento do Estado de 1988, para a revisão dos salários, pensões e outras prestações pecuniárias dos funcionários públicos.

Aquela estrutura sindical preconizou, ainda, um aumento das diuturnidades dos funcionários públicos para 2500 escudos e do subsídio diário de alimentação para 300 escudos.

O secretariado da Frente Comum de Sindicatos, que tornou ontem públicas estas propostas, referiu que a revisão salarial de 1988, dos funcionários públicos, deverá ter em consideração o modo como evoluirão os preços médios no consumidor em 87 e 88, sendo ainda necessário prosseguir a recuperação do poder de compra perdido pelos trabalhadores.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$80	57\$80
ALEMANHA FED. (marco)	78\$05	79\$25
AUSTRIA (selim)	11\$05	11\$25
BÉLGICA (franco)	3\$559	3\$809
BRASIL (cruzado)	1\$350	3\$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107\$60	110\$10
(notas de 5 a 1000)	108\$10	110\$60
DINAMARCA (coroa)	20\$30	20\$70
ESPAÑA (peseta)	1\$138	1\$258
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	142\$10	145\$60
(notas de 5 a 1000)	142\$60	146\$10
FINLÂNDIA (marka)	32\$35	32\$95
FRANÇA (franco)	23\$40	24\$10
HOLANDA (florim)	69\$35	70\$45
IRLÂNDIA (libra)	210\$10	214\$10
ITÁLIA (lira)	\$098	\$113
JAPÃO (iene)	\$940	\$1001
NORUEGA (coroa)	21\$30	21\$80
REINO UNIDO (libra)	233\$35	237\$85
SUÉCIA (coroa)	22\$20	22\$70
SUIÇA (franco)	94\$10	95\$60
VENEZUELA (bolivar)	3\$40	4\$40

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Um negócio de 4,2 milhões de contos

A FNAC ganhou a concessão de lojas francas de Moçambique

O consórcio português FNAC/ETEI venceu o concurso para exploração das lojas francas moçambicanas, cujo contrato será celebrado a 7 de Outubro, informa a agência Lusa, de fonte oficial em Maputo.

A decisão da comissão de análise das propostas foi ontem mesmo comunicada ao consórcio vencedor, que esteve representado em Maputo pelo presidente da FNAC, Alexandre Al-

ves. Uma fonte da empresa revelou à Lusa ser sua intenção privilegiar a apresentação de produtos portugueses nas lojas francas, o que representará para Portugal a possibilidade de duplicar as exportações para Moçambique.

Existem actualmente três lojas francas em Maputo, uma na Beira e outra em Ressano Garcia, com o valor global de facturação de 30 milhões de dólares (4,2

milhões de contos), mas o contrato de exploração prevê a expansão a outros pontos do país e o estabelecimento de acordos comerciais pontuais com o governo moçambicano em áreas específicas.

O representante da FNAC acrescentou que a empresa vai conceder uma atenção especial aos sectores vinícola e de artigos de desporto.

Vamos alargar a comerciali-

zação dos vinhos com a abertura de espaços próprios e inaugurar lojas de artigos desportivos, que não existem em Moçambique, disse Alexandre Alves.

A partir de 15 de Outubro começam a chegar a Moçambique técnicos de gestão, comercialização, marketing, aprovisionamento, gerência de lojas e economistas, destinados a assegurar a abertura da nova concessão a 1 de Janeiro de 1988.

Um ano bom para a fruta e os cereais

A produção média por hectare de trigo vai ser este ano superior em 7 por cento à de 1986, indicam as previsões das colheitas de Julho ontem divulgadas pelo INE.

Os dados do Instituto Nacional de Estatística referem que a produção média por hectare de centeio deverá crescer 10 por cento em 1987, relativamente ao ano anterior e que as produções médias por hectare de trigo e centeio, em comparação com o último decénio (1977/86), devem crescer 50 e 10 por cento, respectivamente.

As colheitas de aveia poderão este ano ser da ordem das 155 000 toneladas, enquanto as de centeio se estima que rondem as 88 000 toneladas.

A produção média por hectare de aveia deverá ser superior em 2 por cento, relativamente ao ano passado. Para o centeio, estima o INE que esse crescimento seja de 3 por cento.

As colheitas de batata de sequeiro deverão atingir 274 000 toneladas em 1987, resultado que supera quer a produção média do decénio, em 10 por cento, quer a produção do ano passado,

em 9 por cento.

Quanto à fava estima-se que no final do ano a sua produção represente um acréscimo de 2 por cento, relativamente a 1986.

As previsões referentes aos rendimentos médios das culturas de milho e feijão, em regime de sequeiro, indicam, para este ano, resultados praticamente idênticos aos do ano passado, aumentos de 16 e 10 por cento, respectivamente.

Para o grão-de-bico prevê-se um rendimento inferior ao de 1986, em cerca de 6 por cento, mas superior ao rendimento

médio do último decénio, em 23 por cento.

Quanto à colheita de maçãs deverá crescer, até ao final de 1987, cerca de 2 por cento, a de pêssago 26 por cento e a de ameixa 1 por cento.

Contrariamente, a produção de pêra estima-se que seja inferior em 3 por cento à registada em 1986. A colheita de amêndoa deverá diminuir este ano em 2 por cento.

Em 1987, a produção dos olivais prevê-se que seja menor que no ano passado, em cerca de 9 por cento.

A greve acabou ontem

Proconstrói já pagou salários de Agosto

Os trabalhadores das empresas de construção Proconstrói e Manuel Nunes Tiago, em greve desde dia 14 pelo pagamento de salários em atraso, retomaram ontem o trabalho por decisão de um plenário — soube-se de fonte sindical.

José Dinis, coordenador da Federação dos Sindicatos da Construção, Mármores e Madeiras, assinalou que a greve foi desconvocada depois de a empresa pagar, quarta-feira, 25 contos do salário de Agosto, comprometendo-se a completar hoje os ordenados.

O dirigente sindical sublinhou que o plenário que desconvocou a greve decidiu retomar formas de luta se os salários de Setembro não forem atempadamente pagos.

José Dinis assinalou que a greve dos trabalhadores daquelas duas empresas foi acompanhada de concentrações diárias junto à sede da companhia de seguros Império, que detém a maioria do capital da Proconstrói, que por sua vez possui a quase totalidade do capital da Manuel Nunes Tiago.

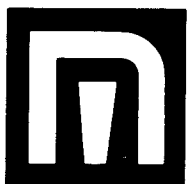
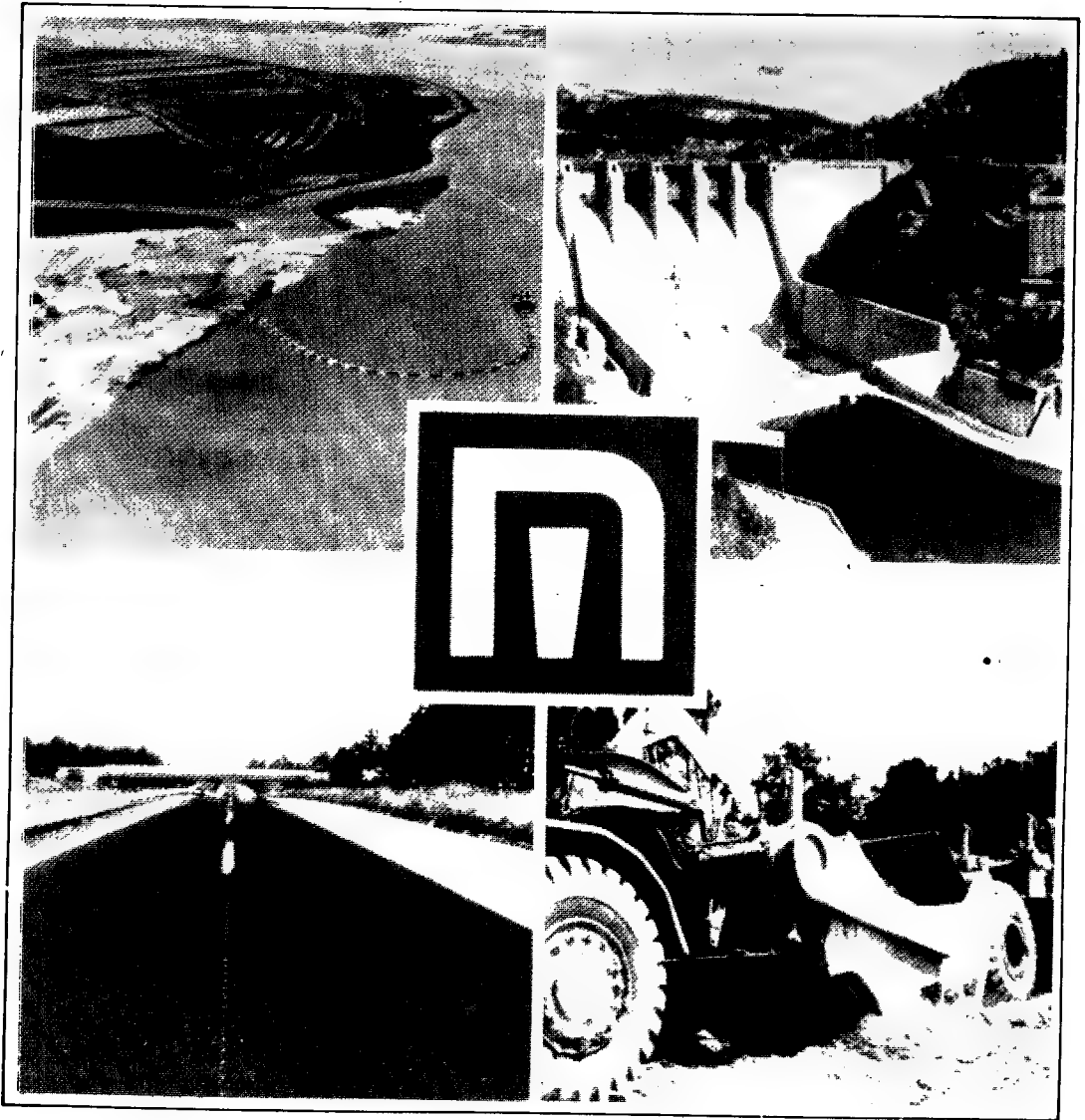
As duas empresas empregam cerca de 800 pessoas.

ARROJO INOVACÃO COMPÉTÊNCIA

Dos anos fizemos experiência e obras. Obras de vulto como a regularização do Baixo Mondego, barragem do Torrão e Via Rápida Aveiro-Vilar Formoso na travessia das serras do Caramulo e da Estrela.

Mas não só em Portugal como também em Angola somos uma mola real no desenvolvimento de um país. Ali, e há mais de 40 anos, através da nossa delegação e actualmente da associada Paviterra, U.E.M., tomámos mão firme, no passado, em obras como o Aeroporto de Luanda, caminho de ferro de Moçamedes, barragens da Quiminha, Calueque e de Lomaun, rede viária de Cabinda e, actualmente, na protecção da praia de Sumbe e nas pavimentações da cidade de Luanda, assim como em outras obras importantes.

Somos uma grande empresa de construção civil. Vale-nos o arrojo, a inovação, a competência, a eficiência, o cumprimento rigoroso dos prazos de execução.



MOTA & COMPANHIA, sa.

AMARANTE

PORTO — LISBOA — LUANDA



Manuela Mourato, das Relações Públicas da Benarus, entrega anel, dantes e certificados a Joaquim Perdigão Poejo, a Maria Perpétua Poejo e a Vitor Napoleão.

1.º diamante numa garrafa de whisky Brutus

Foi com uma natural alegria que o sr. Joaquim Perdigão Poejo e sua esposa D. Maria Perpétua Poejo encontraram o primeiro diamante, entre muitas centenas que se escondem nas cápsulas interiores das garrafas de Whisky Brutus. O seu diamante viu-se rodeado por um anel de ouro, gentilmente oferecido pela Ourivesaria Santo Eloy, da Rua Augusta, Lisboa. O sr. Vitor Napoleão, proprietário da Agrovinhos e revendedor da felizada garrafa, recebeu também um diamante. Trata-se de uma original iniciativa do Whisky Brutus.

Encontrado um diamante na 0000 cápsula interior inviolável de uma garrafa, o comprador da mesma deve contactar as Relações Públicas do Whisky Brutus, na Rua da Emenda, 100 Lisboa, onde será atribuído um número ao seu diamante. O primeiro e todos os múltiplos de 50 terão ainda direito a um anel de ouro para o respectivo diamante. Nestes casos também o revendedor será contemplado com um diamante.

Em todos os casos, os premiados receberão um certificado de consumidores premiados do Very Special Brutus Scotch Whisky, o whisky, é caso para dizê-lo, do diamante.



Loja Idée, da Singer, no Hiper Continente

A Singer inaugurou a sua primeira loja Idée. À direita, no corredor central do Hipermercado Continente, a Idée é um novo conceito de loja onde o público vai encontrar todo um mundo de ideias. Desde máquinas de costura e tricotar a artigos de retrosaria, fantasia, e oferta, passando por bijuteria e novidades.

Situada pertíssimo da loja Singer, a loja Idée completa, com sugestões inovadoras cheias de imaginação, o mundo dos electrodomésticos Singer.



Traffic apresenta colecção Outono-Inverno

Dentro do habitual estilo de alto «design» e cores vivas, foi lançada mais uma colecção TRAFFIC — Outono-Inverno.

A comodidade, os variadíssimos estampados, as riscas, e os deslavados, são a sugestão da etiqueta TRAFFIC, para a época que se avizinha, e em que os mais jovens não poderiam ser esquecidos, tendo sido estudada e confeccionada uma colecção em miniatura. A novidade continua a ser a colecção TRAFFIC para bebé.

Grupo FCB

O presidente da FCB Mundial, Norman Brown, esteve em Lisboa, a fim de trabalhar com os responsáveis das agências portuguesas que fazem parte do seu grupo publicitário e de comunicação, o sétimo maior do Mundo. Com sede em Chicago e 91 escritórios em 40 países, a Foote, Cone e Belding (FCB) ultrapassou no ano passado, pela primeira vez na sua história, a barreira dos dois mil milhões de dólares, tendo facturado o equivalente a 300 milhões de contos.

Norman Brown, que desempenha o cargo máximo neste «network», viajou acompanhado pelo presidente da FCB Europa, Craig Wiggins, e pelo gestor publicitário português António Beja, que desempenha no grupo as funções de presidente para a América Latina, Pacífico e África e do próprio comité internacional. Em Portugal, Paulo de Abreu é vice-presidente da FCB Internacional e coordenador do grupo nacional. Norman Brown teve reuniões com os responsáveis das agências Cies-NCK, FCB Lisboa e Park, as quais fazem do seu grupo, no conjunto, o maior a operar na publicidade portuguesa, com uma facturacão estimada para o ano em curso da ordem dos quatro milhões de contos. Brown recebeu no castelo de S. Jorge os clientes portugueses do grupo FCB.

Varig em Espanha

A VARIG inaugurou uma nova linha para Barcelona. É a segunda cidade servida em Espanha e a 36.ª fora do Brasil. Quatro frequências semanais — quartas, quintas, sextas e sábados, operadas com os Douglas DC-10/30, oferecendo aos seus passageiros, numa configuração bastante confortável, opções de escolha nas classes Premium, Executiva e Económica. De Barcelona para o Brasil os voos partem às quintas, sextas, sábados e domingos.

Hóteis Meridien

A Cadeia Meridien, querendo demonstrar o seu reconhecimento aos clientes habituais e agradecer-lhes a sua fidelidade, convida a usufruir gratuitamente de uma estada pessoal de 2 noites, em qualquer hotel à sua escolha. Para poder gozar de «L'Invitation» Meridien basta ser cliente

individual e ter efectuado 8 estadias de qualquer duração em pelo menos dois diferentes hotéis Meridien.

«L'Invitation» é válida igualmente para o cônjuge e crianças — gratuidade para uma criança de menos de 12 anos dormindo no quarto dos pais: para 2 crianças será acordada uma redução de 50% sobre o preço do quarto. O cartão «L'Invitation» é entregue na recepção de todos os Hóteis Meridien.

Canadien Airlines

A CANADIAN AIRLINES é o resultado da fusão da CANADIAN PACIFIC AIRLINES com a PACIFIC WESTERN AIRLINES. A nova grande companhia aérea canadiana tem ligações regulares para 89 destinos situados em 13 países, em cinco continentes e, simultaneamente, tem em operação um extenso serviço de fretamentos. Recentemente esta importante companhia aérea consolidou a encomenda de 6 B.767-300s e assegurou uma opção para mais 8 unidades deste tipo.

Segundo o presidente da CANADIAN, Rhys T. Eyton, o B.767-300 é o avião que, comparativamente à concorrência, oferece a melhor tecnologia e a maior flexibilidade para competir nos agressivos mercados internacional e doméstico.

Fisipe melhora

O volume de fundos gerados no 1.º semestre, pela Fisipe bem como os resultados antes de impostos (cerca 790 mil contos) permitiram prosseguir a consolidação financeira da empresa. No primeiro caso permitiu a redução das responsabilidades junto do sistema bancário em cerca de 70% em relação ao mesmo período do ano anterior, sendo agora de cerca de 325 mil contos; no segundo caso permitiu que a situação líquida ascenda a cerca de 5 milhões de contos.

No sentido de aproveitar os benefícios fiscais concedidos, a empresa pensa, a curto prazo, constituir um Fundo de Pensões, pelo que tem vindo a adquirir, para este fim, um conjunto de títulos de diversas empresas com solidez. A Fisipe segue, pois, assim, uma política realista e moderna de aplicação da sua liquidez, com vista a uma crescente consolidação a médio e longo prazos, de molde a encerrar o futuro com maior segurança.

Milo pronto a beber é a última novidade Nestlé

Numa época em que a alimentação está na ordem do dia, chamando sobre si as atenções dos nutricionistas e do público, é natural que seja um acontecimento o lançamento de um produto que pela sua fórmula equilibrada e riqueza nutricional responde às solicitações de uma alimentação moderna e exigente.

MILO é um alimento fortificante e vitamínico produzido pela Nestlé. Na sua nova fórmula utiliza cereais, que através de um processo tecnológico idêntico ao observado no organismo humano veem transformadas as suas moléculas de amido em outras mais simples de glucose. Deste modo o produto apresenta uma boa digestibilidade, uma doçura mais natural e saudável com baixo teor de açúcar/sacarose.

Agora, na sua nova versão pronta-a-beber, MILO alia todas as suas qualidades nutricionais de alto valor proteico, mineral e vitamínico, a leite fresco de alta qualidade.

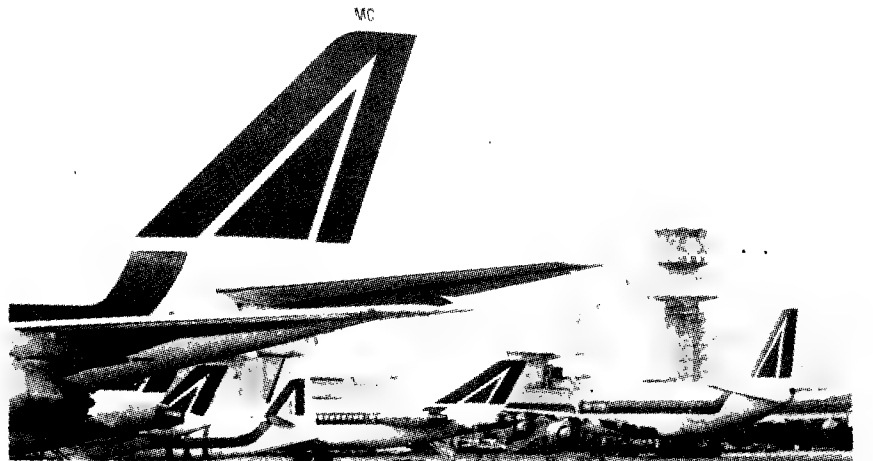
Assim, numa embalagem inédita e muito prática, porque além da tradicional palhinha dispõe de um sistema novo de abertura fácil, MILO pronto-a-beber torna-se ideal para levar para a escola, para o clube



ou passeio, constituindo um reforço sempre à mão e muito agradável.

Pensar alimentação não é novidade para a Nestlé e o novo MILO está aí para o comprovar.

Galileo é novo sistema de reservas e venda de serviços aéreos



GDS (GALILEO Distribution System) é o nome escolhido pela Alitalia, British Airways, K.L.M., Swissair e Covia (Sociedade subsidiária da Companhia norte-americana United Airlines) para o novo sistema europeu de reservas e venda de serviços ligados às viagens aéreas.

GALILEO prevê desenvolver um sistema que represente o melhor no campo de sistemas automáticos de distribuição e venda, fruto da colaboração e do trabalho das empresas tradicionalmente mais activas no campo da informática, na Europa e nos Estados Unidos da América.

O projecto GALILEO está aberto a todas as companhias aéreas que dele desejem fazer parte. Será motivo para recordar que, já há longo tempo, a Alitalia vem colaborando com a British Airways, Swissair e KLM, sobre certos aspectos informáticos e consequente reciprocidade de aquisição

de programas «software» baseados em computadores IBM.

Este novo projecto é a consolidação da comum experiência técnica. GALILEO, portanto, e devido a esta técnica já adquirida, estará presente no mercado italiano já no próximo ano, utilizando em Itália, a rede de distribuição telemática da SIGMA, sociedade constituída pela Alitalia, Caminhos de Ferro italianos, Companhia de Navegação TIRRENIA e a Banca Nazionale del Lavoro.

O projecto desenvolver-se-á por fases, tendo a primeira início em 1988 e logo a seguir, em meados do ano, segunda fase, que irá permitir ligar os «data base» de todos os intervenientes no projecto, incluindo a United Airlines, a qualquer terminal das Agências.

A terceira e última fase estará operativa em fins de 1989, com uma série de serviços completos e muito sofisticados

Banco de Fomento Nacional emite 9 milhões de obrigações

O Banco de Fomento Nacional, como entidade especialmente vocacionada para a concessão de crédito a médio e longo prazo, tem vindo, ao longo da sua existência, a prestar um apoio efectivo e permanente à economia portuguesa, através da concessão de créditos de curto prazo, essencialmente numa base renovável. Para a prossecução de tais objectivos, o BFN procura obter uma gama diversificada de recursos em que se concilie uma desejável adequação da estrutura e permanência dos fundos à vida média das suas operações activas.

Assim, prosseguindo o seu papel de emiteente tradicional e dentro do princípio da diversificação e estabilização dos recursos de que necessita para o financiamento desta sua actividade, o Banco de Fomento Nacional lança no mercado interno nove milhões de contos em obrigações, de valor

nominal de mil escudos. Esta emissão será efectuada em três séries de três milhões de contos, iniciando-se a subscrição da 1.ª série já no próximo dia 28 de Setembro. A vida média deste empréstimo será de oito anos e meio.

Para o 1.º cupão da 1.ª série a taxa de juro nominal é fixada em 15% à qual corresponde, nas condições actuais, a taxa de juro efectiva de 15,6%.

Os juros, por via das condições de amortização, estão isentos de Imposto de Capitais, Imposto Complementar e Imposto sobre Sucessões e Doações.

Nos dois primeiros dias de subscrição serão reservados à aplicação de poupanças até 500 contos. As obrigações serão admitidas à cotação nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto.

O Elvas: 40 anos de vida

O director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa, preside à sessão solene de encerramento das comemorações do 40.º aniversário do Elvas.

Durante a sua estada em Elvas, Mirandela da Costa analisará com os responsáveis municipais e pelos clubes elvenses de, entre outras questões, a construção do pavilhão gimnodesportivo da cidade e as obras de iluminação e melhoramento do Estádio Municipal.

O responsável máximo pela DGD assistirá, ainda, no domingo, ao jogo de futebol entre o Elvas e a Académica, a contar para o Campeonato Nacional da Primeira Divisão.

Hateley vai (hoje) à faca

O internacional inglês Mark Hateley terá de ser submetido hoje a uma intervenção cirúrgica abdominal, informaram os dirigentes do Mónaco.

Hateley, que esta época se transferiu do AC Milão para o Mónaco, queixou-se de dores abdominais após o jogo com o Toulon, que terminou com um empate sem golos.

Recorde-se que Mark Hateley é, de momento, o melhor marcador do campeonato francês.

Lattek prevê queda de Schuster

Bernd Schuster será o próximo a deixar a equipa de futebol do Barcelona, depois do treinador Terry Venables ter sido despedido, afirma Udo Lattek, treinador do Colónia e antigo técnico do Barcelona.

Em declarações ao diário «Express» de Colónia Lattek afirma que a crise do Barcelona não terminou com a saída de Venables, e que após nova derrota, os adeptos catalães vão exigir um novo cabeça de turco. O próximo a cair será Bernd Schuster, e depois será então a vez do presidente Nunez deixar o clube, acrescenta o antigo treinador do Barcelona e do Bayern de Munique.

Lattek adianta que durante as suas recentes e curtas férias na vila que possui perto de Barcelona, não manteve qualquer negociação com os dirigentes da equipa catalã com vista a um possível regresso. «Encontrei-me apenas com o vice-presidente, Joan Gaspart, que apenas me perguntou se deviam despedir Venables, tema sobre o qual, naturalmente, não me pronunciei», afirma Lattek.

Bibliografia desportiva

Avaliação cardíaca de desportistas

Ovídio António Pereira da Costa, clínico estudioso e com excelentes provas dadas no domínio do tratamento cardíaco, acaba de publicar «Avaliação cardíaca de desportistas», o número um da nova colecção «Medicina desportiva», incluída no genérico da antologia de textos da série «Desporto e Sociedade», meritiário trabalho de divulgação do Ministério da Educação e Cultura (através da Direcção-Geral dos Desportos).

Prestando honrosa homenagem ao corpo docente da Faculdade de Medicina do Porto e, em especial, ao professor doutor António Alberto Falcão de Freitas, este volume debruça-se atentamente sobre a síndrome do coração do atleta, a adaptação cardiovascular ao treino físico prolongado, à prova de esforço e ao ecocardiograma no desportista e retira sólidas conclusões com base em experiências colhidas na Consulta de Cardiologia do Centro de Medicina Desportiva do Porto. O produto de um aturado estudo e de muitas horas de exame a um sector importantíssimo da Medicina Desportiva: os parabéns mais sinceros ao dr.

Ovídio António Pereira da Costa e o desejo de que prossiga a sua rota num campo médico sequentemente acrescido de novas etapas para o progresso, que signifique melhor conhecimento e defesa para o atleta.

«O motor fora-de-borda»

Que óleos deverá usar no seu «fora-de-borda»? Francisco A. M. Falcão responde à questão levantada assiduamente por muitos adeptos dos desportos náuticos no nº 59 da «Desporto e Sociedade», da responsabilidade directa da DGD, através das edições coordenadas pelo professor João Boaventura. Uma colectânea de textos à disposição dos motonautas. E não só.

«Élan»

Magnificamente apresentada, rica de conteúdo, brilhante nos textos que oferece em excelente português, a revista «Élan» continua a patentear o óptimo gosto do jornalista Alexandre Pais que, «nascido» nas páginas do «DL», hoje marcha em fila distinta dos profissionais da nossa imprensa. Na mais recente edição da «Élan», assume especial interesse a apresentação do verdadeiro «Ferrari» (vermelho, homenageando Enzo Ferrari), num contexto geral de temas que, dirigindo-se especialmente para o homem, nem por isso deixam de merecer boa espreitadela da mulher. Martinho de Castro, Antunes Ferreira, Carlos Castro, Carlos Gil, Cristina Arvelos, Rui Pinheiro de Almeida, Luís Salgado, Manuel Cintra Ferreira, Pedro Duarte e Rui Oliveira são alguns dos «contribuintes» para mais uma edição da «Élan», já com características verdadeiramente internacionais.



Benfica e Sporting em fase de preparação



Para o grande «derby» de amanhã

CARLOS VALENTE FOI O ESCOLHIDO

Nomeação lógica: O Conselho da Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, naturalmente atento à importância do «derby» Sporting - Benfica marcado para as 21.30 horas de amanhã, resolveu eleger para «coordenação do grande espectáculo, o mais reputado e credenciado árbitro do luso futebol no tempo presente. Carlos Valente, começa a constituir um caso de orgulho da arbitragem portuguesa mereço do acerto, competência, dedicação, experiência e alta bitola técnica que tem vindo a evidenciar muito antes de haver sido escolhido para figurar entre os «vips» do apito presentes no mundial do México. Trata-se de uma decisão inquestionável, do elenco chefiado pelo dirigente Pinto de Sousa, já que Carlos Valente, e os seus eficientes auxiliares, dão segura garantia de que o espectáculo terá um «coordenador» que saberá determinar o correcto cumprimento das 17 leis que regem o jogo.

Dizem-nos que a lotação do Estádio Alvalade se encontra praticamente esgotada, mas no que se refere a eventual transmissão pela RTP não parece que tal se venha a verificar.

Quanto às equipas tudo bem em Alvalade, onde não existem



Carlos Valente e seus colaboradores: a garantia de uma arbitragem correcta e digna

casos preocupantes no Departamento Clínico e reina por lá franco optimismo, com Burkinsha a reconhecer que o Benfica não está a jogar o seu normal e Paulinho Cascavel disposto a evidenciar a «pontaria afinada» estando mesmo disposto a mostrar certas coisas a Gaspar Ramos que em devido tempo não terá sido muito simpático no que respeita à avaliação das reais potencialidades do ex-vimararense.

Pelas bandas da Luz, naturalmente que não reina o pessimismo, mau grado Elzo e Chiquinho se encontrarem praticamente impossibilitados de actuar e Carlos Manuel afirma estar apenas a 60%. Quanto a Diamantino já se

encontra «operacional» e o sueco Magnusson afirma que não receia a implacável marcação de Oceano, porque já aprendeu a forma de lhe escapar. Um duelo aguardado com certa curiosidade, depois do ensaio realizado na passada quarta-feira e n'Estocolmo.

A avaliar por elementos recolhidos junto dos respectivos clubes, tudo indica que a composição das equipas (no minuto inicial) será a seguinte: **SPORTING:** Rui Correia; João Luís, Duílio, Venâncio e Vítor Santos; Cadete, Oceano, Mário e Silvino; Cascavel e Sealy. **BENFICA:** Silvino; Veloso, Edmundo, Mozer e Alvaro; Diamantino, Shéu, Nunes e Carlos Manuel;

Pacheco (ou Magnusson) e Rui Aguas.

«Le Sport» de Paris elogia selecção lusa

O diário desportivo francês «Le Sport» rende homenagem à equipa portuguesa que derrotou a Suécia em jogo de qualificação para o europeu de futebol considerando que a turma das quinas «ridicularizou» os seus adversários.

Com o título: «Jesus não gosta dos gigantes louros», o «Le Sport» escreve que «libertos de todas as pressões, os parceiros de Gomes realizaram um festival, ridicularizando os suecos e fazendo-se mesmo aplaudir pelo público sueco».

O diário desportivo francês considera que a selecção portuguesa foi «superior em todos os domínios de jogo, os homens de Juca podiam, além disso, contar com o surpreendente Jesus na baliza».

O guardaião da formação portuguesa é o mais referenciado em elogios em «cuja façanha em fim de partida desmoralizaram os grandes louros de botas pretas e pés tortos».

Jesus surge assim como a grande figura da formação das quinas juntamente com Gomes e Futre.

Uma organização da Câmara Municipal de Lisboa

Animação desportiva «praia e campo»

— um êxito a exigir continuidade

uma acção sem precedentes, o Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa levou a efeito, durante o Verão, uma actividade de carácter desportivo e social, denominada «Animação Desportiva Praia e Campo», a qual contou com a colaboração das Juntas de Freguesia dos Olivais, Penha de França, Ameixoeira e Lumiar.

A «Praia e Campo» juntou diariamente cerca de 600 crianças, das mais carenciadas da nossa cidade, com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos, as quais puderam desenvolver várias actividades de ca-

rácter físico e ainda apreciar o lazer das férias, proporcionando-lhes a alegria e a felicidade tão necessárias à construção do seu futuro.

As expectativas foram excedidas, tal o elevado número de crianças que se inscreveram em cada Junta de Freguesia, com especial destaque para a dos Olivais, onde se verificou um «boom» extraordinário.

Durante quase dois meses, as praias da Riviera e da Rainha, na Costa de Caparica e as matas circundantes ao Estádio Nacional foram palco de manifestações de entusiasmo e de grande convívio.

Nas visitas ao castelo de S. Jorge, Alfama, Sé, Casa dos Bicos, Museu dos Coches, Torre de Belém, Mosteiro dos Jerónimos, Padrão dos Descobrimentos, Palácio da Pena, a região de Sintra e de Cascais, os jovens descobriram Lisboa e os seus arredores, a riqueza histórica dos lugares e a beleza dos seus recantos, enriquecendo os seus conhecimentos.

O período de 27 de Julho a 11 de Setembro, terá com certeza constituído para todos momentos de sensorialidade e de grato prazer que recordarão ao longo do tempo de escola, sendo por isso um êxito quer no aspecto desportivo

como no social e cultural.

Patrocinar e apoiar esta iniciativa a Rodoviária Nacional, a Feira Popular, a Suinola e a empresa de carnes A. Matos & C.ª, Ld.ª.

A culminar o «Praia e Campo» irá realizar-se no próximo dia 26, sábado, com início pelas 15 horas, na Feira Popular, a Festa de Encerramento, que conta com diversos atractivos, como sejam teatro, canções e ginástica, a desenvolver por crianças das Juntas de Freguesia envolvidas na acção e para a qual a Feira Popular vai pôr à disposição os divertimentos existentes.

CABEÇAS DE SÉRIE VÃO ROLANDO

Tânia Couto, campeã nacional de cadetes e juniores, impediu Susana Marques de conquistar pela quarta vez consecutiva o título nacional de primeiras categorias, vencendo o encontro dos quartos-de-final por 6-4, 4-6 e 6-2.

Susana Marques, irmã do jogador português mais pontuado internacionalmente, Nuno Marques, foi surpreendida pela agressividade da adversária que, na véspera, recuperou

de uma desvantagem de 2-5, na terceira partida, acabando por vencer Inês Valadas por 6-3, 6-7 e 7-5.

A segunda jornada do campeonato feminino teve outra relativa surpresa com o afastamento da segunda «cabeça de série», Sandra Marques, que perdeu com Ana Rita Ascenso por 6-3 e 7-6, apesar de ter salvo quatro «match points».

Sandra Marques esteve lesionada seis meses e faltou-lhe

ritmo de competição necessário para se impor à jovem do CIF que hoje terá como adversária, na meia-final, Patrícia Valadas, vencedora de Sónia Andrade, por 6-4 e 6-4.

Patrícia Valadas é a única «cabeça de série» (quarta) ainda em prova, depois de a infantil Inês Drumond, de apenas 14 anos, ter eliminado, após três horas de jogo, Anabela Casas Novas (terceira), por 6-4, 4-6 e 8-6, e que hoje

defrontará Tânia Couto na primeira meia-final.

Os dólares que eles embolsam

O checoslovaco Miroslav Mecir lidera a classificação da Associação de Tenistas Profissionais, com 775 306 dólares, seguido do sueco Stefan Edberg, com 658 859.

A classificação fornecida pela ATP é a seguinte: 1.º Miroslav Mecir, (Che) 775 306 dólares; 2.º Stefan Edberg,

(Sué) 658 859; 3.º Ivan Lendl, (Che) 570 325; 4.º Mats Wilander, (Sué) 513 276; 5.º Pat Cash, (Aus) 339 154; 6.º John McEnroe, (EUA) 334 100; 7.º Boris Becker, (RFA) 322 003; 8.º Emilio Sanchez, (Esp) 280 934; 9.º Andres Gomez, (Equ) 278 523 e 10.º Yannick Noah, (Fra) 264 893.

Torneio de Hamburgo

A alemã-federal Steffi Graf

esteve mais tempo a observar a chuva, que interrompeu a realização dos oitavos-de-final do torneio de ténis de Hamburgo, do que a defrontar a argentina Bettina Fulco.

Graf, número um mundial, venceu Fulco (57) no primeiro «set» por 6-2 e na segunda partida venceu por 1-0, quando a chuva obrigou a interrupção do encontro, que hoje prosseguirá.

Microscópio

Automobilismo: Três «resistentes» na Costa do Marfim

O sueco Kenneth Eriksson, em Volkswagen Golf GTI, lidera o Rali da Costa do Marfim, após a conclusão da segunda etapa e quando restam apenas três carros em prova.

Eriksson lidera com 30 minutos de vantagem sobre o queniano Shekhar Mehta, em Nissan, seguindo-se o alemão-federal Erwin Weber, também em Volkswagen.

Weber, que teve graves problemas mecânicos, beneficiou de várias desistências, entre as quais a de Alain Ambrosino (Nissan), piloto e «herói» local, quatro vezes campeão na Costa do Marfim.

A partida para os 3867 quilómetros do rali apresentaram-se 43 carros, mas as chuvas intensas dos últimos dias motivaram que apenas 16 viaturas chegassem a metade do percurso.

A Toyota, equipa favorita à vitória deste ano, abandonou o rali em consequência de um acidente aéreo, em que morreram quatro pessoas, entre as quais o responsável da equipa, o britânico Harry Liddon.

A Volkswagen participa pela primeira vez no Rali da Costa do Marfim, o qual também, pela primeira vez, é pontuável para o Campeonato do Mundo.

Classificação: 1.º Kenneth Eriksson, 36,28 minutos em penalizações; 2.º Shekhar Mehta, 1.06.59 horas e 3.º Erwin Weber, 1.27.52.

Xadrez: Portugal em 5.º na CEE

A equipa portuguesa de xadrez venceu a Grã-Bretanha por 3-1, em encontro da Taça da Comunidade Económica Europeia, que decorre até amanhã em Teramo, Itália.

Portugal (António Antunes, Luís Santos, Rui Dâmaso e João Sequeira) ocupa a 5.ª posição, com 8,5 pontos.

Classificação: 1.º Espanha, 11,5 pontos; 2.º Dinamarca, Itália e Holanda, 10; 3.º PORTUGAL, 8,5; 6.º Grã-Bretanha, 6,5; 7.º Irlanda, 6 e 8.º Luxemburgo, 1,5.

Semana internacional de rãguebi de Lisboa

Por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, através do seu pelouro do desporto, vai realizar-se anualmente, integrada nas Festas da Cidade, a «semana internacional de rãguebi de Lisboa», organizada em conjunto com a Federação Portuguesa de Rãguebi.

A apresentação desta iniciativa, bem como a assinatura de um protocolo de cooperação entre a CML e a FPR, terá lugar hoje pelas 20.30 horas no restaurante Galeto.

Na ocasião será ainda divulgada a 1.ª edição desta iniciativa, que se realizará de 30 de Maio a 6 de Junho de 1988 e na qual participarão equipas nacionais e estrangeiras das categorias de seniores e veteranos, que disputarão a Taça Marialva. Será atribuída igualmente a Taça Internacional 'Sevens' de Lisboa entre equipas de sete eo Troféu Alfacinha, destinado a jogadores juniores.

EM PORTUGAL

	1.º h	Min.	Pre.	As 13h.
Bragança	14	-14	0,0	Chuva
V. Castelo	21	19	0,0	M. nub.
Vila Real	16	16	0,0	Chuva
Porto	20	19	0,0	M. nub.
C. Carvoeiro ..	20	19	0,0	M. nub.
C. Branco	18	17	0,0	Chuva
Portalegre	16	16	0,0	Trovoad.
Lisboa	20	20	0,0	M. nub.
Evora	19	18	0,0	Tr. Sar.
Beja	20	19	0,0	Trovoad.
Faro	23	22	0,0	Encoib.
Sagres	22	21	0,0	Trovoad.
P. Delgada	18	18	0,0	M. nub.
Funchal	22	22	0,0	M. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 24, Porto 22, Faro 25, Ponta Delgada 23, Funchal 27.

NA EUROPA

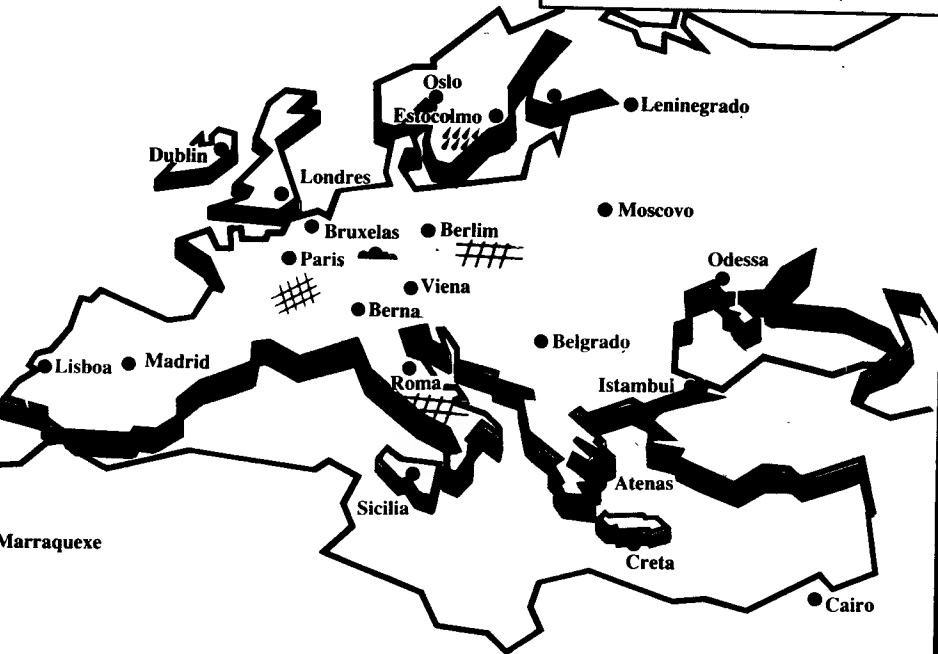
	1.º h	Min.	As 13h.
Madrid	18	18	Chuvisco
Londres	11	10	M. nub.
Paris	11	11	P. nub.
Bruxelas	12	12	Encoiberto
Amsterdão	13	12	M. nub.
Genebra	13	12	M. nub.
Roma	21	20	Nebolina
Oslo	12	11	M. nub.
Copenhaga	10	9	Nebolina
Estocolmo	8	7	Nevoeiro
Berlim	13	13	Chuva
Viena	17	16	Aguaceiros
Varsovia	-	-	-
Atenas	19	18	P. nub.
Moscovo	-	-	-

NOMUNDO

	Min.	Max.	As 13h.
Caracas	20	29	Nublado
Joanesburgo ..	13	21	Chuva
Los Angeles ..	18	34	Nublado
Montreal	10	18	Nublado
Nova Deli	27	36	Limpo
Nova Iorque ..	16	24	Nublado
R. de Janeiro ..	15	26	Nublado
S. Francisco ..	12	21	Nublado
São Paulo	13	21	Nublado
Tóquio	20	25	Nublado

	Min.	Max.	As 13h.
Caracas	20	29	Nublado
Joanesburgo ..	13	21	Chuva
Los Angeles ..	18	34	Nublado
Montreal	10	18	Nublado
Nova Deli	27	36	Limpo
Nova Iorque ..	16	24	Nublado
R. de Janeiro ..	15	26	Nublado
S. Francisco ..	12	21	Nublado
São Paulo	13	21	Nublado
Tóquio	20	25	Nublado

Temperatura em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte e Centro: Céu muito nublado. Vento fraco tornando-se moderado de sul. Períodos de chuva a partir da tarde.

Regiões do Sul: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco em todo o território. Neblinas e nevoeiros matinais.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de um a dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação sudoeste inferior a um metro.

AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto. Vento moderado de sul por vezes com rajadas fortes. Períodos de chuva.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de sudoeste rondando para oes-

te. Aguaceiros. Pequena descida da temperatura.

Nos Açores:

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado a muito fresco de oeste. Períodos de chuva.

Estado do mar: Mar cavado. Ondulação oeste de três a quatro metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de sudoeste. Aguaceiros fracos.

Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros na costa Norte e ondulação sudoeste de um metro na costa Sul.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
5.07 4,0 m	10.43 0,9 m
17.21 4,0 m	23.01 0,9 m

Amanhã

Praia-Mar	Baixa-Mar
5.37 4,0 m	10.17 1,0 m
17.53 3,9 m	23.35 1,1 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



«Pelicano»: um trabalho surpreendente de um grupo sueco

«Foral»: os problemas de uma cidade

A FESTA DOS AMADORES

Carlos Porto

A sobreposição dos Encontros ACARTE 87 e do I Festival Internacional do Teatro de Amadores impediu-me de seguir este acontecimento com a atenção que merecia e que eu desejaria.

O Festival dos Amadores, iniciativa da Associação Portuguesa do Teatro de Amadores (APTA) com o apoio da respectiva Associação Internacional decorreu nas duas salas do Teatro Nacional, além de se ter prolongado como festa do teatro por algumas ruas da Baixa.

Foram oito os grupos presentes que apresentaram um total de onze sessões: quatro grupos portugueses, um sueco, um dinamarquês, um holandês (de dança-teatro), um mexicano.

Autores clássicos, Shakespeare e Molière; clássicos modernos, caso de Strindberg e do português J. Costa Cascais, se é que essa designação está correcta em

relação a este; um espectáculo para crianças, o dinamarquês; um autor português vivo (F. Paulouro Neves); uma criação contemporânea, o espectáculo mexicano; um espectáculo de dança-teatro — eis os caminhos percorridos por este festival no que se refere a opções dramáticas e outras.

Destes espectáculos só conhecia o do grupo Fatias de Cá, de Tomar, adaptação de Carlos Carvalheiro do «Hamlet» («DL»/31/8/87); visto em Lisboa, o espectáculo não poderia deixar de ser outro, conservando porventura as virtudes e as carências que o marcavam e sobretudo lembrando o irrepetível espaço do Convento de Tomar. Limitei-me a rever as cenas finais, pretexto para observar como teria o encenador resolvido o problema do espaço. Resolveu-o, penso, da melhor maneira, abrindo todo o palco e mantendo a cortina vermelha, símbolo do Poder e da Morte. Aliás, o espectáculo obteve algum êxito junto do público, em especial junto de especialistas.

Do pouco que vi no Festival Internacional de Amadores foi o espectáculo do grupo sueco Stockholm Teaterverkstad.

com a peça de Strindberg «O Pelicano», suponho que nunca apresentada em Portugal, que mais me surpreendeu. Posso dizer que se trata de um Strindberg não só tão profissional como outro qualquer, como de uma leitura inventiva, rigorosa e extremamente forte de um texto que contém algumas armadilhas em que qualquer grupo profissional poderia cair.

«O Pelicano» é talvez a peça em que Strindberg levou mais longe a sua misoginia e de tal maneira que o drama acabou por se transformar num melodrama que seria possivelmente insuportável se não fosse lido sobretudo a partir do seu subtexto.

História de uma mulher que se vai revelando um monstro de maldade, «O Pelicano» pede, à primeira vista, uma leitura naturalista que, no entanto, resultaria no reforço do que há nas personagens e nas situações de inverosímil. O grupo sueco optou por uma encenação expressionista, ou próxima do expressionismo, dando a cada personagem sinais de bizarria (através dos penteados, da caracterização, dos fatos), o que impedia qualquer espécie de identificação permitindo uma leitura não da ficção melodramática mas das linhas de tensão que atravessam as perso-

nagens. Também o cenário, muito simples e funcional mas de acordo com o modelo de encenação escolhido, a luz, a marcação, iam no sentido da recusa das propostas naturalistas da obra, inclusive, até pela criação de três personagens — as Parcas — que sublinhavam a presença constante da Morte.

Nem sempre os sinais apresentados eram de fácil leitura para quem não conhecesse a peça (caso da cena final em que a protagonista ficava de braços abertos, sobre um banco, encostada à parede, imagem pouco evidente do seu suicídio), mas apesar disso o espectáculo era um modelo de clareza, numa demonstração da possibilidade do entendimento das principais linhas de um texto mesmo quando se desconhece a língua, o que não deixou de ser oportuno nas vésperas de um Encontro em que tanto se discutiu a necessidade de eliminar o texto para internacionalizar o teatro.

Sem a dramaturgia, a encenação, com as suas várias componentes, revelaram as excepcionais qualidades deste grupo de amadores, essas capacidades surgiram sublinhadas pelo admirável trabalho dos intérpretes, na sua maioria jovens, no que se refere ao entendimento das per-

sonagens e dos conflitos e da sua expressão, o que está longe de ser fácil mesmo para profissionais.

Este espectáculo sueco bastaria para justificar o I Festival Internacional do Teatro de Amadores.

Folclore mexicano

Um outro grupo que pude ver foi o mexicano La Cueva que trouxe a Lisboa um espectáculo intitulado «Los Mitotes», de Francisco Peredo.

Tanto quanto me pareceu, o espectáculo tem por base lendas dos povos índios (aztecas e tepizcoloyanos, segundo o programa) trabalhadas de acordo com realidades actuais, incluindo realidades políticas. O grupo utiliza em «Los Mitotes» (farsas populares) processos folclóricos (fatos, máscaras, adereços, música, dança), aliás praticamente inevitáveis, também eles reelaborados, como o material mítico utilizado, nem sempre no melhor sentido.

Espectáculo que me pareceu muito repetitivo, prolongando-se excessivamente, acabou por se revelar de um convencionalismo e duma falta de imaginação que não podiam deixar de prejudicar a adesão do público, apesar do colorido dos fatos e da graça da música.

Espectáculo vistoso, é certo, acabou no entanto por se gastar em modelos repetitivos e de duvidosa autenticidade.

Os portugueses

Além do Fatias de Cá, com «Hamlet», estiveram no Teatro Nacional os seguintes grupos portugueses: Grupo do Clube TAP AIR PORTUGAL, de Lisboa, com «O Médico à Força», de Molière, encenação de João Mota; Grupo dos Bombeiros Voluntários de Cascais, com «O Mineiro de Cascais», de J. Costa Cascais, encenação de Rui de Matos. No entanto, o único que pude ver foi o Grupo de Intervenção Cultural da Covilhã (GICC) com a peça «O Foral — tantos relatos tantas perguntas», de F. Paulouro Neves, com cenografia e figurinos de Mário Alberto e encenação de José Martins, ex-actor e ex-encenador do Grupo de Campolide de que foi um dos fundadores.

Num praticável vazio um elemento em fundo evocava, com muita precisão, um tear, princi-

pal sinal das motivações dramáticas do texto de F. Paulouro Neves; na sua simplicidade e funcionalidade, o cenário e os figurinos de Mário Alberto constituíam um trabalho de qualidade. O mesmo podemos dizer da encenação de José Martins também ela procurando o depuramento, o rigor, sem deixar de sinalizar as situações e os conflitos, encenação, aliás, marcada por nítidas e inevitáveis influências de Joaquim Benite (em especial no que se referia ao tratamento coral das figuras). O trabalho de José Martins tornou plausível e deu energia dramática, utilizando embora processos estéticos dos anos 50 («A Gota de Mel»), a um texto narrativo que passa por zonas de grande debilidade, entre a história da cidade da Covilhã, que se conta com a evocação de grandes figuras por vezes esquecidas, apelos em relação a erros cometidos sob o ponto de vista urbanístico e outros, entre a história da cidade, e os problemas sociais e humanos que se recordam, em especial os que têm a ver com a crise dos têxteis, o que justificou a presença de Ferreira de Castro.

Apesar dessas carências (o trabalho do dramaturgo impõe uma persistência a que os nossos escritores de teatro raramente podem dar-se) o espectáculo da Covilhã é um espectáculo limpo, forte, claro e agradável. E-o também em razão do bom trabalho dos intérpretes, um grupo coeso, interpretando com energia e musicalidade textos, poemas, canções.

Um bom grupo está da Covilhã que talvez possa ir mais longe no que se refere à escolha de texto. Isto, no entanto, sem deixar de sublinhar a utilidade de textos como estes, a sua indispensabilidade mesmo, na medida em que tratam de problemas locais através de meios simples capazes de atingir os objectivos visados.

O Pelicano, de Strindberg, pelo Stockholm Teaterverkstad. Sala Gil Vicente, 9/9/1987.

Los Mitotes, pelo grupo mexicano La Cueva. Texto/Encenação: Francisco Peredo. Sala Garret, 12/9/1987.

O Foral, de F. Paulouro Neves, pelo GICC da Covilhã. Encenação: José Martins. Cenografia/Figurinos: Mário Alberto. Sala Gil Vicente, 12/9/1987.

I Festival Internacional do Teatro de Amadores/Teatro Nacional D. Maria II.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º JUÍZO ANÚNCIO

PROC.: 1083/87 2.ª Secção

FAZ-SE SABER QUE por este Juízo e Secção, correm seus termos uns autos de Acção de Despejo n.º 1.083/87 que Joaquim Filipe de Moura e mulher Elvira Teresa Filipe de Moura movem contra José Ramos Tavares dos Santos e mulher Maria Tavares dos Santos, residentes em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Dr. Rafael Duque, n.º 21-5.º — Frente a tentativa de conciliação a que se refere o art.º 972.º do Cod. de Proc. Civil.

Ficam citados os réus acerca referidos de que se não comparecerem à tentativa de conciliação, nem se fizerem representar por procurador com poderes especiais, contestarem querendo, no prazo de DEZ DIAS, finda a dilação de trinta dias, contados a partir da data, cujo prazo termina a seis de Janeiro de 1988 a Acção referida, pelos fundamentos constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra arquivado na Secretaria deste Juízo, deduzir querendo em reconvenção, o pedido de benfeitorias e indemnização a que se julgar em direito.

Para constar se lavrou o presente edital e mais dois de igual teor que vão ser legalmente fixados.

Lisboa, 30 de Julho de 1987.

O Juiz de Direito
António Martins Lopes

O Escr. Adjunto
António Dias

«D.L.» — 25/9/87 — 1.ª Pub.
«D.L.» — 26/9/87 — 1.ª Pub.

«DL» — 25/9/87 — 1.ª Pub.

ANÚNCIO

Proc. N.º 3208
2.ª 1.ª Secção
1.ª Juízo

O Doutor Mário Manuel Baptista Fernandes, Meritíssimo Juiz de Direito do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Santo Tirso faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca, e primeira secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do executado RAMIRO LEÃO & COMPANHIA, LDA, com sede na Rua Garrett n.º 83, Lisboa, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por AREAL & TORRES, LDA, com sede em Ervosa, Trofa, Santo Tirso, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Santo Tirso, 24 de Junho de 1987

O Juiz

a) Mário Manuel Baptista Fernandes

O Adjunto

a) Albino Augusto Oliveira Rodrigues

«DL» 25/9/87 — 2.ª Pub.

«APARTE — AGENTES DE PESQUISA NA ÁREA DA ARTE»

CERTIFICO, narrativamente para efeitos de publicação que por escritura de 16.7.87, lavrada de fls. 69 v.º, a fls. 71 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 238-D, do 15.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada em Direito Amélia Josefina de Queirós Lopes, foi constituída uma associação com fins não lucrativos, com a denominação em epígrafe, tem a sua sede e instalações sociais na Estrada de Benfica, número quatrocentos e oitenta e dois e tem por objecto a pesquisa, produção, desenvolvimento de objectivos artísticos, nomeadamente no campo da dança, música, teatro e literatura, sem quaisquer fins lucrativos, para cumprir convenientemente o seu objecto a «APARTE» criará áreas de investigação, ensino, aperfeiçoamento, divulgação e produção na área artística.

Está conforme ao original. Lisboa, vinte e dois de Julho de Mil Novecentos e Oitenta e Sete.

O Ajudante,
Maria Celeste Soares Pais Bastião

«DL» 25/9/87

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 3.º Juízo ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, com o n.º 1515/A, tramitam uns autos de atribuição do direito ao arrendamento da casa de morada de família, que **Nefemia Aguiar da Costa**, divorciada, doméstica, residente na Rua Maria Archer, Lote 363-1.ª Esq.º Brandoa, Amadora, requereu contra **JOSÉ CELESTINO ANDRADE**, divorciado, ausente em parte incerta, com última residência conhecida em 68, Livingstone Avenue, 3 Geston Court, Harare, Zimbabwe, sendo o requerido CITADO para, querendo, no prazo de OITO (8) dias, decorridos da publicação deste anúncio, deduzir oposição ao pedido de atribuição do direito à habitação da casa de morada de família conforme petição da requerente, cujo duplicado se encontra nesta secretaria, à disposição do citando, sob pena de, o não fazer, ser julgado procedente aquele pedido. Lisboa, 8/7/87/05

O JUIZ DE DIREITO
José Gil de Jesus Roque
A Escrivã-adjunta,
Mara Augusta Rodrigues Medeiros

«DL» 25/9/87 — 1.ª Pub

Joanna — estreia no Coliseu

NÃO HÁ MAL SEM SENÃO

Rui Eduardo Paes

Foi em verdadeira apoteose que a estreia de Joanna em Lisboa terminou, na noite de ontem, com o entusiasmo incondicional do público presente, esgotando por inteiro o Coliseu dos Recreios. A cantora brasileira, que foi premiada com um disco de platina devido às vendas do seu último registo entre nós, esteve assim a par do sucesso merecido pelos grandes da música popular brasileira que já estiveram presentes naquele palco. Esta a verdade dos factos. A opinião deste escriba que se subscrive, finalizado o concerto, não ficou tão rendida ao indubitável poder de palco dessa mulher de longos cabelos rendados e pernas esguias. Essa mulher que, apesar de conhecida como uma cantora «romântica», tem outras facetas «esquecidas». E no conjunto, nem tudo nos parece suficiente para um agrado prazenteiro.

Na realidade, o pior lado de Joanna, representado pela primeira meia hora do espectáculo de ontem, é precisamente aquele que tem sido qualificado como «romântico». Nunca me pareceu que a Joanna romântica igualasse por inteiro outras virtudes de cantores brasileiros que se dedicam ao estilo, e aquele pedaço de canções confirmou-me uma vez mais o juízo.

Mas entendo porque terá a artista conquistado tantos ouvintes indefectíveis: é que lá é, sem sombra de dúvida, quase que a única cantora romântica brasileira moderna, alternativa de gosto ao que já está por de mais batido em terras do Brasil e nas que

se interessam pelos seus sons. Fora isso, a característica «cafonice» das «românticas» está inevitavelmente marcada nessa parte do seu trabalho, correspondendo-lhe tanto a pobreza musical como a fraqueza de muitas das letras.

É infelizmente este o lado mais publicitado de Joanna, prejudicando-lhe até os indiscutíveis dotes vocais que possui — uma canção repete a anterior e a sua voz vai-se tornando monocórdica. Contribuindo para ampliar tais efeitos negativos tem estado a Rádio portuguesa, que passa incessantemente, com óbvios motivos de promoção comercial que não de divulgação e dignificação musical, algu-

mas das canções que no repertório de Joanna menos interessam.

Mas como já dei a entender, esta faceta não consegue prejudicar as demais felicidades da cantora, que de modo algum é exclusivamente uma intérprete «romântica», no sentido convencional do termo. Quando ontem já perdia as esperanças e duvidava da sensatez da sucessão dos temas, eis que Joanna me salva a noite do mais completo desagrado. E da maneira mais inesperada: por meio de um fado tornado famoso pela Maria da Fé, a quem a cantora confessou admirar.

Sabe-se, é claro, que as referências cantadas à música portuguesa não passam, na maior parte dos casos, incluindo alguns por parte dos grandes que tivemos no Coliseu, de meras operações de charme, piscadelas de olho ao patriotismo do coração (não conheço outro). Mas desta feita, sejamos justos, resultou mesmo. Foi um dos mais belos momentos de todo o concerto e, para mim, que não estava sintonizado com a generalidade dos embebecimentos, um suspiro de alívio. Creiam: não é fácil falar mal de um profissional da música.

A clara subida qualitativa do espectáculo foi mantida com desenvoltura, sendo de sinalizar a belíssima composição que Milton Nascimento fez para Joanna e esta cantou

para os portugueses. O serão estava ganho: sucederam-se amostragens de boa música ligeira, com características formais definidas pelo comercialismo, decerto, mas com irrecusável qualidade.

Canções «românticas»? Já não. Mas qual é, de facto, a mais verdadeira Joanna? Que tendências reveladas terão futuramente uma predominância? Sob este ponto, confesso, tenho bastantes dúvidas: a cantora brasileira vem empacotando cada vez mais os seus produtos musicais. É tudo demasiado caixa-e-fiti-nha, e lá dentro cada bombom sabe a pouco. O bonito pelo bonito fragiliza qualquer qualidade em potência. E daí que a segunda meia hora do concerto da noite passada tivesse sido de uma frescura bem-vinda, a destoar do resto. Não há mal sem senão.

Para finalizar, não devo deixar passar em claro a baixa média de idades dos espectadores que se apresentaram à estreia de Joanna em Portugal. Tendo como termo de comparação o concerto dado recentemente por Rui Veloso, naquele mesmo local, parece ficar assim mais uma vez provado que o rock, e os seus derivados e sequências, já não monopoliza os ouvidos da juventude. E se calhar é mesmo por isso que o próprio Rui Veloso se tem virado para a música ligeira.

Dia Mundial da Música comemorado em Elvas

O Dia Mundial da Música será comemorado a 1 de Outubro na cidade de Elvas - foi anunciado em Lisboa pela comissão permanente da iniciativa.

Numa mensagem, a Secretaria de Estado da Cultura considera que «mais do que uma comemoração simbólica» a iniciativa pretende assinalar o ressurgimento de «uma consciência nova para o fenómeno da música no plano regional e nacional».

As comemorações têm início com um concerto pela Banda dos Bombeiros de Elvas. São organizadas pelo Conselho Português da Música e contam com o apoio do Instituto Português do Património Cultural, Direcção-Geral da Acção Cultural, INATEL, Direcção-Geral do Turismo e

Câmara Municipal de Elvas.

O Coral Publica Hortensia de Castro, a Banda Municipal de Badajoz, a Companhia Nacional de Bailado e a Orquestra Gulbenkian integram o programa de exposições públicas.

A vereadora Maria José Rijo, responsável pelo pelouro da Cultura no município, sublinhou em conferência de Imprensa o interesse da cidade em sediar estas comemorações.

Serão inauguradas das exposições, «Iconografia musical «pe-ra» e «património musical de Elvas - Uma riqueza a descobrir». Ambas estarão patentes no Museu Municipal da cidade de Castelo Branco e no próximo ano as solenidades vão decorrer em Faro.

Salão Nacional de Fotografia

Cerca de 200 fotografias de 30 fotógrafos portugueses, amadores e profissionais, estão patentes ao público na Biblioteca Municipal de Elvas, no âmbito do nono salão nacional de fotografia inaugurado há dias.

João Pires, de Elvas, com a fotografia a cores «Recanto», foi o vencedor no tema «Elvas e o seu Concelho», tema para o qual, na modalidade de preto e branco, o júri decidiu não atribuir o primeiro prémio.

Aníbal Sequeira, de Monte da Caparica, com a fotografia

«Sirva-se Lugar Vago» ganhou o primeiro prémio no tema livre em fotografia a preto e branco e Claro de Oliveira, de Valadares, com o trabalho «Depois de Velhas» obteve o primeiro prémio no tema livre fotografia a cores.

O nono salão nacional de fotografia, organizado pelo município de Elvas decorre até 27 de Setembro, integrado nas festas em honra do Senhor Jesus da Piedade e na Feira de São Mateus.

A cerimónia inaugural contou com a presença do presidente da Câmara de Elvas, João Carpinheiro e outras entidades locais.

Lendas, canções e danças em «Luz e Som»

Os acontecimentos históricos que se desenrolaram no antigo Paço Real de Sintra e a recordação de figuras e monumentos que ali tiveram lugar, são evocados todas as sextas, sábados e domingos, a partir das 21.30, até 5 de Outubro, no espectáculo de «Luz e Som», promovido pela Câmara Municipal de Sintra, no palácio da vila.

D. Afonso Henriques, D. Diniz, Infanta D. Maria, D. João I, D. Manuel I e D. Sebastião são alguns dos personagens que se ouvem no espectáculo, onde ecoam também as vozes dum mensageiro de D. Sebastião, de uma salaia, de uma dama da corte, ou ainda de Gil Vicente e de Garcia de Resende.

«Alguma Lenda, Alguma História» apresenta textos e poemas de Eugénio de Andrade, Camões, Garcia de Resende e de Fernando Pessoa que, à «Prece», vem juntar-se este não, uma lenda, a da «Fonte que Jorra Leite», e que se reporta às festas do casamento do príncipe D. Afonso com a princesa D. Isabel.

Eunice Muñoz, Luís Lucas, Rui de Carvalho, Jacinto Ramos, Vítor de Sousa, Maria Germana Tânger são alguns dos actores que dão voz a estes espectáculos.

Três danças, uma medieval, outra renascentista e uma popular, interpretadas por bailarinos do Dança Grupo constituem mais um aliciente para esta iniciativa da câmara municipal.



Informação

INFORMAÇÃO COMERCIAL MUDANÇA DA HORA LEGAL HORÁRIOS DOS COMBOIOS

Em virtude da mudança da hora legal, no próximo Domingo, dia 27 de Setembro, previne-se o Público de que deverá consultar, as nossas Estações ou as Secções de Informações ao Público sobre as possíveis alterações às circulações que são abrangidas pela transição horária.



Caminhos de Ferro
Portugueses

A memória da nação em colóquio

Cerca de vinte investigadores nacionais e estrangeiros vão participar de 7 a 9 de Outubro na Gulbenkian num colóquio denominado «A Memória da Nação», organizado pelo Gabinete de Estudos de Simbologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.

Os trabalhos do colóquio decorrerão em quatro distintas secções: «Mitos de Origens», «Ritos de Consagração», «Práticas de Identidade» e «O Sentimento da Nação».

«Pensar a memória como resultado de registos em que se cruzam mitos, ritos, práticas e sentimentos» e «atender a nação como complexo em transformação no espaço e no tempo» são os vectores da análise a que o colóquio irá proceder.

«Fixar a memória da nação — afirmam ou organizadores — supõe uma selecção de pontos de vista variados, que proporcionem simultaneamente reconhecimento imediato e emocional, conhecimento distanciado e con-

ceptual. Esta disciplina de análise vai assim afastar-se das apropriações políticas e ideológicas do passado, sem deixar de as considerar como fontes de estudo.»

Os participantes estrangeiros no colóquio são Claude Gilbert Dubois, da Universidade de Bordéus, Ralph Giesey, da Universidade de Iowa, Jacques Revel, da Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales e Ricardo Garcia Carcel, da Universidade Autónoma de Barcelona.

Do grupo de investigadores portugueses fazem parte Luís Krus, Ana Isabel Buescu, Luís Filipe Thomaz, José Mattoso, João Marques, Diogo Ramada Curto, Leonor Carvalho Buescu, Rita Costa Gomes, Madalena Braz Teixeira, Pere Ferre, Armando Luís Carvalho, José Esteves Pereira, Nuno Severiano Teixeira, Francisco Bethencourt, Bernardo Vasconcelos, Jorge Crespo e Eurico Figueiredo.

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 6 de Outubro de 1987, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de um snack-bar na estação de Carregado.

A anuidade mínima a oferecer é de 100 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 17 000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Carregado

Agência Comercial de Lisboa-Oriental LISBOA (Santa Apolónia)

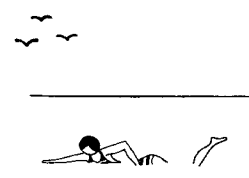
Direcção Comercial — Divisão Comercial Rua do Conde de Redondo, 145 LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial — Divisão Comercial dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a adaptação e subsequente exploração de um snack-bar na estação de Carregado.»



Caminhos de Ferro Portugueses



SE
nada pouco
ou tem câibras
não se afaste da praia

Circo

OS CAMINHANTES DO ESPAÇO

João de Melo Alvim

SABIA o leitor que, embora perdida a origem na noite dos séculos, é da Grécia que se recolhem os primeiros dados históricos sobre os equilibristas em corda, mas é na Itália, Espanha e Portugal que se referenciam verdadeiros berços desta função artística circense?

Pois é verdade, assim como verdade é a ausência entre nós de documentação conpilada — pelo menos desconheço essa existência —, que permitisse traçar o percurso histórico, do

tentarei, neste breve apontamento, distinguir as variedades possíveis dentro da função, e ainda fixar alguns nomes importantes, na prática actual da arte.

Começaria, então, por chamar a atenção para quatro representações diferentes, viradas especialidade, onde se podem ver estes «caminhantes do espaço». Dis-

tinguiria assim os «aramistas em corda bamba», «aramistas em arame tirante, ou média altura», «aramistas a grande altura» e «funâmbulos».

Em relação às duas primeiras especialidades, encontramos pontos comuns na actuação, que geralmente é feita a solo: o aparato é sensivelmente igual e composto por um cabo de aço, de pequena secção, comprimento variável — nunca ultrapassando, porém, o diâmetro de pista —, e ligado a dois apoios de metal, que assentam na pista e são encimados por duas pequenas pranchas horizontais, para descanso do artista: a distância do

cabo à pista ronda sempre os dois metros, sendo ainda a sequência dos números relativamente igual, passando pelos equilíbrios simples, e com aparatos, saltos — utilizando adereços de representação tipo cordas, arcos, barreiras, etc —, articulação equilibrismo/malabarismo e ainda saltos mortais.

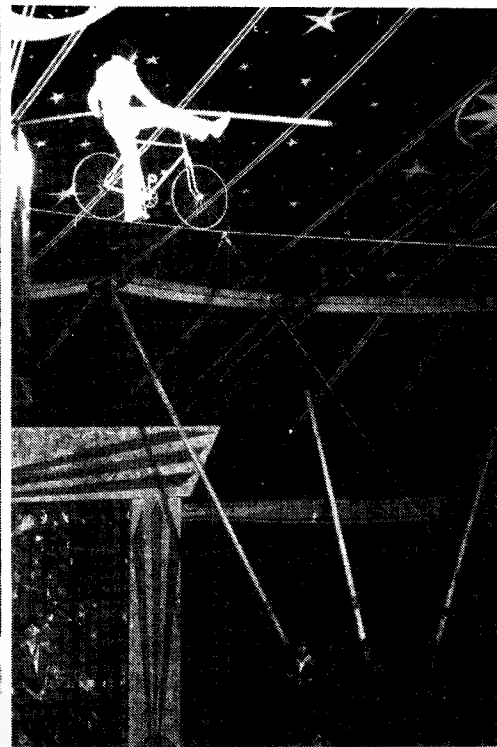
A única diferença entre estas duas especialidades, estará apenas na tensão a que está sujeito o cabo: na «corda bamba» fica fazendo flecha, e no «tirante» fica esticado.

Em relação aos «aramistas a grande altura» e «funâmbulos», a primeira grande diferença com as variedades anteriores, está na altura a que anda o cabo, e ainda o seu comprimento. Assim, no primeiro caso ele rondará os sete, oito metros de altura, pelos nove, dez de comprimento, e no segundo caso, não há limites... podendo ser utilizadas torres gigantes de metal colocadas nos topos dos largos, ou os próprios edifícios que circulam praças. A actuação, geralmente, compete a uma trupe, e há um aparato essencial que é a «varona» — vara de aço, de grande comprimento, auxiliar do equilíbrio.

Actualmente em Portugal podemos encontrar artistas nas várias especialidades, registando aqui, e a terminar, o nome de alguns desses «caminhantes do espaço» que, nesta época de, quase, banalidade de astronautas e astronautas, nos continuam a deslumbrar, e a desincronizar a respiração: «corda bamba», António Torralvo no «Circo Império»; «arames tirantes», «Judas» (Mário Alves), no «Circo Mexicano»; «aramismo a grande altura», José Avelino Júnior, no «Circo Ben»; «funâmbulos», Os Avelinos, que ainda há poucos dias actuaram na Praça do Comércio em Lisboa.



José Avelino Júnior - aramista a grande altura em equilíbrio sobre bicicleta



«Judas» (Mário Alves) em «arames tirantes», aqui em equilíbrio com aparato

IO APOLLONI APRESENTA
"SOCORRO...
SOU UMA MULHER DE SUCESSO..."
Desconto 2 estudantes
Ar Condicionado
VERSÃO LIVRE DE CARLOS PAULO IO APOLLONI



IO APOLLONI
ATÉ 13 DE OUTUBRO
INSTITUT FRANCO PORTUGAIS
AV. LUIS BIVAR 91
TELEFONE 54 45 74, 54 43 89
DE SEGUNDA A SABADO
21 30 H
SABADO OM AS 16 H
DESCANSO A 4ª FEIRA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens móveis que constituem o penhor mercantil para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Ação Especial de Venda de Penhor n.º 327/87-2.ª secção
AUTORA: — Mundinter — Intercâmbio Mundial de Comércio, SARL, com sede na Av. António Augusto de Aguiar, n.º 138, em Lisboa;
RÉ: — Brilhaves — Sociedade Agro-Pecuária de Produção e Comercialização de Produtos Agrícolas, Lda, com sede em Casal do Sarra, Carregado — Alenquer.

Lisboa, 87.07.22

O Juiz de Direito
Lino Augusto Pinto

O Escrivão-adjunto,
Abílio G. Silva

«DL», 25/9/87 - 1.ª Pub.



Electricidade de Portugal
EDP/ Empresa Pública

DIRECÇÃO OPERACIONAL DISTRIBUIÇÃO SUL

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 27/09/87 (domingo).

CONCELHO DE ALMADA: acilhas (Ginjal), das 07H00 às 14H00M; Feijó — Vale Flores (Pacheco), das 07H00 às 17H00M.

CONCELHO DO SEIXAL: iratejo (Pomar Novo), das 11H00M às 13H00M (Raia), das 09H00 às 11H00M, (Canora), das 07H00M às 09H00M, Paivas (Correr de Água), das 06H00M às 13H00M.

Por motivos de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

DIRECÇÃO OPERACIONAL DISTRIBUIÇÃO SUL CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA O RESPONSÁVEL

Almada, 25 de Setembro de 1987

José Resende Nascimento

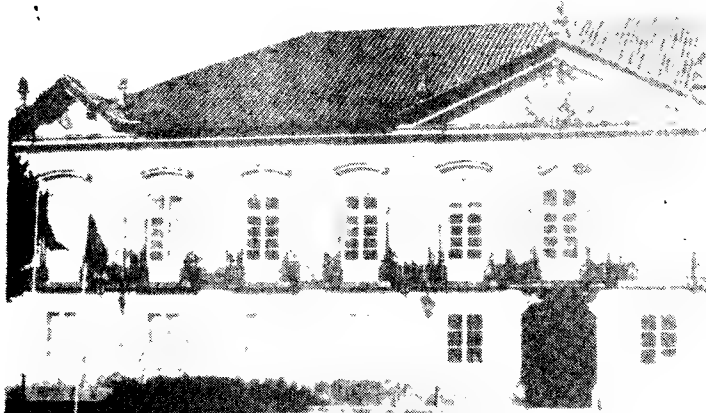
SERRA DA ESTRELA HOJE NA RTP

Rebordo ocidental da meseta ibérica e palco de guerra entre romanos e lusitanos, a serra da Estrela e o triângulo Seia-Gouveia-Manteigas são os temas de mais uma viagem da segunda série do programa turístico-cultural «Mobil nos Caminhos de Portugal», a transmitir esta noite pela RTP 1, a partir das 21,40.

Deixando Seia e percorrendo as sinuosas estradas que bordejam a rainha das serras de Portugal, chegamos a Vinhó, onde se pode admirar o que resta do convento fundado por Francisco de Sousa. Depois Gouveia: situada na encosta ocidental da serra, esta localidade apresenta ao viajante o seu casario disposto em presépio. Mais adiante, a caminho das Penhas Douradas, podemos en-

contrar a Cabeça do Velho e a Pedra do Equilíbrio, obras com que a natureza terá querido compensar o serra no dos rigores de um clima agreste, embora propício à criação de ovinos e caprinos.

Chega-se depois a Manteigas descendo vertiginosa estrada ladeada por pinheiros e castanheiros. Trata-se de uma vila povoada por romanos, por onde terá passado Júlio César. Seia, término desta viagem, é a pérola da serra da Estrela, orgulhosa da qualidade do seu queijo e de ter sido o berço de Afonso Costa. Destacam-se aqui o solar dos Albuquerque e a capela de São Pedro, obras arquitectónicas dignas de uma vila cuja fundação data de há mais de dois milénios.



Paços do Concelho de Seia

ESPECTACULAR

Diz quem sabe: cantaril é nome de vento que sopra da serra. Mau vento. Dizem os transmontanos: «Há cantaril? Presta atenção e fica a ouvir». Sim, porque vale a pena ouvir este grupo que recolhe sons velhos para tirar efeitos novos.

Vi-o, por acaso, no programa de Pedro Barroso. Lá, Júlia, uma das participantes, contou que uma vez, em Espanha, houve chuva grossa e o grupo não pôde actuar na praça. Então o povo levou-os para a Igreja e so bre o altar se ar mou o palco. Espectácu lo inolvidável, dizia.

Acredito. Por essas e por outras é que eu amo o povo espanhol. Quem não devia nada de gostar disto era o Le febre e os seus muchachos. Mas Deus pouco se ralará com isso. Ele não tem muitas ocasiões de se divertir — e de graça...

José Mirandum

EXPOSIÇÕES

GALERIA DA VINCI (R. de Belém, 75): Pintura de Paula Ruella até 15 de Outubro, de segunda a sábado das 15 às 20.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta uma exposição de Pintura de Miguel Albuquerque, patente até 10 Outubro das 9 às 19.

FORUM-SANTARÉM: Pintura de Acácio Carreira até 9 de Outubro, nos dias úteis das 15 às 19 e das 21 às 22, sábados, domingos e feriados das 15 às 19.

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA: até 28 de Setembro, a exposição «Giuseppe Primoli Fotografo Europeo», patente das 16,30 às 19.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de S. Antão, 47): Pintura de Christine Héline até 6 de Outubro, diariamente das 15 às 24.

GALERIA OGIVA (Óbidos): até final de Setembro, uma exposição de Gravura de Maria Irene Ribeiro e Américo Silva, numa iniciativa do Atelier 15.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): promovida pelo Cabido Insular da Grande Canária, a exposição «Fronteira Sul» — uma selecção de artistas das Ilhas Canárias.

ESPAÇO POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de pintura de Paulo Cardoso intitulada «A Terra Vista do Sétimo Céu».

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): «Pintura Maneirista» do Museu Nacional Machado de Castro de Coimbra.

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): exposição de homenagem ao pintor Peniche Galveias, com a participação de Barros, Bual, Cargaleiro, Helena San Payo, Lima de Freitas, Margarida Cepêda, Martim Lapa, Matilde Marçal, Paiva Raposo e Relógio. Patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

GALERIA DO CASINO

ESTORIL: colectiva de artes plásticas de autores angolanos até 27 de Setembro, diariamente das 15 às 24.

GULBENKIAN (galeria do Piso 1 do CAM): com a colaboração da Association Française d'Action Artistique, a exposição «9 Artistas Franceses 87».

GULBENKIAN (sala de exposições temporárias): «30 Desenhos de Portinari».

CASA DE SERRALVES (Porto): a exposição «Itinerários» de Ernesto de Sousa.

CASA DOS TABUENSES (R. dos Poiais de S. Bento, 75-B): pintura de Júlio Pêgo e Maria José Escolástico até fim de Outubro, segundas e terças das 18 às 20, de quarta a sábado das 18,30 às 21,30. Exposição integrada na reposição da peça «Bela - Calígula» de Augusto Sobral pelo Grupo de Teatro Maizum.

HOTEL RITZ: até 27 de Setembro, das 10,30 às 23, uma exposição de tapeçarias orientais apresentada pela Tapeçaria Regional de Coimbra.

PALÁCIO GALVEIAS: exposição «Lisboa na Obra do Pintor Arnaldo Ferreira» (Lisboa Nocturna).

PALÁCIO DA PENA (Sintra): «Exposição no Palácio», que reúne obras de Dulce Nunes (escultura), José Cunha (pintura), Paula Reaes (fotografia) e Teresa Fernandes (desenho e pintura) — todos jovens e alunos da ESBAL. Até 20 de Outubro, de terça a domingo das 10 às 17.

POUSADA DE PALMELA: exposição de José de Sousa Lara.

PALMELA (Igreja de S. João): exposição «Olhar o Ambiente» organizada pela Câmara Municipal em colaboração com a Liga para Protecção à Natureza. Até 6 de Outubro, das 14,30 às 18,30 e das 21 às 23.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: mostra de artesanato de Angola até 27 de Setembro, diariamente das 15 às 24.

CORROIOS (sala de exposições do Moinho de Maré): até 11 de Outubro, «20 Anos de Pintura e Tapeçaria de Júlia Babo. FAFÉ (Casa Municipal de

Cultura): pintura de José Silva até 30 de Setembro.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 1 de Outubro, exposição de Cerâmica de José Manuel Pais de Melo Heitor.

EVORA (salão nobre dos Paços do Concelho): exposição «Evora os Povos e as Artes».

AMOREIRAS SHOPPING CENTER: Mário Silva apresenta a sua exposição «Amoreirart», na sala 2102 do 2º andar.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA (sala de exposições temporárias): até 1 de Outubro, José Manuel Pais de Melo Heitor expõe trabalhos de cerâmica artística.

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): até 18 de Outubro exposição de Lima de Freitas «mito-símbolo-figura».

ESPAÇO MARIA LAMAS (sede do MDM na Av. Duque de Loulé, 11-49): até 6 de Outubro, uma exposição-venda de roupas do Butikão/Porto, que tem representação exclusiva em Lisboa de Joaquim Moreira. Esta exposição pretende apresentar uma outra forma de artesanato e da arte de estilagem que pode ser a feitura de roupa por mãos de mulheres. Patente nos dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 20.

PALÁCIO DA CIDADELA (Cascais): a exposição «O Concelho de Cascais no Desporto em Portugal».

ESPIRAL-GALERIA DE ARTE (Centro Comercial das Palmeiras-Oeiras): exposição sobre azulejos originais portugueses dos séculos XVII, XVIII e XIX, patente todos os dias entre as 14 e as 22 horas.

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. Tenente Valadim-Porto): até ao dia 29 de Setembro, a exposição «Figuras» diariamente excepto aos domingos das 14,30 às 18,30.

CASA TAIT (Porto): até 27 de Setembro, no âmbito do Ano Europeu de Ambiente, uma exposição fotográfica subordinada ao tema «Portugal e o Ambiente», com a participação de alguns dos mais significativos artistas nacionais.

FORUM VISEU (Feira de S. Mateus-Pavilhão C): até 27 de Setembro, uma exposição colectiva de jovens visenenses alunos de escolas superiores de artes visuais. Arquitectura, pintura, design de equipamento, escultura.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO: uma exposição de artes de Angola, a anteceder a próxima visita a Portugal do presidente José Eduardo dos Santos. Patentes 32 obras de pintura, escultura, desenho, gravura, tecelagem e fotografia.

GALERIA BERTRAND DO CHIADO: pintura do jovem galego Luís Lamela, patente ao público até 9 de Outubro no horário normal da livraria.

MUSEU JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): em colaboração com a Fundação Gulbenkian, a exposição comemorativa do centenário do escultor Delfim Maya.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: integrada nas comemorações do 8º aniversário do município, a exposição «Amadora e os Caminhos de Ferro». Patente até 8 de Novembro diariamente das 15 às 23.

GALERIA CÓMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1-B): sob o título «Modus Operandi», uma exposição de Joseph Kosuth, um dos mais influentes artistas americanos das décadas de 60/70. Patente até 24 de Outubro, diariamente (excepto domingos e feriados) das 15 às 20.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Neri, 42): exposição em pedra do artista norte-americano Steve Currie.

Simultaneamente, na «sala branca» do 1º andar, uma exposição de fotografia intitulada «Deus, Pátria, Dólar» de Clara de Azevedo. Até 11 de Outubro, de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

PALÁCIO DOS CORUCHEUS (R. Alberto Oliveira, Alvalade): exposição de trabalhos em tinta da China da autoria de Adrian

Phillimore, até 30 de Setembro.

GALERIA DE LAGOS (R. da Barroca, 64-Lagos): até 30 de Setembro, exposição do pintor Molina, com trabalhos figurativos e abstratos do presente ano. Patente das 10 às 13 e das 18 às 23.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 25 de Outubro, Pequena Antologia de Celestino Alves. Patente nos dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17,30, sábados e domingos das 15 às 19, encerrando às segundas e feriados.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: homenagem a Claudette Colbert: às 18,30 «Amanhã Vivemos» de Irving Pichel, com Orson Welles; às 21,30 «Uma Noite Aconteceu» de Frank Capra, com Clark Gable.

FORUM PICOAS: «French Connection I» de William Friedkin, sessões às 19 e 22.

LIVROS

ALMADA (Parque Urbano): Feira do Livro até 5 de Outubro, numa iniciativa conjunta do Centro Cultural e da Câmara Municipal de Almada. Aberta a partir das 18,30, nos fins-de-semana a partir das 15,30.

AMADORA (Parque Delfim Guimarães): VII Feira do Livro da Amadora, organizada pela Câmara Municipal. De segunda a sexta das 18 às 23, fins-de-semana e feriados das 15 às 23. Esta noite um espectáculo por Sérgio Godinho com entrada livre.

SACAVÉM (L. 5 de Outubro): na I Feira do Livro de Sacavém está esta tarde presente (a partir das 18) o poeta e escritor Fernando Grade para participar numa sessão de autógrafos com os seus livros de poemas «O Vinho dos Mortos», «Os Poetas nunca mentem: falam de outra coisa» e «Alma Burra» e conviver com os seus leitores de Sacavém, Portela, Prior Velho e Bobadela.

PERMANENTE

ALFAMA — Costa — Rua Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940); **ALTO SANTO AMARO** — Tapada — Calçada da Tapada, 83-A (Tel. 634721); **ALVALADE** — Sanex — Av. da Igreja, 31-C (Tel. 897505); **ARCO CEGO** — Providência — Rua D. Filipa Vilhena, 9-C (Tel. 770324); **BENFICA** — **PORTAS BENFICA** — Benfca — Estrada Benfca, 678-E (Tel. 702532); **CAMPO DE OURIQUE** — Almeida — Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN** — Berne — Av. de Berna, 44-A (Tel. 73568); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS** — Matos Viegas — Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Tel. 794174); **MADR DEUS** — **Madre de Deus** — Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470); **MARQUÊS DE POMBAL** — Branco — Av. Duque Loulé, 61-65 (Tel. 545048); **PENHA DE FRANÇA** — Carrondo — Rua Padre Sena Freitas, 10-A (Tel. 84251); **PICHELEIRA A** — Marluiz — Calçada da Picheleira, 140-B-C — Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (Tel. 880703); **PRÍNCIPE REAL** — **SÃO BENTO** — Confinça — Praça das Flores, 59-60 (Tel. 670401); **CARNAXIDE** — H. Amaral — Praceta António Boto, 11-A (Tel. 4104556); **COLINA SOL - BRANDO - AMADORA** — Vidal Reis — Urb. Alfornel - CEL. G. Lote 35 (Tel. 996540); **CODIVEL - ODIVELAS** — Nabais Vicente — Rua A, Lote 19-A Loja e (Urb. Codivel) (Tel. 9816803); **PONTINHA** — Leitão Ribeiro — Rua A do Falcão, 3-A (Tel. 993912).

REFORÇO

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES — Esperança — Rua Carlos Mardel, 101-B (Tel. 882968); **ALCANTARA** — Bairrão — Rua Prior do Crato, 27 (Tel. 661321); **ANJOS (AO CINEMA ROXY)** — Guerra — Rua Andrade, 32-36 (Tel. 845513); **AV. ROMA (BAIRRO S. MIGUEL)** — São Miguel — Praça Francisco Morais, 1 (Tel. 771469); **BAIXA** — Morão — Rua Assunção, 17-19 (Tel. 878269); **BELEM - ALTINHO** — Gomes Suc. — Rua da Junqueira, 326-328 (Tel. 638193); **CHELAS - ZONA N.º 2** — Almeida Vaz — Rua Pardal Monteiro, Lote 248-Loja 92 (Tel. 855673); **ENCARNAÇÃO** — Zira — Praça das Casas Novas, 5-A (Tel. 311216); **ESTADOS UNIDOS** — Gasparinho — Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Tel. 890465); **LAPA** — Central da Lapa — Rua dos Navegantes, 10 (Tel. 661734); **LUZ - 2.ª CIRCULAR** — J. Ribeiro — Estrada da Luz, 199-A (Tel. 720969); **SÃO SEBASTIÃO** — Sagres — Av. Luís bivar, 69-71 (Tel. 5472213); **BURACA - AMADORA - Vaz Martins** — Rua António Ferro, 6-A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO** — Nova — Rua Acores, 11-A (Tel. 9810305); **PRIOR VELHO** — Matos — Travessa das Prioras (Tel. 2519939); **ALGÊS: Combatentes**, Av. Comb. G. Guerra, 166 (T. 4104953); **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235) Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHÉ: Carvalho**, B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363) Até às 22 horas; **POR-TO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Benardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839); **CARCA-**

VELOS: Vilar, Av. M.ª Conceição, lote B (T. 2470777); **S. DOMING. RANA: Godinho** — Silva, R. A. Albuquerque, lote B-Lj./2 (T. 2470361) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SER-RA: Luz**, Estrada Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, R. Eng.º Bonneville Franco (T. 2435147) Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 243045) Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **PARADE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência (T. 2472948) Permanente; **S. PEDRO DO ESTORIL: S. Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052); **S. JOÃO DO ESTORIL: S. João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186); **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278); **SASSOIEIROS: Amaral**, Quinta das Encostas (T. 2461312) Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B — Hera (T. 2852121); **MADORMA: Madeira**, Rua A (T. 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087) Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde Monte Real, B.º Caixas (T. 282407) Permanente.

OUTRA BANDA

ALMADA: Central, R. Oliveira, 11-B (T. 2750504) Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182) Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060) Até às 19 horas; **MONTE DA CAPARICA: Nova**, R. Trab. Rurais, 82 (T. 2954436) Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464) Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471) Até às 19 horas; **LA-VRADIA: J. Consolado**, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (T. 2043126) Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044) Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B.º Cidade Setúbal, 1-B (T. 2291192) Até às 19 horas; **AMORA: Fonseca**, R. Ribatejo, 2-A (T. 2211131) Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580) Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008) Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029) Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido Reis, 30 (T. 2040020) Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. Ant.º Santos Jorge, 15 (T. 2340100) Até às 19 horas; **SE-TÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051) Permanente; e **Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788) Permanente; e **Costa**, R. Misericórdia, 48 (T. 22760) Até às 22 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019) Até às 22 horas; **Carlos**, R. Sebastião Gama — Casal S. Brás, 28-B. Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530) Permanente; **QUELUZ: O'Neill Pedrosa**, R. Casal do Olivai, lote A-3 Massamá (T. 4377205) Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C Apelação (T. 2573158) Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 924218) Permanente; **MEM MARTINS: Rodrigues Rato**, R. dos Mares, 1 (T. 9212038) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275) Até às 22 horas;

Primeira co-produção da RFA e URSS

"É DIFÍCIL SER DEUS" BASEADO NA OBRA DOS IRMÃOS STRUGATSKI

O cineasta oeste-alemão, Peter Fleischman, iniciou a rodagem do filme «É difícil ser Deus», uma adaptação cinematográfica da obra homônima dos autores soviéticos de obras de ficção científica Arkadi e Boris Strugatski. Trata-se da primeira coprodução cinematográfica da Alemanha Federal e da União Soviética que conta ainda com a participação da França.

William Petersen, estrela ascendente de Hollywood, é o principal intérprete da película onde contracenam, para além dos soviéticos Oleg Yankovski e Evgueni Leonov, a luxemburguesa Désiré Nesbush, a norte-americana Gail Humicat, alemão-occidental Rolf Hoppe e o espanhol Fernando Rey.

A Europa, a Ásia e a Austrália serão os cenários de «É difícil ser Deus», uma história que «alia uma intriga de cortar a respiração a uma profunda filosofia», segundo Fleischman.

«Adoro ficção científica e este livro cativou-me pela sua originalidade ainda que trate de um assunto já batido: os viajantes espaciais. Mas os irmãos Strugatski», sublinha o realizador, «exploram uma perspectiva interessante: são terrestres, os visitantes do espaço que chegam a um planeta longínquo e nessa civilização, caracterizada por

sistemas políticos totalitários, são levados a fazer o papel de deuses.

«A mim, como alemão, este romance despertou-me recordações históricas mas é possível que sugira diferentes referências podendo mesmo ser interpretado como a simples lenda de um deus que pode e deseja ajudar mas não deve fazê-lo: se mostra a sua simpatia pelos habitantes do planeta arrisca-se a deixar de ser deus e ao mesmo tempo, por mais deus que seja, o herói dos Strugatski é homem e à medida que vai contactando com a realidade do planeta vai perdendo as suas características divinas. O deus que há nele é despojado pelo homem que quer amar e odiar».

«O romance dos irmãos Strugatski é uma daquelas obras que nasceram para ser adaptadas ao cinema», diz Fleischmann que se sentiu imediatamente tentado a

cinematizá-lo quando há dez anos o leu pela primeira vez. Porque para além de um tema cativante, que trata sérios problemas éticos e sociais, «É Difícil ser Deus» apresenta um outro atractivo.

Não uma vintena de anos que nasceu no Ocidente, sob a influência do cinema americano, a culto do super-homem. Até hoje, a personagem não evoluiu. Os Strugatski criaram há uma década um herói que tem muito de super-homem mas também imensas fraquezas, muito ao gosto do público de hoje», diz o cineasta.

A primeira tentativa do realizador, para comprar os direitos do livro saiu gorada. Mas em 1984, por ocasião de uma semana de cinema soviético na Alemanha Ocidental, um dos responsáveis da «Goskino» revelou o interesse da URSS numa coprodução com os alemães-occidentais. Volker Schlöndorff, que acolheu a delegação soviética e estava ao corrente das pretensões do seu colega, propôs então a sua candidatura para adaptar a célebre obra dos escritores soviéticos, o que foi aceite.

«Pensou-se, n.º início, realizar um filme no quadro de uma produção estritamente soviético-oeste-alemã mas, por fim,

reconheceu-se a necessidade da participação francesa» sublinhou o cineasta que é co-ator do argumento com Jean Claude Carrière.

O internacionalismo caracteriza também a equipa de filmagens de «É Difícil ser Deus». «Tinha pensado num operador francês», salienta Peter Fleischmann, mas ao ver o que era capaz de fazer o kieviano Vilen Kaiuta percebi que tinha encontrado o homem que necessitava. Fiquei também fascinado pelos cenários dos arquitectos Serguei Khotymski e Oxana Medvid, igualmente de Kiev, e decidi que me convinham mais do que o artista da Alemanha Federal que tentava escolher. Quanto aos figurinos tinha decidido confeccioná-los em Kiev mas não fiquei muito entusiasmado com os resultados. Confiei o trabalho a Michele Richer, de Paris, que se inspirou nos desenhos de Pet Holuku, da RFA».

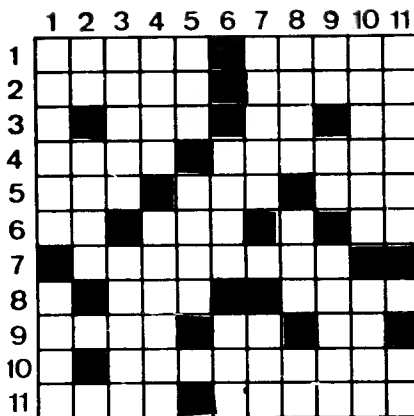
Quanto ao financiamento dos custos da película, consideravelmente cara segundo o cineasta, os soviéticos encarregam-se dos cenários, que são muito dispendiosos, e os alemães fornecem a maior parte do equipamento técnico, tratam dos efeitos especiais e produzem as cópias da película.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17144

HORIZONTAIS:

- 1 Folha de vide. Em excesso.
- 2 Causa amuo a. Equipar.
- 3 Cólera. Gálio (s.q.). Batráquio.
- 4 Capim (Bras. e África). Vadio.
- 5 Rema para trás. Reles. Suspiros.
- 6 Pertences. Rio da Suíça. Duas vogais desiguais.
- 7 Ostriculor.
- 8 Época. Moeda da Grécia antiga.
- 9 Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Ente.
- 10 Alojaram em tendas.
- 11 Estro. Arrasa.



VERTICAIS:

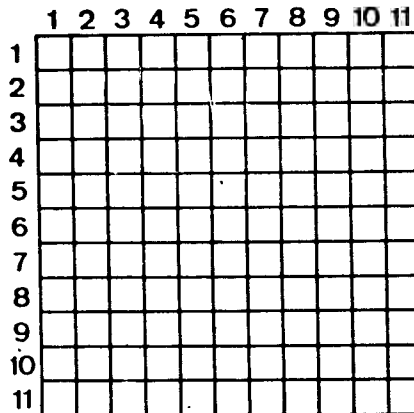
- 1 Sofre. Aquele que.
- 2 Antes do meio-dia. Alegria.
- 3 A Polícia (pop.). Tempo do verbo ser.
- 4 Invulgar. Trava luta com.
- 5 Pega. Tranca.
- 6 Encare. Estima.
- 7 Feiteiras. Post scriptum.
- 8 Rio da Rússia. Furiosas.
- 9 Prefixo de negação. Basta! Apellido.
- 10 Sova. Terra nova e arro-teada de fresco.
- 11 Rezasse. Ruim.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15969

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade da Turquia oriental. Cidade da República Federal da Alemanha.
- 2 Salientes. Laço.
- 3 Medos.
- 4 Esqueço.
- 5 Filtrarei. Carta de jogar.
- 6 Pau-ferro. O lado do vento. Túlio (s.q.).
- 7 Autores. Título de dignidade eclesiástica, logo abaixo do bispo ou arcebispo e que preside ao cabido.
- 8 Diz em voz baixa, ou por entre os dentes.
- 9 Vendes sem dinheiro. Apupara.
- 10 Ratava. Cair à cama.
- 11 Adicionam. Juízo.



VERTICAIS:

- 1 Parte setentrional da Grã-Bretanha, separada da Inglaterra pelos montes Cheviot.
- 2 Batráquio. Bobos.
- 3 Cidade da República Democrática Alemã. Rio dos Estados Unidos.
- 4 Cidade do SO da Nigéria. Tostam.
- 5 Marechal alemão, comandante do Quartel-General de Hitler em 1939.
- 6 Costume. Cobriam de iodo.
- 7 Letra grega. Actínio (s.q.).
- 8 Acabarias.
- 9 Tremor de terra. Ámaio.
- 10 Manganés. Grandes.
- 11 Auxílio. Anel.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17143

HORIZONTAIS:

- 1 A. VERDADE. É.
- 2 Credo. Sardo.
- 3 Ouriços. Geo.
- 4 Cravos.
- 5 Enio. CCC.
- 6 Orlas. CMIII.
- 7 El. Iradas.
- 8 Omitimos. SM.
- 9 Rã. Alpaca.
- 10 Frigia. Asar.
- 11 Barão. Grita.

VERTICAIS:

- 1 Acordo. ORFÁ.
- 2 Ru. Remara.
- 3 Vercelli. Ir.
- 4 Edima. Taga.
- 5 Roçais. Ilio.
- 6 Ovo. Impa.
- 7 Asso. Croa.
- 8 Dá. Mascar.
- 9 Erg. Cid. Asi.
- 10 Descias. At.
- 11 Eoo. Cismara.

PROVERBIO:

A verdade é orfã.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15968

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|------------------|
| 1 Demiti. Sana. | 1 Denver. Bad. |
| 2 Erato. Laval. | 2 Eros. Laval. |
| 3 Nódoas. Movi. | 3 Mad. Turiacu. |
| 4 VS. Miais. AC. | 4 Ithome. Jiló. |
| 5 Te. Uru. Li. | 5 Toai. Coxo. |
| 6 Réu. Lincha. | 6 Saul. Asi. |
| 7 RR. Aar. | 7 Iria. |
| 8 Beijo. Pr. | 8 Samsun. Pêra. |
| 9 Abaixaremos. | 9 Avó. Cámen. |
| 10 Duclos. Rem. | 10 Navalha. Omã. |
| 11 So. Imanar. | 11 Aliciaras.- |

ANTENA UM:

16.00: «Rocklândia»; 18.00: «Regressos»; 19.00: «Jornal da Noite»; 20.00: «A Europa dos Doze» — João Coelho; 20.20: «Musical»; 21.00: «Musical»; 21.30: «Livre e directo» (Desporto) — Costa Martins. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

15.30: Compositores Portugueses dos Séculos XVI, XVII e XVIII; 16.30: Álbum Musical: Pavanais e outras danças; 17.00: Falar cinema: Os difíceis tempos de Scott Fitzgerald em Hollywood; 17.35: Grandes intérpretes. Quarteto nº 79 em ré maior, de Haidn. Canções de Mozart. Late Swallows, de Delius. Capricho, de Penderecki; 18.40: Obras para conjunto de sopros de Weber; 19.00: Integrais - Os concertos de Beethoven, por grandes intérpretes. 19.35: Concerto de Câmara: Compositores Ingleses.

1ª Parte: 3 Obras de John Ireland. Intervalo: Dum Complerentur, de Palestrina.

2ª Parte: Suite de cordas, de Frank Bridge.

20.30: Noticiário; 20.40: Obras para órgão; 21.00 Alfa e Omega, com o tema: «A Liturgia e a religiosidade popular», é o 1º Programa dedicado ao «XIII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica»; 22.00: Parte de um concerto pela soprano Ana de Sá e pela pianista Teresa Xavier, realizado na Sociedade Portuguesa de Autores. Obras de António Frago e Alban Berg; 22.27: Balada nº 26, de Guillaume de Machaut; 22.32: Concerto Nocturno - Compositores Americanos.

1ª Parte: Obras de Leonard Bernstein. Intervalo: Canções de Dvorak.

2ª Parte: Obras de George Gershwin 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL:

Onda Média (283,290 e 397 m) 14.00: Programa da tarde; 17.00: Graças a Deus é sexta-feira; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24ª hora; 01.00: Música portuguesa; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RTP

15.00 - Seja Bem Video
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
«O Cão Vagabundo»

18.30 - Segredos Diplomáticos
2º Episódio

19.25 - Memória Audio-Visual
10º Programa

20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.40 - Direito de Antena
Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Papel e Celulose

20.45 - Mobil nos Caminhos de Portugal
21.05 - Reviver o Passado em Brideshead

11º Episódio: A chegada de Lord Marchmain, que vem da Europa, com cara, para passar os seus últimos anos em Brideshead provoca grande confusão no castelo.

Preveno a sua morte, Lord Marchmain pensa deixar Brideshead a Charles e a Julia... Realização: Charles Sturridge

22.00 - XI Festival Nacional de Folclore Algarve / 87
23.55 - 24 Horas
00.30 - Remate

00.45 - Pela Noite Dentro

«A Intrusa»: 1890. Numa pequena povoação, os irmãos Nilsan — Cristiano e Eduardo — vivem uma existência mais ou menos marginal: a sua truculência, a par dos seus feitos como ladrões de gado, tornavam-nos temidos em toda a região. Um dia, Cristiano leva Juliana para viver com ele. Eduardo, o mais jovem, fica distante e bebe constantemente: está apaixonado por Juliana.

Interpretação: José de Abreu, Arlindo Barreto, Maria Zilda, Palmira Barbosa, Fernando de Almeida, Rocardo Wanick, Mauricio Loyola, Heloisa Gedel, Nelson Pinto Basto.

Realização: Carlos Hugo Christensen

17.16 - Os Imigrantes
93º Episódio

18.05 - Countdown
19.00 - Simon Show



Maria Zilda interprete do filme «A Intrusa», no 1º canal às 00.45

actriz Miou-Miou.

Realização: Jean-Jacques Goron

23.00 - Os Fazedores de Dinheiro

4º episódio: Robert Orville Anderson é o dono de uma das maiores companhias petrolíferas do mundo. No seu escritório, em Los Angeles, ele conta-nos, entre outras coisas, como é que encontrou petróleo no Alasca e porque vendeu o jornal londrino «The Observer».

23.30 - Troféu

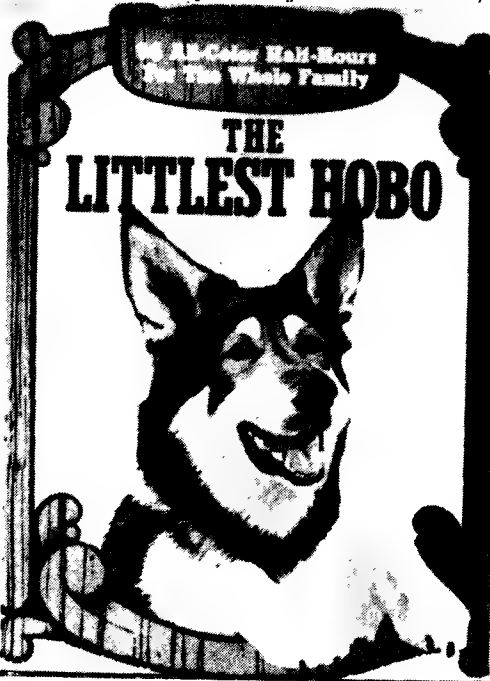
AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Juventude e Família
11.00 - He Man
11.20 - David, o Gnomo
11.45 - O Anel Mágico
12.05 - O Tempo e o Vento
12.45 - Desenhos Animados
13.00 - Jornal de Sábado
13.10 - Lucky Luke
13.35 - Akagera
14.05 - Videopólis
14.50 - Jogos e Passatempos
16.20 - Die Graffen
17.20 - O Aventureiro
18.20 - Os Filhos da Pantera Cor de Rosa
18.45 - Experiência Migrante
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sabado
21.00 - Boletim Meteorológico
21.05 - 7 Folhas
21.35 - E o Resto São Cantigas
22.35 - Hil Street
23.30 - Cinema da Meia Noite

RTP-2

10.02 - Compacto Countdown
13.00 - Compacto Tudo ou Nada
16.00 - Troféu
20.00 - Quem Sai aos Seus...
20.25 - Louvre
21.20 - RTP/ Ano 30



«O Cão Vaagabundo» no 1º canal às 18.05

20.05 - Hitchcock Apresenta

83º Episódio: Um homem sério, sócio de uma pequena mas florescente empresa, concorda em ir jogar poker com uns clientes muito ricos, para não contrariar os sócios. Aborrecido com as táticas usadas pelos parceiros, decide subir as paradas e acabara por perder tudo o que tem... e não tem...

Realização: James Neilson

20.30 - Uma Família às Direitas

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.05 - A Vida Que Eu Quero Viver

Mini-série francesa de três episódios que apresenta como protagonista a conhecida

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

Pela Noite Dentro

RTP 2

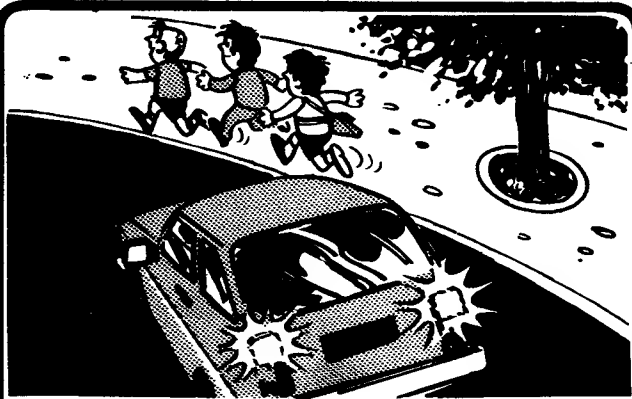
A Vida que Eu Quero Viver

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



Hitchcock Apresenta



AOS CONDUTORES



"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54, 5 — 32 02 71, 2 — 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21h) Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71, 2/3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do "DL" na Madeira 40\$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Os sete países mais industrializados do Mundo estão disposto a comprometer-se a manter a estabilidade do dólar. Os sete reúnem amanhã em Washington, antes das assembleias do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. Uma das medidas que se anuncia passa pela manutenção de «zonas de referência» para as taxas de câmbio do dólar contra o marco alemão e o iene.

Cara Miss
Maneiras,



6-3

É de bom tom um
amigo sentar-se
no nosso nariz?



Desculpe a minha
dActilografia...



Quando de se Senta
ar, não consigo ver.



Portugueses usaram 10 milhões de preservativos em 1986... e este ano vão ser mais

Os portugueses usaram em 1986 cerca de 10 milhões de preservativos e espera-se que este ano esse número suba para os 13 milhões. O aparecimento da Sida também está a fazer-se sentir no nosso país.

A informação foi dada à agência Lusa pelo director de uma empresa portuguesa de produtos farmacêuticos, que representa aquele que é o primeiro produtor mundial de preservativos — uma empresa japonesa que assim conhece uma maior expansão já depois de beneficiar do privilégio de produzir «camisinhinhas», num país onde não há fabricantes da «pílula».

«A Sida veio trazer de novo o preservativo à primeira linha dos anticoncepcionais, um pouco por todo o mundo», disse aquele responsável farmacêutico, que lançou agora no mercado português «o mais fino preservativo de sempre», com 0,02 milímetros de espessura, que é para não desiludir ninguém.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 90 000 CONTOS

36 145

2.º PRÉMIO — 12 000 CONTOS

25 125

3.º PRÉMIO — 3 000 CONTOS

66 568

Na próxima 6.ª feira, dia 2 de Outubro, Lotaria Extraordinária da

REPÚBLICA
80 000 CONTOS

Bilhetes a 8000\$00 e décimos a 800\$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, nos balcões da CASA DA SORTE

em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — VISEU — COIMBRA — SETUBAL — FARO



DIA 2/10 — LOTARIA DA REPÚBLICA

CASA VIOLA — "TOCA" mesmo

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO

Correio para: **R. Assunção, 67, 1100 LISBOA**



CLAUDETTE COLBERT vai estar esta noite no palco do auditório da Cinemateca Portuguesa, no final da última sessão de um ciclo de oito filmes em sua homenagem que ali tem decorrido, para um debate com o público. A atriz, que há uma semana se encontra entre nós a convite da Cinemateca, é esta tarde recebida, em Belém, pelo Presidente Mário Soares. Na derradeira jornada do referido ciclo, o filme a projectar é um original de Frank Capra rodado em 1934, «Uma Noite Aconteceu», onde Claudette contracenava com Clark Gable.

LAGOA HENRIQUES disse, em Évora, que «o património natural, a arte popular e o artesanato são tão importantes como o património construído». O escultor falava durante um colóquio subordinado ao tema «Évora, Passado e Presente», que teve ontem lugar no Palácio de D. Manuel, integrado no primeiro encontro de cidades classificadas como património mundial, a decorrer naquela cidade até domingo. Na mesma sessão foi ainda exibido um filme sobre Évora, recentemente realizado pela equipa de Lagoa Henriques.

JOSÉ MANUEL GALVÃO TELES irá assessorar Vítor Constâncio na organização da segunda Convenção de Esquerda, anuncia hoje o se-

manário «O Jornal», que desmente notícias que tenha desistido da sua realização. Segundo aquele semanário, a Convenção foi apenas adiada, realizando-se na primavera de 1988 em vez de no próximo mês de Novembro.

LUCAS PIRES apresentou ontem Michael Heseltine, antigo ministro britânico da Defesa e político da «linha dura», o qual veio a Lisboa defender que a Europa se deve manter unida e vigilante, apesar do desanuiamento pressagiado pelo recente entendimento entre as superpotências, sobre mísseis de médio alcance. «Apenas os ingénios acreditam haver uma base de confiança entre adversários tão fundamentalmente divididos como as democracias liberais do Ocidente e a União Soviética», disse durante uma palestra promovida, em Lisboa, pela BBC.

GEORGE BUSH, vice-presidente dos EUA, está desde hoje na Europa numa «missão» especial: consolidar a sua posição como homem político internacional, por forma a fortalecer a sua posição como provável candidato à Presidência norte-

americana. Bush, que irá à Polónia, Alemanha Federal, Itália e Bélgica, aproveitará para contactos oficiais destinados a esclarecer os aliados europeus sobre a forma como decorrem as conversações com Moscovo sobre desarmamento.

VICTOR GONÇALVES, vereador do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa e possuidor de um invejável currículo do domínio da prática e do dirigismo desportivo, foi o grande responsável pelo inquestionável êxito dos I Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, que mobilizou cerca de 3500 jovens com idade compreendidas entre os 13 e 15 anos durante seis meses de actividade constante nas modalidades de andebol, atletismo, basquetebol e futebol de salão. A dominante causa para esta realização, segundo aquele autarca consiste em procurar sensibilizar os jovens (e seus pais) para os benefícios da prática desportiva desviando-os da ocupação dos tempos livres em actividades nocivas. Deste modo, Victor Gonçalves irá anunciar, no decurso deste mês, de que a iniciativa é imparável e será alargada a outras modalidades e escalões estários. Os II Jogos da Cidade de Lisboa são (já) uma realidade.

"Normalidade" na cadeia do Funchal Chefe dos guardas volta a assumir direcção

O chefe interino, dos guardas prisionais que prestam serviço na Cadeia do Funchal, voltou ontem mesmo ao serviço, depois de estar detido algumas horas, por decisão do juiz de Instrução Criminal do Tribunal daquela cidade que se ocupa do processo relacionado com os motins que há um mês ocorreram naquele estabelecimento.

Considerado por colegas como um «guarda esperto», que «sabe o que diz e o que faz», o director interino — por ser o mais velho e qualificado dos guardas prisionais do continente de serviço na Madeira — do Estabelecimento Prisional do Funchal esteve, apesar disso, detido algumas horas. Ter-se-á tratado de um «enganho», porque ainda ontem, o chefe de gabinete do Ministério da Justiça, Abílio Morgado, tentava desmentir uma evidência que a população do Funchal conhecia.

«Alguém falou em tudo isto», disse ao «DL» uma fonte madeirense com consequências que só o futuro esclarecerá. Alberto João Jardim regressou ontem ao Funchal, procedente de Lisboa, e escapou aos jornalistas que o aguardavam no Aeroporto de Santa Catarina e obviamente o pretendiam ouvir sobre este assunto. E se Alberto Jardim, tão aberto à Comunicação Social, assim agiu, é porque algo se passou de especial, ou no mínimo de singular, para o fazer.

Note-se que o Estabelecimento Prisional do Funchal está sem director há mais de meio ano, uma vez que o último titular em pleno cargo, a assistente social Graça Trigo (contestada por presos e guardas) foi afastada das funções em Fevereiro deste ano. O mês passado a cadeia foi palco de sucessivos motins que desembocaram na transferência de meia centena de presos para o continente e na mudança de alguns guardas. Foram vários os que, do continente, partiram para a Madeira, onde têm casas no exterior da própria cadeia, mas anexas ao edifício. É o caso do chefe dos guardas e director interino, guarda Lourenço, que esta manhã se recusou a prestar declarações ao «DL», porque — frisou — a «Direcção-Geral dos Serviços Prisionais está dentro do assunto e é ela que compete esclarecer a opinião pública».

Se temos o ábaco
para que
queremos
computadores?

Não pode ser vendida separadamente da edição do «Diário de Lisboa», de 25 de Setembro de 1987

SAI TODAS AS SEXTAS-FEIRAS
Cartaz

TRABALHO DE CASA

TEBAS

Ernesto Sampaio

«**Q**UEM construiu Tebas, a das sete portas?/ Nos livros vem o nome dos reis./ Mas foram os reis que transportaram as pedras?/ Babilónia, tantas vezes destruída./ Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas/ Da Lima dourada moravam seus obreiros?/ No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde/ Foram os seus pedreiros?...»



Marcel Duchamp, «L.H.O.O.Q.», 1919

Estas são algumas das interrogações contidas num famoso poema de Brecht onde a ideia de história, tal como a concebem os historiadores, sai fortemente contestada. Insinua-se aí que os escritores também podem fornecer interpretações históricas e que a boa literatura é ela própria historiográfica.

O historiador ensina-nos pessoalmente como se passaram as coisas, mas os escritores podem dizer-nos como se passaram para os pedreiros. O historiador instala o seu observatório o mais alto que lhe é possível; o escritor pode misturar-se com a gente comum. «Homens que viveram antes de nós», escreveu Enzensberger, «só na literatura os encontramos».

Contudo, mesmo interpretando a história segundo padrões literários, as interrogações brechtianas permanecem geralmente sem resposta. A própria perspectiva da literatura é sempre limitada por interesses económicos e sociais, pressupondo como condição a prosperidade, a riqueza. Como o mesmo Enzensberger notou: «Aquilo que designamos hoje por literatura universal diz exclusivamente respeito aos paí-

ses industrializados, às nações desenvolvidas. O Vietname e a Birmânia não contam». Onde tenham chegado os pedreiros, continua a ser um mistério: ignoramo-lo de todo. E é na verdade um facto que quase ninguém, entre os que «fazem» literatura, permanece hoje imune a um certo sentimento de culpa, de tal modo que não são poucos os que contornam as dificuldades alargando o seu discurso, como o próprio Enzensberger, a uma esfera de interesses tendente a articular a literatura com a sociologia.

A propósito e a despropósito, críticos e historiadores já nos habituaram às suas incursões nos domínios da literatura. A irrupção dos sociólogos é mais recente e muito boa gente encara-a com bastante cepticismo. Com efeito, a «sociologia da literatura» é uma disciplina sentida com um complexo de culpa, de embaraço por parte dos literatos, e de inferioridade, de inadaptação por parte dos sociólogos, manifestando ambos, relativamente ao assunto, um misto de incomodidade e incompetência.

Quer a literatura quer a sociologia transformam-se com o tempo. É natural, portanto, que uma «sociologia da literatura» deva evitar «conceitos eternos» e «leis naturais» para assumir esquemas de pensamento móveis e flexíveis. Parece fácil. Nestes casos, o dado de partida é quase sempre mais ou menos o mesmo: um conceito estético de literatura que se aplica às várias épocas e pressupõe o «valor eterno da arte», aceitando, por consequência, a discriminação entre grandes e pequenas obras, autores maiores e menores (Rimbaud, grande poeta menor, assim se intitulava um célebre ensaio de Jorge de Sena), literatura culta e literatura popular, etc.

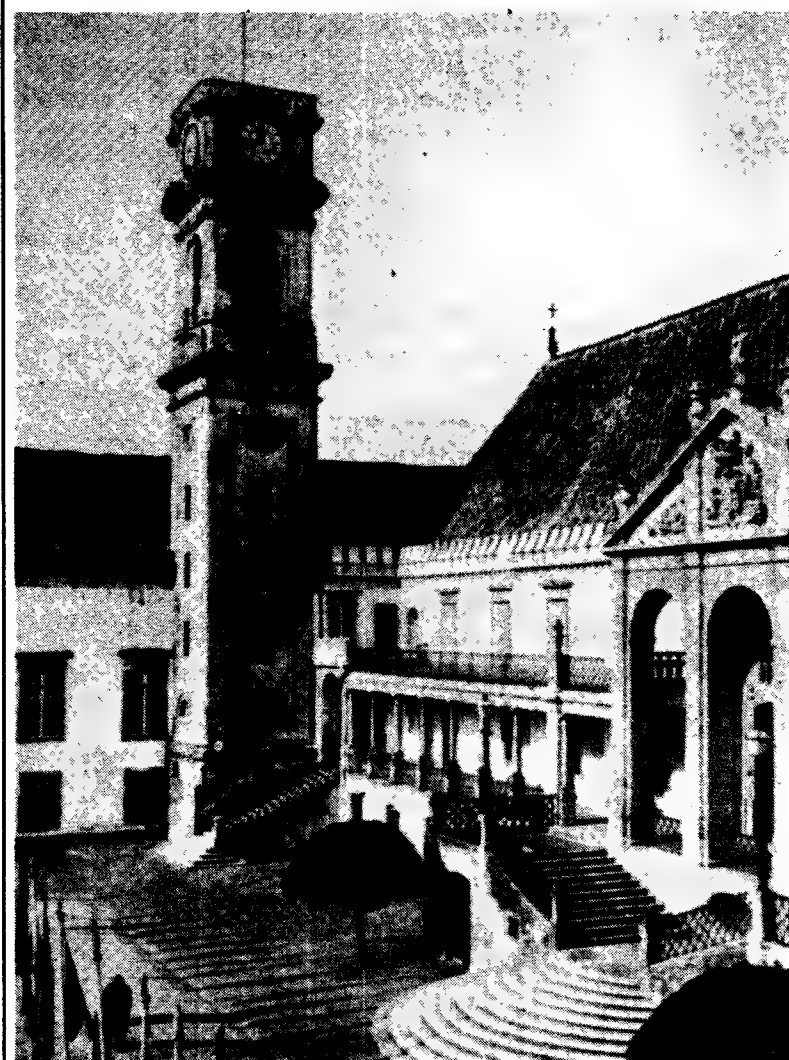
Tal «ditadura» estética fechou e congelou os horizontes da investigação sobre as relações entre esta ideia de literatura e a sociedade, e o resultado foi que ambas se movem num labirinto inverificável e sem saída. Desta armadilha, nem o próprio Marx escapou, ao cair no louvor dos «modelos imortais» da «arte bela», esquecendo (pelo menos desta vez) que a estética é sempre condicionada pela cultura das classes dominantes.

É, portanto, justo analisar e criticar a **Instituição Literária** como qualquer outra instituição das sociedades históricas, tomá-la por objecto de uma investigação tendente a destrinçar a natureza e a estrutura dos mecanismos autoritários que preside à elaboração e transmissão dos códigos, das interdições, das formas e dos valores em nome dos quais aquilo a que chamamos literatura adquire, conserva ou perde uma certa função.

A literatura e todas as outras artes cada vez precisam mais de ser sancionadas por um público numeroso, e hoje não se pensa noutra coisa senão em mendigar ou forçar o beneplácito do público. Ora, como dizia Marcel Duchamp, o público dos nossos dias torna tudo mediocre: é o público desta fase da democracia burguesa.

Seja como for, há sempre que contar com as ideologias, as quais, como é sabido, têm má reputação: parece que utilizam a magia da linguagem para fins perversos, isto é, parece que nos manipulam. Mas os escritores agora são finos: julgam ter-se tornado mestres na arte de desmascarar e criticar as ideologias. Pura ilusão! O vírus ideológico é tão violento e enganador que mesmo os melhores intelectuais lhe sucumbem (sem terem consciência disso, aliás, porquanto o próprio de uma ideologia é dissimular-se numa aparente neutralidade).

Uma ideologia é sempre a legitimação de um poder, a sublimação, como dizia Marx, de uma determinada base material. Não há nada, portanto, no domínio estético ou na esfera da racionalidade onde a ideologia não se infiltre. Existem, no entanto, umas ideologias mais simpáticas do que outras: aquelas que se abrem ao discurso dos outros e ao respeito pela Humanidade do Homem.



O Teatro de Portugal e de Espanha em Congresso

Em Coimbra, na Faculdade de Letras, que se abriu ao teatro por intermédio de uma das mais importantes instituições documentais do teatro português, a Sala Jorge Faria, decorre o I Congresso Luso-Espanhol de Teatro.

Graças aos esforços, e também à imaginação, dos professores José Oliveira Barata, daquela Faculdade, e de Juan António Hormigón, da Universidade Complutense, de Madrid, estão presentes em Coimbra, descobrindo-se e discutindo-se, algumas centenas de artistas, dramaturgos, ensaístas, professores de teatro, críticos, procurando lançar pontes entre as actividades teórica e prática no campo do teatro.

O projecto da criação de um Instituto Luso-Espanhol de Teatro é provavelmente a ideia mais audaciosa deste I Congresso Luso-Espanhol de Teatro, a lançar já raízes para a realização do II, desta vez em Espanha.

ALFAS TRIPLEX ALFA 1 007 - RISCO IMEDIATO de John Glen (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h ALFA 2 FORÇA DELTA de Menahem Golan * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 6 anos) 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h ALFA 3 OS TRÊS MUNDOS DE MOMO de Johannes Schaaf (para maiores de 6 anos) 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h ALFA 4 FILHOS DE UM DEUS MENOR de Randa Haines (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h ALFA CLUB HUMILHAÇÃO de Robert Young (para maiores de 18 anos) 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h AMOREIRAS SALA 1 007 - RISCO IMEDIATO de John Glen (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h SALA 2 O SEGREDO DO MEU SUCESSO de Herbert Ross (para maiores de 6 anos) 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h SALA 3 HUMILHAÇÃO de Robert Young (para maiores de 18 anos) 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h SALA 4 O NAVIO de Federico Fellini (para maiores de 6 anos) 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h SALA 5 GOTHIL, POETAS E FANTASMAS de Ken Russell * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 6 anos) 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h SALA 6 ENCONTRO INESQUECÍVEL de Blake Edwards (para maiores de 12 anos) 13.15, 15.45, 17.25, 19.45, 21.45 e 24.00 h APOLLO 70 GOTHIL, POETAS E FANTASMAS de Ken Russell * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 18 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (à sexta e ao sábado, também às 24.00 h)	ÁVILA — T. 539930 DELINQUENTE E DETECTIVE de Hugh Wilson * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 12 anos) 15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h) AVIS — T. 547163 GATA EM FÚRIA (interdito a men. de 18 anos) 15.30, 18.30 e 21.30 h BERNA — T. 776098 007 - RISCO IMEDIATO de John Glen (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h CAPITÓLIO — T. 372358 SEXO FORA DA LEI (interdito men. 18 anos) 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h CASTIL — T. 530194 QUEM É AQUELA GAROTA de James Foley (para maiores de 12 anos) 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h, sábados, domingos e feriados; dias úteis às 15.30, 18.30 e 21.30 h CINEBOLSO — T. 573407 MEIAS PRETAS (int. a men. 18 anos) 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h CINE 222 — T. 579460 ALIENS, O RECONTRO FINAL de James Cameron (para maiores de 16 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h O SOLDADO de James Glickenhaus (não acons. men. 18 anos) 24.00 h CINE ESTÚDIO ACS — T. 887255 OS OLHOS DA TESTEMUNHA de Peter Yates (int. men. 13 anos) 15.30, 18.30 e 21.30 h CITY CINE — T. 549999 TRUE STORIES — HISTÓRIAS DO QUOTIDIANO de David Byrne (para maiores de 12 anos) 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 h	CONDES — T. 323523 O PREDADOR de John McTiernan (para maiores de 16 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h EDEN — T. 320768 FORÇA DELTA de Menahem Golan * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 16 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h ESTÚDIO — T. 555134 NOVE SEMANAS E MEIA de Adrian Lyne (para maiores de 18 anos) 14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h ESTÚDIO 444 — T. 768078 LA BAMBA de Luis Valdez * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 12 anos) 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h FONTÊ NOVA — T. 7145088 SALA 1 PROCURA-SE MORTO OU VIVO (para maiores de 16 anos) 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h SALA 2 O SEGREDO DO MEU SUCESSO de Herbert Ross (para maiores de 12 anos) 14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h SALA 3 GULAG de Roger Young (para maiores de 12 anos) 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h	GEMINI — T. 734009 GULAG de Roger Young (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h HOLLYWOOD — T. 802859 SALA 1 O PREDADOR de John McTiernan (para maiores de 16 anos) 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h SALA 2 SELVAGEM E PERIGOSA Jonathan Demme (para maiores de 12 anos) 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h IGOPER — T. 708926 PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO De Oliver Stone (para maiores de 12 anos) 15.30, 18.30 e 21.30 h CONDENADOS A VIVER De Joaquim Romero (não acons. men. 18 anos) 24.00 h IMPÉRIO — T. 555134 DELINQUENTE E DETECTIVE de Hugh Wilson * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 12 anos) 15.00, 18.15 e 21.30 h LAS VEGAS — T. 631162 SALA 1 O PREDADOR de John McTiernan (para maiores de 16 anos) 14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h (sáb., dom. e fer.). 15.15, 18.30 e 21.30 h (de 2.ª a 6.ª) (ao sábado também às 24.00 h)	SALA 2 OS DIAS DA RÁDIO de Woody Allen (para maiores de 6 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h (ao sábado às 24.00 h) LONDRES — T. 801313 OS DIAS DA RÁDIO de Woody Allen (para maiores de 6 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h (ao sábado às 24.00 h) MUNDIAL — T. 538743 SALA 1 O 4.º PROTOCOLO de John Mackenzie (para maiores de 12 anos) 13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h SALA 2 007 - RISCO IMEDIATO de John Glen (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h SALA 3 VELUDO AZUL de David Lynch (para maiores de 18 anos) 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h NIMAS — T. 574362 JARDINS DE PEDRA de Francis F. Coppola (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h OLÍMPIA — T. 325309 DEBOCHE TOTAL (interdito men. 18 anos) Sessões contínuas a partir das 14.00 h ODEON — T. 326283 FREÍRAS PERVERSAS De Walerian Barowczyk (para maiores de 18 anos) 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h	POLITEAMA — T. 326305 A PRIMA De Aldo Lado (int. men. 18 anos) 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h QUARTETO — T. 771378 SALA 1 A CANÇÃO DO CARRASCO De Lawrence Schiller (para maiores de 12 anos) 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h HISTÓRIA INTERMINÁVEL De Wolfgang Petersen (para maiores de 6 anos) 24.00 h SALA 2 JARDINS DE PEDRA De Francis F. Coppola (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h OUTLAND — ATMOSFERA ZERO De Peter Hyams (para maiores de 12 anos) 23.45 h SALA 3 O PECADO MORA AO LADO de Billy Wilder (para maiores de 12 anos) 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h DEBAIXO DE FOGO De Roger Spottiswoode (para maiores de 16 anos) 23.45 h SALA 4 LA BAMBA * Ver «As Estreias da Semana» De Luis Valdez (para maiores de 12 anos) 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h (à sexta, sábado e domingos também às 23.45 h) ROMA — T. 887778 FORÇA DELTA De Menahem Golan * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 16 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h ROXY — T. 548560 JOVENS, BELAS E LOUCAS De Mark Griffiths (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h S. JORGE — T. 579144 SALA 1 007 - RISCO IMEDIATO de John Glen (para maiores de 12 anos) 15.15, 18.15 e 21.15 h	SALA 2 O SEGREDO DO MEU SUCESSO de Herbert Ross (para maiores de 6 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h SALA 3 OS DIAS DA RÁDIO de Woody Allen (para maiores de 6 anos) 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h 7.ª ARTE — T. 730715 QUEM É AQUELA GAROTA de James Foley (para maiores de 12 anos) 15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h STAR — T. 804210 QUEM É AQUELA GAROTA de James Foley (para maiores de 12 anos) 15.00, 18.15 e 21.30 h (de 2.ª a 6.ª). Sábados e domingos: 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h TERMINAL — T. 371573 LA BAMBA De Luis Valdez * Ver «As Estreias da Semana» (para maiores de 12 anos) 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h (à sexta, sábado e domingos também às 23.45 h) TIVOLI — T. 570595 O 4.º PROTOCOLO de John Mackenzie (para maiores de 12 anos) 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h TURIM — T. 706666 MISSÃO HONG-KONG (para maiores de 12 anos) 15.00, 17.30 e 21.30 h (dias úteis); 14.00, 16.30, 18.30 e 21.30 h (outros dias) VOX — T. 880808 Encerrado XENON — T. 368480 BELDADES DE IBIZA De Sigi Gotz (não acons. men. 18 anos) 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h
--	---	--	--	--	---	---

AS ESTRELAS

O NAVIO	★★★★★
PLATOON	★★★★★
OS DIAS DA RÁDIO	★★★★★
O PECADO MORA AO LADO	★★★★★
007 - RISCO IMEDIATO	★★
SELVAGEM E PERIGOSA	★★
VELUDO AZUL	★★
O SEGREDO DO MEU SUCESSO	●

AS ESTREIAS
DA SEMANA

LA BAMBA

Estreia hoje no ESTÚDIO 444, Quarteto e Terminal. A história de Ritchie Valens, que com apenas 17 anos ascendeu ao estrelato, vindo depois a falecer no mesmo desastre aéreo que vitimou Buddy Holly.

A realizar: Luís Valdez.

Principais intérpretes: Esai Morales, Rosana DeSoto, Elizabeth Peña e Joe Pantoliano.

FORÇA DELTA

Estreia hoje nos Alfas, Eden e Roma. Desta «força» se faz a fraqueza de muitas produções.

A realizar:

Menahem Golan

Principais intérpretes: Martin Balsam, e Joey Bishop.

DELINQUENTE
E DETECTIVE

Estreia hoje no Ávila e Império.

Um comédia protagonizada por Whoopi Goldberg, a revelação de «A Cor Púrpura» e Bob Golghwait, da saga «Academia de Polícia».

A realizar: Hugh Wilson

Principais intérpretes: G. W. Bailey, Whoopi Goldberg, Bob Golghwait.

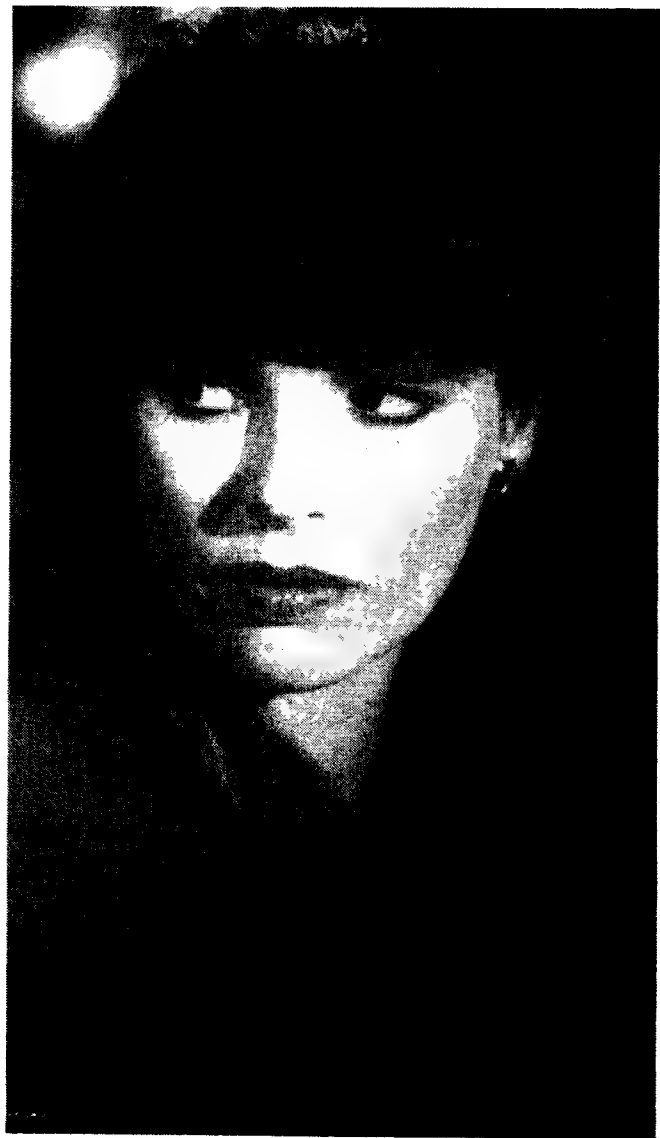
GOTHIC, POETAS
E FANTASMAS

Estreia hoje no Amoreiras e Apolo 70.

Um drama, misto de fantástico e sedução.

A realizar: Ken Russell.

Principais intérpretes: Gabriele Byrne e Julian Sands.



Kim Basinger é um dos motivos para ver «Encontro Inesquecível», em cartaz na Amadora



«Selvagem e Perigosa», com Jeff Daniels e Melanie Griffith, em exibição na Cruz de Pau

ROTEIRO SUBURBANO

Ainda há poucos anos atrás, Lisboa era o pólo onde se podia ver bom cinema e quem morasse na periferia da capital era aí que se devia dirigir. Hoje os filmes cumprem muito rapidamente o percurso que separa as salas lisboetas das povoações limítrofes, por vezes há mesmo exibição simultânea. Façamos hoje esse caminho.

Se começarmos a viajar pela «linha» do Estoril, encontramos, logo às portas de Lisboa, «Platoon» de Oliver Stone, no Cinema 2000 em Algés. É uma das grandes fitas do ano. Em Carcavelos, Jane Fonda está em «A Manhã Seguinte» de Sidney Lumet, no Atlântida Cine. Oeiras propõe-lhe esse espantoso «Comboio em Fuga» de Andrei Konchalovsky (Alto da Barra, sala 2) e, no Estoril, o Casino tem ficção científica com «Star Trek IV» realizado por Spock «himself», isto é, Leonard Nimoy. Cascais, o fim do percurso, permite uma escolha: ou o nostálgico «Os Dias da Rádio» de Woody Allen ou o terceiro capítulo da saga «Star Wars», «O Regresso de Jedi»; o primeiro está na sala 2 do Miramar, o se-



«Veludo Azul», com Dennis Hooper e Isabella Rossellini, esta manhã e depois em Sacavém

gundo no Oxford.

Começando a caminhar para o interior, a Amadora tem, também, uma dupla hipótese: «Encontro Inesquecível» de Blake Edwards, no Cinestúdio e «Taxi Driver» de Martin Scorsese, no Babilónia. O cinema Lord, de Cruz de Pau, propõe «Selvagem e Perigosa» de Jonathan Demme, boa oportunidade de filme de fim-de-semana. Em Linda-a-

Velha, o Cine Tropical exhibe «Crocodile Dundee» e, mais abaixo, na Póvoa de Santa Iria, o último Bond está no Cine Nazaré e vale sempre a pena como espectáculo: «007 — Risco Imediato». Sacavém tem, sábado e domingo, «Veludo Azul» no Cine Academia, na Portela o Estúdio Sheza passa «Salvador» de Oliver Stone, proposta irrecusável. Se o leitor mora em Vila

Franca de Xira não perca «Piratas» de Roman Polanski que, nos próximos dias, está no Cine-Teatro.

Atravessemos o rio. Em Almada vamos encontrar «A Manhã Seguinte» no Cine-Cristal, no Barreiro está o fabuloso «Ran» de Kurosawa programado para este fim-de-semana no Cine-Teatro Barreirense. Na Costa da Caparica uma dupla

hipótese a considerar: «O Império Contra-Ataca» de Irvin Kershner, na sala 2 do Caparica Oceano e «A Viúva Negra» de Bob Rafelson, no Cine O Pescador. Terminemos este roteiro suburbano na Trafaria onde o Pavilhão Jardim tem «Revolta no Pacífico» de Roger Donaldson.

Se mora na cintura de Lisboa, cinema não lhe falta, como vê.



FINALMENTE EM VIDEO

O ANO DO DRAGÃO



Jeff Bridges em «A Manhã Seguinte» de Sidney Lumet, um dos títulos de topo do primeiro lançamento Video Sif.

Chegou a «Video Sif»

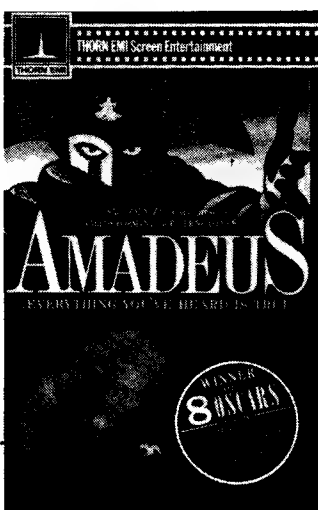
Mais uma marca (a Vídeo Sif), mais uma empresa (a Sonoro Filme, reactivada, para o mercado videográfico) e uma realidade: o grupo Lusomundo não anda a dormir.

No fundo o aparecimento deste novo catálogo tem uma relevância superior à dos filmes que vai lançar no futuro imediato. O grupo Lusomundo — que é o gigante da distribuição-exibição de cinema em Portugal — tinha uma presença no mercado vídeo pouco condizente com esse facto. Associado a empresas espanholas, quer na Legal Vídeo quer na Filmayer-Alfa, tem estado, por assim dizer, na órbita de Madrid e marcado um lugar que não prima pelo dinamismo. Ao reactivar a Sonoro Filme, especificamente para edições videográficas, lançando a marca Vídeo Sif, o grupo Lusomundo dá mostras de querer entrar sozinho na liça, quer representando catálogos internacionais (como a Lorimar e, a partir de Janeiro, a Vestron — facto que testemunha a

primeira «transferência» importante de um catálogo, até agora detido pela Edivideo que, assim, sofre um primeiro revés) quer lançando filmes independentes, que a dominadora posição do grupo no cinema assegura iram ser em número crescente.

Para já é evidente que a Vídeo Sif não tem produtos muito fortes, embora comercialmente possam ter algum interesse. É que a Lorimar é uma empresa sobretudo vocacionada para produções televisivas... O que não impede de produzir também para cinema como demonstra o seu primeiro lançamento português onde títulos como «A Manhã Seguinte» de Sidney Lumet ou «Corações em Segunda Mão» de Hal Ashby estão longe de ser irrelevantes.

CATÁLOGO

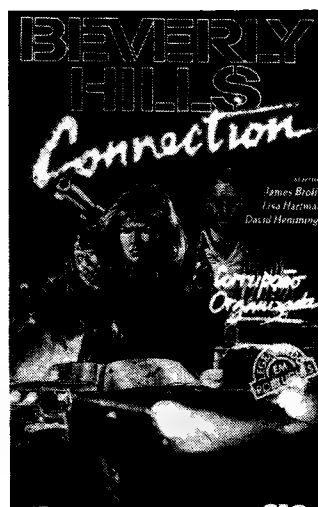


AMADEUS

Quando um filme atinge a cintilação perfeita, quando um filme encontra aquela curva exemplar traçada entre a exuberância, o rigor e a fábula, quando os actores, a cenografia, a realização, o texto e a harmonia se conjugam com o espanto, o adjectivo **genial** é o único que pode ser utilizado com justeza.

Amadeus. Realização: Milos Forman (EUA - 1984). Interpretação: F. Murray Abraham, Tom Hulce, Elizabeth Berridge. Cor; Drama; 153 minutos; m/12 anos; Ed. Imavideo/Thorne Emi.

★★★★

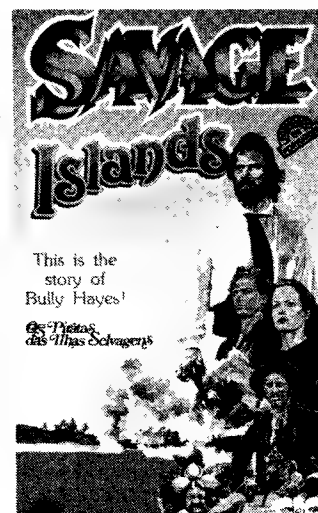


CORRUPÇÃO ORGANIZADA

Um filminho policial, filmado como se para televisão fosse (até tem as «pontuações» para inserção de publicidade), interesse curto, actores abaixo de medianos, realizador sem nada na cabeça.

Beverly Hills Connection. Realização: Corey Allen (EUA - 1985). Interpretação: James Brolin, Lisa Hartman, David Hemmings. Cor; Policial; 91 minutos; M/12; Ed. Edivideo/CIC.

●



(OS) PIRATAS DAS ILHAS SELVAGENS

Aventuras nos mares, com vilões impenitentes, uma mulher bonita, um herói insolente, muito movimento. Divertido e esquecível.

Savage Islands. Realização: Ferdinand Fairfax (EUA - 1923). Interpretação: Tommy Lee Jones, Michael O'Keefe, Jenny Seagrove. Cor; Aventuras, 96 minutos; M/6 anos; Ed. Edivideo/CIC.

★★★

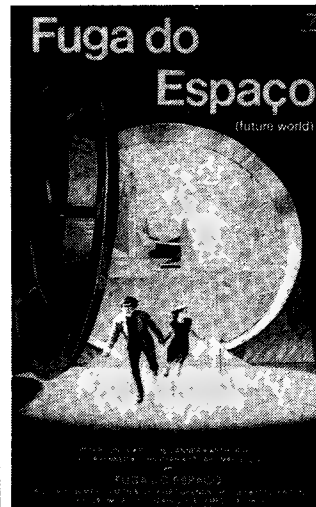


007 — OPERAÇÃO TENTÁCULO

Mais um Bond mas dos menos divertidos da série. Apesar disso, um êxito em vídeo, é tão certo como 2 e 2 serem 4...

Octopussy. Realização: John Glen (EUA - 1983). Interpretação: Roger Moore, Maud Adams, Louis Jourdan. Cor; Espionagem; 127 minutos; M/12 anos; Ed. Kodak/Warner.

★★



FUGA DO ESPAÇO

O título português é enganador. Este filme não está em nenhum «Espaço» mas num parque de diversões onde se simulam realidades (o mundo medieval, o mundo romano, o mundo do futuro...) com «robots» humanoides como comparsas. Uma fita bem engendrada e curiosa, por isso.

Futureworld. Realização: Richard T. Heffron (EUA - 1976). Interpretação: Peter Fonda, Blythe Danner, Arthur Hill. Cor; Ficção Científica; 104 minutos; M/13 anos; Ed. Publivideo/Orion.

★★★



COMANCHEROS (OS)

Um «western» de fim de carreira de Michael Curtiz, argumento mal carpintado e realização incolor. John Wayne, igual a si mesmo, ainda é o melhor do filme e Lee Marvin tem direito a uma pequena sequência em que dá largas ao seu pendor cabotino.

The Comancheros. Realização: Michael Curtiz (EUA - 1961). Interpretação: John Wayne, Stuart Whitman, Lee Marvin. Cor; Western; 107 minutos; M/17 anos; Ed. Publivideo/CBS - Fox.

★★



As vezes os alunos acabam por ser os melhores professores.

AN ACORN PICTURES Production. A LEWIS GILBERT Film

MICHAEL CAINE • JULIE WALTERS

"EDUCATING RITA"
Music by DAVID HENTSCHEL. Music Produced by JOHN GILBERT
Co-Produced by WILLIAM P. CARTLIDGE. Screenplay by WILLY RUSSELL
Produced and Directed by LEWIS GILBERT

Legendado em Português

Maiores de 13 anos



...e a energia de Julie Walters

Um filme em destaque

«A EDUCAÇÃO DE RITA» de LEWIS GILBERT

Há um cinema da câmara, do espaço, da envolvimento fílmica e há um cinema de actores, de gente. É claro que os grandes filmes são, em regra, a conjugação dessas duas coisas mas Deus sabe quão raros são esses momentos (dir-se-ia que cada vez mais raros, uma vez que os caminhos que o cinema vem tomando o têm, por assim falar, «desumanizado»...). Sem querer tomar partido fútil por qualquer forma de materializar o cinema, penso que os filmes de actores são dos que mais facilmente nos enredam no prazer da ficção. A ficção é, por definição, um faz-de-conta e um actor é, de raiz, um dúplice. É talvez por isso que um filme como «A Educação de Rita» nos consegue agarrar mesmo depois de lhe termos descoberto

fragilidades várias. E que Julie Walters (com a sua energia nas fronteiras explícitas e saborosas de uma representação que se exhibe como tal) e Michael Caine (na avisada tarimba de um grande actor) nos contagiam no seu prazer de simulação e transmitem, com rigor, o desamparo, o drama e a comédia, de duas pessoas que improvavelmente se encontram e revelam.

Não tem Gilbert grande trabalho com isso? Digamos que a sua realização é sóbria e retraída mas cria todas as condições para que um excelente filme de actores aconteça. A edição videográfica é, pelo seu lado, bastante boa e o filme adapta-se perfeitamente ao formato do pequeno ecrã do televisor.

FICHA:

Educating Rita.

Realização:

Lewis Gilbert

(G.B. — 1983).

Interpretação:

Michael Caine,

Julie Walters.

Cor.; Comédia

dramática; 112

minutos; m/13

anos; ed.

Publívdeo/RCA

-Columbia.

★★★

**CLUBE
DE
VIDEO**

video
1000
MIT

SISTEMA INÉDITO

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES
FILMES DE QUALIDADE

**SE AINDA
NÃO TEM VÍDEO**

Faça-nos uma visita, temos para si
vários tipos a preços especiais
de revenda e com garantia

**ESPERAMOS POR SI
INSCREVA-SE !**

Rua Barão de Sabrosa, 78-A — 1900 LISBOA — Tel. 83 83 03



A tarimba de Michael Caine...



O ANO DO DRAGÃO

FINALMENTE EM VIDEO



SÁBADO

RTP 1

- 10.00 - Juventude e Família
- 11.00 - He Man
- 11.20 - David, o Gnome
- 11.45 - O Anel Mágico
- 12.05 - O Tempo e o Vento
- 12.45 - Desenhos Animados
- 13.00 - Jornal de Sábado
- 13.10 - Luky Luke
- 13.35 - Akagera
- 14.05 - Videopólis
- 14.50 - Jogos e Passatempos
- 16.20 - Die Graffenn
- 16.50 - Documentário
- 17.20 - O Aventureiro



«O Aventureiro»

- 18.20 - Os Filhos da Pantera Cor-de-Rosa
- 18.45 - Experiência Migrante
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado
- 21.00 - Boletim Meteorológico
- 21.05 - 7 Folhas
- 21.35 - E o Resto São Cantigas
- 22.35 - Hill Street
- 23.30 - Cinema da Meia Noite

«O Anjo Azul», de Edward Dmytryk (EUA-1959). Não era tarefa fácil refazer um clássico como o «Anjo Azul», que Josef Von Sternberg realizara em 1930, impondo a imagem mítica de Marlene Dietrich. Poderemos até especular sobre se Edward Dmytryk seria a escolha mais justa para assinar esta nova versão, produzida 29 anos mais tarde.

Na verdade, Dmytryk (que tinha sido um dos «Dez de Hollywood», interrogados pela Comissão para as Actividades Anti-Americanas durante o período que ficou historicamente conhecido pela designação de «Caça às Bruxas») sempre revelou aptidões mais nítidas para dramas de grande espectáculo.

Exemplos significativos poderão ser os «Revoltados do Caine» (1954), «Os Jovens Leões» (1958), ou «O Homem das Pistolas de Ouro», um western realizado no mesmo ano de «O Anjo Azul».

Seja como for, esta nova versão vale sobretudo pelos sintomas de renovação que revelava no cinema americano da época. O recurso a uma tão importante referência clássica deverá ser visto, sobretudo, como uma tentativa de recuperar para o cinema um fulgor ou um prestígio que lhe permitisse fazer frente à concorrência crescente da televisão.

Assim, «O Anjo Azul» segundo Dmytryk insere-se numa estratégia de reformulação do espectáculo cinematográfico (de que as chamadas «superproduções» foram outro sinal) que a produção americana iria desenvolver ao longo da década de 60. O erotismo e a intimidade de Sternberg dão, por isso, lugar a uma crónica de decadência moral, típica das principais linhas dramáticas dos filmes americanos da época.

May Britt, atriz de origem sueca, que começara a sua carreira em Itália, teve aqui, com a personagem de Lola-Lola, o seu mais importante papel no cinema americano, depois de ter participado em «Guerra e Paz», de King Vidor e no já citado «Os Jovens Leões», também de Dmytryk.

Interpretação: Curt Jurgens, May Britt, Theodore Bikel.

RTP 2

- 10.00 - Compacto Countdown
- 13.00 - Compacto Tudo ou Nada
- 16.00 - Troféu
- 20.00 - Quem Sai aos Seus...
- 16º episódio: O irmão mais novo de Elyse, Ned, decide visitar os Keaton, porém, o seu comportamento é tão estranho que deixa toda a família muito intrigada.
- Realização: Will McKenzie
- 20.25 - Louvre
- 21.20 - RTP/Ano 30

DOMINGO

RTP 1

- 10.00 - Juventude e Família
- 11.00 - Eucaristia Dominical
- 12.00 - 70 X 7
- 12.30 - TV Rural
- 13.00 - Jornal de Domingo
- 13.10 - Ascensão e Queda do Rei Algodão
- 13.40 - A Ilha das Borboletas
- 14.05 - A Prática das Coleções
- 14.30 - Circo de Moscovo



«A Ilha das Borboletas»

- 15.20 - A Rota da Seda
 - 16.10 - Que Profissão
 - 16.40 - Primeira Matinée
- «Scaramouche», de George Sidney (EUA-1952)
- Em 1923, com Ramon Novarro no protagonista, o romance «Scaramouche», de Rafael Sabatini, já tinha sido objecto de uma célebre adaptação ao cinema. Quase trinta anos depois, esta versão é bastante diferente, não só pelo recurso da cor e do som, mas também porque corresponde a um típico modelo de espectáculo que teve nos estúdios da Metro Goldwyn Mayer a sua principal expressão.

A realização é da responsabilidade de um cineasta que tem, talvez a sua popularidade mais associada a alguns dos musicais da sua carreira: «Escola de Sereias» (1944), «Paixão de Marinheiro» (1945) e «Show Boat» (1951), entre outros.

Seja como for, com «Os Três Mosqueteiros» (1948), George Sidney revelou uma particular vocação para tratar o universo das aventuras de capa e espada, num registo em que a indispensável componente romântica se combina quase sempre com uma dimensão paródica, muitas vezes dependente das acrobáticas coreografias das sequências de duelos.

«Scaramouche» é um prolongamento exemplar deste último título, ilustrando uma época em que o espectáculo existiu de forma eufórica e regular no interior da população americana. A própria galeria de actores principais — Stewart Granger, Eleanor Parker, Janet Leigh e Mal Ferrer — surge como expressão modelar deste tipo de cinema, de tal modo foi frequente a sua participação em aventuras do género.

Como curiosidade, refira-se que Lewis Stone, o intérprete do Marquês na versão de 1923, surge agora num pequeno papel (Georges de Valmorin). Interpretação: Stewart Granger, Eleanor Parker, Janet Leigh, Mel Ferrer.

- 18.30 - Desenhos Animados
- 18.55 - O Justiceiro
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.35 - Tempo de Ensaio
- 21.00 - O Optimista
- 21.35 - Dallas
- 22.35 - Domingo Desportivo

RTP 2

- 10.00 - Troféu
- 12.00 - Entre Barreiras
- 12.30 - Caminhos
- 12.55 - Novos Horizontes
- 13.15 - Troféu
- 17.00 - Fantasia e Realidade
- 17.30 - RTP-BRASIL
- 18.00 - Bullman
- 19.00 - Palavras Ditas
- 19.25 - Music Box
- 20.30 - Arte e Letras



«A Rota da Seda»

«Andrei Tarkovsky»
21.35 - Cine-Clube
«Aerograd», de Alexandre Dovjenko (URSS-1935).

Depois de «A Terra» (1930), Alexandre Dovjenko começou a sentir os efeitos de uma reacção negativa dos quadros dirigentes do Partido Comunista da URSS. Os tempos eram de mobilização das artes para a propaganda dos ideais saídos da Revolução de 1917, e o facto de a colectivização da agricultura não ser objecto de muito explícita consagração em «A Terra» deixou marcas que se viriam a agravar na evolução posterior do cineasta.

«Ivan» (1932), primeiro filme sonoro de Dovjenko, contribuiu para agravar o mal-estar. Daí que «Aerograd» tenha funcionado um pouco como a sua hipótese de reabilitação aos olhos de Estaline (e, ao que parece, assim aconteceu).

Dovjenko escreveu mesmo uma carta a Estaline pedindo a sua protecção e, graças ao apoio do escritor Alexandre Fadeev, este concedeu-lha. Resultado prático: a realização de «Aerograd», com Fadeev desempenhando as funções de supervisor do argumento.

Seria demasiado simplista, no entanto, reduzir este (ou qualquer outro) filme de Dovjenko a uma mera expressão mecânica de um discurso retórico de propaganda. É evidente que, a partir daqui, a sua obra não é alheia a tal discurso, mas não é por isso que as suas invulgaridades de inventor de formas cinematográficas foram anuladas.

Pelo contrário, o seu trabalho adquire uma perturbante ressonância trágica, aqui bem expressa através do conflito entre os dois velhos amigos, Gluchak e Kudiyakov, o «revolucionário» e o «traidor». Tendo ainda por pano de fundo uma natureza marcada por uma impressionante força animal e anímica, «Aerograd» acaba por ser uma parábola ambígua sobre o conflito entre o Velho e o Novo.

E se algo de historicamente original emerge, Dovjenko não deixa de espalhar os sinais daquilo que, tragicamente, se perdeu na amizade ferida dos dois homens.

Interpretação: Semen Tchagayda (Stepan Gluchak), Stepan Tchikurat (Kudiyakov), Sergei Stolyarov (Vladimir Gluchak), Eugenia Melnykova (a mulher de Gluchak).

22.55 - Top Video

SEGUNDA

RTP 1

- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Tudo ou Nada
- 13.00 - Jornal Da Tarde
- 13.30 - Desenhos Animados
- 13.55 - Foi Êxito na TV
- 15.00 - Seja Bem Video
- 17.00 - Ponto por Ponto
- 18.00 - Sumário
- 18.05 - Brinca Brincando
- 18.30 - Segredos Diplomáticos
- 19.25 - Missões de Paz
- 20.00 - Telejornal
- 20.30 - Bolsa Dia a Dia



«Murrow»

- 20.35 - Boletim Meteorológico
- 20.45 - A Casa da Irene
- 21.15 - Murrow

Este telefilme conta-nos a história de Edward Murrow, famoso jornalista da CBS, desde o tempo da II Guerra Mundial até à sua morte, nos anos 60. Tornou-se célebre em programas na TV como «SEE IT NOW» (que acompanhou a queda do senador McCarthy), «Small World», e «Person to Person» e, também com as suas reportagens de Londres durante os ataques aéreos nazis. «Foi premiado com os Emmys de 1953, 1955, 1956, 1957 e 1958 como a maior personalidade da Televisão americana».

Personagens: Edward Herrmann, John Travanti, Dabney Coleman.

Realizaç-wo: Dicki Bamber

23.05 - 24 Horas

23.35 - Remate

RTP-2

- 17.15 - Os Imigrantes
- 18.00 - Countdown
- 19.00 - Simon Show
- 20.00 - Hitchcock Apresenta
- 20.30 - Uma família às Direitas
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Mostra de Livros
- 21.35 - Música E...

Com Sérgio Godinho

22.25 - Bold Steps
Documentário de excelente qualidade sobre o «National Ballet of Canada», o seu passado, presente e futuro.

Este programa mostra-nos as influências artísticas, que grandes nomes do bailado internacional como Celia Franca e Erik Bruhn, tiveram no desenvolvimento desta companhia.

Participam Rudolf Nureyev, Mikail Baryshnikov, Karen Kain, Yoko Ichino, Kevin Pugh, Kim Lighthouse e Sabina Allemann dançando bailados do repertório desta companhia: «A Bela Adormecida», «Giselle», «Don Quixote», «La Bayadère», «Les Sphins», «Here We Come» e «Oiseaux Exotiques».

Realização: Jean Jacques Goron
23.00 - Os Fazedores de Dinheiro
23.30 - Troféu



O Bando outra vez em Viagens, na Comuna

Agenda de essencial

Acalmados os ânimos no complexo Gulbenkian com o fim dos Encontros ACARTE alguém lhe chamou conta Jorge Listopad, «a feira popular dos intelectuais» e é um bom achado; acalmado o Rossio com a retirada dos sempre amados; acalmado os ares e os lisboetas, com o fim da Festa do Circo — nem por isso deixam os lisboetas de poder ir ao

teatro (oxalá queiram).

Por isso lembramos: **Calderón**, de Pasolini, encenação de Mário Feliciano recuperação provisória do belo espaço em ruínas do Ginásio: **Peça para Dois Actores**, de Tennessee Williams, encenação de Osório Mateus, na sala a lado, a do Trindade.

Outros reaparecem: **Os Dois Corcundas e a Lua**, de Richard Démarcy, encenação de João Mota, na Sala da Comuna, que aliás, está a arder em teatro: veja-se: na Sala 1, O

Urso na Cama, de Zé Gouveia, encenação de Geraldo Tuché: na Sala 2, aos fins de semana, **Viagem**, texto de Sophia de Mello Breyner, adaptação e encenação de João Brites, espectáculo de «O Bando».

Deixaram o palco **As Senhoras das Quintas-Feiras**, de Lolleh Bellon, que estavam no Teatro Vasco Santana, mas mantêm-se Io Apolloni, no Instituto Franco-Português, com a comédia musical para uma personagem **Socorro, Sou**

uma **Mulher de Sucesso**.

Continuam: no Teatro Maria Matos, **Tomá Lá Revista**, de Henrique Santana Francisco Nicholson e Mário Zambujal, no Teatro Villaret, **Criado Para Todo o Serviço**, de Barillet & Grédy, adaptação/encenação de Armando Cortez.

Atenção, a dois outros regressos: o TIL com o espectáculo infantil **O Choupo Andarilho**, de Ferreira Caetano, e o MAIZUM, com a peça de Augusto Sobral, **Bela-Calígula**, encenação de Rogério Vieira.

COMUNA

Sala Nova
Praça de Espanha
Tel. 7260818

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00).

Os Dois Corcundas e a Lua, de Richard Démarcy. Enc.: João Mota. Int.: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Manuela Couto e Paulo Ferreira.

A poesia, e o teatro, num dos mais belos espectáculos da Comuna.

Sala 1

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00)

O Urso na Cama, de Zé Gouveia e Geraldo Tuché. Int.: Geraldo Tuché e Octávio Rocha.

Sala 2

(Sábados e domingos, às 15.00)

Viagem, de Sophia de Mello Breyner, pelo Bando. Adapt./Enc.: João Brites, Int.: António Terrinha, Horácio Manuel, Jorge Laurentino, Maria Almeida, Paula Só, Raul Atalaia e Tiza Gonçalves.

É preciso recomendar?

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS

Av.ª Luís Bivar, 91
Tel. 546778

De segunda a sexta, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00; descansa às quartas.)

Socorro...Sou uma Mulher de Sucesso, de Alloisio/Colli/Gaber. Trad./Adapt.: Carlos Paulo e Io Apolloni. Cen.: Jorge Rocha. Enc./Int.: Io Apolloni. O novo espectáculo de Io: actriz que é um êxito.

TEATRO MAIZUM

Rua dos Poiais de S. Bento, 75-B-2.º
Tel. 601866

(De segunda a sábado, às 21.30).

Bela-Calígula, de Augusto Sobral. Enc.: Rogério Vieira. Cen.: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Int.: Manuel Cintra e Silvina Pereira. (Às quartas, às 18.30).

Sessões de poesia, pelo grupo «Palavras por Dentro».

Entre Calígula e Florbela nada é possível, tudo é possível. Em teatro.

TEATRO GINÁSIO

Rua Nova da Trindade, 5
Tel. 320396

(De terça a domingo, às 21.00)

Calderón, de Pier Paolo Pasolini. Trad.: Mário Feliciano e

António Barahona. Enc.: Mário Feliciano. Cen.: José João Freitas. Fig.: José Gonçalves. Int.: António Fonseca, Bibi Perestelo, Carmen Santos, Eugénia Bettencourt, Fernando Oliveira, João Cabral, Jorge Sequerra, Júlia Correia, Luísa Cruz, Marques d'Ared e Teresa Mónica.

MARIA MATOS

Av.ª Frei Miguel Contreiras
Tel. 897017

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

Tomá Lá Revista, de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal, pela C.ª do Teatro Maria Vitória. Música: João Vasconcelos, Fernando Correia Martins, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro. Enc.: Francisco Nicholson. Cor.: Magda Cardoso. Cen.: Moniz Ribeiro. Fig.: Helena Reis. Int. Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota, Fernando Mendes, Leonor Edviges, Carlos Ivo, Maria João Abreu, Marfílio Barroso, Fernando Ferrão, Cristina Areia, Eva Cristina e Rute Correia.

TRINDADE

Rua Nova da Trindade
Tel. 323200

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).

Peça para Dois Actores, de Tennessee Williams, pelo grupo, **Produções Teatrais**. Trad.: José Camões. Enc.: Osório Mateus. Cen.: Joana Rosa. Fig.: Cristina Reis. Int.: Ana Jotta e António Pires.

O mundo ambíguo de Tennessee Williams, aqui situado no próprio teatro, num espectáculo demasiado débil.

Para as crianças

TIL

Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)
Tel. 639974

(Sábados, domingos e feriados às 16.00)

O Choupo Andarilho, de Ferreira Caetano, pelo Teatro Infantil de Lisboa.

SETÚBAL

TEATRO DE BOLSO

Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9
Tel. 29130

(De quinta a domingo, às 21.30).

Boavida, e **O Diploma**, de Pirandello, pelo Teatro Animação de Setúbal.

Enc.: Carlos César. Int.: Gil António João Victor, Maria Simões, Nuno Mello, Pompeu José, Rui Paulo, etc.



A pergunta da semana

Estamos a renovar o elenco com moderação, com uma finalidade: que a Escola de Teatro não se atrase face à evolução artística e pedagógica que o mundo conhece.

Jorge Listopad — «Diário de Notícias»/19.07.87.
Mas então a Escola de Teatro não está há séculos atrasada, Jorge Listopad?

ÚLTIMA HORA

● Dia 27, domingo, último dia da exposição **Gente de Palco, II**, no Museu Nacional do Teatro. Este fecha no dia seguinte para voltar a abrir no dia 17 de Novembro, totalmente remodelado, com uma exposição nova: **A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro 1921-1974**.

Isto, diz Vítor Pavão dos Santos, «se não falharem os apoios prometidos».

● Um grupo português no Festival Internacional do Jovem Teatro que se realizou em Mérida: o Grupo de Teatro Aquilo com a peça **Homem e Companhia**, de Manuel Granjeio Crespo, encenação de Américo Rodrigues.

● Notícia que veio da União Soviética: o romance **Doutor Jivago** vai ser adaptado ao teatro num espectáculo a apresentar pela C.ª do Teatro Máximo Gorki de Leninegrado.

● O dramaturgo Norberto Ávila lançou em Angra do Heroísmo a sua nova peça **D. João no Jardim das Delícias**. Norberto Ávila realizou uma digressão por algumas cidades dos Açores apresentando um diaporama sobre a História do Teatro, iniciativa apoiada pela SSC.

● Amália participou no Teatro Municipal Mirita Casimiro numa sessão destinada à angariação de fundos para o monumento a erguer em Paço d'Arcos à memória do grande actor José de Castro.

● Uma surpresa na temporada da Cornucópia: segundo espectáculo previsto, a encenação da peça de Tchekhov **As Três Irmãs**.

● Atenção ao regresso de **Viagem**, o espectáculo do Bando sobre a história de Sophia de Mello Breyner, aos fins-de-semana na Comuna.

● É certo que Raquel Maria troca a Cornucópia pelo Centro Dramático Intermunicipal de Loures?

● É certo que Alexandra Lencastre troca o TEC pelo mesmo Centro Dramático?

● Homenagem a António Pedro numa nova revista literária cabo-verdiana, «Fragmentos».

Acto

Encontros (ACARTE 87)
e desencontros

Podemos começar por afirmar, o mais tranquilamente possível, que os Encontros ACARTE 87 foi um dos mais importantes acontecimentos que no campo do espectáculo teatral (expressão que se usa com algumas reservas) surgiram no Portugal livre (do pós-25 de Abril, portanto). Tentemos ser alfabeticamente essa importância e o seu contrário, que também o houve.

Ausências — Um aspecto em que os Encontros ACARTE falharam, sem que lhes possamos assacar quaisquer culpas, foi o de interessar a gente do teatro português incluindo dramaturgos, que esteve quase totalmente ausente, não só dos espectáculos, onde apareceram, pelo menos alguns actores, mas sobretudo nas conferências, mesas-redondas, debates. Não tinham nada a aprender com os profissionais estrangeiros, os nossos profissionais? Mesmo reconhecendo as dificuldades que grande número de artistas e técnicos do teatro português, têm para estar presentes com alguma regularidade, o problema, quer-me parecer, situa-se noutra área, a da recusa de intervenção dos portugueses nas áreas teóricas que lhes dizem respeito.

Outras ausências, no entanto, foram tão graves como essa: caso dos representantes da RTP. Sabendo-se que os problemas das relações Teatro/Televisão estariam presentes, sabendo-se que uma das conferências seria da responsabilidade de um alto responsável da televisão europeia, como explicar a absoluta ausência dos funcionários superiores e dos gestores da RTP? Já sabem tudo sobre tudo?

Mas foi dupla a ausência da RTP: não enviou representantes seus aos debates que lhe diziam respeito, não criou um espaço de informação e debate para difusão dos Encontros junto dos telespectadores, erro absolutamente imperdoável. O progresso de um povo avalia-se também pela capacidade que demonstra em gerir produtivamente os instrumentos tecnológicos de que dispõe. Somos um povo, vê-se dolorosamente atrasado. De que vale fazer reuniões de ministros da Cultura europeus quando falhamos em funções tão banais e mesquinhas?

Outra ausência: a de funcioná-

rios e representantes da SEC. Foi como se para os responsáveis pela nossa política teatral nada se tivesse passado, embora tudo se passasse ali a dois passos da Av.ª da República. Como explicar e comentar o facto?

Balanço — Começa por ser positivo na medida em que os Encontros atingiram plenamente os objectivos em vista: não só se mostraram para os interessados um determinado conjunto de espectáculos como foram postos em circulação à volta e paralelamente, contactos, debates, formas de convívio. Durante nove dias, artistas nacionais e estrangeiros, gestores teatrais, críticos, espectadores, conversaram, discutiram. Foi positivo.

Nem tudo foi positivo, claro. Se fôssemos a avaliar, em termos tão objectivos quanto possível, a importância, a qualidade, o interesse dos espectáculos, verificaríamos que, pelo menos numa percentagem razoável, se tratava de espectáculos pouco interessantes, que não atingiam zonas de produtividade estética suficientemente ricas nem representavam rupturas tão decisivas como se queria fazer crer.

Novo teatro, teatro jovem, dança teatral — qualquer designação servia mal para classificar espectáculos híbridos, pouco criativos, que não manifestavam a coragem de assumir um projecto alternativo.

Desse modo, descobrimos espectáculos agradáveis, caso de *Il Ladro di Anime*, de G. B. Corsetti (Itália) ou *Les Louves & Pandora*, de Jean-Claude Gallotta (França); descobrimos espectáculos que se apresentaram como propostas de radicalização da linguagem, caso de *Ações*, do Fura Dels Baus (Catalunha) ou de *What the body does not remember*, de Wim Vandekeybus (Bélgica), podendo-se colocar, nesta zona de radicalização, o espectáculo *In Concert*, do

Bow Gamelan Ensemble (Grã-Bretanha), amostragem de ruído, fogo e fumo, para nós, uma das experiências mais frustrantes do festival; podíamos descobrir espectáculos relativamente pobres sob o ponto de vista do levantamento de um imaginário, caso, sobretudo no campo da dança, de *No Fixed Abode*, de Pauline Daniels (Holanda), e *Allegro Vivace mais pas trop*, de Adriana Borriello (Itália); poderíamos descobrir propostas com alguma força inventiva e com alguma carga crítica, caso em especial de *Need to Know*, da Needcompany (Bélgica), em que a relação/destruição teatro/vídeo-teatro/teatro parece original e produtiva; poderíamos descobrir dois espectáculos cujos projectos, apesar de isolados, surgiam com força indiscutível, caso do *Teatro das Enormidades apenas críveis à luz eléctrica*, de Ricardo Pais (Portugal), e em especial de *Montedemo*, de Hélia Correia/João Brites/O Bando. (Portugal) apesar das péssimas condições em que foi apresentado, espectáculo considerado por um conferencista estrangeiro (ah esta sobrevivência...) como representando um modelo possível de um teatro futuro.

Por vezes, mas não foram poucas, surgiu a surpresa: foi o caso de *Il Cortile*, do grupo Sosta Palmizi (Itália), fusão forte entre teatro e dança, visão de um mundo crepuscular, de uma humanidade sem esperança, num espectáculo denso, inventivamente sinalizado. Foi o caso, mas acabando por revelar-se decepcionante, da ópera *Der Vampyr*, da Pocket Opera Company (R.F.A.).

Balanço, pois, positivo, embora com reticências. Positivo sobretudo em termos genéricos, como formulação e realização de um conjunto de iniciativas que se congregaram e mutuamente se enriqueceram.

Conversas & Discussões — Em 9 dias, 7 conferências, 3 mesas-redondas, 3 encontros-diálogo. Parecia em excesso mas o público revelou apetência para este tipo de realizações, que estiveram quase sempre com boa assistência.



A versão «body-paintrigo» do «Furia deles Baus»

As conferências oscilaram entre «charlas» interessantes, improvisos muito débeis, trabalhos bem preparados. Coube a Eugénia Vasques, crítica do «Expresso», a representação do teatro português, sobre ele falando.

Foi um dos estudos mais aprofundados que surgiram nesta série de comunicações, juntamente com o de Maria Helena Serôdio, em mesa-redonda embora nem sempre marcado por um grande rigor.

Vejam os de que se falou: Bernard Faivre d'Arcier falou das «Relações entre o teatro e o audiovisual na Europa»; Neil Wallace do «Destino da vanguarda britânica»; Bernard Raffalli de «Teatro de Objectos, teatro para um público jovem para um outro teatro na Europa»; Carlo Infante da «Transição progressiva do teatro: Nova sensibilidade, novas percepções»; Jan Middendorp da «Condição do teatro jovem na Europa»; Philippe Tiry do «Encontro do Teatro na Europa»; Eugénia Vasques do «Teatro em Portugal nos anos 80: tendência e especificidades».

Quando às mesas-redondas tiveram a participação de Maria Helena Serôdio, Bernard Faivre d'Arcier, Neil Wallace, Tomás Ribas, Bernard Raffalli, Fernando Midões, Jan Middendorp, Jorge Listopad, Maria Helena Dá Mesquita, Manuela de Azevedo, José Valentim Lemos e Carlos Porto.

Realizaram-se ainda três encontros-diálogo com o título «Os Artistas e o seu Público», em que representantes dos vários grupos participantes eram confrontados com as perguntas de espectadores, jornalistas e críticos.

Nos debates travados nestas realizações, pode dizer-se que se gastaram muitas palavras a discutir o teatro que recusa a palavra. De facto, alguns temas saltaram de debate para debate, e um deles foi esse, o do confronto Novo Teatro ou teatro sem texto, Velho Teatro ou teatro com texto. As posições mantiveram-se bastante extremadas como é natural, tanto mais que os próprios espectáculos apresentados não ajudavam na maioria dos casos a que fosse possível entender o que significavam expressões como Novo Teatro ou Nova Dança.

Foi criticado, por outro lado, o conceito Europa utilizado nos Encontros já que o festival do

ACARTE parece especialmente vocacionado para se restringir ao espaço da CEE.

Um outro ponto controverso foi o da crítica muito contestada embora por segmentos muito minoritários do público.

Registe-se ainda a acusação a produtores teatrais portugueses da sua incapacidade em teorizar a sua actividade o que significaria um prejuízo grave para a prática teatral. Acusação em parte injusta, porque existe um mínimo de teorização em alguns escritos publicados em programas, ela pode ser estendida para toda a gente, incluindo os próprios acusados, incluindo os críticos cuja produção teórica é, como se sabe, e por causas várias, demasiado pobre.

Note-se que o público, ao contrário do costume, não se inibiu de intervir nos debates, sendo normalmente necessário pôr termo aos debates que poderiam prolongar-se. Entre essas intervenções, uma de João de Brites, depois da última mesa-redonda, que chamou a atenção para o problema da ética, sem a qual, na sua opinião, nenhum problema do teatro português terá solução condigna. Será necessário, acrescentou, que cada um assumisse frontalmente e moralmente a sua posição no mundo e na profissão para que seja ultrapassada a situação de crise em que vivemos.

Entre outras declarações que vale a pena sublinhar, as de Bernard Faivre d'Arcier que chamou a atenção para a necessidade de os homens de teatro aproveitarem a televisão como instrumento de difusão e até de criação, manifestando algum pessimismo sobre as possibilidades do teatro ser admitido pela nova sociedade em que começamos a viver, pessimismo contrariado por Fernando Midões que chamou a atenção para a necessidade de vigilância das multinacionais da Comunicação Social.

Se o Novo Teatro, o teatro sem texto e o teatro com texto, foi explícita, implícita e até subliminamente, o grande tema de todos estes debates, também a crítica de teatro em Portugal, como se escreveu, foi posta em questão, embora de forma demasiado pouco rigorosa para ser mais do que uma contestação provocatória.

(Conclui no próximo Cartaz)
Carlos Porto

I Congresso
Luso-Espanhol
de Teatro

Um dos grandes acontecimentos da cultura teatral portuguesa, esta semana em Coimbra. I Congresso Luso-Espanhol de Teatro com a presença de cerca de 300 personalidades ligadas à actividade teatral dos dois países. Temas ainda em debate:

Hoje, sexta, às 16.00, O Ensino do Teatro na Universidade, com José Oliveira Barata (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra); Juan António Quintana (Universidade de Valladolid); César Oliva (Universidade de Múrcia); Manuel Guerra (director do Teatro Gil Vicente).

A mesma hora, A Crítica da Crítica Teatral, com os críticos portugueses Carlos Porto, Eugénia Vasques e Maria Helena Serôdio, com o espanhol Jose Monleón e ainda Guillermo Heras (director do Centro Nacional de Nuevas Tendências Escénicas).

Amanhã, sábado, Crise da Escrita Cénica: Do Texto da Escrita à Representação.

Intervenções dos dramaturgos portugueses Jaime Salazar Sampaio e Norberto Avila, de Adolfo Marsillach (director da Companhia Nacional de Teatro Clássico), e Juan António Hormigón (Universidade Complutense de Madrid).

Projecto de Criação de um Instituto Luso-Espanhol de Teatro.

Intervenção de José Oliveira Barata. Encerramento dos trabalhos.



«As Lobas» ou «Pandora», de Emil Dubois: as anedotas, bem contadas, do triângulo

ANTENA 1

A ARTE DE BEM MADRUGAR — Aos domingos, das 2 às 6; realização de Vítor Dias.

Em tempos de insónia, felizmente já idos, a única companhia reconfortante ao sábado à noite foi «A arte...» de Vítor Dias. Simples, modesto, mas claramente preocupado com cada um de nós.

ÍNTIMA FRACÇÃO — Às 2.ªs, das 0 às 2; realização de Francisco Amaral.

Uma boa maneira de sair do fim-de-semana: com recolhimento, mas também com inteligência. E com boa música, claro!

DOM DIA... E RISCO AO MEIO — De 2.ª a 6.ª, das 10 às 12; realização de Armando Carvaheda.

Setembro, sem o prof. Eduardo Cortesão a «virar» o início de uma semana de trabalho e a obrigá-los a parar para reflectir, é mais vazio. Esperemos que a sua ausência se deva a umas férias! Até lá atenção ao prof. João Medina (às 3.ªs feiras).

RÁDIO COMERCIAL — ONDA MÉDIA

PORTUGAL E A CEE — De 2.ª a 6.ª, das 22 às 22.15; realização de Hélder Martins.

Bem antes da entrada de Portugal para a CEE, a Hélder Martins realizava este programa, divulgando as realidades das Comunidades. Hoje, tão útil e necessário como outrora, lá continua.

TEMPO E RESULTADO — De 2.ª a 6.ª, das 22.30 às 23; realização do Núcleo de Desporto.

O desporto dia a dia, numa informação que, não dispensando os jornais desportivos, é relativamente vasta, «mordendo» para além do futebol.

VIGÉSIMA QUARTA HORA — INFORMAÇÃO — De 2.ª a 6.ª, das 23 à 1; programa de João Martins, com apresentação e realização de Aníbal Cabrita.

Vasta equipa de jornalistas analisa diariamente os acontecimentos da vida nacional e internacional. Inclui até a informação económica (Horácio Periquito) e a análise do mercado de capitais (Jorge Botelho Moniz) e areja com o imprescindível e histórico «Cinco Minutos de Jazz» de José Duarte.

RÁDIO COMERCIAL — FM ESTÉREO

TEMPO DE FUGA — Aos sábados, das 13 às 14; realização de José Ramos.

O desejo da fuga (que tem sempre um preço) exaltado ou meramente sublinhado pela «voz de ouro» de José Ramos e a sua enorme capacidade de adaptação ao que tem de «vender», e que neste caso são as magníficas «Pousadas de Portugal».

VIVÓVELHO — De 2.ª a 6.ª, das 14 às 16; Realização de Pedro Albergaria.

Quem não gosta de recordar as músicas que embalsamaram a sua adolescência e ao som das quais começou a descobrir um outro mundo, o da intimidade afectiva, da sexualidade ou da solidariedade? Mais, quem não gosta de lembrar como é que isto (o «rock») nasceu?

CONCERTOS DA COMERCIAL — Aos domingos, das 16 às 17; realização de Luís Montez.

O «rock» vive muito do «live», isto é, dos concertos, fervilhando de juventude e emo-

O Outono chegou e Outubro está à porta, com a consequente «rentrée» radiofónica.

No que respeita às estações nacionais, muito se discute ainda sobre o que vai ser a nova «saison». Não esqueçamos que provavelmente será a última vez que ela viverá sob o figurino institucional actualmente vigente, o que é uma preocupação acrescida.

Certo, certo, parece ser que a RFM, exaurida de alguns dos seus melhores profissionais, que a trocaram pelo «Correio da Manhã-Rádio» (CMR), e ainda no rescaldo desse embate, dará um passo em frente.

Nas palavras de João Viegas Soares, director da RFM, nada distingue os principais FM's — eles serão, desta ou daquela forma, meros «gira-discos» gigantes. E adianta que a aposta da RFM será, no campo da «produção» e da informação musical e sobre espectáculos, em parâmetros e de forma ainda a definir.

«... uma Rádio que seja também um jornal e uma revista» parece ser uma das intenções de Viegas Soares para a RFM, sendo curioso notar que o CMR também parece vir a enveredar, na «3.ª fase» da sua vida, por um reforço da produção e da informação, ao menos nas palavras de Rui Pêgo, responsável pelo canal.

A Antena 1 só deverá apresentar alterações para meados de Novembro, aquando da entrega dos seus prémios

anuais, enquanto na Rádio Comercial, Jaime Fernandes e João David Nunes pareceu ainda não ter finalizado o seu trabalho de concepção da nova grelha.

Aliás a situação na Comercial deve ser complicada. Dirigida por um candidato (?) a comprador e por um futuro gestor (?) da «concorrência» (RDP), será curioso observar o que lá vai mexer.

Tanto quanto sei certo já será que José Ramos volte a fazer as Manhãs do FM, por pressão de patrocinadores vários que desejam a «voz de ouro» àquela hora, uma das mais fortes em termos de audição.

Quanto às Rádios «livres» profissionais, para além do que já se mencionou em relação ao CMR, há que ter em atenção a Rádioreste (RGT), que por enquanto não anda nem desanda, parecendo que está com sérias dificuldades em arrancar a sério.

Miguel Coelho e Margarida Mercês de Melo vão apresentando música e lendo algumas notícias, e pouco mais. A aposta forte da manhã — Luís Paixão Martins — ainda não deu sinais de vida.

A «rentrée» vai obviamente arrastar-se, e só para meados do Outono ela estará completa. E atenção a (eventuais) surpresas...

Rui Cartaxo



João Viegas Soares e Rui Pêgo, «unidos» na ideia da produção e informação.



RFM

AS NOITES BRANCAS DA RFM — De 2.ª a 6.ª, das 3 às 6, com realização de Amílcar Fidelis; nos sábados e domingos, das 2 às 7, com Jorge Rodrigues.

Madrugada de FM, com música ao sabor típico desta «frequência», sem palavras e sem noticiários. É ouvir, na insónia, na viagem, na companhia de um livro, etc., etc.

COLAR DE PÉROLAS — Aos sábados, das 15 às 17; realização de Manuel Falcão.

«Saber ler (e) saber escrever», conhecer e amar a música rock, não chega para fazer um programa de rock, sobretudo se a voz, a dicção, a intuição e a presença radiofónica estão literalmente ausentes.

FIGURAS DE ESTILO — Aos sábados, das 17 às 19; realização de João Govern.

ção. O concerto é a prova de fogo, e aqui está Luís Montez a mostrar alguns que puderam ser registados.

AS NOITES LONGAS DO FM ESTÉREO — Aos domingos, das 21 às 24; textos de João Viegas, apresentação e realização de António Santos.

Mais de cinco anos e meio no «top» de audiência a esta hora, sempre na mesma linha e com a mesma eficácia. Um dos programas emblemáticos do FM Estéreo.

TNT-TODOS NO TOP — De 2.ª a 6.ª, das 10 às 12; realização de Jorge Pêgo.

Jorge Pêgo não é, definitivamente, um especialista do «pop» e do «rock». Tantos anos à frente deste espaço, alguma justificação terá, embora não seja claro qual ela possa ser...

Prolixo, tanto na escrita como na fala, caindo por vezes num gongorismo demasiado forçado, João Govern é no entanto conhecedor, vivo e dinâmico. O resultado é muito razoável e o programa vai-se tornando mais sólido; em duas palavras, rock e rádio.

CEM MAIS — De 2.ª a 6.ª, das 9.30 às 21; realização de Luís Loureiro, José Maria Corte Real, Marcos André e Pedro Tojal.

Uma «play-list» simultaneamente restrita e eclética, uma flor gritante de ritmo duradouro devido à ausência de espaços (e locutores/realizadores) bem demarcados. E o rock a «metro».

OCEANO PACÍFICO — De 2.ª a 6.ª, das 22 às 24; realização de João Chaves.

Programa limpo e honesto, sem grandes ambições mas muito eficaz. Música e locução a condizer, escolha acertada da hora do dia (noite), coerência e perseverança fizeram o êxito deste programa.



LUÍS LAMELA

Um pouco a caricatura do gesto mecânico, gesto de cada vez diverso e de cada vez repetindo-se à saturação. Superfície de suporte pintada como se fragmento fosse de uma superfície infundável, como se o que se mostra fosse a parte de todo um resto. Pinceladas postas lá em dispersão, mas dando a noção de terem sido acumuladas. Um tom e uma cor dominantes. Depois, o vento, sabem, empurrou o que pintado de fresco lá estava, arrastou com direccionalidade e intenção e isso também lá ficou expresso. Então, cada trabalho exposto contem-se na superfície de suporte e justifica-se na dimensão em que está, de sob o movimento que possui agora,

descobrem-se sucessivas camadas de gestos diferentes e a noção de fundo e de figura é expressa. Também da cor se se quiser falar, dela se pode dizer que é única numa primeira aproximação, embora desde logo revele ser composta. E ela se revela extremamente rica à medida que nos aproximamos.

Pintura dum certo abstraccionismo lírico e por vezes dum certo gestualismo. Pintura figurando por vezes horizontes, muitas vezes construída como se duma paisagem se tratasse. Pintura apresentando valores e intencionalidade.

Porfírio Alves Pires

• «A FUNDAÇÃO GULBENKIAN VISTA PELAS CRIANÇAS»

Centro Artístico Infantil, Fundação Gulbenkian, Av. de Berna 45; 2.ª a 5.ª, 15-17. (Até 25/9).

• COLECTIVA

Escada Centro - Arte, Rua da Bela Vista, 81-A; 2.ª a 6.ª, 14-20; sáb., 10-14.

Pintura e escultura (até 26/9).

• SÉRGIO COSTA

Galeria Monumental, Campo Mártires da Pátria, 101; diariamente, 15-20.

Pintura (até 28/9).

• TERESA PONTES E CARLOS LAPA

Arte no Bar, R. da Imprensa Nacional, 46.

Pintura (até 30/9).

• «LE CORBUSIER»

Instituto Franco-Português, Av. Luís Bivar, 91.

Fotografia (até 30/9).

• «GIUSEPPE PRIMOLI — FOTÓGRAFO EUROPEO»

Instituto Italiano de Cultura, R. do Salitre, 146; 2.ª a 6.ª, 16.30-19. (Até 28/9).

• EDUARDO NERY

Museu Nacional do Traje, Parque do Monteiro-Mor.

Tapeçaria (até 30/9).

• COLECTIVA

Instituto Franco-Português, Av. Luís Bivar, 91.

Tecidos (até 30/9).

• ADRIAN PHILIMORE

Palácio dos Coruchéus, R. Alberto de Oliveira, 2.ª a 6.ª, 10-17.

Desenhos (até 30/9).

• ARTES PLÁSTICAS

ANGOLANAS

Galeria EMI, R. Cruz dos Poiais, 111.

Pintura, escultura, gravura, teçagem e fotografia (até 30/9).

• ALBANO

Junta de Freguesia de Carnide, Largo das Pimenteiras, 6-A; 2.ª a 6.ª, 16-20; sáb. e dom., 16-24.

Desenho (até 30/9).

• COLECTIVA

Galeria Altamira, R. Filipe Folque; 2.ª a 6.ª, 10-19; sáb., 10-13.

Pintura (até fins de Setembro).

• GALLIBIBIENA

Museu Nacional de Arte Antiga, Rua das Janelas Verdes; 3.ª a dom., 10-17.

Desenhos de arquitectura e cenografia (até fins de Setembro).

• GIL TEIXEIRA LOPES

Mosteiro dos Jerónimos, Sala dos Reis.

Obra gráfica (até fins de Setembro).

• MOREIRA DE SÁ

Romarte Galeria, Centro Comercial da Portela, loja 5.

Pintura (até 4/10).

• LUÍS RALHA

Galeria Voz do Operário, Rua Voz do Operário, 13; 2.ª a 6.ª, 10-19; sáb., 15-19.

Desenho e design (até 3/10).

• CARLOS BARROCO ROMUALDO

Galeria Novo Século, R. do Século, 23-A.

Pintura e objectos (até 2/10).

• CLARA AZEVEDO

Galeria Diferença, R. S. Filipe Néri 42; 3.ª a 6.ª, 15-20; sáb. e dom., 16-19.

Fotografia (até 11/10).

• FERNANDA FRANCO FERREIRA

SNBA, R. Barata Salgueiro, 36; 3.ª a dom., 14-20.

Pintura (até 4/10).

• MICHAEL WIEBEN

Galeria «A Janela Verde», R. do Olival, 9; 2.ª a 6.ª, 14-20.

Pintura (até 6/10).

• LUÍS LAMELA

Galeria de Arte da Livraria Bertrand, Chiado; 2.ª a 6.ª, 9-19.

Pintura (até 9/10).

• PAULA RUELLA

Galeria Da Vinci, R. de Belém, 75; 2.ª a sáb., 15-20.

Pintura (até 15/10).

• STEVE CURRIE

Galeria Diferença, R. de S. Filipe Néri, 42; 3.ª a 6.ª, 15-20; sáb. e dom., 16-19.

Escultura (até 11/10).

• PORTINARI

Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Bettencourt; 3.ª a dom., 10-17.

Pintura e desenho.

• «NOVE ARTISTAS FRANCESES — 87»

Centro de Arte Moderna, R.

Dr. Nicolau Bettencourt, 3.ª a dom., 10-17.

• JOSEPH KOSUTH

Galeria Cómicos, R. Tenente Raul Cascais, 1-B; 2.ª a sáb., 15-20.

• «FRONTEIRA SUL»

SNBA, R. Barata Salgueiro 36; 3.ª a dom., 14-20.

• COLECTIVA

Galeria Triângulo, Av. D. Vasco da Gama, 48-A; 2.ª a 6.ª, 14-20; sáb., 10-13.

• COLECTIVA

Artex Galeria, R. Nova do Almada, 85; 2.ª a 6.ª, 9-13 e 15-19; sáb., 9-13.

Pintura.

• COLECTIVA

Módulo, Av. António Augusto de Aguiar, 56, 5.º Dt.º; 2.ª a sáb., 16-20.

• ANDREW MANSFIELD

SNBA, R. Barata Salgueiro, 36; 3.ª a dom., 14-20.

• AMADEO DE SOUSA CARDOSO

Fundação Gulbenkian, Av. de Berna, 45-A; 3.ª a dom., 10-17.

• PENICHE GALVEIAS

Galeria de S. Francisco, R. Ivens, 40; 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19; sáb., 10-13.

Exposição de homenagem a Peniche Galveias.

• «PINTURA MANEIRISTA»

Galeria Almada Negreiros, Av. da República, 18.

«Pintura Maneirista» do Museu Nacional Machado de Castro.

SORRIAM!

Humor discreto (se o humor isso pode ser) para uma crítica social relevante.

É das situações banais do dia-a-dia que este álbum fala e muitas vezes fá-lo com grande violência por baixo da sua capa de falsa amabilidade.

Já no fim do álbum temos uma semana de segunda a sexta-feira onde num convívio social de fim de férias são postas a ridículo as convenções e os valores mais bem aceites entre nós e isto dum modo que não dá nenhum brilho ao nosso pequeno mundo bem pensante.

Vistas por Sempé, tais convenções são meras ruínas de símbolos, embora conservem o encanto.

De qualquer maneira, durante todo o álbum, o que é posto em causa é o papel social dos actores e só excepcionalmente o facto acaso vem solicitar o sorriso, mas mesmo quando isso acontece o homem, esse ser social, é posto em causa.

E o desenho, o desenho de Sempé só lá está ao serviço das situações contadas. Não é um desenho que se valorize em si mesmo, mas um desenho ao serviço da vontade de contar. Umas vezes austero, outras exuberante mas sempre sujeito ao que é necessário dizer.

Se a vida dos homens está aqui contada com ironia, as suas ambições e sonhos também e tudo é reduzido ao tamanho do dia que passa.

Humor muito sensível e mordaz!

TÍTULO — DIAS DE FÉRIAS

AUTOR — SEMPÉ

EDITOR — PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

PORFÍRIO ALVES PIRES

Dias de Férias

Sempé.



CLÁSSICA

Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45. Telef. 735131. Bar do Museu.

Dia 27, pelas 12.00h: concerto por **Eduardo Lucena e Maria José Guedes**.

Dia 27, pelas 17.00h: no Anfiteatro ao Ar Livre, concerto pela **Banda Muscial 12 de Abril**.

Vafra

Palácio Nacional

Dia 25, pelas 21.30h: concerto pela **Orquestra Gulbenkian**. Aos domingos, pelas 16.00h:

concertos de carrilhão executados por **Francisco Alves Gato**. Obras dos séculos XVII a XX e canções do Cancioneiro Popular Português.

Sintra

Palácio Nacional de Sintra

As sextas-feiras e sábados, pelas 21.20h: «Espectáculo de Luz e Som», com a participação de **Pedro Caldeira Cabral, José Campos de Sousa, Isabel Biu, Orlando Worm** (música), **Eunice Muñoz, Rui de Carvalho, Jacinto Ramos, Vitor de Sousa, Luís Lucas e João Grosso** entre outros.

LIGEIRA

Lisboa

Drogaria Ideal

R. do Conde, 57. Telef. 661277. Aos sábados: **Mila Ferreira** canta música francesa acompanhada por **Rui Moura**.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de S. Antão. Telef. 361997.

Dias 25 e 26, à noite: música brasileira com a artista **Joanna**, recentemente galardeada com um disco de platina.



Se temos o ábaco para que queremos computadores?

A imprensa vai-nos trazendo ecos da cultura músico-teatral de outros países. Aribert Reimann, um dos mais notáveis compositores da RFA, que ronda os cinquenta anos de idade, é cada vez mais solicitado pelos palcos musicais de língua germânica. Há uns cinco anos, Harry Kupfer encenou na Ópera Cómica de Berlim-RDA o seu «Rei Lear» (que tivera pouco antes a sua estreia mundial em Munique); um espectáculo de antologia, sem dúvida um ponto culminante do moderno teatro musical, porventura uma das melhores realizações de sempre da peça de Shakespeare. Só a cena da tempestade, já pela substância musical, já pela eficácia da concepção de Kupfer, já pelo virtuosismo da sua representação bastaria para testemunhar a excepcional categoria da produção.

Uma nova ópera do mesmo compositor — «Troades» —, sobre a guerra de Tróia, estreada no ano passado em Munique, acaba de subir à cena em Hannover. O sentido da obra está bem expresso na sentença de uma das personagens centrais, Cassandra: «guerra é loucura». A encenação de Ekkehard Gröbler, os cenários de Hans Peter Lehman, a interpretação da companhia da Ópera de Hannover e a direcção musical de Georg Alexander Albrecht parecem convergir no propósito de tornar o mais penetrante possível essa mensagem da mais gritante actualidade. O entusiasmo suscitado pela obra pode medir-se pela crónica de Heinz Josef Herbert, do «Die Zeit», hebdomadário de Hamburg, próximo do SPD: «Como atrair à Ópera de Hannover adeptos dos Pershing-1a? Quem conseguirá convencer o senhor Wörner [Ministro da Defesa da RFA] de que, se desviasse para um tal espectáculo de ópera alguns dos seus milhões destinados a armamento, talvez estivesse a contribuir mais para o reforço da Paz?»

O Teatro Musical, como resulta deste exemplo, está pro-

fundamente enraizado na cultura alemã. Falar desta, não é só mencionar escritores e poetas, artistas plásticos e músicos, homens de teatro e de cinema: é indispensável falar da importância específica do teatro musical e dos artistas de diferentes especialidades ligados à sua produção. De resto, todos esses domínios estão interligados, interpenetram-se, estimulam-se mutuamente. E a cultura está, por sua vez ligada à ciência. Nunca, como hoje, desenvolvimento cultural e desenvolvimento científico foram tão interdependentes. Falar de um qualquer domínio cultural/científico é falar de todos.

Compare-se agora com a situação portuguesa. Compare-se a riqueza da nossa actual produção na ficção, na poesia, nas artes plásticas, no cinema, mesmo no teatro declamado, com o sector ligado à instituição cultural mais cara do País: o S.Carlos. Aproximando a praxis secular daquele teatro, e que continua a persistir, com os actuais desenvolvimentos tecnológicos e científicos, seria como dizer: pois se temos o ábaco, para que precisamos de computadores?

É que entre nós continua de facto a pensar-se a produção músico-teatral como — no domínio da ciência — se pensava antigamente o cálculo matemático. E até que os governantes descubram que aquilo que se faz no S.Carlos não é assim tão indiferente ao que se faz no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, continuar-se-á a desperdiçar uma das áreas em que se poderia e deveria afirmar a nossa criatividade nacional, em harmonia com todas as outras em que essa criatividade não é menos necessária. É preciso transformar o S.Carlos, de simples episódio na carreira de tal ou tal artista estrangeiro, mais ou menos partilhado por artistas nacionais, numa estrutura verdadeiramente produtiva.

M.V.C.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

FERREIRA Costa V

— actor

OBRA LITERÁRIA (cont.):

A Visita. Peça em 1 acto. Exibida pela Rádio Televisão Portuguesa em Setembro de 1970 e em 1973 e 1975.

Uma Vida em cinco Dias. Crónica romanceada. Editada por Edições Europa-América (Julho de 1971).

Uma Família e Duas Repúblicas. Editado pelas Edições «Os Hipopótamos» (1975).

O Quarto. Farsa melodramática em forma de tragédia em 2 partes. Proibida pela censura em 1970. Editada por «Os Hipopótamos» (1975).

Um Homem sem Importância. Peça em 1 acto. Rádio Televisão Portuguesa (1971).

Onde está a Música. Peça em 2 partes (inérita) (1974).

Viva Sentido Único. Peça em 2 partes (inérita) (1975).

Gente com Classe. Rádio Televisão Portuguesa (1976).

O Fim da Paciência. Em colaboração com José Saragamo (inérita) (1977).

Uma Casa com Janelas para Dentro. Memórias. Editado pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda e Sociedade Portuguesa de Autores (1985).

TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES POR COSTA FERREIRA:

Les Nouveaux Maitres, de Paul Nivoix. Grupo 6 Novos. Teatro Nacional e 38 espectáculos em tournée (1951).

Le Chemin de la Croix, de Henri Ghéon. Emissora

Nacional (1952), Rádio Televisão Portuguesa, Pavilhão dos Desportos (1959) e Castelo de Óbidos (1963).

J'y Suis, J'y Reste, de Valmy e Vinci — «Já Daqui não Saio». Teatro Maria Vitória (1952).

Mariage Forcé, de Molière. Adaptação à rádio da versão portuguesa de Jorge de Sena. Emissora Nacional (1953).

Argent de Suite, de Gabriel d'Hervilliez — «Dinheiro Oferece-se». Emissora Nacional (1953).

La Donation, de Gabriel d'Hervilliez — «A Doação». Emissora Nacional (1953).

Le Bonnet d'Âne, de Maxime Lery e Guy d'Absac — «Orelhas de Burro». Emissora Nacional (1953).

La Rente Viagère, de Gabriel d'Hervilliez — «Renda Vitalícia». Emissora Nacional (1954).

Le Pèlerin, de Charles Vildrac — «O Peregrino». Emissora Nacional (1954) e Rádio Televisão Portuguesa (1959).

Les Assureurs, de Claude Rostand e Gabriel d'Hervilliez — «Afinal o Seguro não Morreu de Velho». Emissora Nacional (1954).

Jenny in the Orchard, de Charles Thomas — «O Pomar de Jenny». Emissora Nacional (1954).

National 6, de Jean-Jacques Bernard — «A Estrada dos Sonhos». Emissora Nacional (1954).

When the Old Cock Grows, de Joe Corrie — «Quando o Galo Velho Canta». Emissora Nacional (1954).

Paquebot Tenacity, de Charles Vildrac — «Tenacity». Emissora Nacional (1954).

Le Printemps des Autres, de Jean-Jacques Bernard — «Primavera Alheia». Emissora Nacional (1954).

Le Secret d'Arvers, de Jean-Jacques Bernard — «Segredo de Antuérpia». Emissora Nacional (1954).

The Emperor Jones, de Eugene O'Neill — «João, o Imperador». Emissora Nacional (1954).

João Gabriel Borkman, de Henrik Ibsen (versão francesa do Conde Prozor), em colaboração com Luiz Francisco Rebello. Teatro Monumental (1956).

Un Mari sur Mesure, de Maxime Lery e Guy d'Absac — «Um Marido de Encomenda». Emissora Nacional



(1955).

Une Robe de Soie, de Henriette Charasson — «Um Vestido de Seda». Emissora Nacional (1955).

Mr. Badin, de Corteline — «A Tragédia da Preguiça». Emissora Nacional (1955).

La Paix Chez Soi, de Courteline — «Na Paz da sua Casa». Emissora Nacional (1955).

Mistério da Santa Missa, de Calderon de la Barca. Emissora Nacional (1955).

O Amor dos 4 Coronéis, de Peter Ustinov. Teatro Avenida (1956).

A Rainha Ginga, adaptação radiofónica do conto de Hipólito Raposo. Emissora Nacional (1956).

Alvorada, adaptação do conto de Patrício Jorge. Emissora Nacional (1956).

O Poço do Braz, adaptação do conto de Virgílio Godinho. Emissora Nacional (1956).

Le Gendarme est Sans Pitié, de Courteline — «O Polícia não Perdoa». Emissora Nacional (1957).

Coriolano, de William Shakespeare. Tradução e adaptação radiofónica. Emissora Nacional (1956).

Je Tenléve, de Jean Bernard-Luca — «Rapto Falhado». Emissora Nacional (1958).

Histórias para Serem Contadas, de Oswald Dragun. Proibida pela censura. Estreada pelos estudantes de Direito da Faculdade de Lisboa e muito representada por amadores desde 1968.

Harpa de Ervas, de Truman Capote. Rádio Televisão Portuguesa (1966).

A Voz Humana, de Jean Cocteau. Por encomenda de Eunice Muñoz (1966). Nunca apresentada.

O Misanthropo, de Molière. Por encomenda de Amélia Rey Colaço (1966). Nunca apresentada.

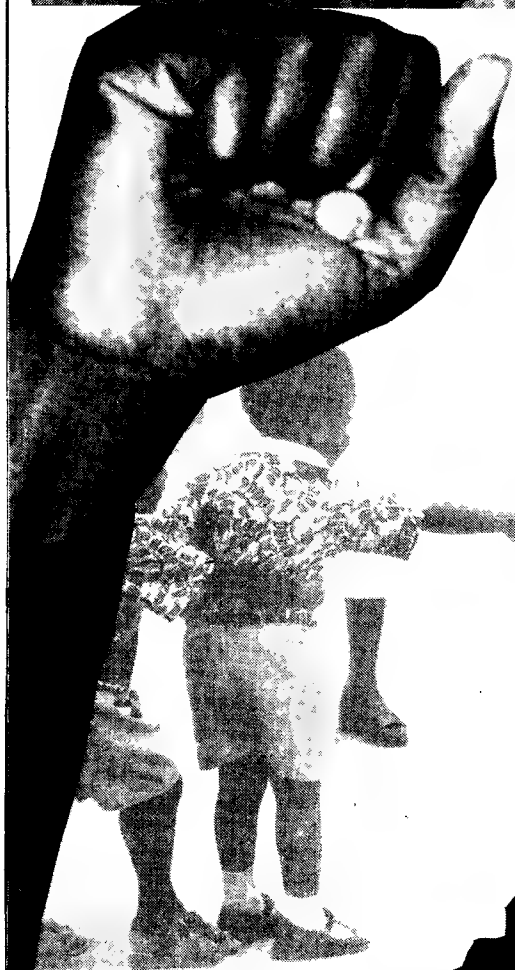
The Rainmaker, de Richard Nash — «O Homem que Fazia Chover». Teatro Villaret (1966).

A Selvagem, de Jean Anouilh. Em colaboração com Luiz Francisco Rebello e Armando Cortez (1966). Proibida pela censura.

Fumos de Verão, de Tennessee Williams. Teatro Villaret (1966).



UM OLHAR SOBRE ANGOLA



NA véspera da visita a Portugal do presidente angolano José Eduardo dos Santos, o «DL» esteve em Angola. Durante dez dias, em finais de Agosto, o seu redactor Ribeiro Cardoso viu como se vive em Luanda e, numa saltada ao Lubango, capital da Huíla, registou os progressos e o clima de segurança que aí se respira. Já no Cunene, bem no coração da guerra, esteve na Cahama e em Xangongo (antiga Roçadas), a poucos quilómetros da fronteira com a Namíbia: aí visitou quartéis, viu os estragos causados pela aviação sul-africana, andou pelas linhas de defesa, reparou no armamento sofisticado que era possível ver e falou com os comandantes daquelas duas praças-fortes do exército angolano. No regresso ao Lubango foi a vez de uma longa entrevista com Lopo do Nascimento, comissário provincial da Huíla e presidente do Conselho Militar da 5.^a Região. De novo em Luanda foi a altura de duas outras curiosas conversas: com o ministro da Defesa, general Pedalé, e com o vice-ministro das Relações Exteriores, Venâncio de Moura. Consciente da vitalidade do movimento literário e do prestígio crescente das artes plásticas em Angola, o «DL» ouviu ainda Pepetela, o autor do inesquecível «Mayombe», Elísio Costa, secretário-geral da Brigada Jovem da Literatura para quem «os mitos também se abatem» e Vítor Teixeira, Viteix para os amigos, responsável máximo da UNAC — União Nacional dos Artistas Angolanos. De tudo isto se dá conta neste suplemento de 28 páginas que hoje vos oferecemos.

LUANDA 87: O "ESQUEMA" E O RESTO

NÃO está muito diferente a Luanda 87 da Luanda 84, ano em que a visitei pela última vez. Mais alguns estabelecimentos abertos, mais hotéis a funcionar, o estádio da Cidadela já pronto, a casa do desportista, na ilha, mesmo ao lado do Panorama, bastante aumentada, meia dúzia de discotecas a animar as noites quentes da cidade, o aeroporto mais bonito e funcional, eis as diferenças, para melhor, mais facilmente visíveis.

É verdade: os mercados também registam substanciais diferenças. Falo dos paralelos, evidentemente: o Roque Santeiro, gigantesco, e o da Tourada, onde estive, estão cheios de tudo, a começar pela especulação desenfreada. Como não podia deixar de ser. Os mercados oficiais, como o de Kinaxixe, onde os preços estão tabelados, aí a penúria é evidente (neste mercado encontrei uma vendedora portuguesa, a senhora Maria dos Anjos, natural de Vila Flor, que há 31 anos está em Luanda com o marido. Não tem filhos, tem-se aguentado mais ou menos bem, nunca teve medo da guerra, nem nos anos 74/75, gosta de Angola e por lá espera acabar os seus dias, como me confessou num breve diálogo).

O resto continua tudo aparentemente na mesma, como já foi dito e redito, toda a gente sabe, ninguém esconde e constitui tema fácil para quem se põe à escrita ou conversa calmamente à noite com um copo de whisky à frente: o lixo nas ruas, os transportes colectivos que mal funcionam, as montras cheias de nada, o «esquema» transformado em forma de vida, os kwanzas aos milhões, mas sem valor real, a falta de quadros, o tráfico de influências, os assaltos e roubos, a corrupção vivendo paredes meias com a incompetência...

Engana-se, porém, quem pensar que isto é o fundamental, que por aqui passam os verdadeiros caminhos de Angola.

É certo que a independência foi há 12 anos, que muitos erros se cometeram e se cometem. Mas não é menos certo — e também é fácil lembrar... — que a Angola independente ainda não teve um dia de paz. E, talvez mais grave, recordar que, quando os portugueses de lá saíram, abandonaram o país mais de 30 mil técnicos, médios e superiores, deixando o vazio atrás de si; cerca de 2500 empresas do sector produtivo ficaram paralisadas (75 por cento das quais por abandono dos seus proprietários); das 153 mil viaturas existentes restaram, operacionais, aproximadamente oito mil; centenas de pontes foram destruídas; em quatro meses (Maio a Setembro de 75) dos 30 mil comerciantes que

garantiam a ligação campo-cidade, e vice-versa, ficaram 300, quase todos em Luanda.

É neste contexto, pois, que a vida de Angola, invadida por sul-africanos e sujeita a uma guerra de guerrilha alimentada de fora, tem de ser analisada. E no que a Luanda respeita, talvez seja conveniente e útil recordar que de 75 até agora a sua população, devido exactamente às dificuldades encontradas no campo, triplicou: de 400 mil habitantes passou para um milhão e 200 mil, com a agravante de muitos dos planos da cidade — como o dos esgotos e o do abastecimento de água — terem pura e simplesmente desaparecido.

...E ainda há semanas (meados de Julho) as autoridades angolanas tiveram que ir «caçar» ao aeroporto um velho colono que se ia embora levando na bagagem projectos relativos às infra-estruturas de Luanda que ninguém sabia onde estavam, como revelou a jornalistas portugueses o comissário provincial de Luanda, Cristóvão Cunha.

O «esquema»

Perante este quadro seria possível uma vida diferente em Luanda? Talvez, porque a guerra, mesmo com o cortejo de miséria material e moral, que sempre origina, não pode, nem deve, servir para tudo justificar. Mas não seria fácil, nem deve espantar que assim suceda.

Claro que um jornalista que passa alguns dias em Angola — sempre demasiado curtos para se aperceber, com realismo e profundidade, da realidade complicada e multifacetada de um país tão grande e potencialmente tão rico — sente-se tentado a escrever aquilo que mais salta aos olhos.

O «esquema», por exemplo. Chega a ser comovente, e divertido, tomar conhecimento dos verdadeiros prodígios de imaginação e desenrascanço que a população deita mão para ir vivendo. O caso do processo 500, como é por todos chamado, é paradigmático. Os transportes públicos não funcionam? Não há problema: alguns particulares começaram a circular com os



seus carros à espera de um sinal de um qualquer transeunte. A viatura pára, o «cliente» entra e já sabe que paga quinhentos kwanzas seja qual for o percurso dentro da cidade. E entra um, entram dois, três, quatro ou os que couberem. Cada um paga quinhentos. No fim do dia dá cá uma receita que nem queiram saber... O mais grave é que no circuito já estão carros distribuídos oficialmente a funcionários de certo nível. Estes vão para os empregos e depois fica um «chauffer» por conta (recebe igualmente a sua quota-parte) que durante o dia, e antes de ir recolher de novo o tal funcionário quando termina o trabalho, faz serviço de táxi ao preço universalmente estabelecido...

Os exemplos poderiam continuar: «esquema» entra todo o mundo. Basta ter produtos para a troca: da cerveja ao cigarro, da bolacha à roupa usada, do peixe às hortaliças. Uma parte de tudo isto é roubado nos circuitos oficiais (aparece logo no dia seguinte nos mercados paralelos), outra parte é tão-só o resultado de actividade de particulares que produzem verdes nas suas hortas particulares ou pescam nas águas pródigas do mar angolano. Papel importante desempenham também os cooperantes ou técnicos estrangeiros que recebem em divisas e podem comprar na loja franca muitos produtos que lançam depois, para a troca, no paralelo.

Mas acreditem: nada de decisivo, passa por aqui.

Terramoto?

Nestes dias que passei em Angola realizou-se um seminá-

rio sobre o Programa de Saneamento Económico e Financeiro (SEF) que no princípio de 88 vai entrar em vigor.

As medidas que aí estão preconizadas podem vir a alterar de modo radical este estado de coisas. Resta saber se existirão forças bastantes, vontade inequívoca para que tal aconteça.

Numa entrevista publicada no «Jornal de Angola» o ministro de Estado para a Esfera Produtiva, Pedro Van-Dunen(Loy), uma espécie de primeiro-ministro, adiantava uma série de medidas que são realmente de respeito.

Tudo está em andamento: a hipótese de adesão ao FMI está em estudo, os projectos para desenvolvimento existem, a abertura de sectores da economia à iniciativa privada vai avançar, a redução do aparelho administrativo parece ser irreversível, o problema dos transportes vai ser atacado de fundo, admite-se a hipótese de fechar empresas que não sejam rentáveis, a competência e a qualidade vão ser fomentadas e premiadas... A questão dos preços vai ser também revista, o mesmo vai suceder com o funcionamento das instituições bancárias e fiscais (quem paga imposto, e de quê, em Angola?), a planificação idem, aspas. E ou me engano muito ou o kwanza vai sofrer tratos de polé. Circulam aos milhões, aos biliões, claro que é preciso ter muito cuidado nesta matéria, mas algo de muito importante está a mexer no sector.

Por aí, sim, passam-se coisas importantes e decisivas para a vida deste gigante chamado Angola.

Guerra e diplomacia

... como, de resto, se passam nos domínios militar e diplomático.

Sabe-se que sem a resolução da questão da Namíbia não há solução para os problemas de Angola e da África Austral. Nunca como agora os bastidores da diplomacia estiveram tão activos. O projecto global apresentado por Eduardo dos Santos está a ter desenvolvimento seguro e positivo. E estão a ser dados passos no sentido de uma não surpreendente aproximação EUA-Angola a nível de estabelecimento de relações diplomáticas, embora seja prematuro falar disso como me afirmou Venâncio de Moura, vice-ministro das Relações Exteriores de Luanda.

É que a realidade é muito complexa, passe o ugar comum. Os angolanos conseguiram êxitos militares surpreendentes no sul, nomeadamente no Cunene, onde os sul-africanos apesar de continuarem a ocupar uma faixa de território angolano junto à fronteira, já não entram com a facilidade a que se habituaram em anos não muito longínquos. A UNITA está também em sérias dificuldades — continua a operar no centro do país, mas começa a sentir sérias dificuldades no seu reabastecimento, que ainda há relativamente pouco tempo continuava em grande parte a ser feito pela aviação sul-africana.

Por outro lado, a política de clemência proclamada pelo MPLA, está a obter resultados palpáveis: primeiro, foi a reintegração de numerosos elementos da FNLA, alguns dos quais estão

já em unidades militares, combatendo a UNITA; depois, mais lentamente, tem sido a entrega de membros da UNITA, desgastados numa guerra longa que para si não tem perspectivas. São igualmente conhecidas as contradições e os ajustes de contas entre os homens de Savimbi.

Por outro lado, os americanos, na hipótese que um dia será realidade, da implementação da resolução 435 da ONU e consequente independência da Namíbia, estão já a tentar a mudança do palco de guerra, activando a base de Kamina (e outras) no território do Zaire, a norte e a leste de Angola, por onde a Unita poderá começar (já começou, de resto) a infiltrar-se na RPA.

Do ponto de vista militar a situação melhorou com nitidez para as FAPLA, que já depois de ter regressado a Portugal desencadeou uma importante operação no Kuando-Kubango, onde sul-africanos e UNITA ocupavam Mavinga. Em breve se saberá com que resultados.

De qualquer modo, a verdade é que a UNITA, não atacando embora objectivos militares, continua, e poderá continuar, ainda, por mais algum tempo considerável, a aterrorizar populações, a destruir objectivos económicos, a impedir o funcionamento da vital linha de caminho-de-ferro de Benguela. É um tipo de guerra que é difícil eliminar, dado que, mesmo grupos pequenos, actuando isoladamente, podem efectuar com êxito.

A solução, no entanto, será encontrada num dia que não virá longe. E, entretanto, a vida continua numa Angola que não pára.



Venâncio de Moura, vice- -ministro



AS relações entre Angola e Portugal têm que «trilhar novos caminhos» e devem ser mais «desempoeiradas». Temos «uma fronteira comum — histórica e cultural — que tem de ser respeitada pelos portugueses e pelos angolanos», a qual não existe entre Angola e nenhum outro país. «Nem mesmo com os socialistas» — disse ao «DL» o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros angolano, Venâncio de Moura, durante um encontro efectuado em Luanda nos finais do mês passado. Um encontro em que participaram ainda mais dois jornalistas portugueses e onde Venâncio de Moura abordou questões como o acordo global proposto pelo Presidente José Eduardo dos Santos para a solução dos problemas da África Austral, o papel da UNITA (que «não passa de um complemento do exército racista de Pretória») e a hipótese do estabelecimento de relações diplomáticas entre Angola e os EUA, que alguns observadores consideram como acontecimento não longínquo.

A primeira questão colocada ao vice-ministro das Relações Exteriores relacionou-se com a proposta global apresentada por José Eduardo dos Santos e que tanto surpreendeu os norte-americanos e sul-africanos. Venâncio de Moura reclinou-se no sofá e com a sua voz suave recuou no tempo para melhor explicar a proposta, ponto alto na ofensiva diplomática angolana em curso.

«Repare»: fomos obrigados a suspender as conversações com os EUA em 85 por razões óbvias — nomeadamente o convite que a administração Reagan fez a Savimbi para visitar Washington, na mesma altura em que nós mantínhamos diálogo com os norte-americanos para procura de formas e meios para, por um lado, implementarmos a resolução 435 da ONU para a independência da Namíbia, e por outro lado, talvez em primeira instância, procurar condições que pudessem estabelecer um clima de paz durável, como a retirada dos sul-africanos do nosso território...»

Houve também a revogação da emenda Clark...

«Exacto. Nessa mesma altura verificou-se a revogação da emenda Clark, um instrumento que surgiu ainda na época da administração Carter e impedia a ajuda encoberta à organização fantoche que destrói infra-estruturas e assassina as nossas populações — a UNITA.

Esses dois factores pesaram bastante nas decisões que em Março de 85 tomámos, suspendendo os contactos que até aí mantínhamos com os EUA. Suspensas que foram essas conversações houve toda uma paralisação da actividade dos cinco para a África Austral.»

Entretanto em Julho recomparamos esses contactos entre Angola e os EUA...

«Certo. Após várias diligências diplomáticas vindas de países amigos comuns de Angola e dos EUA, o nosso partido e o nosso governo acederam à retomada das negociações. E é assim que, após terem sido ultrapassadas algumas dificuldades de carácter técnico, nós nos encontramos aqui em Luanda nos dias

14 e 15 de Julho passado».

E o que é que se passou? em que Pé se encontram essas conversações?

«Nós avaliamos as razões do passado que levaram à paralisação das conversações e estabelecemos as condições para, de uma forma séria e responsável, podermos continuar as conversações conducentes a uma situação mutuamente vantajosa, nomeadamente no que diz respeito à tensão existente nesta área onde se situa um regime racista que já não tem razão de ser no século em que as preocupações são de desenvolvimento e recuperação independentemente dos credos ou da cor da pele.»

Mas Angola apresentou propostas novas. Ou não?

«O que aconteceu foi que nesse encontro vimos também como explicitar melhor o conceito de flexibilidade que está implícito na nossa plataforma, que é um documento que o governo angolano havia remetido ao secretário-geral da ONU e à parte americana, no qual estavam propostas construtivas para todos os assuntos que preocupam as partes interessadas, muito em particular aquele que tem sido o acento tónico da administração Reagan — a presença, ou retirada, dos cubanos que se encontram no nosso território.»

Flexibilidade

Mas em que é que consistiu essa explicitação do conceito de flexibilidade?

«Dissemos, por exemplo, queríamos ser mais claros, poderíamos descer mais ao concreto, na ideia implícita na plataforma de 84, desde que à volta de Angola se criasse um clima psicológico, objectivo, de segurança...»

...Desde que... Por exemplo...

«Referimo-nos ao facto de muito recentemente ter havido na fronteira comum Zaire-Angola, no Norte, manobras militares Zaire-EUA... Referimo-nos também ao facto de no Sul, nomeadamente no Cunene, se encontrarem tropas do regime de Pretória, ocupando algumas par-

celas do nosso território.»

E então...

«Quisemos ser obviamente mais construtivos e dissemos, por exemplo, que poderíamos ser mais flexíveis no que respeita aos prazos estabelecidos na plataforma para retirada dos cubanos. Poderia, esse prazo, ser mais curto. Em vez dos três anos inicialmente propostos, poderia

ser menos: dois anos e meio, dois anos e x meses... Os efectivos a retirar também poderiam ser alterados: em vez de cinco mil, poderia ser cinco mil mais Y. Está a ver? Claro que não concretizámos o x e o y, pois isso será para futuras negociações. E insistimos na questão da garantia do ambiente psicológico, objectivo, de segurança à volta de

Angola. Sem que haja esse clima ser-nos-á de certo modo difícil ser mais claros ou explícitos.»

Contudo, depois do encontro de Luanda, o Presidente José Eduardo dos Santos apresentou a sua inesperada proposta de acordo global...

«Sabe, essa proposta surge sempre na linha da nossa política construtiva e de flexibilidade. O

conceito de acordo quadripartido — Angola, Cuba, Swapo e África do Sul — está também inserido na plataforma. São as partes directamente envolvidas — Angola porque tem parcelas do seu território ocupadas; Cuba, porque tem tropas em Angola a pedido do nosso governo; a Swapo, porque luta por todos os

Continua na pág. 4

O MUNDO PARA NÓS É TRANSPARENTE



**Conhecemo-lo muito bem.
E ele a nós.**

**12p AIR
PORTUGAL**



VENANCIO DE MOURA

Continuação da pág. 3

meios para a libertação do seu território actualmente ocupado por Pretória, é um movimento reconhecido internacionalmente e é assistido por nós; e a África do Sul porque ocupa parcelas do nosso território. Simples, portanto...

Intermediário

E os EUA não entram nessas negociações?

Não. Não há cabimento para a sua inclusão. Porque? Porque não é reconhecido por nós nem nos reconhece (não temos relações diplomáticas), não tem tropas aqui e o seu envolvimento directo não teria qualquer legitimidade à luz do direito internacional...

«...Porém...»

«...Porém, na sua qualidade de intermediário, é natural que os EUA estejam também indirectamente envolvidos. Quer como intermediário que tem procurado ser (embora ingerindo-se nos assuntos internos da RPA) quer porque este acordo quadripartido será homologado pelo Conselho de Segurança da ONU, sendo os EUA um dos seus cinco membros permanentes. Logo, está lá. E esta é a explicitação do acordo global: as partes directamente envolvidas e implicadas deverão discutir entre si,

analisar as questões e assim poderão vir a existir acordos parcelares sobre a retirada total e o respeito incondicional da soberania angolana pela África do Sul; sobre o fim das hostilidades, entre a Swapo e a África do Sul, visando a instalação das tropas da ONU na Namíbia e a consequente implementação da resolução 435; garantias expressas de que sairão de Angola os internacionalistas cubanos quando as partes — Angola e Cuba — julgarem necessário, no momento x, com tantos efectivos no início, etc., etc., levando tudo isto, claro, o selo do Conselho de Segurança — portanto dos EUA também. Seria pois, aí, nesse fórum, que se firmaria o acordo que obrigaria as partes. O CS será como que o garante dos compromissos assumidos pelas partes.»

«E quais foram as reacções à proposta global do presidente angolano? Já conhecem algumas?»

«Estamos todos mais ou menos de acordo com o princípio. Simplesmente neste momento a bola está um bocadinho mais pesada e encontra-se no campo dos EUA... Já lá vai mais de um mês e ainda não temos resposta. Tem havido contactos, sabemos

que os americanos avaliaram positivamente as nossas propostas, mas estão a reflectir. Precisam de tempo — para reflectir e para contactos com a África do Sul. O papel de intermediário ou é exercido de forma imparcial e neutra ou então ainda agrava mais os problemas. É chegado o momento de os EUA assumirem de uma forma inequívoca o papel de correio diplomático para conciliar posições sem prejuízo dos interesses das partes envolvidas.»

Complemento

«E quanto à Unita — os EUA não impõem a sua participação nas negociações?»

«Não põem essa questão que de resto não teria qualquer aceitação da nossa parte. É natural que estejam a ver se encontram uma saída, uma vez que têm apoiado essa organização fantoche — mas pela nossa parte nunca aceitaríamos que essa organização fosse parte das negociações, e por razões que já mais de uma vez explicámos. Não queiramos, pois, ressuscitar cadáveres. A Unita não é, nunca foi, nem poderá ser parte de negociações...»

«Mas há quem lembre que a Swapo...»

«...Não se pode comparar a Unita à Swapo, que é um movimento autêntico, reconhecido pela comunidade internacional; a Unita é uma criação das forças imperialistas que não querem de facto que a paz exista na África Austral e em Angola. É uma criação externa e é como tal que será repelida. Considerámo-la como um complemento do exército racista da África do Sul. Não tem outro tratamento nem sequer é inteligente, para aqueles que o são, estar a tentar trazer a Unita para este tipo de projecto que envolve entidades idóneas internacionalmente reconhecidas.

Repare que Botha fez questão disso... e ao referir-se de forma positiva às propostas do Chefe de Estado angolano veio estragar tudo quando disse que a Unita devia ser considerada. Ora toda a gente sabe que se está lá a África do Sul já lá está a Unita...»

Preconceito

«Falemos agora das relações Angola-EUA. Diz-se que em breve poderá haver novidades nesse campo...»

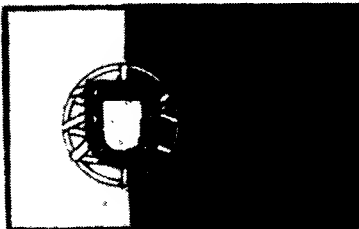
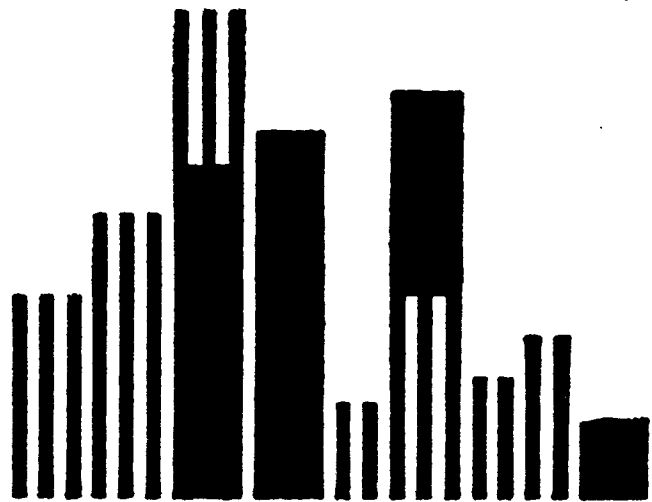
«Não temos qualquer preconceito em estabelecer relações diplomáticas com os

EUA. Para nós é claro e simples: as relações entre Estados devem ser resolvidas à luz dos princípios do direito internacional. Que as partes se reconheçam e não condicionem esse reconhecimento por razões de ordem ideológica, subjectiva ou outras. Por nós tudo bem desde que não haja ingerência nos assuntos internos, se verifique respeito mútuo e não existam condicionamentos por factores alheios aos princípios internacionalmente aceites.»

«Mas tem havido desenvolvimento nos contactos entre os dois países para o reconhecimento mútuo... As relações diplomáticas Angola-EUA estão para breve?»

«Compreendo que haja um interesse grande dos jornalistas à volta dessa questão, mas receio que se possa fazer muita especulação e se caia facilmente no sensacionalismo. O que lhe posso dizer é que em qualquer momento podemos estabelecer relações diplomáticas. Pela nossa parte, claro está. Como sabe, têm sido os EUA a condicionar essas relações, por motivos que do nosso ponto de vista não têm cabimento no actual estado das relações interna-

Continua na pag. 5



Ribeiros & Silva, Lda.

CONSTRUÇÃO CIVIL - IMPORT.-EXPORT.

Rua Comandante Francisco da Silva Júnior, 50-A
Telefs.: 231 26 36/57 — Telex 43022 Ribel P

2870 Montijo

Limpemos este caminhode uma vez portodas

Continuação da pag. 4

cionais. Não é novidade dizer que os princípios de direito internacional não estão revogados e foram estabelecidos antes de Angola ser um Estado independente... Lamentamos esta posição, esta discriminação dos EUA, que têm relações diplomáticas com países comunistas, socialistas e outros. Porquê, pois, esse preconceito em relação a Angola que, por vontade própria, escolheu e tem como estratégia uma opção não capitalista que entende aplicar para o desenvolvimento das suas relações económico-sociais?

Chegado aqui, Venâncio de Moura, que havia falado de um fôlego, parou. Os seus olhos estavam brilhantes. Sorria um tanto ironicamente enquanto esperava que os jornalistas acabassem de escrever as suas notas. E avançou depois:

«Ainda por cima o mais curioso é que a maior parte das relações económicas de Angola são orientadas para o Ocidente... Quer pela herança histórica quer ainda porque depois da independência as incrementámos.»

«Incluindo os EUA, supor-nho...»

«Mas é óbvio... O volume das relações económicas e comerciais dos EUA com Angola é de tal ordem que já justificava uma cobertura diplomática. É superior, esse volume, ao que temos com muitos países com quem estabelecemos relações diplomáticas... Muito seriamente digo que até por razões de interesse dos EUA já se justifica há muito a existência dum instrumento legal diplomático que defenda os interesses americanos na RPA. Como sabe há muitas empresas americanas a operar em Angola.»

Prática

«Falando agora de Portugal: Cavaco Silva, na tomada de posse do novo governo, falou da existência de condições para melhoria das relações de Lisboa com os cinco. Quer comentar?»

«Não estranhemos essas declarações. É lógica e politicamente conforme às razões diplomáticas entre Estados. Para nós, o relacionamento com Portugal nunca esteve dependente ou limitado pela existência no governo de Lisboa desta ou daquela força política. Voltando à afirmação do sr. Primeiro Ministro Português: quando muito podemos apreciar essa tomada de posição, mas depois só a prática poderá revelar a coerência dessa afirmação. De resto já não é a primeira vez que em Portugal há governos deste tipo — e, devo dizê-lo de um modo muito franco, tem sido, objectivamente, durante a existência de governos deste tipo que as relações com Angola, apesar de tudo, sempre tiveram um certo incremento. Isto é: não se trata de uma questão ideológica e certos

governos portugueses tem sabido destrinçar as relações interpartidárias das relações inter-Estados... E na verdade as relações Portugal-Angola têm que trilhar novos caminhos.»

«Há pouco afirmou que só a prática poderá demonstrar a coerência das afirmações. Que bitolas para essa demonstração?»

«São bitolas de carácter político e económico. Por exemplo, não entendemos a permissão, as facilidades de que elementos hostis a Angola, nomeadamente afectos à Unita, dispõem, permitindo-se utilizar a hospitalidade do povo português para o exercício de acções contra a RPA.

Nós, aqui em Angola, hja ou não em Portugal governos coincidentes com as nossas opções políticas, não permitimos o exercício de actividades políticas contra o governo português... Infelizmente em Lisboa verificamos o contrário, sob pretextos vários: democracia, leis que permitem que no território português os órgãos de Comunicação Social, por vezes os estatizados, sejam colocados à disposição daqueles que hostilizem um governo amigo de Portugal. Sim, digo isto porque penso que não somos um governo inimigo de Portugal, e vice-versa...

Resumindo: essa situação que acabo de referir, e tem sido objecto de permanente protesto pela nossa parte, não é apreciada por nós, e traz interrogações ao nosso povo, que gosta do povo português. Que relações são essas? E, claro, isto dificulta a outra bitola, a económica...»

Fronteiras

«Quer concretizar?»

«Lá, onde deveríamos ter avançado, nesse domínio do económico, aparecem por vezes impedimentos de ordem subjectiva e objectiva. É certo que se tem avançado onde é possível — mas se mais não se fez e não se faz é porque há esta impossibilidade de ordem também subjectiva. As nossas relações podem ser mais desempoeiradas, mas é evidente que aquela componente de ordem política não facilita. E pela actividade de uns quantos, com a passividade de também de outros, é a maioria que se prejudica...»

«Mas em Espanha e França, por exemplo, também os jornais e...»

«Portugal não deve ser colocado ao nível dos outros Estados. A nossa história é incomparável com as actuais relações que a RPA mantém com a França ou com outros países. É certo que em direito e relações internacionais não há filhos e enteados. Porém, Portugal poderia ter relações privilegiadas connosco como aquelas que mantemos com outros países, se não fosse esse jogo duplo que eventualmente algumas forças políticas portuguesas ainda jogam no relacionamento com Angola. Ora, neste campo não pode haver

ambiguidades — ou connosco, ou com outros...»

Embalado nas suas declarações, falando com indistinta paixão, Venâncio Moura perguntou de seguida:

«Com quem deve Portugal negociar? Não é com o governo da RPA, embora tardiamente reconhecido (mas mais vale tarde que nunca? Limpemos este caminho uma vez por todas!»

E bebendo um último gole do chá que um empregado do ministério (onde a conversa decorreu) serviu a todos nós, o vice-ministro das Relações Exteriores da RPA concluiu:

«É natural que haja um campo emocional muito mais forte no

nosso relacionamento com Portugal do que, por exemplo, entre nós e a França. Não é que nos falte engenho e arte de também chamar-nos a atenção da França e de todos os outros Estados quando os seus comportamentos não se coadunam com a prática correcta entre Estados soberanos. Mas com Portugal é diferente. Porquê? Queramos ou não temos uma fronteira comum — cultural e histórica — que tem que ser respeitada pelos portugueses e pelos angolanos. É isso que nós queremos. Essa fronteira não é igual com nenhum outro país. São cinco séculos de História. Nem mesmo com os países socialistas existe. Logo, a nossa

reacção a esses comportamentos negativos de alguns portugueses para connosco encontra da nossa parte uma reacção muito mais violenta. Isto tem que ser entendido.»

Nota: Já depois de Venâncio Moura nos ter dado esta entrevista e já mesmo depois de a termos escrito, Crocker esteve e novo em Luanda e avisou-se com o próprio presidente Eduardo dos Santos. M'Binda, o ministro dos Assuntos Exteriores da RPA, já veio a público contar o que se passou. A entrevista com Venâncio de Moura continua, no entanto, a manter toda a actualidade e interesse.



**VENÂNCIO
DE MOURA**

INICIATIVA • EXPERIÊNCIA • PARTICIPAÇÃO

- Financiamento de projectos no sector produtivo.
- Crédito à exportação de bens de equipamento e serviços.
- Crédito à produção e à venda a prazo.
- Linhas de crédito para importação de bens de equipamento e serviços.
- Crédito a médio, longo e curto prazo.
- Operações no Mercado de Capitais
- Garantias bancárias.
- Assistência na preparação e avaliação de projectos de investimento, incluindo projectos de financiamento em Portugal e no estrangeiro.
- Apoio à constituição de "joint ventures".
- Promoção de missões empresariais em Portugal e no estrangeiro.

Iniciativa nas áreas mais diferenciadas da economia portuguesa. Experiência em actividades relevantes para o desenvolvimento do País.
Participação em projectos determinantes para o futuro.



Banco de Fomento Nacional

General Pedalé, ministro da Defesa

Quadros militares angolanos poderão vir a ser formados em Portugal depois da visita do Presidente José Eduardo dos Santos. A afirmação é de Pedro Maria Tonha (Pedalé), general e ministro da Defesa da RPA, que, em Luanda, no ministério que dirige, recebeu um grupo de jornalistas portugueses e com eles ficou à conversa durante mais de uma hora.

«Tudo depende do quadro geral de cooperação que vier a existir entre os nossos dois países após a visita que o camarada Presidente vai efectuar a Lisboa» — sublinhou.

Fundador do MPLA, membro da Comissão Política do CC, figura muito popular entre os militares e entre a população em geral, Pedalé afirmou ainda que a situação militar em Angola tem, nos últimos anos, sofrido «uma evolução positiva assinalável», acrescentando que hoje os sul-africanos já reconhecem que as Forças Armadas Angolanas «estão à altura de defender com êxito a soberania do

país».

Consciente das dificuldades com que Angola se debate e da complexidade de que se reveste uma guerra do tipo que os sul-africanos impõem ao país («Pode ainda durar muito tempo» — lembrou), Pedalé mostrou-se confiante na possibilidade de «num futuro próximo» a situação estar normalizada «ao nível de todo o território».

Para o ministro da Defesa da RPA há «solução militar» para a situação, mas, evidentemente, realçou, «a diplomacia e as questões políticas têm também um papel muito importante». E a primeira priori-

dade é resolver a questão da Namíbia, com a implementação da resolução 435 da ONU.

Orgulho

Vestido com o seu uniforme de general, Pedalé recebeu-nos numa enorme sala onde sobressaía uma comprida mesa rectangular para reuniões do Estado-Maior. Sentámo-nos num canto, onde um funcional jogo de sofás servia exactamente para o que queríamos: conversar calmamente.

Jovem de 45 anos, olhar muito vivo, o general começou por falar da transformação do exército de guerrilha, como era o do MPLA, num verdadeiro exército convencional. Tudo foi feito num curto espaço de tempo, pois a situação de guerra imposta do exterior desde o limiar da independência a isso obrigou.

Centenas, milhares, mes-

mo, de jovens angolanos partiram para o estrangeiro onde se formaram em países amigos. Em Angola foram também criadas rapidamente escolas para formação dos oficiais que a RPA necessitava com urgência. E hoje é possível falar com orgulho — como percebi nas palavras de Pedalé — dessa realidade que se chama Forças Armadas Angolanas, uma das mais bem equipadas e operacionais em toda a África.

«Claro que não é um exército como o da África do Sul, formado há muitos anos. Não somos um exército para invadir outros territórios, mas como os próprios sul-africanos já reconhecem, estamos à altura de defender a nossa soberania, o nosso território» — asseverou.

Duas guerras

Óbvio: em Angola há dois tipos de guerra: convencional

(chamemos-lhe assim) que opõe os exércitos sul-africanos invasor e o angolano; e a guerra de guerrilha, contra grupos da UNITA que são alimentados pelos sul-africanos.

«Temos várias formações» — explicou Pedro Maria Tonha. «Temos forças organizadas em grandes unidades, como é o caso das brigadas de infantaria motorizada com meios blindados, que actuam no sul, onde os sul-africanos nos atacam em termos regulares, ocupando até algumas parcelas do nosso território. Nas províncias do Cuando-Cubango e Cunene temos tido muitos confrontos com tropas regulares sul-africanas e também com forças da UNITA apoiadas pelos racistas de Pretória. No resto do sector nacional nós temos formações antiguerrilha, especializadas na luta contra os pequenos grupos da UNITA que se infil-

traram no nosso território e que durante muito tempo foram sendo, e nalguns casos ainda continuam a ser, apoiadas logisticamente pelos sul-africanos. Claro que é difícil lutar contra pequenos grupos que visam destruir objectivos económicos, matar populações, desestabilizar, numa palavra. Temos estado a formar grupos de comandos especializados na luta antiguerrilha e embora nem sempre tenhamos tido o sucesso que desejávamos obtivemos já resultados assinaláveis.»

Portugueses

(Chegados aqui, um parêntesis: Pedalé falou em termos muito elogiosos do almirante Rosa Coutinho, que desde sempre colaborou com o legítimo Governo angolano. Lembrou que alguns militares portugue-

Continua na pág. 7

UM EXÉRCITO CAPAZ DE DEFENDER SOBERANIA

SAÚDA A VISITA DE SUA
EXA. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
POPULAR DE ANGOLA



**A DIFUSÃO DE LIVROS
E PUBLICAÇÕES AO SERVIÇO
DA PAZ E DO PROGRESSO
É A NOSSA ACTIVIDADE**

**... QUEREMOS CONTRIBUIR PARA O CONHECIMENTO
E A COMPREENSÃO MÚTUA ENTRE OS POVOS.
CONTACTE-NOS. SOMOS**

CDL – Central Distribuidora Livreira

SEDE
Av. Santos Dumond, 57-2.º – 1000 LISBOA
Telefs. 761131/2/3
TELEX 43580 CDLCDL - P

DELEGAÇÃO NORTE
R. Miguel Bombarda, 578 – 4000 PORTO
Telef. 693908

CENTROS DISTRIBUIDORES
CD PORTO – R. Miguel Bombarda, 578 – 4000 PORTO
Telef. 693908
CD COIMBRA – Terreiro da Erva, 6 – 3000 COIMBRA
Telef. 28394



Pedalé com Iko no palco da guerra

Continuação da pág. 6

ses, na reserva, estiveram e estão ainda, mas em número agora muito reduzido, em Angola, para dar instrução exactamente a esse tipo de comandos e para outros tipos de assistência. Isto porque até agora não foi possível uma «cooperação militar normal» oficial entre os dois países, o que pelo menos à primeira vista parece incompreensível, pois é uma prática absolutamente corrente no Ocidente, com muitos países a tirarem vantagens desse facto. Mas como em Lisboa assim não tem sido entendido, Angola tem recorrido à cooperação individual e legal de militares na reserva que, como sublinhou Pedalé, ministram os seus conhecimentos militares mas ficam por aí — nunca combateram no terreno, como falsamente alguns jornais afirmaram. A cooperação com militares portugueses passou também pelo campo da recuperação e manutenção de alguns meios aéreos, disse ainda o ministro da Defesa da RPA).

Desenvolvimento

E por falar em meios aéreos:

como Pedalé confirmou, a Força Aérea angolana foi um dos sectores das Forças Armadas que mais se desenvolveu, dada a extrema necessidade e urgência de um país, com as dimensões de Angola, possuir meios rápidos de intervenção e de apoio. Por outro lado, a defesa antiaérea da RPA sofreu um incremento notável e hoje, por exemplo, já não será possível à aviação sul-africana atacar cidades como Lubango, o que, no passado, aconteceu por mais de uma vez. As unidades terrestres do Exército angolano estão agora muito mais protegidas e a situação modificou-se profundamente.

«Quando da operação II Congresso, em 85, não tomámos a Jamba devido à intervenção massiva da Força Aérea sul-africana. Na altura não estávamos preparados para isso e perdemos algumas tropas. Mas isso foi em 85» — lembrou Pedro Maria Tonha.

Quanto à Marinha angolana: ela ainda não passa de um embrião. Por enquanto, disse Pedalé, faz alguns patrulhamentos para defesa das águas territoriais, protege portos e transporta meios materiais de abastecimento para a tropa ao longo da costa.

Outro ponto importante na estrutura de defesa do país re-

Continuação da pág. 8

UNIÃO CERVEJEIRA, E.P. — UNICER SAÚDA O POVO DE ANGOLA E O SEU PRESIDENTE JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS

**A Direcção de Qualidade, Investigação e Desenvolvimento da
União Cervejeira, E.P. — UNICER, colabora com os países de expressão
oficial portuguesa, no Campo da Indústria Cervejeira.**

**GENERAL
PEDALÉ**

Continuação da pág. 7

side nos Batalhões Territoriais. Pedalé diz: «No fundo é o povo organizado em defesa popular.» Isto é: jovens e homens adultos, muitas vezes ex-militares, vivendo nas suas áreas de origem, junto das famílias, são armados, enquadrados e treinados por oficiais do quadro. Os batalhões são divididos em companhias e estas em pequenos grupos que defendem a sua própria área habitacional. A finalidade é combater os massacres e os assaltos que «os bandos da Unita fazem contra aldeias que não possuem qualquer defesa militar».

Produção

Vendo bem as coisas, e como se concluiu nesta conversa com o ministro da Defesa da RPA, as FAPLA estão também profundamente envolvidas numa terceira guerra que muito tem a ver com áreas não militares.

«Por exemplo, as FAPLA desempenham um papel muito importante no transporte dos abastecimentos. Transportamos nós próprios e também protegemos colunas civis que levam mercadorias para as cidades, para os campos e vice-versa. Em determinadas zonas onde, devido à situação de guerra ou de insegurança, as forças civis não o conseguem fazer, as Forças Armadas reparam estradas, pontes, aeródromos. E também

participamos na reconstrução de algumas escolas, acontecendo até que em algumas zonas são os nossos oficiais a dar aulas às crianças, uma vez que não há professores civis... Outro vector importante da nossa actividade tem a ver com a produção agrícola: em várias zonas as Forças Armadas têm as suas grandes unidades agrícolas e de pecuária que dão para alimentar os militares e as populações» — explicou, com agrado, Pedalé.

Optimismo

Como não podia deixar de ser, a determinada altura do diálogo com o general Pedro Maria Tonha foi-lhe posta a questão que a todos interessava saber: qual a situação real de guerra existente em Angola. Os jornalistas tinham acabado de regressar de uma «incursão» até ao sul de Xangongo, bem no Cunene e a poucos quilómetros da zona onde os sul-africanos ocupam ainda território angolano. Víramos o que aí se passava. Mas no resto do país?

Pedalé tomou um ar sério. Remexeu rapidamente nuns papéis que tinha à sua frente e falou:

«Penso que a situação que se vive actualmente no Sul, principalmente na região que os senhores visitaram, é a prova evidente dos esforços que as nossas forças levaram a cabo com êxito. Reparem: não só contra as forças racistas, que ainda estão

numa pequena faixa do nosso território, mas daí já não passam, mas também contra a implantação dos fantoches da Unita. É preciso não esquecer que há dois anos a situação na 5.ª Região — essa onde estive — era muito difícil, com os sul-africanos a ocuparem uma grande zona permitindo, assim, que os elementos da Unita se pudessem infiltrar no nosso território. A capital do Cunene ficou praticamente destruída com a segunda invasão dos sul-africanos e toda a área estava quase abandonada. Montámos uma linha de defesa a partir da Caama, onde travámos a investida sul-africana e a pouco e pouco iniciámos a libertação do território. Temos uma forte linha de defesa na estrada Xangongo-Ondjiva, onde os sul-africanos fazem incursões a pretexto de perseguirem combatentes da Swapo, mas o objectivo real é criarem condições para que a Unita possa entrar no nosso território por aí. Ora bem: o esforço que nós desenvolvemos no Cunene está agora a ser desenvolvido noutras áreas do país para poderem neutralizar os focos do inimigo que entretanto se infiltrou. Pensamos, no entanto, que, num futuro próximo, ao nível de todo o país, poderemos normalizar a situação. Reparem que não digo já, porque, como sabem, este tipo de guerra

Continua na pág. 9



Um FAPLA

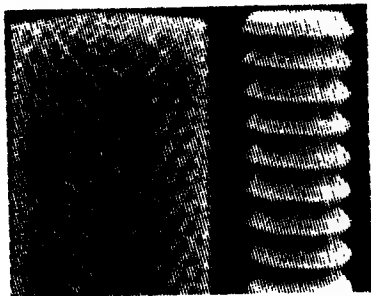
Fabricantes de
Correntes de Ferro

NA INDÚSTRIA

NA PESCA

NA AGRICULTURA

Fabricante de:

**REDE ELÁSTICA GALVANIZADA E REVESTIDA A PLÁSTICO**

- ♦ **EMBALAGEM COMPACTA** • mais barato o transporte •
• melhor acondicionamento •
• melhor protecção em acidentes •

**ARAME FARPADO TIPO **IOWA******ARAME FARPADO (ALTA RESISTÊNCIA) TIPO **MOTTO******J. SILVA MOREIRA & IRMÃOS, LDA.**DERIVADOS DE ARAME

Redes - Arame Farpado - Correntes - Grampos - Arame Torcido

LIVRAÇÃO - 4630 MARCO DE CANAVESÊS

PORTUGAL

Telefs.: 52323 - 52146

Telex. 23333 SILMOR P

**CAPACIDADE
INSTALADA****3000 TONELADAS/ANO**



Vigilância

Situação militar modificou-se muito

Continuação da pág. 8

demora anos. Mas nós sabemos que a situação que se vive hoje na África do Sul e na Namíbia é uma prova evidente que o sul-africano não controlará nem poderá continuar por muito mais tempo a dar este apoio massivo aos bandos fantoches da Unita...

Solução

«Contudo — interrompi — fala-se que os americanos estão já a preparar o apoio à Unita a partir do Norte e do Leste, através do Zaire...»

«É evidente que, exactamente por aquilo que acabei de lhes dizer, os americanos estão a fazer um esforço para transferir o teatro de guerra para o norte do país. Sabe-se que os sul-africanos, mais cedo ou mais tarde, vão ter que libertar o território namibiano... Os bandos armados não terão então uma retaguarda sólida que lhes permita continuar a realizar o que têm realizado. Claro que se tiverem o apoio dos vizinhos do norte, é possível que sobrevivem mais algum tempo, mais uns anos. Mas o apoio que lhes poderá ser dado será diferente do que têm agora e posso garantir que as nossas forças armadas estão preparadas para fazer face a qual-

quer tentativa de transformar o Norte numa zona como foi a do Sul. Temos sólidos argumentos, creiam.»

Mas acha mesmo que há solução militar para a situação?

«Sem dúvida. Há solução militar. Pode demorar mais ou menos, e isso dependerá apenas dos apoios que o inimigo for recebendo. E da sua resiliência. Agora, por exemplo, andam a fazer uma campanha para estabelecermos conversações com eles. Nós dizemos: quando quiserem vir conversar connosco, de acordo com as orientações e a política de clemência do nosso partido, venham. Mas não como organização. Individualmente.»

E essa política de clemência tem dado resultado? Tem-se apresentado muita gente?

«Desde fins do ano passado até agora nunca havíamos recebido tantos oficiais e soldados. As contradições na Unita são muitas, eles não têm perspectivas, aqueles homens andam, nalguns casos, há anos nas matas, sofrendo privações e sabendo que nada conseguirão. Sabemos que nem todos são culpados — e daí a nossa política de clemência, que como sabem foi um êxito em relação aos ex-membros da FNLA, hoje quase todos reintegrados, alguns dos quais

no próprio exército, onde estão empenhados activamente na luta contra a Unita. A maior parte, porém, está a trabalhar na vida civil.»

Cubanos

Por fim, veio à baila a questão dos cubanos. Saem, não saem...

Pedalé sorriu. Relembrou com pormenor a ação que originou o aparecimento dos cubanos em Angola em 1975, a pedido do governo da RPA e do MPLA. Falou da invasão sul-africana pelo Sul e dos «fenelas» com mercenários e o exército zairota pelo Norte.

«Não havia alternativa para nós: tínhamos que pedir auxílio aos nossos amigos» — exclamou Pedro Maria Tinha, lembrando que a URSS sempre ajudou o MPLA e o governo da RPA, o mesmo acontecendo com Cuba.

Mesmo depois da expulsão dos sul-africanos a guerra não parou em Angola. A pressão tem continuado. As agressões também. As ameaças idem. E numa situação destas só quem não tiver dois dedos de testa pode pensar que os cubanos sairão.

«Eles insistem tanto na retirada dos cubanos que a gente às vezes até pensa que eles querem isso para tentar de novo invadir Angola...» — comenta, com indistigável bom humor, o mi-

nistro da Defesa angolano.

«É evidente — prossegue — que enquanto existir **apartheid** na Namíbia não podemos retirar os cubanos. Será conveniente lembrar, contudo, que eles não combatem — limitam-se a estar colocados ao longo de uma linha de retaguarda das nossas forças. Se alguém nos invadir até aí, então sim, eles poderão entrar em acção. Além disto, os cubanos treinam as nossas tropas e há também assessores seus nos nossos organismos centrais, como no Estado-Maior General, por exemplo. O que, como se sabe, é perfeitamente normal, em numerosos exércitos regulares há oficiais estrangeiros que são conselheiros...»

Pedalé, que se referiu ainda aos cubanos cooperantes que estão a trabalhar em Angola como médicos, professores, engenheiros, terminou afirmando:

«Sim senhor: Andam muito preocupados com os cubanos, não andam? Então, desde que os sul-africanos garantam que não nos invadem, desde que haja garantias de um clima de segurança à nossa volta, os cubanos vão-se retirando para o seu país. Estamos de acordo. Mas atenção: tudo na base da resolução 435 da ONU.»

**FOREX**
Comercial, Lda.
Rua Coronel do Amaral, n.º 1/1.º esq.
1900 Lisboa/telef.: 822754-823075
Telex: 64 819 FOREX P
Telefax: 843203

AMIZADE

e

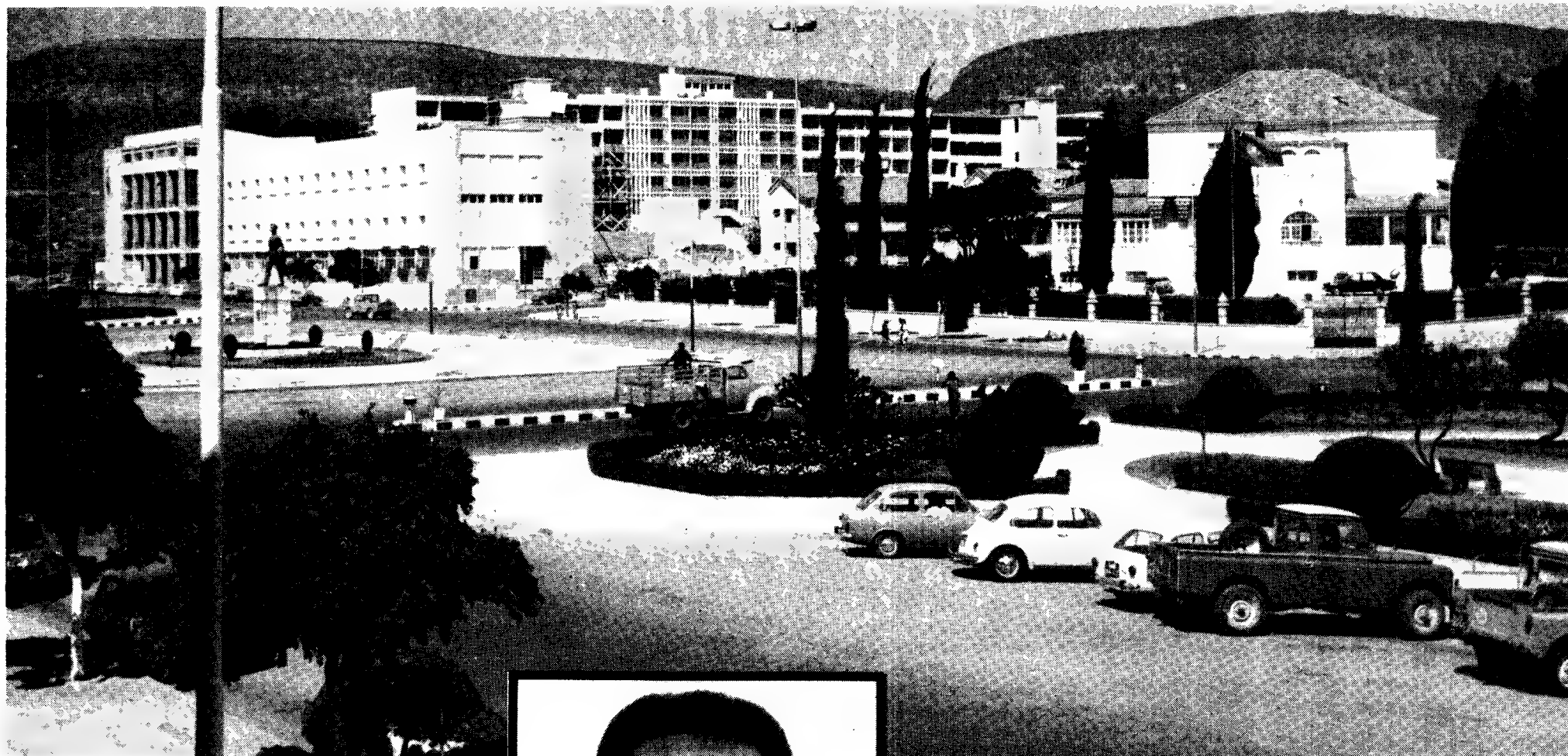
COOPERAÇÃO

SÃO A FORÇA E A RAZÃO DA NOSSA EXISTÊNCIA

Apostamos em relações abertas
baseadas na reciprocidade de benefícios

SAUDAMOS A NAÇÃO ANGOLANA NA PESSOA DE SUA EXCELÊNCIA

PRESIDENTE JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS



LOPO DO NASCIMENTO, RESPONSÁVEL NÚMERO UM



UMA LUFADA DE AR FRESCO NA HUÍLA

Nesta visita relâmpago que fiz a Angola estive quatro dias no Lubango, capital da província da Huíla. Em Luanda, todos me diziam que a vida na Huíla era substancialmente melhor, que ali se estavam a verificar transformações importantes e positivas, não havia falta de comida, a segurança era total.

Quando cheguei instalei-me no Grande Hotel do Huíla, uma construção tipicamente colonial, com rés-do-chão e primeiro andar em quadrado, tendo no meio uma excelente piscina rodeada de relva bem tratada.

Os hóspedes do hotel dividiam-se por três grandes grupos: militares (obviamente oficiais do Exército, mas também muitos pilotos da Força Aérea que estavam de passagem), homens de negócios ou de instituições internacionais, e muitos jovens de ambos os sexos (nalguns casos jovens casais recém-casados), quase todos provenientes de Luanda, que vinham ao Lubango passar férias.

D. Maria, uma portuguesa já de idade avançada que há 25 anos trabalha no Grande Hotel do Huíla e dali não quer sair, era como que uma figura tutelar. Falava com agrado

aos jornalistas portugueses, mas de quem ela gostava mesmo era do Nuno, hoje jornalista angolano que nos acompanhou durante a visita, mas que fizera o seu serviço militar no Cunene e na Huíla e tinha estado muito tempo hospedado naquele Hotel, descansando das suas fadigas de guerreiro.

As mãos rugosas de D. Maria e os seus olhos pequeninos e brilhantes eram só mimos para o Nuno, que já não via há uns anos...

O cozinheiro, que de vez em quando circulava, no seu impecável fato branco e barrete da mesma cor, pelas arcadas que rodeavam a piscina, era igualmente português, embora alguns amigos garantissem que ele agora tem dupla nacionalidade...

... E era um mãos-largas, um bom coração, esse cozinheiro luso-angolano: com estes olhos que a terra há-de comer presenciei uma cena bonita — cedeu o seu quarto a duas jovens luandenses que queriam prolongar a sua estada no Lubango mas tinham de deixar o Hotel, uma vez que a comitiva do presidente José Eduardo dos Santos, que dali a dias iria ao Huíla inaugurar uma importante feira agro-pecuária, estava a chegar e os

quartos eram preciosos...

Foi, pois, neste ambiente que se processou a minha passagem, rápida e a saber a pouco, pelo Lubango e pela Huíla. E já agora convém dizer que ao almoço e ao jantar me serviam sopa, dois pratos e fruta (esta não era famosa, e isso é inexplicável pois a província tem fruta a dar com um pau. Se Lopo do Nascimento sabe disto vai certamente actuar). De seguida, e invariavelmente, passava ao bar, onde me misturava com muitos cooperantes e estrangeiros que ali se deslocam com regularidade para beber um excelente café acompanhado de digestivos eficazes.

Aguarela

Lubango é uma cidade de cerca de 150 mil habitantes. Bonita, arejada, ruas e avenidas amplas e impecavelmente limpas, prédios mais ou menos conservados. O mercado funciona em pleno, o comércio tem alguma vitalidade, até o Fragateira, aquele angolano de origem portuguesa que foi capitão da equipa nacional de hóquei em patins de Angola e se meteu no negócio da Kamanga e por isso foi condenado à morte (pena entretanto comutada pelo

Presidente Eduardo dos Santos), está aí estabelecido como oculista. Três ou quatro discotecas animam as noites da cidade, onde a juventude é omnipresente, o que não admira se soubermos que a capital do Huíla tem uma população estudantil elevadíssima, ao ponto de Lopo do Nascimento, comissário provincial e homem todo poderoso na Huíla, Cunene e Namibe (é o presidente do Conselho Militar Regional, que engloba estas três províncias do Sul de Angola) nos ter afirmado que no Lubango «toda a gente estuda».

Traduzindo: na cidade há várias escolas de ensino médio e aí funcionam também as faculdades de Letras, Direito, Economia e, a meio gás, Agronomia e Veterinária. Lopo do Nascimento, de resto, com a sua proverbial calma e voz suave, comentaria com alguma ironia: «Há de facto muita gente a estudar, mas há distorção. E não é pequena: formamos apenas três agrónomos contra 50 doutores em filosofia... No próximo ano vamos ter a funcionar a sério a Faculdade de Agronomia e de Veterinária, bem como a de Pedagogia, pois disso é que aqui precisamos.»

No Lubango, onde há um belo estádio de futebol, fomos também encontrar o Rui Rodrigues, o angolano antigo jogador da

Académica e do Benfica. E o treinador do Ferroviário do Lubango, está satisfeito com as condições de trabalho, a sua equipa tem dado boa conta de si, o ambiente é bom e o Rui até está bem mais gordo...

Na altura em que cheguei ao Lubango decorriam igualmente as Festas da Cidade. Na Feira, ou Parque — junto do qual funciona uma magnífica piscina municipal, sempre cheia de jovens — havia barracas por todos os lados: desde aquelas onde, bem à maneira portuguesa, havia o tradicional chamamento «Vai um tirinho freguês?», podendo o passante fazer pontaria a um boneco na mira de sacar uma pequena barra de sabão, uma garrafa de vodka ou rum, cigarros ou uma ou outra peça de roupa, por exemplo; barracas de comes e bebes; uma praça de toiros tendo na arena sucessivos agrupamentos musicais que faziam as delícias da juventude que se sentava nas bancadas; uma exposição de artes plásticas; exposições de teatro e folclore; e, claro, um bingo ao ar livre, com portugueses a comandarem as operações na instalação sonora.

(Naquele espaço enorme havia também uma feira comercial e industrial e uma exposição agro-pecuária, que o Presidente angolano daí a dias iria inaugurar.)

rar.)

Mas a surpresa maior, para mim, foram os circuitos motorizados: enquanto permaneci na cidade houve uma corrida de motocicletas e no dia em que parti para Luanda ia realizar-se uma corrida de automóveis, os 200 quilómetros do Lubango. Ainda vi alguns bólides infernais a aquecerem para treinos, todos coloridos, alguns até com publicidade em cima das carroçarias... E ao que me disseram muitos desses carros tinham vindo, por estrada, de Luanda, Lobito, Benguela e Huambo (os carros provenientes desta última cidade, manda a verdade que se diga, não puderam fazer a viagem para Lubango pelo caminho mais curto. A situação de guerrilha provocada pela UNITA, que continua activa no planalto central, não tornava aconselhável tal deslocação. Foi preciso ir do Huambo a Benguela, e mesmo assim, nesse percurso, aproveitando as colunas militares que sempre protegem os civis).

De qualquer modo, a verdade é que ainda tenho nos ouvidos o roncar dos potentes motores dessas viaturas que foram fazer os 200 quilómetros do Lubango, com as estradas do circuito apinhadas de gente, numa iniciativa

Continua na pag. 12



A RDP/Internacional saúda muito especialmente o Senhor Presidente da República Popular de Angola por ocasião da sua visita de Estado a Portugal e todos os ouvintes que nos escutam nesse País.

A RDP/Internacional produz e realiza programação e informação destinadas a ser transmitidas em ondas curtas, em português e línguas estrangeiras para todo o mundo e tem por objectivos essenciais a defesa da identidade cultural portuguesa e o reforço dos laços de afectividade com os emigrantes portugueses.

A RDP/Internacional transmite anualmente cerca de 10 000 horas de programação em língua portuguesa para a Europa, África, Brasil, Venezuela, EUA e Canadá, Médio Oriente e Extremo Oriente, e perto de 1200 horas em línguas estrangeiras, com programas em inglês (para África, Europa, Médio Oriente, EUA e Canadá); em francês (África e Europa); em alemão e italiano (Europa) com o objectivo de dar aos ouvintes estrangeiros informação sobre o que mais de relevante se passa no nosso país e divulgar a nossa cultura para um melhor conhecimento de Portugal no Mundo.

A RDP/Internacional privilegia também o incremento da Cooperação entre Portugal e os Países Africanos de Expressão Portuguesa, numa perspectiva de desenvolvimento das relações entre os Estados e do reforço da solidariedade entre os povos.

A programação diária da RDP/Internacional para África em língua portuguesa é muito diversificada, com relevo para as componentes informativa e cultural, a divulgação da língua, literatura e música, desporto e rubricas de contacto e destina-se aos portugueses (emigrantes e cooperantes) e aos ouvintes dos Estados Africanos de Expressão Oficial Portuguesa.

HORÁRIO DAS EMISSÕES EM PORTUGÊS (HORAS UTC)

ÁFRICA

Horas

Frequências

10.00/12.00 – 2.^a f. a 6.^a f.

15.265 KHz (19 m); 21.700 KHz (13 m)

17.00/19.00 – 2.^a f. a 6.^a f.

11.915 KHz (25 m); 15.250 KHz (19 m)

11.00/20.00 – Sábados

15.265 KHz (19 m)

10.55/20.00 – Domingos

11.915 KHz (25 m); 15.250 KHz (19 m)

GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE

10.00/11.00 – 2.^a f. a 6.^a f.

15.250 KHz (19 m)

17.00/19.00 – 2.^a f. a 6.^a f.

11.840 KHz (25 m)

13.00/14.00 – Sáb. e Dom.

15.250 KHz (19 m)

18.15/20.00 – Sáb. e Dom.

11.840 KHz (25 m)

HORÁRIO DAS EMISSÕES EM INGLÊS E FRANCÊS (HORAS UTC)

ÁFRICA

Horas

Frequências

19.00/19.30 (Inglês) – 2.^a f. a 6.^a f.

11.915 KHz (25 m); 15.250 KHz (19 m)

19.30/20.00 (Francês) – 2.^a f. a 6.^a f.

11.915 KHz (25 m); 15.250 KHz (19 m)

Além destes horários regulares, prevêm-se transmissões especiais de acontecimentos desportivos ou outros, que o justifiquem.

As frequências podem mudar consoante as épocas do ano e as condições de audição.

Estes horários referem-se ao período de Inverno.



Campos a produzir

Continuação da pag. 10

que eu não julgava possível na Angola dos nossos dias assoberbada com os problemas que todos sabemos. Mas Angola é mesmo assim: plena de contradições, é certo, mas de uma vitalidade sem limites.

Os Borges

Mas dizia há pouco que no Lubango estava em preparação uma exposição agro-pecuária. É verdade. Numa das noites que passei na cidade — fazia um fresco a lembrar mesmo frio, fui dar uma volta por esse espaço enorme e encontrei o Jaime, mais conhecido por Totta, que é um angolano de origem portuguesa, neto do velho Borges, proprietário de três enormes fazendas de 1.500, 10 000 e 25 000 hectares, respectivamente.

O Totta — um homem aí de trinta e poucos anos, simples e generoso, trabalhador danado mas gozador da vida também — foi-me mostrar, orgulhoso, as suas vacas e toiros que estavam na exposição. Apontava os animais a dedo, passava-lhes a mão pelo lombo, contava-me as suas histórias, falava dos cruzamentos efectuados, de raça nova que a família havia criado em Angola desde há 15 anos e cujo nome soava a estranho: Tchimbolo...

A família Borges tem nas suas fazendas cinco mil cabeças de gado. Produz carne que dava para abastecer muita coisa (e dá...), o mesmo acontecendo com o leite, a fruta, os cereais. O Governo dá todas as facilidades. Apesar de não existir a propriedade privada a família tem o usufruto da terra com direito a passar de pais para filhos, as perspectivas são óptimas e agora o que é preciso é que o clima existente na Huíla se vá estendendo a outras províncias, a todo o país, pois as potencialidades são mais que muitas.

Lopo do Nascimento disse-me a propósito:

«Abrimos uma fazenda de gado junto da fazenda do Borges. Daqui a três anos os nossos técnicos saberão trabalhar o gado como os Borges sabem. Eles estão a ajudar-nos: têm capacidade de gestão, exactamente aquilo que nós não temos. E como calcula não nos interessa ter bois, importar animais de raça para eles morrerem depois. A colaboração com os privados vai ser mutuamente benéfica, tenho a certeza.»

Quando contei isto ao já meu amigo Totta ele sorriu e concordou. É assim, no Lubango.

Lopo

Ao longo desta crónica já recorri várias vezes a afirmações

de Lopo do Nascimento. É chegada a altura de vos dizer que por duas vezes me encontrei com esse homem que já foi primeiro-ministro do governo de Angola, no tempo de Agostinho Neto, e é hoje o número um do MPLA, do governo e das Forças Armadas da RPA nas três províncias do Sul atrás referidas.

A conversa mais longa decorreu na sua casa particular, uma vivenda excelente mas não luxuosa, situada num morro que domina a cidade.

Era um fim de tarde sereno e Lopo passeava um soberbo cão de raça (desconhecida para mim, ignorante na matéria, e confesso que não tive curiosidade de perguntar). Conduziu-nos para uma sala espaçosa no primeiro andar, onde as paredes estavam decoradas com belos quadros coloridos de pintores angolanos. Havia estantes cheias de livros, uma aparelhagem sonora, um aparelho de televisão, um vídeo e muitas cassetes. Jornais (entre os quais o «Diário de Lisboa», do qual é assinante) e revistas estrangeiras não faltavam. Em cima de uma mesa pequena estava a brasileira «Veja» com um título da capa bem sugestivo: «A rebeldia da classe média». Havia igualmente alguns livros, modernos, sobre electrotecnia, exactamente o ramo que o seu filho mais velho, de 17 anos, quer seguir. Lopo disse-nos ainda que vive ali sem a família, que

continua em Luanda e só de vez em quando passa consigo umas temporadas. Gosta de ir comer a restaurantes da cidade, nomeadamente ao Hamilton — restaurantes de iniciativa privada, que Lopo não se cansa de dizer deve ser incentivada nos sectores não fundamentais da economia. Mas a isso já lá iremos.

Potencialidades

O início do diálogo teve a sua piada. Foi Lopo do Nascimento quem começou a fazer perguntas. Primeiro ao Luís Alberto Ferreira, jornalista do «Jornal de Notícias», do Porto, mas que está há quase dois anos a trabalhar em Bissau. Lopo, que conhecia o Luís Alberto há bastante tempo, quis saber coisas da Guiné-Bissau. Passámos depois a falar sobre Cabo Verde, tendo o nosso anfitrião deixado a certa altura escapar uma frase curiosa: «Cabo Verde é que sabe fazer cooperação. Nós ainda não sabemos.» A seguir vieram as perguntas sobre Portugal, sobre a situação que se vive neste território à beira-mar plantado. Contaram-se vários episódios pitorescos e até anedóticos relativos à cooperação com Lisboa, e Lopo mais uma vez deixou «cair» um comentário:

«Portugal tem política comercial, mas não tem política de

Continua na pag. 13

**90 ANOS
DE AVANÇO
PERMANENTE.**

A Foncar acompanha o progresso na produção de tecidos para vestuário desportivo, têxteis para o lar e tecidos plastificados. Com novas fibras, novas tecnologias e informações actualizadas do mercado. Com o dinamismo e a experiência que, desde há 90 anos, conquista novas metas de qualidade. Uma performance empresarial que inspira confiança. Uma boa aposta no futuro.



Organização Industrial e Comercial Têxtil, S.A.

GRUPO CIMPOMÓVEL

SLOGAN

International
Shipping
Lines

**A PONTE FLUTUANTE
ENTRE**

PORTUGAL

(LISBOA e LEIXÕES) e

ANGOLA

(SOYO, LUANDA, LOBITO e AMBRIZ)

AGENTES EM PORTUGAL

WIESE - TRANSPORTES, LIMITADA

1200 LISBOA

RUA DO ALECRIM, 12-A

TELEFS. 37 02 41 / 9 (10 Linhas)

TELEX 12322 WIESE P

TELEG.: WIESECO - LISBOA

FACSIMILE RANK XEROX 295

TELEPH. 37 05 38

4450 MATOSINHOS - PORTUGAL

TRAV. ÁLVARO CASTELÕES, 79, 3.º-D.º

TELEFONES 93 80 41 - 93 83 60

TELEX 23544 WIESE P

TELEG.: WIESECO - MATOSINHOS



LOBO DO NASCIMENTO

Continuação da pág. 12

cooperação.»

No que respeita à nossa política cultural, a opinião do dirigente angolano também não é mais favorável: «É má, a vossa política, nesse domínio. Não tem perspectivas. Deviam ver o que países como a Itália, a Suécia, a Espanha, o Brasil estão a fazer...» — alertou.

Começámos então a falar dos problemas de Angola, a braços

«com a burocracia henriquina que herdámos dos portugueses», como afirmou Lopo nitidamente numa de ironia suave.

Até que chegámos ao que queríamos: saber como estavam as coisas na província de Huíla e na cidade do Lubango.

«Vai andando» — começou Lopo do Nascimento. «Penso que nos últimos tempos melhorou muito, mas mais do que a melhoria visível, o importante é

a melhoria que se operou no espírito das pessoas, no seu engajamento, na sua confiança.»

O Comissário da Huíla foi depois claro e realista: é completamente errado dizer que na província não há dificuldades. É evidente que as há e não são poucas — são as dificuldades do país, o que acontece é que numas províncias elas são mais agudas, noutras menos agudas. Há, inclusivamente, problemas de

fome — mas na Huíla há grandes potencialidades que foram despoletadas, o aumento da produção agrícola foi enorme, e a situação melhorou apesar do grande afluxo de pessoas de outras províncias afectadas pela guerra — nomeadamente do Cunene. «A Huíla caminha a passos gigantescos para a auto-suficiência alimentar. Estamos a chegar a um ponto que o que mais nos interessa é resolver os problemas

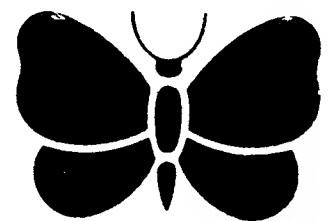
da comercialização dos produtos do que aumentar a produção» — asseverou.

Estratégias

A estratégia, conforme nos foi explicada pelo nosso interlocutor, é simples e tem-se revelado eficaz: fez-se levantamento do número de camponeses produtores, do número e extensão das

Continua na pág. 14

MIDF



METALURGICA DUARTE FERREIRA S.A.

MÁQUINAS E ALFAIAS AGRÍCOLAS, "TRAMAGAL"

(TRACÇÃO MECÂNICA, ANIMAL E ACCIONAMENTO MANUAL)

Preparação de terreno

Sementeira

Distribuição de adubo

Colheita e de debulha

Preparação de alimentos para gado

UNIDADE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

APARTADO 1

TRAMAGAL

2201 ABRANTES CODEX

Telex — 16212 DUFEFI P

Teleg. — DUFEFI — TRAMAGAL

Telef. — 97131 / 32 / 33

MATERIAL DE REGA

MATERIAL OLEÍCOLA

MATERIAL VINÁRIO



A ideia é tornar a Huíla auto-

Continuação da pag. 13

terras aráveis, das condições ecológicas. Disseram aos camponeses que do Estado apenas podiam esperar os produtos que não é possível produzir localmente: peixe seco, sal, açúcar e óleo. Forneceram-lhes igual-

mente sementes, enxadas e charruas. Têm um cálculo da produção previsível e cada comissário de cada município compra obrigatoriamente uma parte da produção a esses camponeses. Semanalmente cada comissário informa o Lubango da situação.

Em pouco tempo a produção aumentou de um modo que ultrapassou todas as expectativas.

«A ideia, como já disse, é tornar a Huíla auto-suficiente em produtos alimentares — cereais e carne. Recebíamos aqui na província uma determinada quanti-

dade de arroz vindo do Ministério do Comércio Interno. Acabámos com isso — e pedimos outras coisas em troca. Para que é que queríamos o arroz se aqui na Huíla produzimos batata três vezes ao ano? Não: a batata passou a ser o arroz de Luanda... Quer isto dizer que tivemos que introduzir alterações aos hábitos alimentares que se estavam a instalar» — explicou Lopo de Nascimento que de seguida passou a falar do problema da comercialização:

«Dizia-nos que faltavam comerciantes. Só em parte é que era verdade. Eles existiam e existem ainda. Era preciso enquadrá-los, aproveitar o que havia, incentivá-los. Fizemos um levantamento e descobrimos que na província havia cerca de 80 comerciantes. Criámos também oitenta postos de comércio estatais. Não podem operar nos mesmos locais — não fazia sentido. Servem agora de complemento, e onde há um comerciante privado o estado não vai colocar lá outro. Estão a ver?»

Com esta estratégia foi possível, primeiro, aumentar a produção; depois, levar e trazer do campo para a cidade, e vice-versa, os produtos, comercializando-os.

«Preços? Bom, isso é complicado. Faz-se muita troca. Os preços são os legais, mas nós sabemos como é... Flexibilizámos um pouco. Fechamos os olhos a essa coisa dos preços legais. Há outras prioridades no momento.»

Há um outro pormenor importante que pode explicar os resultados que se estão a verificar na Huíla, no Cunene e no Namibe: pela primeira vez em Angola está-se a tentar desenvolver uma economia integrada. O que torna isto possível é o facto de Lopo do Nascimento ser o presidente do Conselho Militar Regional que engloba essas três províncias e, por isso mesmo, superintender em toda essa área. Como é óbvio tudo isto passa em primeiro lugar pelo facto de a situação militar também ter melhorado muito, acontecendo que as estruturas militares são igualmente postas ao serviço da comunidade civil:



transporte de produtos e até produção de alimentos e sua comercialização, pois a tropa tem fazendas que explora e lojas que servem a população.

«Esquemas»

Perguntei a Lopo do Nascimento como estávamos de corrupção, como era isso do «esquema», que se tornara modo de vida em Luanda. Havia ou não, na Huíla, o desvio de produtos, o «desenrascão», o pequeno ou grande golpe?

Sorriu, Lopo do Nascimento. E começou a responder assim:

«A base do 'esquema' é a falta de produtos no mercado, a falta de alimentação. Claro que aqui no Lubango também existe o 'esquema' — mas podem crer

que é bastante menor do que em Luanda, por exemplo. A bem dizer, ele existe apenas nos quatro produtos que o Estado fornece aos produtores: o óleo, o sal, o açúcar e peixe seco. Estamos atentos, mas não preocupados. E já agora sempre devo dizer que o papel dos fiscais das organizações internacionais que estão aqui na Huíla também tem o seu papel moralizador...»

Ficámos surpreendidos: fiscais das organizações internacionais... Lopo do Nascimento explicou: grande parte da ajuda internacional a Angola é encaminhada para a Huíla.

A pedido das próprias autoridades do Lubango, a ONU mandou fiscais, que estão na cidade a título permanente, verificando in loco o modo como a ajuda é apli-

Um nome. Um símbolo.

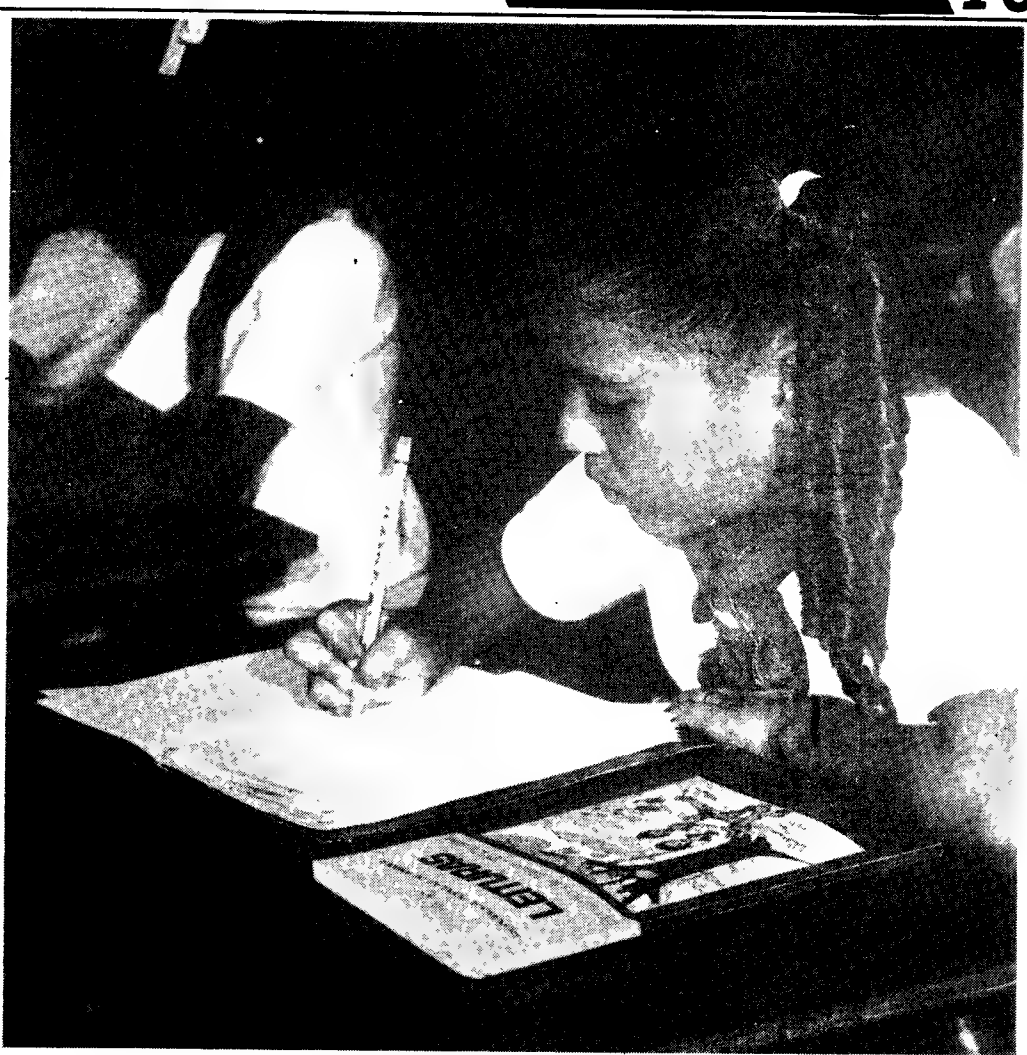
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.
Um nome — prestígio e experiência.
Um símbolo — modernidade e eficiência.
E sempre um cuidado especial em cada caso.



BANCO ESPÍRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

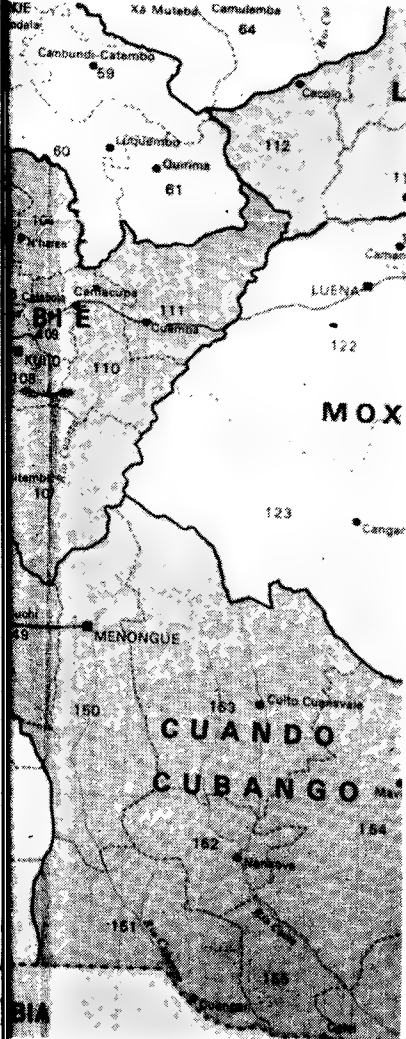
O SEU BANCO PARA SEMPRE





No Lubanco toda a gente estuda

o-suficiente



em cada. A ONU tem no Lubango uma grande infra-estrutura, com técnicos, camiões, fiscais, etc. Isto tem duas grandes vantagens, no entender daquele responsável: além de não ser necessário estar a receber a toda a hora delegações estrangeiras para verem o que se está a passar, a presença dessa gente qualificada da ONU faz com que os quadros angolanos se sintam «enquadrados e vigiados» ao mesmo tempo que aprendem muita coisa.

Neste quadro, e como pudemos perceber pelas palavras de Lopo Nascimento, muitos países têm entrado com os seus técnicos na Huila, onde estão igualmente a ser aplicados fundos da CEE. Portugueses, nem vê-los...

«Ainda há pouco tempo houve um concurso para um empreen-

dimento nas pescas, na ordem dos 50 milhões. Dinheiro da CEE. Foram os italianos a ganhar...» — lembrou.

E por falar em portugueses — Lopo do Nascimento não se esqueceu de dizer aos jornalistas idos de Lisboa que «o argumento de que Portugal conhece Angola e África vale cada dia menos — os que realmente conheciam estão velhos e... estão longe».

Melhorias

Claro: era obrigatório perguntar a Lopo do Nascimento qual a situação militar na região. Como noutro ponto deste suplemento digo, a visita dos jornalistas portugueses a Angola efectuou-se na segunda quinzena de Agosto. Foi, pois, nessa altura, que Lopo disse a propósito da situação militar: tem havido provocações, muitas, dos sul-africanos às tropas angolanas junto da cidade Ondjiva, no Cunene; tudo fazer que querem debilitar ao máximo essas tropas estacionadas aí para facilitarem a passagem de elementos da Unita. No Norte da província a situação com os bandos de Savimbi está muito mais calma, tendo recentemente sido destruídos acampamentos e eliminados numerosos militares dessa organização terrorista. Em Julho, contudo, a Unita conseguiu, ainda, em Caluquembe, montar uma acção, isolada, é certo, mas que originou dois mortos civis, uma viatura destruída e cinco toneladas de milho perdido.

«Já visitei de carro, por duas vezes, toda a província da Huila. Há dois anos isso seria impossível» — diz Lopo do Nascimento.

Quanto aos cubanos, cuja presença é por demais visível — não há nada a esconder, de resto... — no Lubango: «Eles não operam» — diz o nosso anfitrião. «Estão a defender uma linha. É evidente que aqui é o local onde estão em maior número. Treinam as nossas tropas, ajudam nos transportes, estão ao longo da linha de caminho-de-ferro do «Namibe».

No que respeita a defesa anti-aérea, Lopo diz muito em poucas palavras: «Estamos bem.»

Arejar

A conversa, como é lógico, avançou ainda por muitos outros caminhos. Lopo do Nascimento soubera criar o ambiente para uma discussão franca, informal, com algumas informações «off-record». Vê-se que é um homem preocupado com o desenvolvimento económico da região que está sob a sua responsabilidade, sabe-se que está rodeado de uma equipa jovem e competente, percebe-se que tem noção perfeita das dificuldades e da terrível falta de quadros existente. E não esconde que espera bons resultados de abertura à iniciativa privada («é difícil ao Estado ser eficiente no domínio da prestação de serviços directos à população...») em determinados sectores.

«O tempo das barbearias do Estado já lá vai... Os privados querem abrir restaurantes? Façam favor... Querem ser comerciantes, entrar pelos transportes levando e trazendo os produtos da cidade para o campo e vice-versa? Façam favor. A capacidade da frota privada de transportes no Huila é já superior duas vezes à capacidade da frota estatal. Querem ser produtores privados de produtos hortícolas? Porque não? Só na cintura do Lubango há já 264 cidadãos nessa actividade» — sublinhou por fim, mais um pequeno pormenor do que se está a passar na Huila depois de Lopo do Nascimento ali ter chegado há quase 18 meses: a informação está a levar uma grande volta; a potência da estação de rádio local vai aumentar; foi criado um quinzenário chamado «Omukanda-Jornal da Huila», onde são publicadas fundamentalmente notícias de interesse regional e que o «Jornal de Angola» nunca contemplava; e a televisão começou a funcionar, por enquanto em regime experimental, estando a ser instalados receptores colectivos nos bairros da cidade e nos seus arredores.

«Queremos uma informação arejada, que não tenha nada a ver com o «Diário da República». Sem informação não há progresso» — concluiu Lopo do Nascimento.



COLABORAMOS NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

PROJECTAMOS, FABRICAMOS E MONTAMOS

- Equipamentos Hidroeléctricos — Condutas, Comportas, Ensecadeiras e Greijas.
- Chefe de fila dos consórcios fornecedores de equipamentos para Centrais.
- Equipamentos para Estações Elevatórias • Estações de Tratamento de Águas • Equipamentos para Silos e Equipamento para Moagens • Equipamentos para a Indústria Cimenteira • Estruturas Metálicas.

COMERCIALIZAMOS

Equipamentos para pequenas e grandes instalações industriais.

DISPOMOS DE:

- Gabinete de Estudos e Projectos. Oficinas próprias.
- Experiência na coordenação de grandes empreendimentos

SEDE
Calçada de Palma de Baixo, 10-B
Apartado 4255 — 1507 LISBOA CODEX
Tel. 726 70 05
Telex 12758 SOFMI P
Telefax 7267490

PRESENTE NA R.P. ANGOLA nas seguintes obras

- Chicapa 1 (5 Grupos)
- Chiumbe — Dala (2 Grupos)
- Lomaum (Grupos IV e V)
- Quiminha (Revisão e beneficiação do equipamento)
- Lomaum (Grupos I, II e III)
- Rio Cuelebe (3 Grupos)
- Luachimo (4 Grupos)
- Mabubas (2.ª Fase)

DELEGACÃO COMERCIAL NA R.P. ANGOLA
Av. 4 Fevereiro, 50.3ª — Apt. 3
Apartado 3640 — LUANDA
Telef. 237 07 91
Telefax 3524 PDAVID AN

**DA CAHAMA
XANGONGO**

Depois dos bombardeamentos sul-africanos

**PASSAGEM
PELO
CORAÇÃO
DA GUERRA**

Levantei-me muito cedo no dia marcado para sair do Lubango em direcção a Cahama e Xangongo. Tinha estado a conversar até tarde com amigos, dormi apenas duas/três horas, mas foi bom ver aquele sol fabuloso a nascer.

No «jeep» grande viajavam, além de três jornalistas portugueses, o Nuno, jornalista angolano velho conhecido que nos acompanhava, um alferes e três FAPLA armados, e a Inocência, uma enfermeira que nos pediu boleia até à antiga missão do

Chiulo, hoje hospital onde trabalham médicas irlandesas e uma suíça.

Enquanto rolamos na província da Huíla a estrada asfaltada estava, pode dizer-se, impecável. Já depois de entrarmos no Cunene a coisa não era bem assim: havia muitos buracos, nos quais o motorista quase sempre acertava, pedal do acelerador no fundo.

Muitos desses buracos — explicou o Nuno e não era difícil confirmar — haviam sido causa-

Continua na pág. 17

STE**Serviços de Telecomunicações e Electrónica, SA****Em ANGOLA a STE instalou:**

- Sistemas de micro ondas
- Equipamentos de comutação telefónica
- Equipamentos de multiplexagem telefónica
- Sistemas de energia
- Redes de cabos

A STE — Serviços de Telecomunicações e Electrónica, S.A. é uma empresa do grupo Centrel que se mantém desde sempre em Angola, desenvolvendo actividades no campo das telecomunicações, em estreita cooperação com os organismos da República Popular de Angola.

Rua de S. Tomé, lotes 124/125 • Prior Velho • 2685 SCAVÉM
Tel.: 251 33 39 - 251 36 12 • Telex 15504 CENSTEP • Teleg. CENTREL SCAVÉM



Ponte sobre o Cunene destruída

Continuação da pág. 16

dos pelos bombardeamentos aéreos dos «carcamanos», isto é, sul-africanos. Isto, claro, muitos meses antes, porque agora não é fácil à aviação de Pretória penetrar tão fundo no território angolano.

Pelo caminho, com uma regularidade impressionante, íamos vendo, nas bermas da estrada, numerosos carros de combate calcinados, numa demonstração viva de um passado recente de combates violentos.

Numerosos também eram os quartéis situados ao longo do caminho, junto de povoações. No meio da mata, aqui e ali, tornava-se perceptível igualmente a presença de material de defesa antiaérea e, como viemos a saber quando chegámos a Cahama, toda a nossa deslocação, a partir de certa altura, fora devidamente assinalada — e não apenas nos sucessivos postos de controlo montados na estrada, nos quais, para passar, tínhamos de mostrar os documentos necessários.

Na Cahama fomos falar com o capitão Nando, um militar que há nove anos consecutivos está na zona, comandando agora toda a tropa que ocupa uma vasta área que vai até Ondjiva. Tem a patente de capitão mas na verdade exerce funções de general de brigada.

Foi um contacto breve, o que tivemos com esse jovem oficial das FAPLA. Aprazámos uma conversa mais longa para quando regressássemos. O nosso objectivo era chegar o mais cedo possível a Xangongo, antiga Roçadas, povoação que deve ter sido bonita, banhada pelo rio Cunene.

Bombardeamentos

Para se atingir Xangongo é necessário atravessar uma ponte de 800 metros de comprimento. Acontece, porém, que os sul-africanos destruíram essa ponte. Por duas vezes. Em 1980 os soviéticos haviam-na reconstruído, mas dois anos mais tarde os «carcamanos» voltaram a dinamitá-la, inutilizando-a.

Agora é obrigatório fazer uns desvios por uns estreitos caminhos de terra e, mesmo junto ao rio, há uma esguia construção metálica feita pela engenharia militar que dá para que uma via-tura de cada vez vá passando. Do lado de lá, já em plena Xangongo, é a desolação: numerosas casas destruídas, os sinais bem visíveis de bombardeamentos, os buracos das balas dos invasores marcadas com rudeza nas paredes e muros que quase por

milagre se vão mantendo de pé.

O capitão Simão Cotilipa, 30 anos de idade, óculos escuros, pistola à cintura, recebeu-nos no que é suposto ser a casa do comando das tropas ali estacionadas. Estava à nossa espera e não demorou muito a sair connosco para nos mostrar os efeitos do último bombardeamento aéreo dos sul-africanos naquela área, verificado dez dias antes, em 11 de Agosto.

Arrancou no nosso «jeep» e atrás de nós seguiu um blindado com autometralhadora. Metemos por uma picada, na direcção de Cuamato, onde estão estacionadas forças sul-africanas, a cerca de 50 km.

Cerca de 15 quilómetros a sul, num local semidesértico, erguia-se, bem visível, um monumento português aos «heróis» da campanha de Cuamato, em 1907, data em que a revolta dos cuanhamas foi esmagada sem piedade. «A Pátria vos dignificará.» «Por um Portugal maior» eram duas frases gravadas num dos lados desse padrão assinalando a passagem dos portugueses. Mas o ridículo maior estava na frase, em caracteres mais pequenos, que dizia textualmente: «Erigido por subscrição pública dos povos da Huila»...

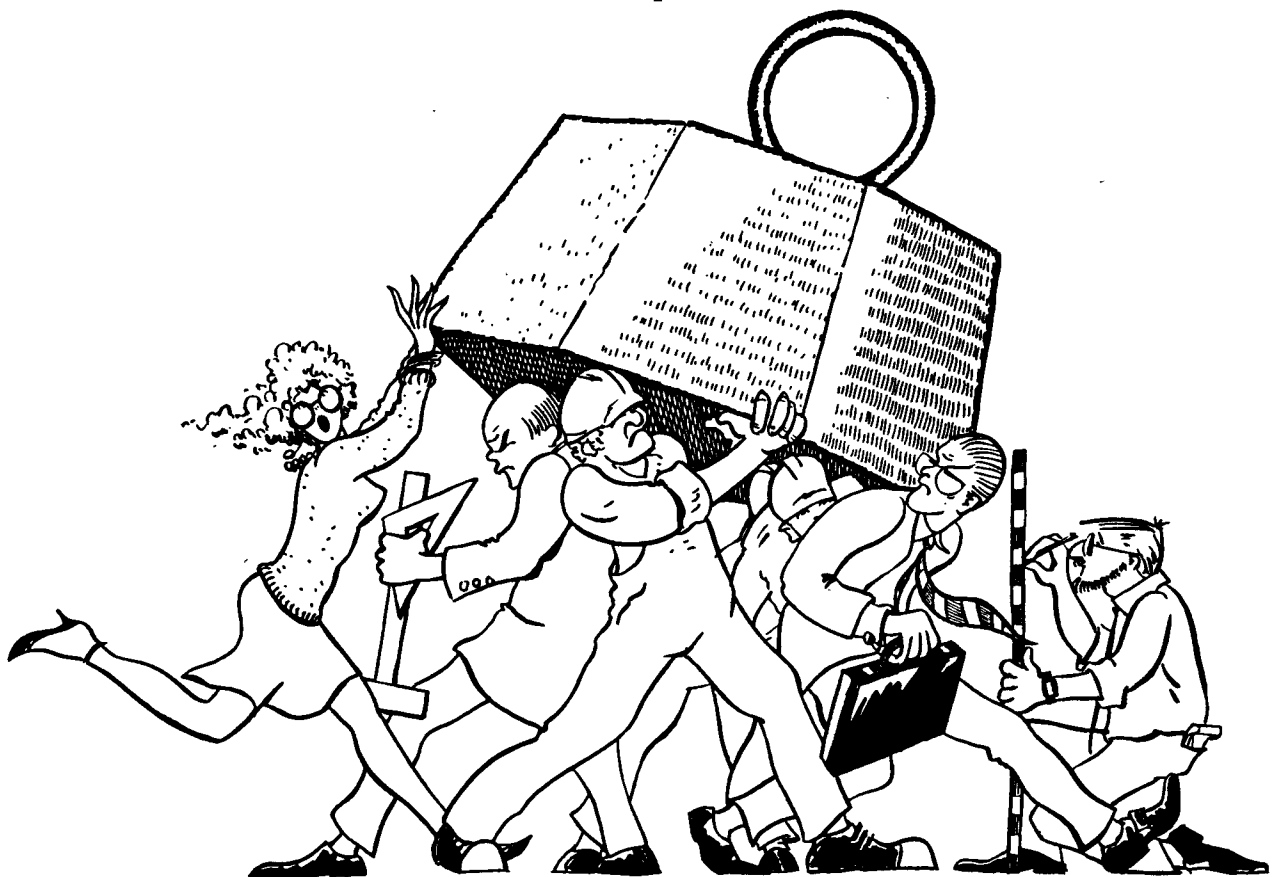
Por ordem do capitão Simão, o blindado e o «jeep» pararam aí perto, debaixo de uns arbustos ressequidos. A pé, fomos ver então as numerosas crateras, onde cabia um homem em pé, provocadas pelas bombas de fragmentação de 1500 kg lançadas por quatro «Mirage» e dois «Impala» da aviação de guerra sul-africana, às 7 e 50 do dia 11 de Agosto.

«Depois do bombardeamento avançaram com uma companhia de reconhecimento. A meia dúzia de quilómetros do local onde nos encontramos houve duros recontros com as nossas tropas. Voltaram para trás. A finalidade deles era reconhecer as nossas defesas. Têm desencadeado repetidamente acções destas. No dia 3, por exemplo, houve recontros sérios na mesma zona» — explicou ainda o capitão Simão.

Voltámos a Xangongo, percorrendo ainda vários locais onde há provas evidentes dos bombardeamentos sul-africanos. E não avançámos para Ondjiva porque aí os combates das forças angolanas com os «carcamanos» são diários. Por causas que foram depois explicadas detalhadamente pelo capitão Nando, quando de novo chegámos a Cahama.

Continua na pag. 18

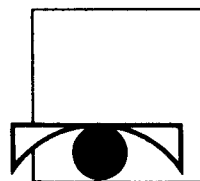
o problema da sua empresa é... o peso!



CONFIE-NOS ESSE PROBLEMA. PESAMOS TUDO. ATÉ AS NOSSAS PALAVRAS

O PESO É A NOSSA PROFISSÃO

FABRICAMOS BALANÇAS, BÁSCULAS, BÁSCULAS-PONTE, BÁSCULAS ENSACADORAS E DOSIFICADORAS, INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DE PESAGEM



CACHAPUZ

EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM, MECÂNICOS E ELECTRÓNICOS

JOSÉ DUARTE RODRIGUES, LDA.

TELEX: 32125 CAXPUZ P. • TEL. 73604 • APARTADO 12 • 4701 BRAGA CODEX

DA CAHAMA A
XANGONGO

Bomba sul-americana fez esta cratera em Xangongo

Antes da época das chuvas
eles vão atacar em grande

Continuação da pág. 17

Preparativos

O responsável máximo das tropas angolanas naquela vasta área é um homem seguro de si próprio. Ele não tem dúvidas, perante a concentração de forças e meios que os sul-africanos têm vindo a efectuar ao longo da fronteira, que em breve, «antes da época das chuvas, eles vão lançar um ataque de grande envergadura no Cunene».

Referiu declarações de um sargento sul-africano publicadas num jornal americano e confessou que os angolanos têm infor-

mações próprias que apontam para o mesmo objectivo: será uma operação sangrenta.

«Estamos à espera deles. Não vai ser fácil eles entrarem aqui, a não ser que tragam autorização do nosso Presidente» — ironizou.

Falou de alguns preparativos que as FAPLA organizaram em honra dos visitantes, se eles aparecerem, e lamentou que «nem todos os municípios estejam consciencializados convenientemente para manter o segredo quanto às nossas forças».

Depois referiu-se às razões porque não havia autorizado a nossa ida a Ondjiva (antiga Pereira D'Eça): «Os sul-africanos estão muito empenhados nessa zona. Todos os dias atacam as nossas forças. No fundo o que eles querem é criar condições para que a Unita possa atravessar de novo a estrada Xangongo-Ondjiva, para transportar para o interior do nosso território o muito armamento que os americanos depositaram na base de Ondangué, que a Unita tem na Namíbia, a escassos quilómetros da fronteira.»

De acordo com o capitão Nando — e também como nos afirmaram mais tarde o general Pedalé e Lopo de Nascimento — a aviação sul-africana já não consegue abastecer os bandos da Unita que operavam no norte da Huila e ainda continuam a operar na zona do Huambo. Para aquela organização é vital o reabastecimento por terra, através de longas caminhadas por trilhos que agora não mais podem ser pisados.

«Querem retirar as nossas tropas para a Unita poder circular à vontade. Mas não conseguirão. E por isso preparam um ataque em grande. Que venham. Não sairão a rir, posso garantir-vos» — concluiu o capitão Nando, não sem que antes nos afirmasse, peremptório:

«Se fosse só a Unita chegavam 24 horas para os varrer definitivamente!»

Quando for preciso

Claro: todos sabemos que não é só a Unita. Os sul-africanos têm, só no Cunene, e de acordo com responsáveis das FAPLA, vários batalhões no Cunene (Cuamato, Melonge, Ochicangoe, Nanlila) apoia-

dos por caças-bombardeiros e helicópteros estacionados em bases situadas na Namíbia mas muito perto da fronteira com Angola.

E no Cuando-Cubango, província com população escassa, a situação é bem mais grave: ocupam a capital, Mavinga, e o batalhão Búfalo defende, em zona adiantada, a Jamba onde Savimbi tem o seu quartel-general (mesmo junto à fronteira com a Namíbia, bem no fundo das terras do fim do mundo). Nesse quartel-general, como se sabe e foi comprovado por jornalistas portugueses e de várias nacionalidades, até já há um sinaleiro, por causa do trânsito, evidentemente.

(Notícias entretanto vindas a público nos últimos dias, já muito depois de este enviado do «DL» ter estado em Angola, dão conta que no Cuando-Cubango há uma ofensiva em forma das FAPLA que já fizeram recuar bons quilómetros tropas sul-africanas e seus aliados da Unita. Resta esperar para ver. De qualquer modo a aviação sul-africana já não pode operar à vontade, como aconteceu há dois anos, quando evitou in extremis a tomada da Jamba pelos angolanos, que na altura sofreram pesadas baixas).

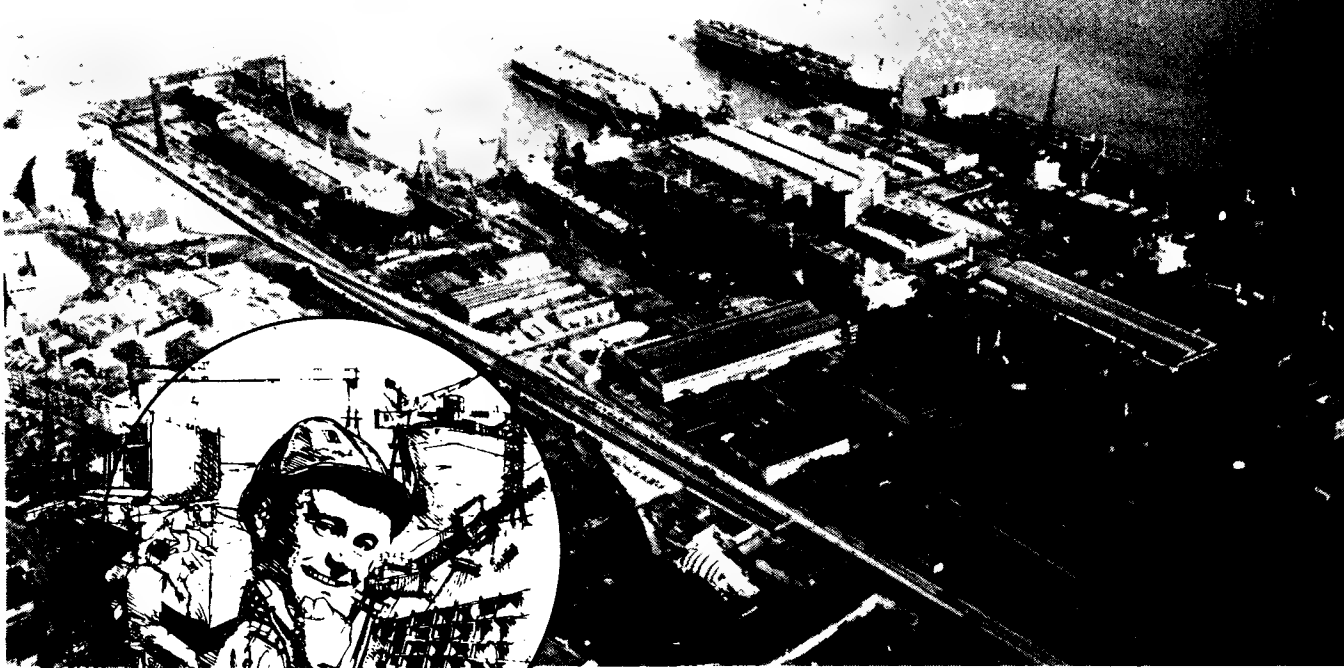
Voltando à Cahama: o capitão Nando conversou conosco numa casa térrea que funciona, não como comando, mas como local onde são recebidas visitas. O comando das tropas estacionadas na zona fica em lugar que, evidentemente, não nos foi mostrado. Como também não pudemos ver, em toda a sua extensão, os dispositivos atempadamente montados para receber condignamente quem quiser entrar sem licença. A única coisa que o comandante nos garantiu é que, mesmo em confrontos anteriores, muito do armamento angolano não entrou em acção. «Mas entrará quando for preciso» — asseverou.

Nota: Já em Portugal, li nos jornais que a Força Aérea sul-africana bombardeou no dia 8 deste mês a localidade de Xangongo, provocando «um número considerável de mortos» entre os civis.

A ANGOP, que divulgou a notícia, dizia ainda que os sul-africanos utilizaram oito aviões — quatro «Mirage» e quatro do tipo «Bucanier».

LISNAVE
Experiência, Capacidade,

Qualidade


☐ Reparação Naval
Conversão de Navios
Componentes

Navios de todos os tipos
até 1.000 000 t p. e plataformas

☐ Formação Profissional
Escola Lisnave

Cursos de Treino. Formação
e Actualização para técnicos
de várias Actividades
Industriais

☐ Obras Terrestres

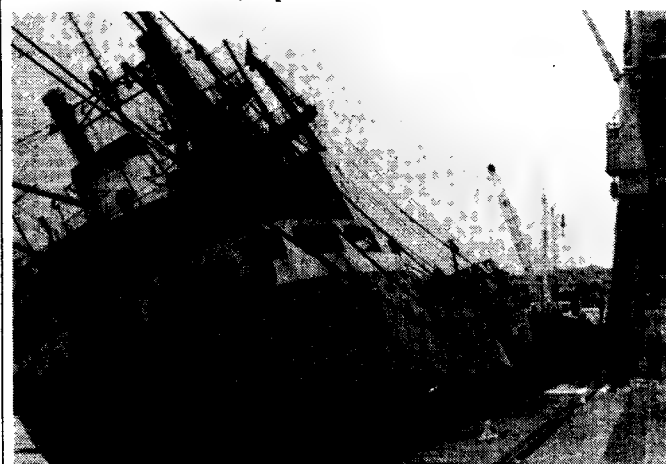
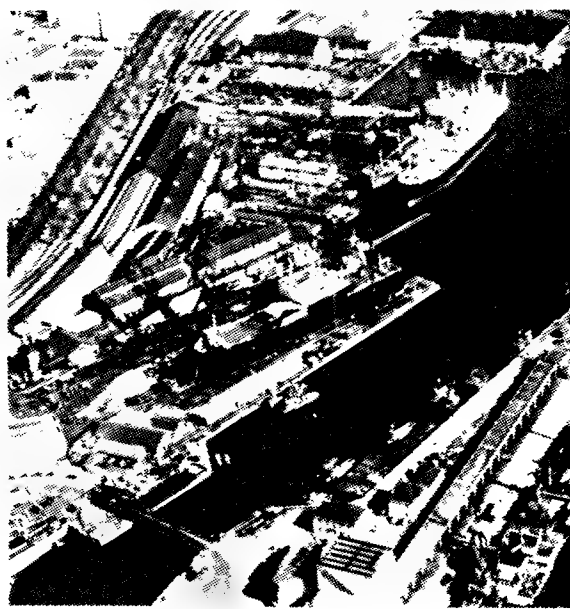
Estruturas e Reservatórios Metálicos.
Tubagens. Manutenção Industrial
e Montagem de Equipamentos
Material "off-shore"

☐ Projectos e Gestão

Estaleiros de Reparação
e Construção Naval.
Manutenção Preventiva em Navios
Marinhas e Obras Portuárias

LISNAVE
ESTALEIROS NAVAIS DE LISBOA, S.A.R.L.

"TELEFAX"
SERVIÇO DIRECTO
PARA A LISNAVE
FAX 2764670
LISBOA — PORTUGAL



Pepetela, autor de Mayombe

O SONHO DE SER ESCRITOR PROFISSIONAL

Depois de ter lido «Mayombe» e «As Aventuras de N'gunga» fiquei com ganas de entrevistar um dia o sr. Artur Pestana, mais conhecido por Pepetela. Claro que não perdi a oportunidade de, nesta deslocação rápida a Angola, chegar à fala com ele. Foi numa tarde quente e abafada, mesmo ao jeito de Luanda, na sede da União dos Escritores Angolanos (UEA), de onde saímos já a luz do Sol dizia adeus à cidade e à sua magnífica baía. Só que as conversas têm destas coisas: não falámos da guerrilha nem das dificuldades e encantos de um guerrilheiro quando se põe à escrita, como inicialmente imaginara. Falámos de muitas coisas, como adiante se verá, e não sei porquê demos por nós a dedicar grande espaço e importância à questão da língua portuguesa no seu caminhar seguro, e por vezes surpreendente, por terras de Angola, que também são suas. Disse não sei porquê? Bom, talvez haja uma explicação: ambos comunicamos com a maior das naturalidades nesta língua que é nossa e nos une mesmo.

Vê-se à primeira vista: Pepetela, estatura mediana, barbas fartas com muitas brancas, olhos penetrantes, é um homem de acção. Percebe-se que não pode estar parado — terá sempre no bolso, na cabeça ou no coração um projecto que quer e precisa concretizar. Desta vez, confessou, o projecto tem a forma de livro e chama-se (pode vir a chamar-se, porque nestas coisas nunca se sabe) «Lweji».

Para leitores portugueses, e certamente para muitos angolanos, é um nome esquisito. Mas Pepetela explicou: Lweji é o nome de uma rainha da Lunda que lutou contra o irmão para ficar com o poder. Lweji casa com um príncipe que veio de Luba, um reino mais a nordeste e que se havia perdido quando andava na caça ao elefante. O irmão não gostou e abandonou o reino.

Mas se Lweji era apenas nome de rainha, em breve vai ser nome de livro que fala do início do Império Lunda. De acordo com o autor, não será propriamente um livro histórico, na medida em que não obedeceu fundamen-

mente a uma pesquisa nem se baseia em documentos, como aconteceu com «Yaka», um dos últimos livros de Pepetela que foi grande êxito. «Lweji», disse o autor, vai mexer é com a tradição oral que, à sua maneira, conta o mito da formação da Lunda.

A história é mais imaginada que outra coisa. «No fundo — sublinhou Pepetela — permito-me a mim próprio dar uma versão diferente do mito, pois afinal trata-se de pôr em questão a tradição oral que, como se sabe, é a justificação de um grupo que detém o poder ou de um grupo que o perdeu, sobre determinado facto. É a desmitificação da ideologia».

Pepetela, no entanto, não fica por aí — e já não seria pouco, certamente. A história antiga, adiantou, vai entrelaçar-se com uma história que vai acontecer no futuro. «Ou, quem sabe, talvez com uma história que já está a acontecer...» — disse, com sorriso enigmático.

O escritor trabalha neste projecto há três anos e começou a escrever a história em Setembro do ano passado. Pensa que pró-

ano poderá ser publicada «se tudo correr bem».

«Se tudo correr bem?» — pergunto.

«Exacto. Pode acontecer que ponha tudo isto numa gaveta, que não goste da versão final, que me ponha a reescrever. Até pode acontecer que vá tudo parar a uma fogueira... Bom, à fogueira não, porque a minha mulher não deixa. E já tem fotocópias...» — responde sorrindo.

Edito já há: em Angola, a UEA, pois claro; em Portugal, a D. Quixote tem direito de opção. Mas a Caminho e outras editoras estão também no horizonte. «Nada tenho a dizer da D. Quixote. Tem sido impecável. Mas se houver condições muito melhores de divulgação, bom...» — conclui Pepetela.

Profissional

Artur Pestana, ex-guerrilheiro e ex-vice-ministro da Educação da República Popular de Angola (cargo que desempenhou durante seis anos) gostava de ser escritor profissional. A propósito contou uma história curiosa:

«Depois de ter saído do governo» — disse — «andava eu a escrever o 'Yaka', de pé, pois tinha tido um desastre e essa era a posição mais favorável, quando um amigo me perguntou: que é que estás a fazer agora? Eu respondi: estou a escrever um livro. E ele respondeu: isso é bom. Mas quando é que comesas a trabalhar?»

Pepetela sorriu ao lembrar este episódio. E respondeu de seguida à questão que lhe havia colocado:

«Então você quer saber o que é que eu faço agora, não é? Olhe, como ainda há muita gente que pensa que escrever não é trabalho, eu, para além de estar a escrever, ganho a vida dando aulas de Sociologia na Universidade...»

(Como vim depois a saber, Sousa Colaço, o único demógrafo angolano, indica, de acordo com o censo de Luanda em 1983, que nas crianças dos 5 aos 14 anos, que foram educadas já após a independência, há 67 por cento que só falam a Língua Portuguesa, enquanto que entre os indivíduos com idades compreendidas entre os 30 e 40 anos, educados no colonialismo, apenas há 13 por cento a falar exclusivamente o português)

Voltando a Pepetela: ele foi claro ao afirmar que «Portugal tem responsabilidades grandes pela existência da Língua Portuguesa em Angola — mas nada faz por ela».

Se continuarmos como até agora, sublinhou, «há o risco de em cada cidade angolana se falar em português diferente», podendo até acontecer que dentro em breve as corruptelas sejam de tal ordem que falando todos português em Angola «tenhamos dificuldades em entender-nos...»

E lá voltamos a falar do péssimo ensino de português que existe nesse país enorme e irmão... E embora agora as coisas pareçam estar em vias de melhorar, isso pode ficar a dever-se à Fundação Calouste Gulbenkian. Pepetela não o disse mas digo-o eu: uma vergonha para nós, portugueses!

Um dia, quando houver condições para isso, Pepetela dedicar-se-á em exclusivo à escrita que tanto o apaixona. De qualquer modo dar aulas de Sociologia na Universidade já lhe deixa mais tempo livre do que tinha quando estava no governo onde se entregou de alma e coração a numerosos e interessantes projectos que só não foram completamente para a frente porque «o

Continua na pag. 21

LORILLEUX INTERNATIONAL

Este jornal foi impresso com tintas

LORILLEUX INTERNATIONAL

o Campo da Palavra na CAMINHO a palavra aos autores portugueses

ALMEIDA FARIA

Almeida Faria
LUSITÂNIA

Tetralogia Lusitana

Lusitânia é o terceiro dos quatro romances que narram a saga subjectiva de uma família alentejana, desta vez durante o período situado entre o domingo de Páscoa de 1974 e o domingo de Páscoa de 1975. O livro divide-se em três partes, centradas em redor dos acontecimentos de 25 de Abril, 28 de Setembro e 11 de Março. A acção agora alarga-se a Veneza e a Luanda, abrindo caminhos para a errância do derradeiro romance: Cavaleiro Andante.

5.ª edição revista

Prémio D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus

CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Cristóvão de Aguiar
RAIZ COMO VINDA

É, antes, uma espécie de romance da fala, com intercepções, repetições, modulações, embrenhando-se a voz nos fios dos acontecimentos e na alegria ou angústia do próprio acto de contar, porque ter e conduzir a palavra é de facto, aqui, o acontecimento primordial.

Duarte Faria

2.ª edição revista e remodelada (num só volume)

Prémio Ricardo Malheiros

JOSÉ MARMELO E SILVA

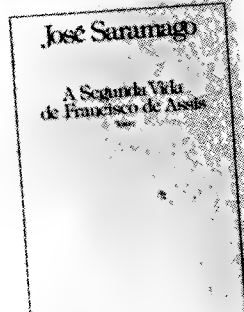
José Marmelo e Silva
ADOLESCENTE AGRILHOADO

Não é assim por acaso, mas a poder de maestria, contensão, alternância de planos, insurreição e recriação mítica, identificação do tema com a experiência, integração do saber herdado no plano temporal numa estética em devir, adequação da obra criada aos limites instituídos e consciencializados do autor, que Adolescente Agrilhoado é não só uma das obras-primas da nossa literatura, mas o mais belo romance da adolescência que até agora se escreveu entre nós.

Mário Sacramento

4.ª edição revista

JOSÉ SARAMAGO

José Saramago
A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

O que o lobo disse a S. Francisco de Assis:

— Podes chamar-me irmão, se fazes gosto nisso, mas não me peças que trate eu a ovelha como se fosse minha irmã.

OLGA GONÇALVES

Olga Gonçalves
MANDEI-LHE UMA BOCA

Já se sabe que o melhor é não julgar, mas neste caso eu julgo. Sou capaz de fechar os olhos e lembrar-me de tudo. De muita coisa que nunca repetirei. Que ao meu pai já lhe mandei uma boca. Mande uma boca aos dois, ao meu pai e à minha mãe... Mas a verdade é que os pais são todos uns grandes provocadores de problemas.

3.ª edição

A EDITORIAL CAMINHO SAÚDA A VISITA À REPÚBLICA PORTUGUESA DO PRESIDENTE
DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA, JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS

CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler

PEPETELA AUTOR DE MAYOMBE



O português é língua materna para muitas destas crianças

Portugal nada faz pela Língua Portuguesa

Continuação da pág. 19

país não acompanhou o ritmo».

Lembrou então o esforço feito na alfabetização das populações de Angola, que, num curto espaço de tempo, levou que dos 90 por cento de analfabetos literais do tempo colonial se baixasse para cerca de 60 por cento.

«Quando a UNITA não atrapalhava tínhamos 90 por cento da população em idade escolar a frequentar escolas que fomos criando um pouco por todo o lado com dificuldades inenarráveis» — recordou com alguma nostalgia.

Foi então o momento de falar dos professores de Português que não há, do recurso a jovens angolanos com qualificações muito baixas para ensinar Português mas que mesmo assim iam dando uma ajuda, das turmas com 120 alunos em vez dos 30 recomendados...

Português

... E sem que a gente desse por isso estávamos a falar da Língua Portuguesa e da sua importância em Angola.

Pus a questão: será que o português é uma língua estrangeira? Trata-se apenas de uma língua oficial, veicular? Quantos angolanos falam apenas o português?

Pepetela avançou com uma novidade para mim: essa questão tem sido objecto de acalorado debate entre os escritores angolanos.

Há quem defenda, disse, que o português é **também** uma língua nacional angolana, pois para além de ser oficial, de ser ensinada nas escolas, de se falar de Cabinda ao Cunene, é também língua materna para um número já considerável de angolanos, nomeadamente os jovens das cidades grandes que, desde miúdos, em casa, falaram sempre, e só, o português. E em reforço desta tese citou então o último censo da população que aponta exactamente para isso.

Como era inevitável a certa altura da conversa falamos do acordo ortográfico. Pepetela tem ideias claras, condenou o eurocentrismo existentes em certos quadrantes e, em resumo, opinou que «tem mesmo de haver um acordo, este ou outro, que isso depois se verá».

«O que é importante» — sublinhou — «é que se escreva da mesma maneira, embora se leia

de maneira diferente». E a propósito lembrou que o processo de separação que se viveu no Brasil em relação a Portugal, no que à língua respeita, em África será extraordinariamente mais rápido. «O acordo pode amarrar um bocado» — concluiu.

Edições

Chegou então o momento de abordarmos questões concretas da literatura angolana. Desde a independência que em Angola foram editados 200 títulos e dois milhões e 25 mil exemplares. A média por edição, revelou Pepetela, é de 10 mil exemplares para a prosa e 6 mil para a poesia. Contudo, só a «Sagrada Esperança», de Agostinho Neto já vai em 250 mil, «As aventuras de N'Gunga» atingiu mais de 100 mil.

Os referidos 200 títulos estão repartidos por 65 autores. O problema número um para edição de livros de autores angolanos é a falta de divisas e de papel. A maior parte das vezes tem de se recorrer ao estrangeiro para editar, e isso, claro, custa divisas, moeda convertível. Dos tais 200 títulos apenas 65 foram feitos em Angola, que, como acontece noutros sectores, também no campo gráfico se debate com a falta de máquinas e de quadros (estes debandaram em 1975, deixando quase o vazio completo).

A União de Escritores tem vindo a realizar um grande esforço e neste momento tudo indica que em breve a UEA e a empresa Litotipo (uma gráfica gerida por portugueses que nunca saíram de Angola e têm feito um trabalho verdadeiramente notável, apesar da modéstia dos meios à sua disposição) vão constituir uma sociedade e vão deitar mãos pelo menos, e para já, às reedições.

A UEA tem uma comissão de leitura que decide os livros a editar em cada ano e, é um dos pontos de honra da organização, os critérios são sempre e exclusivamente literários.

A escolha, grantiu Pepetela, nem sempre é fácil: há por norma muito mais originais do que a capacidade de edição...

A UEA é uma espécie de cooperativa de escritores e a sua situação financeira, em Kwanza, obviamente, é ótima. Os livros editados esgotam-se rapidamente, grande parte dos ueros ficam

para a União e essa é a sua única fonte de receita, o que significa que não está dependente de ninguém do ponto de vista financeiro.

Em relação ao período colonial, no qual toda a literatura era fundamentalmente social e política, deu-se um grande salto: hoje as manifestações literárias são bem mais diversificadas.

«O ano que vem vai ser prova disso mesmo» — acrescentou Pepetela, revelando que a UEA tem 25 novos livros para publicação, muitos deles de escritores

que há largos anos não escreviam, mas também de gente nova, nalguns casos verdadeiras revelações.

Trincheira

Por fim, Pepetela falou sobre o modo como a sociedade angolana encara o escritor. Na sua opinião «ser escritor dá prestígio na sociedade, mas no Estado não...»

Perante a nossa insistência, deu dois exemplos: o escritor não

tem direito ao cartão de abastecimento (sorriu ao dizer isto...); e quando era vice-ministro da Educação e se deslocava a uma outra escola verificava que o escritor Pepetela tinha muito mais prestígio junto dos estudantes do que o membro do governo Pepetela...

Pus-lhe então a questão: o Estado certamente olha de soslaio o escritor porque este é crítico em relação ao poder. Será?

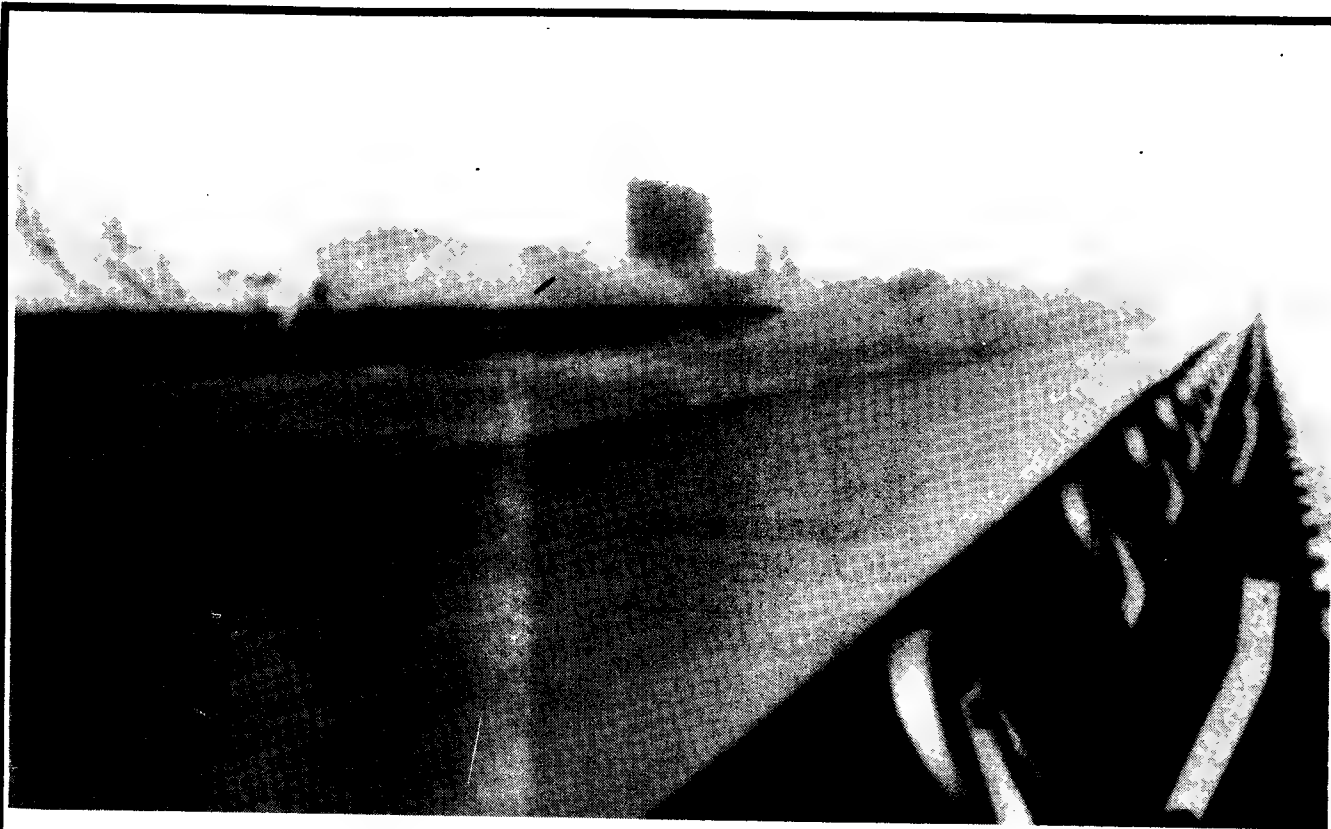
Pepetela não hesitou:

«Penso que não é por isso. O problema é diferente: entende-se

ainda que, perante as tarefas urgentes que há para desenvolver neste país, a questão da escrita é uma questão menor...»

No entanto são visíveis já alguns sinais de mudança nesta situação. Pepetela apontou, por exemplo, o facto de neste momento haver já quatro escritores na Assembleia do Povo e o facto de se sentir mais interesse do partido por estas questões da escrita.

«Começa-se a sentir que a literatura é uma trincheira. Mais uma, evidentemente».



Correia Transportadora 1000 EPA 800/5 N6/2 aprox. 1150 m instalada na SN

GAMA DE FABRICO

- Correias transportadores com carcaça téxtil (Polyester, nylon ou kevlar)
- Correias de transmissão planas
- Folha de borracha com e sem tela
- Peças moldadas
- Mangueiras de diâmetro interior até 800 mm, carcaça téxtil
- Defensas para cais e barcos
- Revestimento de reservatórios, tubos, rolos, rodas, etc.
- Perfis de borracha
- Apoios para pontes em neoprene
- Borracha butílica para isolamentos
- Telas para construção de botes pneumáticos (nylon, polyester ou kevlar) (algodão, polyester ou kevlar).



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BORRACHA, SA

Rua Bartolomeu Dias, 23 — 1400 LISBOA

Telefones: 61 73 44 / 4 / 5 / 61 55 72 / 61 55 80 / 61 55 86

Telex: 42190

Elísio Costa, da Brigada Jovem de Literatura**OS MITOS LITERÁRIOS
TAMBÉM SE ABATEM...**

Em Novembro próximo vai realizar-se, em Luanda, o I Encontro da Brigada Jovem de Literatura, que aí reunirá jovens escritores de todos os pontos do país. Amigos ligados a esta coisa da escrita já me haviam chamado a atenção para a fornada de jovens que em Angola desatou a escrever com qualidade e garra. Lembrei-me até de Luandino Vieira, que, há três anos, da última vez que passei por Luanda, me dissera: «Após a independência os novos valores da literatura angolana têm aparecido como os cogumelos depois das chuvas.»

Acontece, porém, que ainda ninguém me tinha dito que estes jovens não estão com meias-medidas e neste momento põem tudo, ou quase tudo, em causa, nomeadamente o que eles consideram «os mitos esotéricos» que floresceram na literatura angolana. Não há consagrados, para estes jovens da Brigada, como poderemos concluir se lermos até ao fim as declarações de Elísio Costa, um jovem de 24 anos que é o secretário-geral da Brigada Jovem de Literatura.

A Brigada chama-se assim porque tem um projecto que «se pretende muito actuante no processo revolucionário em curso

em Angola» — começou por dizer Elísio Costa.

Trata-se, de acordo com a sua opinião, de um movimento mui-

to extenso, «talvez o mais extenso que a literatura angolana já teve». Isto porque, disse, «abrange todo o país, não se limitando às cidades.»

Deste movimento fazem parte jovens de várias estruturas sociais, de várias raças, falando línguas diversas, pertencentes a várias etnias angolanas. Na sua origem há como que uma filosofia que pretende pôr cobro «a certas lacunas da literatura angolana, que raramente abordam temáticas do mundo rural do país».

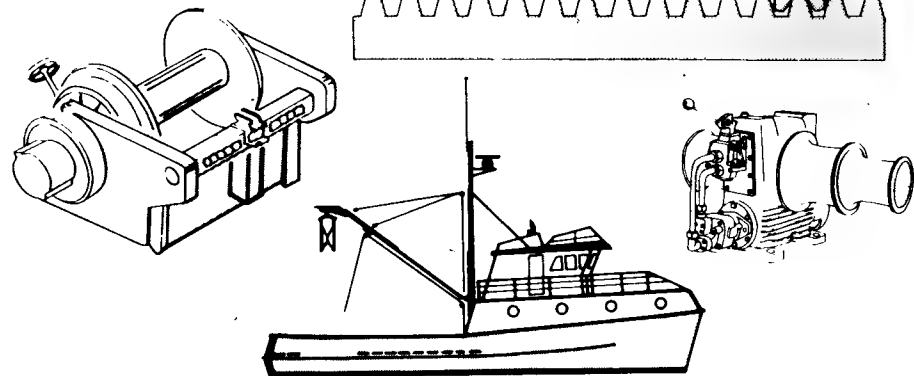
Os escritores históricos — lembrou Elísio Costa — são quase todos de origem urbana. Ora, a Brigada já penetrou no mundo rural, criando lá as suas estruturas, tendo aí as suas delegações, constituídas por gente que vive aí.

«Julgo que ninguém contestará que, com a penetração literária no mundo rural, do ponto de vista temático a literatura há-de ser

mais completa e mais eficaz, traduzirá melhor a nossa identidade» — avançou o jovem brigadista, para de seguida afirmar que, «no entanto, não podemos esquecer que já havia alguma coisa nessa direcção, como os livros de Mendes de Carvalho, embora isso fosse muito pouco, atendendo a que o povo angolano na sua maioria vive no mundo rural».

Para que não se levantassem dúvidas ou falsos problemas, Elísio Costa fez depois questão de deixar claro que a Brigada não se opõe à União de Escritores Angolanos, onde estão organizados os mais velhos. O que acontece, disse, é que a Brigada não é um prolongamento linear da UEA nem dos velhos escritores — tem formas próprias de se expressar, tem um estilo próprio de abordar os temas, representa um novo contexto.

Continua na pag. 23

**PINHOL****FACMIL****FABRICANTES DE EQUIPAMENTO NAVAL**

Máquinas de Leme de 120 a 12 000 Kg.m
Guinchos e Molinetes até 50 tons.
Gruas até 50 000 Kg.m
Guinchos Oceanográficos
Propulsores Transversais

EQUIPAMENTO PARA PESCA

Guinchos para Cerco
Guinchos para Arrasto de 2 a 25 tons.
Enroladores de Rede de Arrasto
Aladores para todas as artes de 0,5 a 16 tons.
POWER BLOCKS de 0,5 a 30 tons.
Equipamento Automático para LONG-LINE

GUINCHOS PARA «OFF-SHORE» até 300 t.
PÓRTICOS E PONTES ROLANTES até 100 t.
CABEÇOS DE AMARRAÇÃO DE 5 a 150 t.

FACMIL - Fábrica de Componentes Mecânicos Industriais, Lda.

Rua Tenente Valadim 4 - A

1300 LISBOA

PORTUGAL

Telax - 13210 PINHTV P

Telaf. 60 50 91

OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO

ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO

FÁBRICAS DE:

- Fardamentos
- Calçado militar
- Barracas, equipamento individual de combate e capotas de lona para viaturas
- Mobiliário metálico para escritório e aquartelamento

- Estudo e criação de uniformes, símbolos, emblemas, bandeiras, galhardetes, etc.
- Controlo de qualidade das matérias-primas e produtos acabados.

FORNECEDORES DE ARTIGOS DE UNIFORME
ÀS FORÇAS ARMADAS DA REPÚBLICA POPULAR DE
ANGOLA



SEDE - Campo de Sta. Clara - 1100 LISBOA

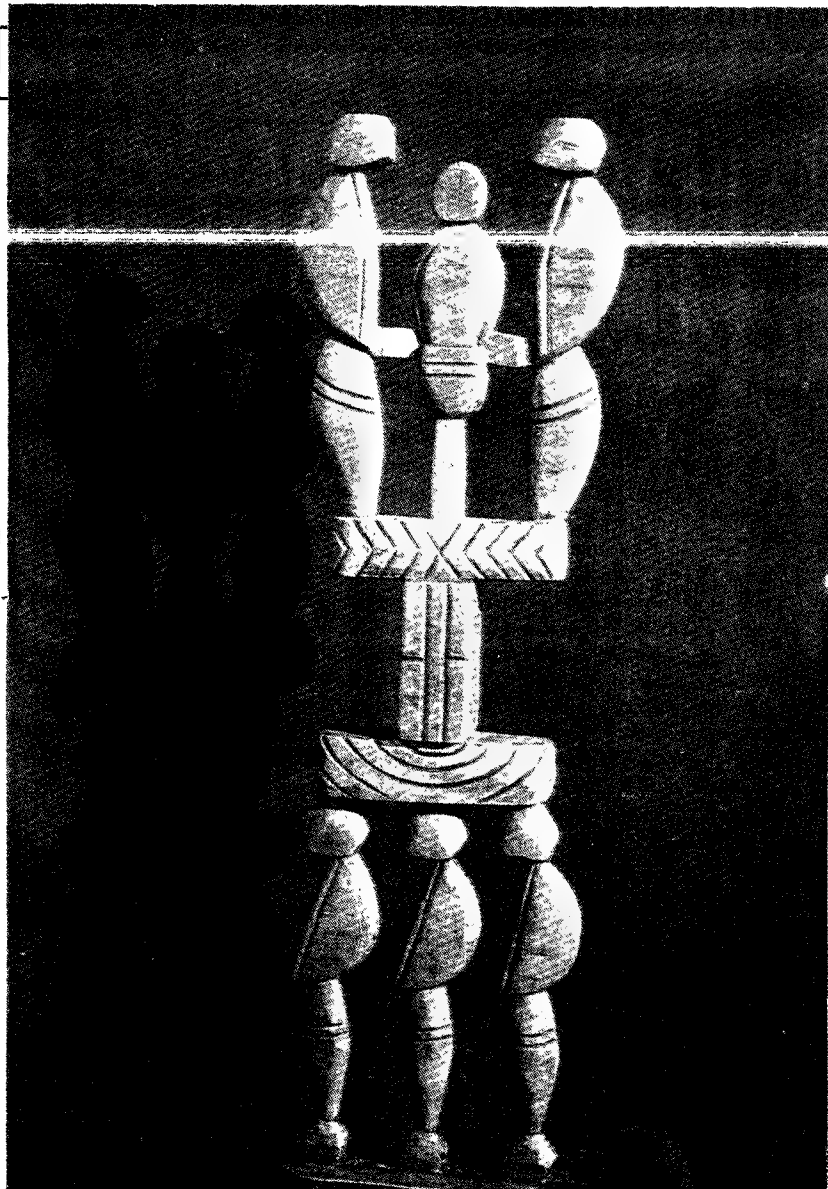
Telex 4 25 26 OFARDA P - Tels. 86 30 06 - 86 59 50/9

SUCURSAL - Rua da Boavista, 230 - 4000 PORTO

Telex 28 160 FARSUC P - Tels. 022 97 51 - 022 40 54

DELEGAÇÃO - Delegação das OGFE - 2330 ENTRONCAMENTO

Telefone 04 96 61 47



Continuação da pág. 22

«Algumas ideias e estilos dos velhos nós já não aceitamos, já não concordamos com elas. Mas atenção: há escritores velhos que a Brigada respeita e assume mesmo a sua produção» — avisa Elísio Costa, que, perante a nossa insistência, aponta três nomes: António Jacinto, Jorge Macedo e Boaventura Cardoso.

«E Luandino Vieira, não?» — interrogo tentando provocar.

«Luandino não tem seguidores do seu estilo» — começa calmamente Elísio Costa. «Aqueles transgressões linguísticas que ele faz, a necessidade que ele sentiu, nós já não sentimos.»

Explica depois:

«A maior parte dos novos escritores está inserida na norma da língua portuguesa, que em Angola representa já um outro *status quo*, um novo contexto. Já não temos a necessidade que o Luandino teve de recorrer à transgressão da língua portuguesa.»

Conquistas

A pergunta surge de imediato: porquê? A língua portuguesa, além de oficial e veicular, é já a língua materna para muitos angolanos citadinos? É já mais uma língua de Angola?

Elísio Costa sorriu. Como aconteceu na conversa que man-

tive com Pepetela e da qual damos conta noutro local deste suplemento, começou a responder assim:

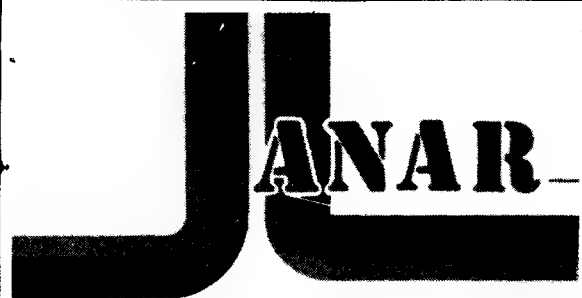
É verdade que a língua portuguesa já é falada por muita gente e em boa parte a juventude de Luanda já a tem como língua materna. Não obstante ser a língua do conquistador, acabou por ser conquistada em Angola e funciona também como língua veicular e para a própria unidade nacional. As outras línguas nacionais funcionam apenas em regiões.»

A conclusão parecia óbvia: o que separa afinal os jovens brigadistas dos velhos e consagrados e escritores, em termos genéricos, tem duas vertentes — dizem não às transgressões linguísticas, escrevendo num português o mais correcto possível; estão mais virados para temáticas que tenham a ver com o mundo rural angolano. Será mesmo assim?

Elísio Costa diz de imediato que a «coisa» não é tão linear.

«Se é verdade que a maior parte dos jovens escritores escreve em português, também não é menos verdade que há em certos textos uma influência bilingue, quer em palavras quer no que respeita às estruturas sintácticas das línguas nacionais.» — diz o meu interlocutor. Quanto à temática: «Não estamos apenas virados para o mundo rural, mas para toda a realidade. E tanto assim é que mui-

Continua na pág. 24



FÁBRICA DE TINTAS
VERNIZES
E COLAS, LDA.

UMA NOVA EMPRESA QUE APOSTA NO FUTURO

TINTAS EUROTITAN®

DILUENTES

VERNIZES

COLAS EUROBOND®

PRODUTOS QUÍMICOS

A ANAR SAÚDA

Sua Excelência o Senhor Presidente da
República Popular de Angola

PINCELARIA • LIXAS • FITAS ADESIVAS

APARTADO 91 • LANTEMIL • 4785 TROFA

TELEFONES (052) 43173-42266

BEM-VINDO, SENHOR PRESIDENTE



PRECISAMOS COOPERAR MAIS COM ANGOLA

Com suas constantes lutas e desafios. Este é o grande País.

Numa época em que, praticamente, só vencem as nações do terreno fértil ou capazes de empregar os recursos técnicos mais evoluídos, ANGOLA possui o terreno fértil.

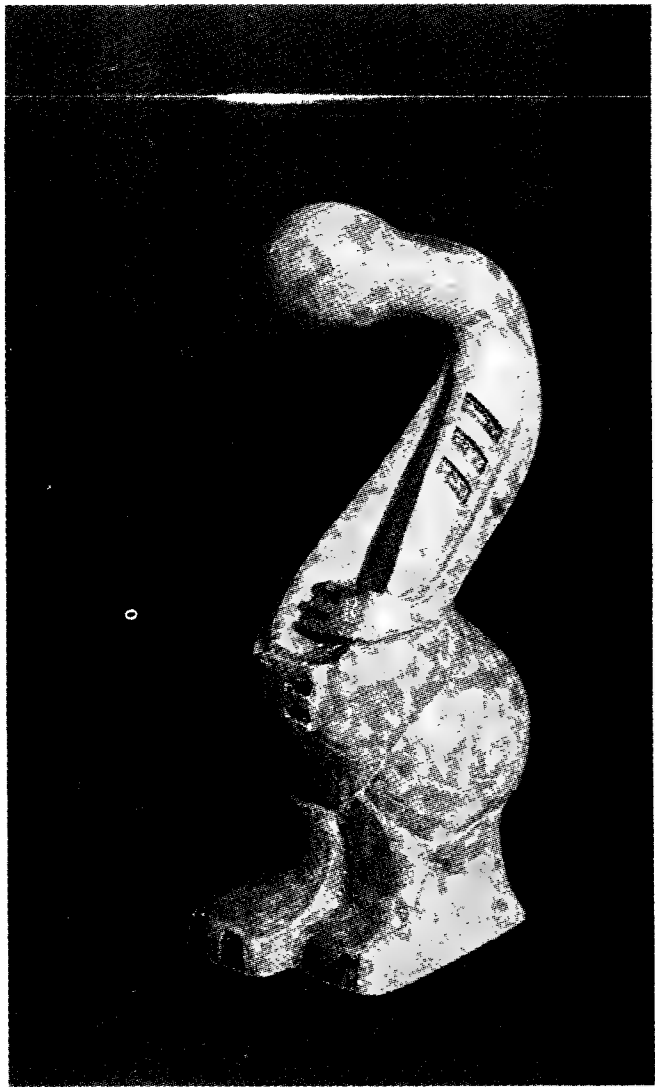
Entretanto, torna-se necessário o melhor aproveitamento desse potencial a fim de que se possa, ainda nesta geração, ultrapassar a condição de «em desenvolvimento» para «plena estabilidade», assumindo no Continente Africano a posição prevista e viável de participante das lideranças internacionais.

Neste propósito Portugal pode e deve cooperar, visto que até dispõe dos recursos técnicos necessários.

Estamos certos que assim pensam e sentem os governantes de ANGOLA E PORTUGAL.



Intexang



Continuação da pág. 23

tas componentes da sociedade que não foram abordadas vêm neste momento à estampa, porque há pessoas que escrevem e vivem essa realidade — concluiu.

Autonomia

Ora bem: A Brigada Jovem luta com sérias dificuldades para editar obras de membros seus. O parque gráfico angolano é reduzido e ainda por cima tem outras prioridades — livros escolares, por exemplo.

A Brigada, no entanto assume-se como editora das suas próprias obras, de acordo com as verbas que vai arranjando através da Secretaria de Estado da Cultura, de algumas empresas que respondem a solicitações concretas e ainda através do apoio que a juventude do MPLA vai dando.

A UEA, é verdade, também tem publicado algumas obras de jovens, mas isso não é fruto de um acordo entre as duas organizações. «A Brigada é completamente autónoma da UEA» — faz questão de sublinhar, mais uma vez, Elísio Costa.

Outra linha de actuação da Brigada está centrada na publicação de uma revista chamada **Aparição**. Dificuldades de várias ordens, contudo, fizeram desaparecer a **Aparição**. Ou melhor: parou durante bastante tempo. Agora, no momento em que se está na preparação do tal I Encontro da Brigada Jovem de Lite-

ratura já há um novo número no prelo e estão igualmente criadas condições para a sua saída regular.

Por outro lado, a Brigada criou igualmente uma colecção chamada «Reencontro», onde serão publicados os livros dos jovens escritores, estando alguns títulos já no prelo. Nesta fase — esclareceu Elísio — «tem aparecido mais produção de poesia, mas também há boa prosa, ainda que mais reduzida em quantidade». Porém, onde a juventude aparece mais actuante é no campo de ensaio e da crítica literária.

«Esse é mesmo o nosso prato forte» — comentou, satisfeito, adiantando, a nosso pedido, alguns nomes: Jimmy Rufino, Conceição Cristóvão e Carlos Natureza, a nível de ensaio; António Panguila, a nível de poesia; e Tchikakata Mbalundu na prosa. «Mbalundu é já um nome sério, muito sério mesmo, na literatura angolana» — exclamou.

«Ele concorreu com um livro ao Prémio Sonangol 87 e, na opinião da Brigada, ele deveria ter ganho. Recebeu só voto de publicação. O júri que atribuiu o prémio era composto por três membros da UEA. Não havia nenhum da Brigada...» — disse então com alguma malícia no olhar.

Mitos

Falamos depois do I Encontro da Brigada Jovem de Literatura.

Muitos são os propósitos. Por exemplo: «Aí faremos discussões sobre várias questões teóricas da literatura, problemas da sua intervenção na sociedade, a relação dos jovens escritores com a sua identidade cultural; vamos traçar a estratégia para a própria afirmação da nova geração literária angolana que desabrochou após a independência; e aí trataremos também de uma das grandes preocupações da Brigada: banir os mitos esotéricos que a nossa literatura tem.»

«Mitos esotéricos? O que é isso?» — perguntei.

«São certos nomes que foram promovidos em determinadas circunstâncias e que agora não funcionam já como expoentes da nossa literatura. Isto do nosso ponto de vista, está claro. Os conceitos evoluíram no tempo e no espaço e muitos nomes tomaram porte num período em que era necessário deixar desabrochar tudo sem efectuar uma análise crítica ou científica muito séria. Agora nós pretendemos impor um rigor estético, e apenas estético, na promoção das obras literárias.»

«O que quer dizer que do vosso ponto de vista nem sempre foi assim no passado...» — perguntei.

«Exacto. E a Brigada quer assumir-se como uma instituição de justiça estética: o que é bom deve ser posto no seu devido lugar; o que é mau também deve ser relegado para o lugar que me-

rece. E tudo.»

Chegados aqui, pus uma outra questão: quem são os brigadistas do ponto de vista de formação académica?

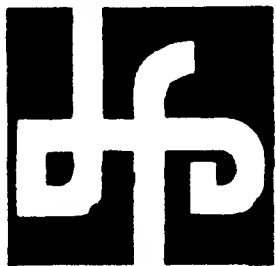
A resposta não se fez esperar: «Temos de tudo: desde jovens com formação superior universitária, até jovens que possuem apenas a formação básica. Há contudo uma característica dominante: existe um grande exercício de autodidactismo por parte de grande número desses jovens. Apesar de muitos deles não terem frequentado a Universidade preocupam-se seriamente em dominar a filosofia e a teoria da literatura» — disse.

Desejos

Por fim, e como sabíamos que Elísio Costa integraria a delegação cultural angolana que viria a Portugal participar num ciclo de iniciativas que antecederiam a visita do Presidente José Eduardo dos Santos, quis saber duas coisas: o significado da deslocação dessa delegação no contexto das relações Portugal-Angola, por um lado; e qual o conhecimento da realidade cultural portuguesa actual existente em Angola.

Elísio Costa respondeu assim: «Vamos a Portugal para saudar a visita do nosso Presidente. Antes das discussões políticas, antes das discussões sobre a cooperação Angola-Portugal, queremos que haja um contacto mais

Continua na pag. 25



FREDIL — TÊXTEIS®

FIACÇÃO, TECIDOS E ACABAMENTOS DO OLIVAL

J. FERNANDES DIAS & FILHOS, LDA.

FIOS ENTRETRELAS E TERMOCOLANTES PARA CONFECCÕES

COM AS MARCAS

FREDITEX, FREDICOL, FREDILINE, FREDIFIL

RUA DE LEBRE, 231 — OLIVAL

4415 CARVALHOS • V. N. GAIA

TELEFONE 764 02 09 P.B.X.

TELEX 25226 FREDIL P

PORTUGAL



SISOL

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE SABÕES E ÓLEOS, LDA.

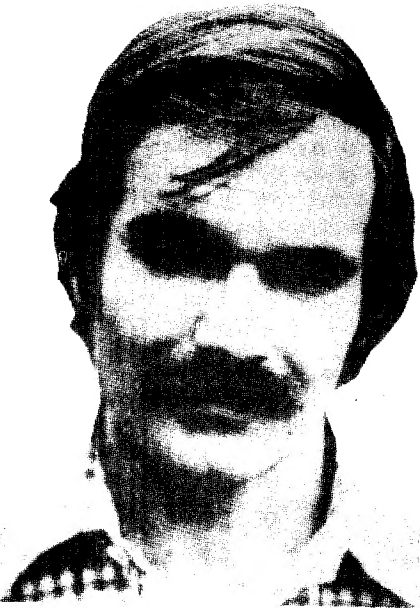
Rua das Palmeiras, 51 * 4100 PORTO * PORTUGAL

Telefones: 684176 / 689271 * Telex: 23418 SISOL P

Disponíveis para a cooperação nas áreas da produção de sabões e da extracção e tratamento de gorduras vegetais de todas as origens

Fábricas: Rua da Pasteleira, 161 e Rua do Freixo, 880 * PORTO

Empresa participada: AUGUSTO LUIZ MARTHA, SUCRS, LDA. * COIMBRA



Mandino e Uanhenga Xita (Mendes de Carvalho)



Só o rigor estético se deve impor

Continuação da pág. 24

aberto entre os dois povos, e pensamos que isso deve ser feito no campo da cultura. Com esta nossa deslocação expressamos de certo modo o desejo do povo angolano em manter relações muito estreitas com o povo português.

No que à segunda questão respeita, o secretário-geral da Brigada Jovem de Literatura emitiu a opinião que segue:

«Infelizmente a cultura portuguesa não está bem difundida no nosso país. Bem pelo contrário... Conhecemos muito pouco

da cultura portuguesa. Mesmo os bons escritores de Portugal não são conhecidos, inclusive por muitos dos membros da Brigada, que são, seguramente leitores mais atentos que o público em geral. E o mesmo fenómeno no que se passa em relação aos vossos músicos, artistas plásticos, etc... E suponho que o cenário é idêntico no que toca à cultura angolana e à sua divulgação em Portugal...»

Já a terminar a conversa, Elísio Costa fez questão de revelar para os leitores portugueses:

«A Brigada já manifestou interesse na realização de um encon-

tro dos jovens escritores dos sete países de língua portuguesa que antecipasse, digamos assim, o Congresso dos Escritores (já consagrados) desses mesmos países e que tem vindo a ser preparado com muita lentidão. Pensamos que talvez a realização desse encontro a nível dos novos viesse ajudar os velhos...

Interessa muito à Brigada que a língua portuguesa seja promovida internacionalmente para que os livros escritos nesta língua que é a nossa possam ter a mesma dimensão e divulgação que têm as obras escritas, por exemplo em inglês ou francês...

REIPINTO

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.



Levamos o mundo à vossa porta

Somos uma equipa altamente profissionalizada com contactos nos cinco continentes. Ainda não podemos afirmar que damos resposta a tudo.

Garantir, por agora, resposta a quase tudo já nos satisfaz.

E sempre tem satisfeito a quem servimos.

AVENIDA CONDE VALBOM, N.º 95-6.º ESQ. — 1000 LISBOA — TELEFONES: 76 34 72 - 76 35 32 — TELEX 62511 REILIM P

LUXALON.®

TECTOS FALSOS

ALUMÍNIO LACADO
Stocks Permanentes

Fabricante exclusivo em Portugal
ENTREGAS IMEDIATAS

HORÁCIO COSTA LDA

Rua do Salitre, 85 Telf.: 52 77 50-53 75 84
1200 LISBOA - PORTUGAL Telex: 64936

CLOAMETAL®

DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
TODOS OS TIPOS

QUER UM EMPREGO?

SABE INGLÊS? NÃO?!
SABE ELECTRÓNICA? NÃO?!

NÓS ENSINAMOS!!

RÁDIO/TV • GUITARRA • DESENHO E PINTURA • CORTE E COSTURA
• SECRETARIADO • ESTÉTICA E BELEZA • INGLÊS • CABELEIREIRO •
ELECTRICIDADE • PUERICULTURA • REL. PÚBLICAS • AGRICULTURA
• VENDAS/MARKETING
• FOTOGRAFIA • CONTABILIDADE • ELECTRÓNICA DIGITAL •
PROGRAMAÇÃO BASIC
• AUXILIAR DE ENFERMAGEM

Obtenha um curso e um Diploma.
Estude em casa, por correspondência.
Exerça uma actividade aliciente, de prestígio e bem remunerada.

Assistência pedagógica permanente



REMETA-NOS
HOJE MESMO
ESTE CUPÃO!
RECEBERÁ
INFORMAÇÕES
GRÁTIS

ÁLVARO TORRÃO

Rua Fernão Lopes, 8 1096 LISBOA CODEX
Telef. 54 31 36

Desejo receber informações sobre o curso de:

NOME: _____

MORADA: _____

LOCAL: _____

C. POSTAL: _____ 45/04

Viteix, da União de Artistas**O PRESTÍGIO DA PINTURA ANGOLANA**

Levava-a fígada desde que entrara no avião: em Angola queria ver e saber o que de novo estava a aparecer no domínio das artes plásticas. Uma exposição recente de Viteix em Lisboa deixara-me água a crescer na boca...

Nem de propósito: no Lubango, para onde voei logo no dia imediato ao da minha chegada a Luanda, fui encontrar, integrada nas Festas Populares da cidade, que então decorriam, uma exposição de artes plásticas organizada pela UNAP — União Nacional de Artistas Plásticos.

Um pavilhão montado especialmente para a exposição era um regalo para os olhos: aí, 32 artistas expunham cerca de 100 obras de pintura, escultura, desenho, gravura, cerâmica, tecelagem e fotografia. Entre eles, e para surpresa minha, constavam Luandino Vieira (com um quadro intitulado «Máscaras Novas» cuja reprodução constituía a capa do magnífico catálogo do certame), Costa Andrade e Henrique Abranches, que apenas conhecia como escritores.

Mais tarde, de novo em Luanda, o meu amigo Vítor Teixeira, mais conhecido por Viteix e actual secretário-geral da UNAP, dizia-me a propósito de Luandino:

«Pois é. Ele é um grande escritor mas deu-lhe para se meter na 'maka' dos bonecos...»

Prestígio

Viteix, trajando umas vulgares «jeans» a uma colorida ca-

misa desportiva foi ter comigo ao Centro de Imprensa Aníbal e Melo, na Baixa de Luanda. Tinha-lhe telefonado, o encontro foi combinado para o fim de uma manhã cheia de sol. Artes plásticas em geral, pintura em particular, eis os temas propostos para estarmos à conversa um bom pedaço. Pela pintura começamos, pois na véspera tinha estado vendo quadros numa galeria existente mesmo ao lado da sede da UNAP, bem pertinho da Livraria Lello, que, em Luanda, continua a funcionar em pleno.

«O prestígio da pintura angolana está a aumentar internacionalmente» — começou por dizer Viteix, lembrando que nos últimos três anos outros tantos pintores do seu país haviam ganho três significativos prémios internacionais nas Bienais de Bantur (Gabão), Havana (Cuba) e Bantu (Kishasa).

Os problemas dos pintores angolanos, contudo, é o mesmo de todos os artistas plásticos do seu país: há uma afluente falta de materiais de belas-artistas.

«Já foi pedido um **plafond** às entidades oficiais para a UNAP importar directamente materiais de belas-artistas, e talvez isso venha a ser resolvido em breve» — acrescentou.

O problema, na verdade, é grave. Embora a nível do Estado esteja planeada uma loja de materiais para artistas plásticos, a «coisa» ainda não foi concretizada e é preciso recorrer à imaginação e aos amigos para ir ultrapassando as carências.

Na UNAP estão inscritos cerca de 100 artistas, desses 100 há 45 membros bastante activos, e profissionais a cem por cento há 22. O mercado da arte em Angola é fortíssimo, existe uma procura enorme de trabalhos de pintura, escultura, cerâmica, tecelagem, desenho e gravura, mas a oferta é escassa.

Pergunto pelos preços. Viteix sorri:

«Como sempre acontece em situações destas — procura maior que a oferta — os preços são elevados. Em kwanzas. O que, como é óbvio, dificulta a compra por parte da classe média.»

Pude verificar com os meus próprios olhos: os estrangeiros pelam-se pelas pinturas e pelas obras de artesanato angolanas. Mas não só. Tudo o que aparece no mercado desaparece num ápice.

«Não podemos vender em divisas. Mas a UNAP está a tentar um acordo com o Ministério das Finanças para que tal possa vir a acontecer brevemente. Claro que é preciso, nessa situação um certo controlo, que por ora não temos. Será criada uma comissão de avaliação.»

Dinamismo

As primeiras reuniões realizadas com o objectivo de criar a UNAP tiveram lugar no salão de conferências do Museu de História Natural, em Luanda, em Agosto de 1977, com a presença de desenhadores, pintores e escultores angolanos. Em 8 de Outubro desse ano foi proclamada



e fundada a UNAP, com sede no Largo Rainha Ginga, em Luanda. Agostinho Neto, numa exposição de artistas plásticos realizada na capital angolana em 1978, disse a propósito, como lembrou Viteix:

«Podemos não compreender os hoje, mas daqui a mais anos, daqui a dez, vinte anos, nós havemos de os compreender. Eles têm uma sua maneira própria de se exprimir, uma maneira que é diferente da linguagem comum que nós empregamos, por exemplo, nos comícios. Mas é uma linguagem que o nosso povo vai compreender, certamente, dentro de alguns anos.»

Foi isso que aconteceu: em 1987 as artes plásticas, em Angola, são já uma realidade que se impõe dentro e fora de fronteiras.

«O período que se seguiu ao ano da independência» — lembra Viteix — «foi caracterizado por um grande impulso que deve

o seu dinamismo à nova força do processo revolucionário. O imaginário libertado do artista criou uma nova pintura mural popular, reflectindo os problemas sociais, económicos e políticos do país. Estes murais, executados no pós-independência, alteraram a paisagem urbana de Luanda e de outras cidades angolanas.»

Para além das pinturas murais começaram a realizar-se — apesar da situação de guerra que o país tem vivido ininterruptamente — numerosas exposições nas principais cidades.

A UNAP, que, no plano internacional, já expôs obras em numerosos países (Nigéria, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Gabão, URSS, RDA, Bulgária, Jugoslávia, Checoslováquia, Cuba, Argélia, Portugal, etc., etc.) tem feito, igualmente, muitas exposições pelas províncias angolanas, desde o Quanza Norte ao Namibe, de Benguela ao Lubango.

Projectos

Neste momento, em Luanda, na sua sede, funcionam «ateliers» livres sob a orientação de membros da União e espera-se, para breve, a criação de cursos básicos de artes plásticas. Em conjunto com a União dos Escritores, a UNAP pretende também contribuir para que na Rua dos Mercadores seja criado um espaço que constitua como que um centro cultural ao ar livre, onde, permanentemente, funcionarão livrarias, pequenos

«ateliers», palcos com cantores e músicos, exposições de artesanato, eu sei lá que mais. Projectos existem, o que falta é saber que apoios vão surgir... quanto tempo vão demorar.

«Vamos também criar uma Brigada Jovem de Artistas Plásticos, para incrementar a arte a nível da juventude» — revela ainda Viteix, que afirma existir «uma tendência nítida que é preciso orientar e estimular».

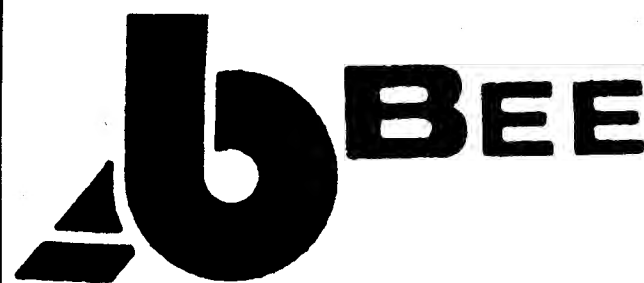
«Se, oficialmente, a educação neste domínio for para a frente, a UNAP, que tem cerca de 20 membros exercendo já funções académicas, está em condições de poder colaborar no ensino das Belas-Artes» — esclareceu.

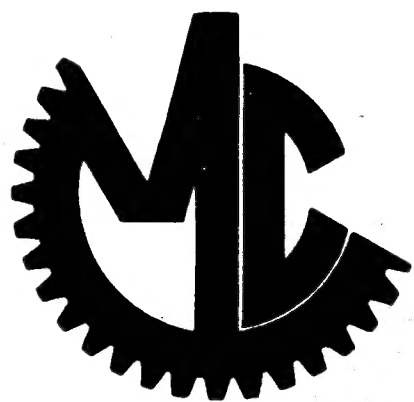
Por outro lado, a UNAP, que tem já a funcionar uma secção de banda desenhada (publica trabalhos, regularmente no «Jornal de Angola») pretende agora criar um departamento de fotografia.

«Há muitos fotógrafos amadores à solta aqui por Angola. Vamos cativá-los, organizá-los e dinamizá-los. Vamos fazer coisas giras. E nos nossos projectos entra, também, o vídeo» — concluiu Viteix.

Por fim, mais uma informação: a UNAP tem mantido contactos com a Cooperativa Árvore, do Porto, e está prevista, para o próximo ano, a deslocação a Luanda de uma embaixada cultural portuguesa organizada por essa cooperativa, a qual contribuirá para dinamizar «ateliers» de pintura, gravura e serigrafia, entre outros.

J.S.**FILIPPE****MÓVEIS, L. DA****Denominação e Fabrico de Mobiliário Moderno****Vale do Feito - 2540 Bombarral****Telefones - (062) 62962 - 62963****SETUGA****Importação e Exportação, Lda.****Negociamos em madeiras e todos os produtos alimentares.**

(FAZEMOS TROCAS)**Av. Moscavide, 51-2.º Dt.º - 1185 LISBOA
Telefone: 251 92 46****UMA «TRADING»
AO SEU SERVIÇO****Telex: 62 207 Aripee
Praceta do Poder Local, 203 D-E
Pontinha - 1675 LISBOA****Telefones: 99 24 00 - 99 22 80**



CONDAÇO

**CASAS METÁLICAS PREFABRICADAS CARROS DE MÃO — MONOBLOCOS
— RESIDÊNCIAS — ALFAIAS AGRÍCOLAS — BETONEIRAS DE DIVERSOS
TIPOS E EQUIPAMENTOS MILITARES**



BAIRRO SOCIAL



SALA DE AULAS

ESCOLAS, CRECHES, CANTINAS
DORMITÓRIOS, BALNEÁRIOS, REFEITÓRIOS
HOSPITAIS E POSTOS MÉDICOS
PAVILHÕES GIMNODESPORTIVOS
ACAMPAMENTOS MILITARES



PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO

INSTALAÇÕES FABRIS: ALTO DO NOBRE — ESTRADA DA FOZ DO ARELHO km 5

Telef. 23047/8/9

Telex 14890 CONDAC P

**CALDAS DA RAINHA
PORTUGAL**

**A CONDAÇO SAÚDA A VISITA A PORTUGAL DE SUA EXCELÊNCIA
O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA**



JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS
PRESIDENTE DA R.P. ANGOLA

SAUDAMOS SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA R.P. ANGOLA
E O POVO ANGOLANO

VESPER • IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.